CABALA: COMENTÁRIOS DE UM PEDREIRO SOBRE A TORÁ

BAMIDBAR - NÚMEROS

ROBERTO LAGE BEN-GUEDES

RLG-NÚMEROS-2026-001 SENTIDO DO NADA INFINITO – 30/04/2016

Cabala: Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá

Bamidbar - Números

Roberto Lage Ben-Guedes

Edição do Autor
11 Agosto, 2026, 17 Tamuz, 5786

É proibida a comercialização deste Livro - 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ben-Guedes, Roberto Lage
Cabala: comentários de um pedreiro sobre a Torá Bamidbar - Números [livro eletrônico] / Roberto Lage Ben-Guedes. -- São José dos Campos, SP: Ed. do Autor, 2026.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-02-29491-8

1. Bíblia. A.T. Números - Comentários 2. Bíblia. A.T. Números - - Crítica e interpretação 3. Cabala 4. Judaísmo 5. Maçonaria I. Título.
26-386026.0 CDD-222.12

Índices para catálogo sistemático:

1. Números: Torá: Bíblia: Comentários 222.12

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB SP-010133/O

É proibida a comercialização deste Livro - 3

Agradecimentos

Ao **Eterno D'us**, por ter-nos permitido escrever esse texto!!!

Ao meu Pai e minha mãe, por toda a dedicação que tiveram para com minha formação!!!

As nossas famílias, pela tolerância às muitas horas dedicadas a confecção deste!!!

Aos amigos do Grupo de Estudos de Cabala (GEK), pela oportunidade de crescimento conjunto!!!

Aos Pedreiros pelas longas horas de debates!!!

*Escuta, Israel! O **Eterno** é nosso **D'us**, o **Eterno** é um!*
Torá Devarim 06:04, pg. 524.

Salmo do Amor Fraternal

1.	*Cântico de ascensão de David*
2.	*Como é bom e agradável viverem irmãos juntos em harmonia!*
3.	*É como o óleo precioso que unge a cabeça de Aarão, e do qual escorrem gotas para sua barba e daí para orla das suas vestes.*
4.	*É como o orvalho de Hermon, que vem cair sobre as montanhas de Tsión, como bênçãos ordenadas pelo Eterno. Sejam elas perpétuas em sua vida!*

Salmo 133, Tanakh pg. 1863

Sumário

01 - Introdução 1
02 - Parashat Bamidbar - No Deserto – Exército 2
03 - Parashat Nassô – Levante-se 12
04 - Parashat Behaalotechá - Ao ascender 25
05 - Parashat Shelach – Envia - Espiões 36
06 - Parashat Côrach – A Rebelião 46
07 - Parashat Chukat – Decreto – Últimas Viagens 56
08 - Parashat Balac – A Fragmentação Interior 66
09 - Parashat Pinchas – Preparativos Para Conquista 76
10 - Parashat Matot - As Tribos – Enfrentar os Desafios 90
11 – Parashat Massê – Viagens 101
12 - O Bamidbar (No deserto) – A Justiça – A Chave 113
13 - O Ser Humano é Mal Desde o Princípio e o Eterno Criou a Torá como Tempero 116
14 - Os Sete Altares dos Patriarcas 119
15 - A Verdade, a Ocultação e a Realidade 122
16– Referências 124

É proibida a comercialização deste Livro - 6

01 - Introdução

Prezados Pedreiros! Primeiro quero agradecer ao Eterno D'us, Bendito Seja, por ter-me proporcionado a oportunidade de ter tido contato com estes ensinamentos, que são fundamentais para a vida. O objetivo deste texto é fazer um breve relato sobre o que ocorre no Livro **Bamidbar (בְּמִדְבַּר) No Deserto - Números.** Este texto está alicerçado e direcionado pelos imensos conhecimentos apresentados pelo Rabi Menachem M. Schneerson e resumidamente apresentados no Livro Sabedoria Todo Dia, ISBN 978-0-8266-0654-9, realçados neste texto na cor azul.

Para cada Parashat da Torá, o Rabi Menachem M. Schneerson apresenta em seu Livro uma leitura diária, voltada a interpretação de uma parte da respectiva Parashat, contendo assim 7 leituras uma para cada dia da semana. Suportado por essas interpretações, em parte ou no todo, procurei me apoiar também em textos da Cabala Judaica Tradicional para uma maior compreensão do conhecimento apresentado pelo Rabi Menachem M. Schneerson.

Por outro lado, acredito que o percurso realizado por um Mestre dentro da Organização dos Pedreiros Livres representa uma jornada espiritual. Nossos estudos têm uma forte base no Judaísmo e na Cabala Judaica Tradicional. Para compreender plenamente o conhecimento apresentado durante as reuniões e nos diferentes graus, é essencial estudar especialmente a Torá e o Tanakh, além de explorar o vasto legado deixado pelos Sábios judaicos, de abençoada memória. Evidentemente, estes relacionamentos com a Organização e com os graus, não estão explícitos. Mas, para àqueles que tiveram acesso a um determinado nível, encontrarão os fundamentos ao longo dos cinco Livros da Torá, do Tanakh e nos respectivos comentários aqui apresentados. Sigo a orientação de que os nossos documentos não foram feitos para revelar abertamente as informações, mas para escondê-las de forma que, somente àqueles que se aprofundam, de fato, na busca do conhecimento encontrá-los-ão.

Para aqueles que não pertencem à Ordem dos Pedreiros, ressalto que os comentários apresentados aqui podem contribuir significativamente para a compreensão dos textos Sagrados, especialmente no contexto do Livro **Bamidbar**. Embora as informações aqui apresentadas possam parecer inéditas para alguns, na verdade, elas foram reveladas há séculos por nossos Sábios de abençoada memória.

Como normalmente falo e repito, não sou o autor destas palavras. Sou apenas um carteiro a entregar cartas. Se ao ler no todo ou em parte este livro, algo lhe tocou o coração, a carta encontrou o seu destino e o carteiro cumpriu a sua missão. Desta forma, é proibida a venda deste livro. Por isso, procurei fazê-lo em um formato digital, o qual as pessoas possam ter livre acesso. Assim, caro Leitor, se você deseja ter este livro impresso, pode imprimi-lo, mas, não o comercialize.

Este é o quarto de cinco volumes de comentários associados a cada um dos respectivos Livros da Torá, a Lei de Moshê, a saber: Bereshit, Shemot, Vayikrá, Bamidbar e Devarim.

Anteriormente foram produzidos outros 4 Livros que me ajudaram a reunir conhecimento adequado para iniciar a composição desta carta. Os Livros são O Princípio do Mundo e da Humanidade a Luz da Cabala; Cabala Cartas Para o Mestre; Cabala Uma Janela Para a Alma: Massach e Abraão e Isaac a Luz da Cabala, todos encontram-se no site da Amazon.

O livro sobre **Bamidbar**, ou em qualquer dos outros livros da Torá que escrevi, o foco é o interior de uma pessoa. Tudo ocorre dentro. A começar por Adão e Eva e percorrendo os fatos Bíblicos, a interpretação está voltada para o seu interior. Do mais elevado Ser ao mais desprezível, todos estão dentro das pessoas neste momento. Não existe nada além Dele (HaShem).

02 - Parashat Bamidbar - No Deserto – Exército

Sinopse

Em função da complexidade desta Parashat, excepcionalmente, foi feita uma Sinopse sem usar diretamente partes do conteúdo abaixo apresentado. **{O que o Ser Humano veio fazer nesta existência?** Uma região desértica é árida, posto que as precipitações apresentam baixa pluviosidade, são irregulares e escassas. A vegetação é inexistente ou rara e o relevo apresenta formações rochosas e/ou arenosas. O Negev ocupa parte relevante do território de atual Israel. Situa-se na região sul do país. Em Tanakh Oséias 02:16, pg. 1567, encontra-se: "*16 Portanto, Eu a conduzirei ao deserto e lá falarei carinhosamente ao seu coração, 17 e desde ali devolverei seus vinhedos e transformarei o vale de Ahor [destruição] num portal de esperança [Petah Ticvá]".* O deserto é um chamado do Eterno D'us para que, aqueles Seres Humanos em especial (Pedreiros), passem por forte experiência. Visa fazer com que as pessoas mergulhem para dentro de si mesmas, aproveitando-se da solidão do deserto e das dificuldades naturais da área, onde todas as habilidades serão levadas ao extremo da sua capacidade. É um encontro com a verdade. O deserto é parte intrínseca do povo dos filhos de Israel. Ao longo de toda a Tanakh encontram-se passagens que vão moldando a história e a espiritualidade do povo. No deserto, embora aparentemente, estivesse desprotegido, passando por inúmeras dificuldades, foi lá que a mão do Eterno D'us e sua Misericórdia sempre os amparou e protegeu. No fundo, quatro estágios gerais são vivenciados por Adão e Eva, Noé, Pelos Patriarcas (Abraão, Isaac e Jacob) bem como pelos Profetas e em especial o maior deles Moisés. Os estágios são: A proximidade com o Eterno D'us, um afastamento onde advém algum sofrimento, a reaproximação e um posterior período de relativa calma, normalmente acompanhada de progresso material. Se olharmos para a Guematria do nome (הַנֶּגֶב) 'o Negev' temos 50+3+2+5=60. Sessenta é o caractere Samech. Segundo Raskin, em 'A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico', pgs. 113 e 116, "*o Samech se assemelha a uma aliança de casamento. Em um relacionamento, marido e mulher têm forte desejo de estarem juntos. O anel simboliza o compromisso do casal, um com o outro. Quando você apanha alguém que caiu, apoia e o circunda. A característica de circundar é constante. As primeiras duas letras da palavra Samech são Samech e Mem. Juntas escrevem* ***(סם)*** *sam, que significa uma poção ou remédio. Isto não apenas é relevante no que diz respeito a saúde física de alguém, mas também à saúde espiritual".* Tudo é obra do Eterno D'us, mesmo um aparente mal que pode estar se abatendo sobre uma pessoa ou sobre uma população, até mesmo estes dissabores são obras do Eterno D'us e vem para o bem. O Rei Davi no Salmo 23 diz: *"Ainda que eu siga pelo vale das sombras da morte, nada temerei, pois Tu estarás comigo; Teu cajado e Teu bordão me darão apoio e conforto*", Livro de Salmos, pg. 23.**}** Inspirado no livro Abraão e Isaac a Luz da Cabala. Há um texto em latim que diz: "*Visita Interiorem Terrae, Rectificandoque, Invenies Occultum Lapidem*". Literalmente significa: "Visita o Interior da Terra e, Retificando-te, Encontrarás a Pedra Oculta". Nós somos formados pela mesma matéria que forma o Universo, o Sol, a Terra, as Plantas e os Animais. Portanto, a caverna ou o deserto que devemos visitar é o nosso coração. Lá encontraremos todos os desejos, sejam eles bons ou maus. Todos os nossos sentimentos, inclusive os mais egoístas. Tudo que somos está em nosso coração. Nesta busca interior verificamos o quanto precisamos nos retificar, o quanto precisamos crescer, o quanto nosso coração é de pedra bruta. Retificar este coração encontrando dentro dele o que se denomina *o Ponto no Coração*, que no fundo, é a Centelha Divina que permite a existência.

1.(Bamidbar) – Números 01:01-19 – "*No dia 1.º de iyar de 2449, D'us encarregou Moshê da realização de um censo dos homens israelitas para preparar o seu recrutamento no exército judaico. O censo excluía a tribo de Levi, que estava isenta do serviço militar para que pudesse se dedicar aos serviços no Mishcan. Os homens eram contados por famílias, e estas, então, agrupadas por tribos. Amor e família. D'us disse a Moshê: 'Faça um censo de toda a congregação dos israelitas por famílias'.*

A Torá registra em cada tribo o número total de homens, e não o número de famílias. Entretanto, D'us ordenou que se contasse cada família, a fim de salientar a centralidade desta no judaísmo.

Sem dúvida alguma, os objetivos individuais e nacionais são importantes, mas a Torá também nos exige o altruísmo necessário para forjar uma unidade familiar. O marido e a esposa são duas pessoas distintas; cada uma tem a sua própria natureza, desejos e missões na vida, mas cada um deve trabalhar pelo outro e com o outro, fundindo-se numa unidade harmoniosa baseada no amor.

A discórdia e a falta de comunicação que o mundo sofre, têm como fonte o egoísmo. A Torá, ao contrário, nos ordena a amar aos nossos próximos como a nós mesmos. O contexto primário em que se cumpre este mandamento é nossa família. Por mais que amar a nossos semelhantes israelitas seja uma expressão do nosso amor por D'us, este sentimento também enriquece o nosso amor a Ele. O amor a D'us, por sua vez, nos leva a amar a Torá e a estudá-la, não apenas por obrigação, mas por amor a ela. Este amor triplo – a nosso próximo israelita, a D'us e à Torá – repercute do seio familiar para o exterior, afetando o mundo inteiro de forma benéfica".

Em Torá Nun. 01:01 encontramos que "*Falou o Eterno ... no deserto ... no primeiro dia do mês*". "*Uma vez que eles são queridos perante Ele, contava-os frequentemente. Quando saíram do Egito, Ele os contou (Êxodo 12:37), quando morreram por causa do Bezerro de Ouro, Ele os contou para determinar o número de sobreviventes (Êxodo 32:28-35). Quando veio para repousar a Presença Divina entre eles, contou-os. No primeiro dia de Nissan, o Tabernáculo foi erguido e no primeiro dia de Iyar os contou novamente*". Rashi in Veshinantam, ano 6, Nº 297, ano 2024 (5784), pg. 6.

"*Em Bamidbar 01:01 consta Bamidbar Sinai (בְּמִדְבַּר סִינַי) – No deserto do Sinai. A Guematria de Bamidbar soma (2+40+4++2+200=248), que corresponde ao número de Mitzvot positivas e é a mesma da palavra romach (רֹמַח) (200+40+8=248) – lança, mencionada em Bamidbar 25:07. A Torá possui 248 Mitzvot positivas por terem sido dadas no deserto, ela nos serve de lança contra o Yetser Hará (má inclinação) nos protegendo de sua má influência.*

A Gematria do nome de Avraham (אברהם) (1+2+200+5+40=248) – nosso Patriarca, também soma 248, pois pelos seus méritos a Torá foi outorgada. A Guematria de Bamidbar Sinai (בְּמִדְבַּר סִינַי) (2+40+4++2+200=248) (60+10+50+10=130) (248+130=378) que é a mesma de beShalom (בשלום) (2+300+30+6+40=378) – em paz. Pois a partir do dia em que o povo dos filhos de Israel saiu do Egito, ocorreram desavenças e discussões entre as pessoas, até que chegaram no deserto do Sinai para receber a Torá, e então, a paz reinou novamente entre o povo". Rashi Shemot 19:02 in Bamidbar – O Deserto da Fé – pg. 32. *Isto mostra aos Pedreiros que, em muitas situações da vida, devemos entrar em paz e sair em paz. A discórdia e a falta de comunicação que o mundo sofre têm como fonte o egoísmo. A Torá, ao contrário, nos ordena a amar aos nossos próximos como a nós mesmos. O princípio fundamental da Organização é "Ame a seu próximo como a ti mesmo".*

No segundo versículo encontramos que o Eterno falou a Moshê "*Recebei a soma*" – "*Esta porção semanal relata a realização do senso entre o povo dos filhos de Israel e a ordem da distribuição das tribos em quatro grupos de três ao redor do Tabernáculo. O que imediatamente ressalta-se neste senso, é a organização em divisões e a preparação para a entrada em Érets Yisrael: seiscentos mil homens em condições de lutar, com idade entre 20 e 60 anos. Além disso, a Torá quer fazer notar por meio do senso a comparação com as setenta almas, o total de israelitas que haviam estabelecido no Egito à época de Jacob. Ou seja: apesar das perseguições, o povo de Israel se multiplicou tal como havia sido prometido aos Patriarcas. Além disto, o censo mostra àqueles que vivem numa comunidade e num povo, que este não é senão um agrupamento de indivíduos. A Torá se baseia no valor individual para uni-los à sociedade, pois graças à união dos indivíduos perfeitos se pode chegar ao povo perfeito. Segundo o Midrash, cada Ser Humano deve saber que possui em si mesmo um valor incalculável, e deve dizer: 'Para mim o mundo tem sido criado', isto é, sobre minha pessoa recai a responsabilidade da criação de um mundo melhor*". Comentários Torá Sefer pg. 386.

Isto nos lembra a responsabilidade que recai sobre cada Pedreiro de tornar feliz a humanidade. Ele tem de se tornar uma pessoa melhor e maior, além de integrar positivamente a sociedade. Este amor triplo – a nosso próximo israelita (Pedreiro)*, a D'us e à Torá – repercute do seio familiar para o exterior, afetando o mundo inteiro de forma benéfica*.

2.(Bamidbar) – Números 01:20-54 "*A Torá registra o número total de homens que compõem cada tribo. Por milagre, todos os que foram contabilizados se encontravam em condições de ir à guerra: eram homens fortes e sãos. Saúde e cura. A conta da tribo de Reuben ... todos os que eram aptos para servir no exército.*

Todos os israelitas que se encontravam doentes ou aleijados se curaram de maneira milagrosa quando a Torá foi entregue; e, graças à proteção das Nuvens da Glória, todos se mantiveram saudáveis ao longo da sua viagem à Terra de Israel apesar das condições adversas do deserto.

Vemos aqui que, em virtude da sua conexão com D'us expressada através do estudo da Torá e do cumprimento dos Seus mandamentos, o povo dos filhos de Israel não estava limitado pelas leis da natureza. Além disso, sua capacidade de superar a natureza era evidente; ela transparecia não somente em questões espirituais, mas também em sua saúde e bem-estar físico.

Isto é tão certo hoje como o era quando a Torá foi entregue no Monte Sinai. À medida que vivemos nossas vidas de acordo com as regras da Torá, também seremos abençoados com saúde espiritual e física apesar dos muitos obstáculos que apresentam as leis da natureza".

Por que seremos abençoados? **[**Para entendermos essa questão, é importante olharmos para Bamidbar 01:01-02. "*HaShem disse para Moshê no deserto do Sinai no Ohel Moed (Tenda do Encontro) – 'Levantem as cabeças (verifiquem o número de pessoas) de toda a comunidade dos filhos de Israel ... para seus crânios (ou seja, façam uma contagem 'per capita', por cabeça – contém cada pessoa)*".

A ideia de elevar a cabeça significa que, não só todos os outros órgãos são elevados (física e espiritualmente) como também a própria cabeça, que é parte mais alta e elevada do corpo é elevada muito acima (do seu nível atual) – '*e o corpo segue atrás da cabeça'*, ou seja, através da elevação de nível da cabeça eleva-se todo o corpo.

Este levantar a cabeça e o corpo estão associados aos 5 níveis da alma, que dão origem aos seus poderes abrangentes, que poderiam ser assim resumidos: Lembrando que Makif significa abrangente sobre o corpo, que não se investem no interior do corpo, mas estão presentes nele. O Makif Harachok é a abrangente mais distante e a Makif Hakarov é a forma abrangente mais próxima. "Pnimi – interior" significa que podemos localizar tal poder em algum órgão no interior da pessoa. Por isso, os poderes interiores da pessoa, ou seja, sua capacidade de captar ou gerar uma ideia, desenvolver a ideia e assim por diante (Hokhmah, Bina e Daat) são Pochot Pnimiím que são os poderes interiores da alma, pois podem ser "*localizados*" no cérebro da pessoa. Assim, seus poderes emocionais (Hessed, Gueburah etc. – amor e bondade; temor e justiça etc.) estariam "*localizados" no coração*.

Estes cinco níveis da alma (que dão origem aos seus poderes abrangentes e interiores acima citados) poderiam ser resumidos assim:

Nível da alma		De que forma estão na alma	Experiência
Yechidá	único	Makif Harachok (distante) Abrangente, mais próximo do Criador	Unicidade com D'us
Chayá	ser vivente	Makif Hakarov (próximo) Abrangente, mais próximo da criatura	Consciência de D'us como continuamente está criando o mundo
Neshama	respiração	Pnimi – interiorizada na cabeça do intelecto	Vitalidade da inteligência
Ruach	espírito	Pnimi – interiorizada no coração na força da emoção	Vitalidade da emoção
Nefesh	criatura	Pnimi – interiorizada na força da ação	Vitalidade física

Hashem tem muito carinho pelo dos filhos de Israel, por isso os conta. Mas, é necessário que o povo se eleve (física e espiritualmente).**]** Texto entre colchetes foi inspirado em Veshinantam, ano 6, Nº 297, ano 2024 (5784), pp. 87-97.

Vamos olhar os números associados a contagem de homens de 20 a 60 anos de todas as tribos.

1	Reuben	46.500
2	Simeon	59.300
3	Gad	45.650
4	Judah	74.600
5	Issachar	54.400
6	Zebulun	57.400
7	Ephraim	40.500
8	Menashe	32.200
9	Benjamim	35.400
10	Dan	62.700
11	Asher	41.500
12	Naphtali	53.400
		603.550

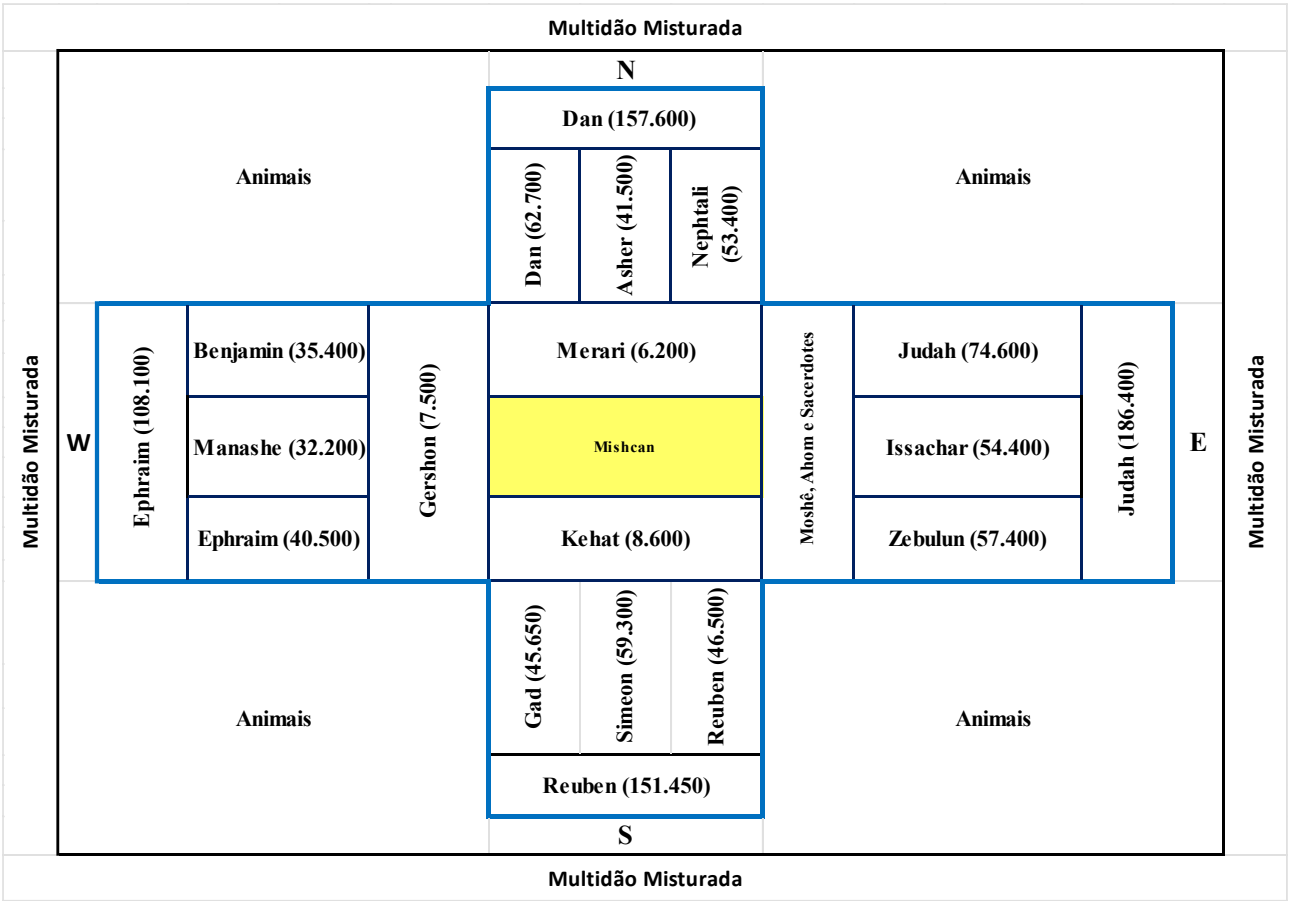
O que notamos é que todos os números totais de homens de 20 a 60 anos, de cada tribo são múltiplos de 5. E cinco são os poderes da alma. **O que faz este conjunto de partes de uma alma ascender e transformar as pessoas em melhores e maiores?** É o cumprimento da Torá e das Mitzvot, bem como fazendo boas ações, buscando o conhecimento, são o que nos fazem aproximar de HaShem. Mas, o povo dos filhos de Israel precisa se elevar a níveis mais altos, por isso este caminhar no deserto. O deserto é um chamado do Eterno D'us para que, aqueles Seres Humanos em especial (Pedreiros), passem por forte experiência. Visa fazer com que as pessoas mergulhem para dentro de si mesmas aproveitando-se da solidão do deserto e das dificuldades naturais da área, onde todas as habilidades serão levadas ao extremo da sua capacidade. É um encontro com a verdade individual e coletiva.

3.(Bamidbar) – Números 02:01-34 – "*D'us, então, instruiu Moshê para que organizasse o povo dos filhos de Israel numa formação militar específica. O Mishcan se localizaria no centro, rodeado por três tribos em cada um dos seus quatro lados. (Para isso, os descendentes dos dois filhos de Yossef - Menashe e Efráyim foram contados como duas tribos separadas, conseguindo-se assim o número de doze tribos sem incluir a de Levi). Proteger o nosso santuário interior. D'us disse a Moshê: 'Os israelitas devem acampar ao redor da Tenda do Encontro (isto é, o Mishcan)'.*

A disposição do acampamento do povo, ao redor dos quatro lados do Mishcan, simbolizava sua proteção ao edifício sagrado e à Torá, que ficava no seu recinto sagrado mais interior, o Côdesh Hacodashim. Certamente, a Torá não necessita da nossa proteção; pelo contrário, é a Torá e os seus mandamentos que nos protegem. Contudo, D'us escolheu nos confiar a nobre missão de resguardar a Torá.

De maneira análoga, devemos salvaguardar o nosso santuário interior pessoal, que se encontra dentro de nosso coração e de nosso lar, das ameaças provenientes de quatro lados: da fria indiferença à espiritualidade, no gelado norte; das ardentes paixões sensuais, no quente sul; da autogratificação por nossos brilhantes sucessos, representados pelo esplendoroso amanhecer, ao leste; e do obscuro desespero, representado pelo anoitecer, que ocorre ao oeste".

"*Este capítulo relata a ordem dos acampamentos e das marchas do Exército de Moisés. O Midrash (Ialcut 685) escreve que, antes de morrer, o Patriarca Jacob deu as últimas instruções para seus próprios funerais e designou a cada um de seus filhos o seu lugar ao redor do ataúde. Foi assim, que Moshê levando em conta as indicações do Patriarca, marcou a cada tribo o lugar de seu acampamento. O centro de reunião das tropas era a tenda de reunião, guardada pelos Levitas. A morada de D'us sobre a terra. Todos os homens válidos, de 20 a 60 anos, eram combatentes. A dois mil cúbitos de distância da tenda da reunião, ao redor desta, no lado do Oriente flutuava o estândar de Judá, abrigando outras duas tribos, a Yissachar e Zevulum; suas cores correspondiam à cor das pedras do peitoral em relação a cada tribo e levava a inscrição 'Levanta-te, ó Eterno, e dissipem-se os Teus inimigos, e fujam de diante de Ti os que Te odeiam (Num. 10:35)*". Torá Sefer Comentários, pg. 390. Ressalta-se aqui a semelhança desta imagem com os estudos realizados pelos Pedreiros em nossos altos Graus Filosóficos.



Inspirado em Chumash Bamidbar – Rashi – pg. 12. ISBN 978-85-85516-51-2

{É relevante ter em mente que a questão dos exércitos. Um exército é constituído para fazer guerra contra seus inimigos. Essa, no fundo é uma linguagem de Seres Humanos usada no primeiro nível de interpretação da Torá. Ou seja, é uma metáfora. Cabe-nos desvendar o que está por detrás desta metáfora. No sentido espiritual, o exército refere-se a um lugar (situação) e nível no qual existe um inimigo contra o qual deve-se lutar (Devarim 20:01) '*Quando você for a guerra contra teu inimigo*' – também neste nível deve-se '*atrair*' o nível Makif (Abrangente) da alma, e isso dá força para se ter uma vitória na guerra. Em termos de '*Avodah*' (trabalho ou luta), o momento da guerra refere-se ao momento da Tefilá (תְּפִלָּה) - '*oração*' ou '*súplica*'-, essa é a hora da luta.

É o momento que a alma animal e a alma Divina, com seus exércitos, encontram-se frente a frente. É como se existisse uma cidade, (o corpo humano), ao redor da qual, portanto, encontram-se dois exércitos prontos para a guerra, cujo objetivo é dominar o corpo (a cidade). Espera-se que a luta leve a alma Divina a transformar a alma animal, refinando-a, envolvendo-a com Torá e Mitzvot. Para isto, a mais importante arma concentra-se no conteúdo das orações, pois a alma animal usará de todos os seus meios, para distrair a pessoa com outros pensamentos e tirar a atenção daquela pessoa}. Inspirado em Veshinantam, ano 6, Nº 297, ano 2024 (5784), pg. 97

4.(Bamidbar) – Números 03:01-13 – "*D'us ordenou Moshê a contar os levitas. Estes eram eximidos do serviço militar por estarem recrutados para servir no Mishcan. Os levitas tomavam conta do Mishcan, desmontavam-no cada vez que o povo Israelita levantava acampamento, e o remontavam onde acampavam, além de ajudar os Qohenim nos rituais. Aspirações espirituais. 'D'us disse a Moshê: 'Traz a tribo de Levi e os apresenta a Aharon, o sacerdote, para que sirvam a ele'.*

Os levitas tinham sido selecionados entre o restante do povo israelita para atuar como os serventes pessoais de D'us. Entretanto, o sábio judeu medieval Rabi Moshê Maimônides afirma que qualquer pessoa que deseja dedicar-se ao serviço de D'us pode fazê-lo. Quem o fizer passa a ser um 'levita espiritual', ou inclusive um 'Cohen espiritual, até mesmo um 'Cohen Gadol espiritual!', independentemente da sua linhagem tribal".

"*Sendo os filhos de Aharon discípulos de Moshê, considerou-os a Torá como se fossem seus próprios filhos, pois 'aquele que instrui o filho de seu semelhante, tem tanto mérito quanto àquele que contribui para o nascimento (Rashi, vers.1) Se o pai dá a vida, o professor lhe ensina os meios e as razões de viver. Em certos casos, o Talmud coloca o professor acima dos parentes; 'pois os parentes dão à criança a vida neste mundo e o professor o guia para a vida do mundo superior'. (Baba Cama 02:11). Portanto, formar alunos equivale a procriar filhos*". (Ialcut 638) in Torá Sefer comentários pg. 392.

Em Torá Bamidbar 03:01 encontramos que "*Essas são as gerações de Aharon e Moshê*", mas a seguir encontramos somente informações sobre os filhos ou descendentes de Aharon. Conforme vimos acima, isto se dá em função da importância que os Mestres têm na vida das pessoas. Moshê é o Mestre que ensina a todos, inclusive aos filhos de Aharon. Por isso ele é citado também como progenitor dos filhos de Aharon, mas um progenitor que mostra o caminho a ser seguido e caminha junto com os discípulos.

Olhando internamente para a Organização dos Pedreiros Livres, é possível compreender claramente a importância e a responsabilidade que os Mestres têm na instrução que passam para os Neófitos e os seus respectivos exemplos. Educa-se com a transmissão de conhecimento, mas muito mais pelo exemplo. Ou seja, os Mestres devem realizar plenamente em pensamento, fala e ação, àquilo que ensinaram aos mais jovens. E isto está intimamente ligado a seguinte questão: **Porque Maimônides afirma que qualquer pessoa que deseja dedicar-se ao serviço de D'us pode fazê-lo?** "*E guardareis os Meus estatutos e os Meus juízos, os quais, cumprindo, o homem viverá por eles; Eu sou o Eterno*". Vayikrá (Levítico) 18:05. "*O homem viverá por eles - A ciência e a virtude não são*

*privilégios de ninguém, seja este pequeno ou grande, rico ou pobre, israelita ou não, pois que o versículo diz: 'o homem viverá por eles'. No livro de Salmos 118:20 está escrito: "**Está é a porta do Eterno; por ela entrarão os justos**". Não diz: os sacerdotes, os Levitas ou os israelitas,* ou os Pedreiros *entrarão; mas os 'justos', sem distinção de raça e culto*". Torá Sefer, pg. 342-344. Diante do exposto, há um chamado: Pedreiros, a porta está aberta, para entrar basta ser justo (**Sinceridade, Coragem e Perseverança).**

5.(Bamidbar) – Números 03:14-39 – "*Os levitas estavam subdivididos em quatro grupos: três clãs (descendentes de cada um dos filhos de Levi) e os Qohenim. Enquanto as demais doze tribos acampavam a uma distância de aproximadamente novecentos metros do Mishcan, os levitas tinham a ordem de acampar junto a ele. Os Qohenim (Aharon e seus filhos), juntamente com Moshê, acampavam a leste* **(E)**. *Os três clãs levitas acampavam nos outros três lados do Mishcan. Evitar a discórdia. Acampando na frente do Mishcan...estavam Moshê, Aharon e os filhos de Aharon.*

Os membros das tribos que descendiam de Yehuda, Yissachar e Zevulum se converteram em grandes estudiosos da Torá em virtude de terem acampado próximos a Moshê e Aharon. A tribo de Reuben, ao contrário, acampou do mesmo lado do Mishcan que o clã levita ao qual pertencia Côrah, primo de Moshê, e por isso terminou sendo arrastada ao motim liderado por ele contra Moshê, como irá narrar a Torá mais adiante.

Isto nos ensina que a forma de evitar sermos levados a uma disputa é estudando a Torá e vivendo de acordo com os seus ensinamentos; esta é a maneira de nos conectar com D'us e nos distanciar de todo tipo de conflito".

Como pode ser visto na figura acima temos os Clãs Levitas: Gershon (7.500) a oeste do Mishcan, Kehat (8.600) ao Sul, e Merari (6.200) ao norte do Mishcan, totalizando 22.300 levitas. O Eterno pediu a Moshê que contasse os primogênitos de um mês em diante, chegando ao total de 22.273. "*Dos 22.300 levitas, 300 eram primogênitos. Esses 300 substituíram (como levitas) a si mesmos (como primogênitos) e, por isso, não podiam substituir israelitas leigos primogênitos. Havia, portanto, 273 israelitas primogênitos a mais do que levitas que pudessem remir.*

Assim, D'us falou a Moshê dizendo '[46] Quanto àqueles que ainda devem ser remidos, os 273 primogênitos israelitas que excederam aos levitas, [47] tomarás cinco Siclo por cabeça de cada um deles. Toma-os conforme os Ciclo sagrado, pelo qual um Ciclo é 20 Guerás. Esse 'preço' por primogênito foi estabelecido quando o primogênito da Rachel, José, foi vendido por seus Irmãos por 20 moedas de prata'." Rashi Bamidbar pp. 15-16. Obs.: 5 Ciclos de prata por primogênito, sendo 273 primogênitos temos 1.365 Ciclos de prata que foram entregues a Aharon e seus filhos.

Todos sabemos que os Pedreiros devem buscar a Luz, evitando influências negativas que os desviem do caminho da espiritualidade. O Mishcan é o centro espiritual dos filhos de Israel. Porém, o fato da tribo de Reuben estar próxima do Mishcan, não lhes garantiu a compreensão espiritual adequada, fazendo com que a tribo de Ruben fosse arrastada para a rebelião de Côrah. É necessário, portanto, um esforço interno intenso, para realmente absorver os ensinamentos e aplicá-los na vida. De certa forma, a representação simbólica dos custos financeiros derivados da venda de Yossef (José) acima apresentados, nos mostra que mesmo sendo descendentes de Jacob (Israel), portanto estar próximo do Patriarca, não impediu que os irmãos de José praticassem um ato deplorável, que foi a venda de seu irmão José.

6.(Bamidbar) – Números 03:40-51 – "*Diferentemente do restante dos homens israelitas, contados a partir dos vinte anos de idade, os levitas eram contabilizados desde um mês de vida. D'us então disse a Moshê que registrasse todos os varões primogênitos não levitas que tivessem ao menos um mês de vida. Os levitas substituíram os primogênitos como servidores do Mishcan, porque estes*

haviam perdido esse privilégio devido a sua participação no episódio do bezerro de ouro. Conhecer a D'us em todos os seus caminhos. D'us disse a Moshê: 'Tomarás os levitas no lugar de todos os primogênitos israelitas'.

Os homens das outras tribos eram contabilizados a partir dos vinte anos, a idade em que estavam aptos a servir no exército. A tarefa dos levitas, no entanto, era proteger o Mishcan, e qualquer aumento de sua população - inclusive o de bebês recém-nascidos - contribuía para isto. Assim, os bebês eram recenseados virtualmente logo após o nascimento. Todos nós podemos nos unir às legiões dos levitas no sentido espiritual, nutrindo a nossa conexão intrínseca com D'us. Este vínculo não fica afetado por nenhuma variação no tempo, idade ou ambiente; portanto, permite-nos 'conhecer a D'us em todos os seus caminhos', até naqueles aspectos mais simples da vida que o adulto maduro compartilha com a criança".

"*No caso da tribo de Kerat também foi feita uma contagem daqueles que estão entre 30 e 50 anos. Pois, alguém que tenha menos de 30 anos ainda não atingiu o auge de sua força, e a partir desta idade, nossos Sábios disseram "Aos 30 se completa a força e com idade superior a 50 anos, seu vigor começa a diminuir*". Veshinantam, ano 6, Nº 297, ano 2024 (5784), pg. 28.

Todos podemos nos unir espiritualmente aos levitas executando, em parte, o que eles faziam. Por exemplo, a dedicação ao estudo e a busca do conhecimento proveniente da Torá, a elevação moral, a fidelidade à justiça e a caridade (Tzedaka), manter a harmonia entre as pessoas, colocar os seus talentos e habilidades a serviço da comunidade, estar comprometido com a verdade etc. Como sabemos, grande parte destas habilidades alcançam seu máximo, justamente, entre 30 e 50 anos.

7.(Bamidbar) – Números 04:01-20 – "*Após Moshê contabilizar a tribo de Levi, D'us pediu-lhe que contasse cada clã levita em separado e lhes determinasse a tarefa de carregar partes específicas do Mishcan todas as vezes que o povo israelita se trasladasse. O poder da paz. D'us disse a Moshê: 'Quando (os membros da tribo de Kehat, filho de Levi' aproximarem-se das coisas mais sagradas das sagradas, Aharon e os seus filhos devem vir (primeiro) e designar a cada homem a sua tarefa'.*

Quando tentamos alcançar o nosso potencial nos assuntos espirituais, frequentemente ocorre de encontrarmos formas de oposição. Às vezes há pessoas que nos ridicularizam ou nos são hostis; outras vezes, nos assaltam as vozes internas da dúvida.

A Torá nos ensina aqui que a resposta apropriada não é lutar contra eles, e sim, fazer uso do poder do amor e a generosidade de Aharon, que dedicou a sua vida a construir a paz. Assim como Aharon fazia, também o nosso amor e generosidade neutralizarão a negatividade, ou até chegarão a eliminá-la por completo. E transformar um adversário em um aliado é a mais completa e efetiva das vitórias possíveis".

"*A Torá oferece-nos instruções, nos contando que se seguirmos as fases descritas na porção, atravessaremos o deserto em paz e alcançaremos a revelação da Divindade. Este é o propósito de nossas vidas; somos feitos e destinados a obter esta revelação. Assim, devemos ver todas as regras e conselhos na porção como correções internas que devemos descobrir e seguir.*

Se pudermos comparar nossas vidas a um deserto, devemos ordená-las correspondentemente para que possamos as atravessar em paz e chegar à terra de Israel. A palavra, Érets (terra), significa Ratzon (desejo), e Yisrael (Israel) significa Yashar El (direito a D'us), então estou direcionado somente para a revelação da Divindade". Do livro "Divulgando Uma Porção" in Library, Michael Laitman. https://kabacademy.eu/pt/content/bamidbar-no-deserto/.

Este é o trabalho de Aharon. E este é o caminhar do Pedreiro. Atravessar o deserto da vida aqui neste mundo em Paz. O Pedreiro, ao atravessar seu próprio deserto, livra-se dos vícios, paixões e submete a sua vontade, para ao fim da jornada, se tornar um **Pedreiro Livre.**

Para finalizar essa Parashat, é prudente olharmos para o fato de que os Levitas substituíram os primogênitos nos trabalhos do Tabernáculo e, mais tarde, no Templo Sagrado de Jerusalém. Mas, os primogênitos que nasceram posteriormente aos acontecimentos que os levaram a perder o direito a servir no Tabernáculo, foram "*punidos*" antes mesmo de nascer. Tal qual a totalidade das pessoas que foram "*punidas*" porque Adão e Eva terem errado. **Como explicar esses fatos?**

Na interpretação realizada por Isaac Luria (Ari), de abençoada memória, apresentada no Livro Etz Chaim e detalhada no Sha'ar HaGuilgulim (ISBN 978-85-67159-03-04, 4ª edição, 2024), a realidade dos Seres Humanos é estruturada a partir de uma única alma primordial, associada a Adão. Essa alma original abrangia todas as dimensões espirituais da humanidade em estado integrado. O evento da queda produziu uma fragmentação da Alma Primordial. Esse processo é descrito como a quebra dos recipientes espirituais que sustentavam a Luz Divina (quebra dos vasos). A partir desse momento, as centelhas de alma passaram a existir dispersas, encarnando-se sucessivamente ao longo da história.

Cada encarnação representa uma etapa específica no processo de Tikun (תיקון) (reparação, conserto ou correção), que significa mais objetivamente a restauração da harmonia entre Luz e recipiente. O Ari descreve que a distribuição dessas centelhas segue uma lógica associada a raiz espiritual. Assim, indivíduos nascidos em diferentes gerações podem compartilhar uma mesma raiz de alma e participar de um mesmo ciclo de correção. Essa dinâmica aparece no conceito de Guilgul Neshamot (ciclo das almas), no qual a alma retorna ao mundo físico até completar as retificações necessárias em todos os níveis evolutivos (Árvore da Vida).

No contexto dos primogênitos e dos Levitas, o Ari explica que as funções espirituais no mundo existem segundo a estrutura interna das almas e não são atribuídas, portanto, apenas com base em genealogia biológica. Os primogênitos originalmente correspondiam a um canal direto de afinidade espiritual, pois representavam a primeira expressão de energia vital dentro de cada família, conectada à raiz superior de transmissão da Luz. Após o episódio do Pecado do Bezerro de Ouro, ocorreu uma alteração na configuração espiritual dessas raízes. As almas associadas aos primogênitos perderam, momentaneamente, a capacidade de canalizar esse nível de Luz de forma ordenada, enquanto as almas ligadas à tribo de Levi revelaram alinhamento com a vontade Divina.

Segundo o Ari, essa transferência de função se estabelece por onde há maior capacidade de contenção e equilíbrio. As almas Levíticas, naquele momento, apresentavam configuração mais apta para sustentar o serviço Sagrado (a Luz), o que resultou na sua designação para o trabalho no Tabernáculo e posteriormente no Templo.

No Sha'ar HaGuilgulim, o Ari desenvolve a ideia de que as mesmas raízes de alma continuam a se manifestar em gerações posteriores. Os descendentes dos primogênitos carregam aspectos dessas raízes e participam do mesmo processo de Tikun iniciado anteriormente. Isso significa que a história espiritual é constituída por correntes contínuas de alma que atravessam o tempo. Cada nascimento representa uma oportunidade de ajuste mais preciso dentro dessa corrente, permitindo que falhas anteriores sejam transformadas em equilíbrio e integração.

A mesma lógica se aplica à humanidade como um todo. A alma de Adão permanece presente em todas as almas individuais como raiz comum. Cada ação dos Seres Humanos influencia a estrutura global dessa alma coletiva, ampliando ou refinando seus níveis de Tikun. Ari descreve esse processo como cumulativo e interdependente, no qual cada geração recebe um estado espiritual resultante das correções anteriores e acrescenta novas camadas de refinamento.

Dessa forma, os eventos relacionados aos primogênitos, aos Levitas e à queda primordial que ocorreu com Adão e Eva são compreendidos como manifestações específicas de um sistema espiritual unificado, regido por leis de equilíbrio entre Luz e recipiente. O movimento das almas ao longo das gerações expressa a busca contínua por alinhamento com a Fonte de Luz, conduzindo progressivamente à restauração da unidade original.

É proibida a comercialização deste Livro - 11

03 - Parashat Nassô – Levante-se

Sinopse

O clã de Gershon carregava as coberturas externas do Mishcan, que o protegiam de elementos indesejáveis. Isto corresponde ao nosso esforço de evitar atividades e influências prejudiciais. O clã de Kehat, por sua vez, trasladava os artefatos do Mishcan, onde cada um deles representava um atributo ou atividade positiva particular. {Todos nós devemos buscar empregar as habilidades presentes nas famílias Levitas. Como as famílias de Gérson e Merari, precisamos criar um teto e muros para assumir o controle do nosso ambiente. Precisamos cultivar a capacidade de dizer não, de rejeitar influências negativas, tentações e distrações. A família de Kehat que transporta os objetos sagrados, nos mostra que devemos preencher o nosso espaço interior com os vasos sagrados e/ou com experiências positivas. Por outro lado, também devemos nos mirar nas famílias de Moshê, Aharon e seus filhos, pois àqueles que tem a oportunidade proporcionada pelo Criador de conhecer um pouco mais, devem ter conjuntamente a responsabilidade de compartilhar este conhecimento.} *Na vida, a estrutura e base de nossa relação com D'us é a dedicação altruísta sem interesse pessoal - a cumprir Sua vontade. Por mais que este seja o aspecto menos vistoso de nossa relação com D'us, é o fundamento sobre o qual se assentam todos os outros aspectos, mais atraentes e emocionantes*". As roupas que usamos, simbolicamente, representam as paredes de uma casa. Tal como a roupa, a sala de estar da nossa casa mostra a nossa personalidade exterior, os nossos gostos mais visíveis, que normalmente estão associados à nossa alma animal. É sobre as paredes que se assentam todos os outros aspectos, muitas vezes mais atraentes e emocionantes de um local. Mas, são as paredes, com suas fundações, que como um esqueleto provem sustentação para uma casa (Mishcan). *Cada transgressão gera uma energia negativa, que possui um 'corpo' e uma 'alma'*. O Ser Humano se acostuma a viver de acordo com seus traços de caráter e seus desejos (alma). O Dilúvio ocorreu porque aquela população cometia três pecados: idolatria, roubo e relações matrimoniais proibidas (ação - corpo). *Recordar-nos que D'us é nosso 'esposo' nos ajuda a deixar de cometer transgressões*. Outro ponto é que devemos nos lembrar que existe um casamento espiritual entre D'us e os israelitas. "*E o adultério pode exemplificar a questão da falta de fidelidade dos israelitas (esposa) para com o Criador (marido).* Sugere-se ao Pedreiro meditar sobre o casamento que ocorreu entre o Pedreiro e a nossa Organização. **A confiança mútua persiste?** *Em seguida, D'us ensinou a Moshê as leis relativas a uma pessoa que fez um voto de abster-se temporariamente de consumir vinho. àquele que se privar de alimentação, ficando desnecessariamente em jejum. É considerado um pecador. Tem de existir um equilíbrio entre corpo e alma. As preces e ações devem refletir as conquistas espirituais que conseguimos realizar desde a última vez que oramos ou fizemos a boa ação.* Os Corbanot eram consumidos pelo fogo celestial. Isto faz com que tanto os materiais quanto os animais quando elevados ao Criador, refletem em nossa era atual, posto que desde que o Mishcan foi erguido, eles podem ser santificados. *Após concluir o relato das oferendas dos príncipes, a Torá descreve como D'us falou a Moshê dentro do Mishcan*. Tal qual Moshê, os Pedreiros podem "*sentir*" a voz de HaShem em seu interior, mesmo que seja por instantes ínfimos, durante a construção de nosso Templo Interno.

1 (Nassô) – Números 04:21-28 – "*Depois de haver ordenado a Moshê que fizesse o censo do clã levita de Kehat, D'us ordenou-lhe contar o clã levita de Gershon. Evitar o negativo, buscar o positivo. D'us disse a Moshê: 'Faz um censo do clã de Gershon'. Existem dois passos necessários na preparação do nosso lar para receber um hóspede de distinção. Primeiro, os ambientes são minuciosamente limpos; em seguida, são decorados com belos móveis e obras de arte. Os mesmos dois passos se aplicam a converter as nossas vidas e a nós mesmos em um lar para D'us: inicialmente devemos nos libertar do que é negativo e indesejável; aí então devemos fazer o que é bom e correto.*

O clã de Gershon carregava as coberturas externas do Mishcan, que o protegiam de elementos indesejáveis. Isto corresponde ao nosso esforço de evitar atividades e influências prejudiciais. O clã

de Kehat, por sua vez, trasladava os artefatos do Mishcan, onde cada um deles representava um atributo ou atividade positiva particular.

Assim como Gershon nasceu antes de Kehat, precisamos primeiro eliminar as condutas negativas que se encontram em nós para poder buscar o bem de forma apropriada. No entanto, o clã de Kehat foi recenseado antes do de Gershon, uma vez que a eliminação da negatividade é apenas a preparação para aquilo que constitui o verdadeiro trabalho: a busca do bem".

Torá Números 4:24 "*24 Este é o serviço das famílias de Gershon, para servir e levar cargas. 25E levarão as cortinas do Tabernáculo e a tenda da reunião; sua coberta e coberta de couros de pele de Tachash que está sobre ela e o véu da entrada da tenda de reunião. 26E as cortinas do átrio e acortina da porta de entrada do átrio, que está sobre o altar em redor, e suas cordas e todos os utensílios de seu serviço; e tudo o que será entregue a eles, farão*".

De forma geral, a tribo de Gershon estava encarregada das coberturas, incluindo aqui as cortinas como cobertura. A cobertura externa de couros de Tachash podem ter sido concebidas para proporcionar proteção as pessoas e a própria estrutura interna do Mishcan, contra os elementos da natureza. {No fundo, o telhado (a cobertura) de uma casa (Mishcan) apresenta a essência daquele local (casa). É indicativo da importância de seus habitantes. Mas, indica também as responsabilidades presentes nos destinos daquelas almas (sacerdotes) da casa. Por outro lado, a cobertura oferece proteção contra as intempéries do tempo. Ou seja, a cobertura (chapéu) tem a função de deixar passar somente a quantidade de Luz do Criador que àquelas pessoas eram capazes de suportar, recebendo a Luz do Criador somente para doar. Além disto, como as asas de um pássaro, a cobertura ou o telhado protege os habitantes de uma casa das intempéries pelas quais, aquelas almas estejam passando. Assim, também o é o Eterno D'us, que como um pássaro abre suas asas e nos acolhe sobre um telhado de penas quentinhas e aconchegantes.} Inspirado no livro Cabala Uma Janela para Alma pg. 103. Editora Amazon.

Na Parashat Bamidbar foi apresentada uma figura que nos mostra que a Tribo de Levi era dividida em quatro partes ao redor da Arca Sagrada. "*No ocidente, achavam-se os filhos de Gershon que tinham a seu cargo o transporte da cobertura etc., ao sul os filhos de Kehat cuja missão era transportar a Arca de D'us e ao norte os filhos de Merari que tinham a incumbência de transportar as madeiras do Mishcan etc. No lado oriental (leste) estavam os filhos de Moshê, Aharon e seus filhos, como guias espirituais do povo*". Torá Sefer comentários pg. 395.

{Todos nós devemos buscar empregar as habilidades presentes nas famílias Levitas. Como as famílias de Gérson e Merari, precisamos criar um teto e muros para assumir o controle do nosso ambiente. Precisamos cultivar a capacidade de dizer não, de rejeitar influências negativas, tentações e distrações. A família de Kehat que transporta os objetos sagrados, nos mostra que devemos preencher o nosso espaço interior com os vasos sagrados e/ou com experiências positivas. Por outro lado, também devemos nos mirar nas famílias de Moshê, Aharon e seus filhos, pois àqueles que tem a oportunidade proporcionada pelo Criador de conhecer um pouco mais, devem ter conjuntamente a responsabilidade de compartilhar este conhecimento.}
Inspirado em https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/4759364/jewish/Transporting-the-Temple.htm

2. (Nassô) – Números 04:29-49 – "*Em seguida, D'us ordenou a Moshê contar o terceiro e última tribo levita, o de Merarí. O fundamento de tudo. D'us disse a Moshê: 'Você contará a tribo de Merarí'. A tribo de Merarí transportava os elementos estruturais do Mishcan, o seu 'esqueleto', ou seja, as vigas que formavam as paredes junto com as bases e varas de conexão. As paredes eram o componente menos 'funcional' do Mishcan, mas elas é que formavam a sua estrutura essencial, o ambiente dentro do qual aconteciam todas as atividades mais 'emocionantes' (como o acendimento da Menorá, o incenso etc.).*

*Na vida, a estrutura e base de nossa relação com D'us é a dedicação altruísta sem interesse pessoal - a cumprir Sua vontade. Por mais que este seja o aspecto menos vistoso de nossa relação com D'us, é o fundamento sobre o qual se assentam todos os outros aspectos, mais atraentes e emocionantes***".**

{As roupas que usamos, simbolicamente, representam as paredes de uma casa. Portanto, as roupas que usamos irradiam a imagem exterior de como nos conduzimos na vida. Tal como a roupa, a sala de estar da nossa casa mostra a nossa personalidade exterior, os nossos gostos mais visíveis, que normalmente estão associados à nossa alma animal. Por exemplo, uma decoração minimalista, aponta que as pessoas daquela casa estão voltadas para simplicidade. Paredes com cores vibrantes mostram uma alma animal mais expansiva. Mas, a energia presente na sala de estar é transformadora, produz movimento e desdobramentos. Uma decoração harmônica mostra o equilíbrio entre o material e o espiritual. E é esse equilíbrio entre vigor e sutileza, que as paredes do Mishcan deveriam transmitir as pessoas. O Eterno D'us está em cada detalhe de nossas vidas, na nossa roupa, nas paredes de nossa casa, no telhado etc., sejam detalhes vigorosos ou sutis. Por isso devemos ter pensamentos sempre positivos que nos afastem o máximo possível da má inclinação.} Inspirado no livro Cabala Uma Janela para Alma pg. 105. Editora Amazon. É sobre as paredes que se assentam todos os outros aspectos, muitas vezes mais atraentes e emocionantes de um local. Mas, são as paredes, com suas fundações, que como um esqueleto provem sustentação para uma casa (Mishcan).

Olhando agora para o total de homens entre 30 e 50 anos das tribos que constituíam os Levitas temos a seguinte tabela:

Levitas de 30 a 50 anos (Num. 04:29-49)	
Kehat	2750
Gershon	2630
Merari	3200
Total	8580

Fazendo a soma do total de Levitas temos (8+5+8+0=21). Buscando três palavras que pudessem nos elucidar o significado destes números encontramos:

יטב	Melhorar	10+9+2
אהיה	Eu Serei	1+5+10+5
אחזה	Segurar no sentido de posse	1+8+7+5

O '**Eu Serei**' pode ser encontrado em Shemot 03:14. É parte da expressão '*Eu Serei o que Serei'*. O **Melhorar** nos remete a missão dos Levitas que é: ensinar, abençoar e conduzir as pessoas no caminho da elevação espiritual, tornando-as maiores e melhores. O sentido de **Segurar** está associado a manter o Mishcan seguro contra os as adversidades que os Israelitas iriam encontrar ao longo do tempo, sejam elas materiais ou espirituais. Além disto, suas '*posses*', que de fato nunca foram materiais, sempre estiveram a serviço do Eterno D'us.

D'us (Eu Serei) é o verdadeiro sustento (segurar). Vinculado estão os Levitas a conduzirem os Israelitas ao longo da história, na busca pela santificação (melhorar) visando o aperfeiçoamento espiritual. Neste ponto, e diante do aqui apresentado, fica clara a associação entre os conceitos de cobertura e sustentação acima relatado e a tribo dos Levitas.

3. (Nassô) – Números 05:01-10 – "*A seguir, D'us repassou as leis a respeito de roubo para encorajar o povo israelita a se garantir de que não fossem culpados de ter cometido tal pecado de forma alguma antes de iniciar a sua viagem à Terra de Israel. Neutralizar a negatividade. D'us ordenou a Moshê que dissesse ao povo israelita: 'Quando um homem ou uma mulher peca, e se sente culpado e confessa o pecado que ele [ou ela] que tenha cometido'.*

Se tivermos de alguma maneira prejudicado alguém, devemos primeiro pedir-lhe perdão; depois, devemos devolver o objeto ou pagar por qualquer dano que tenhamos provocado. Em seguida, devemos 'pedir perdão' a D'us por meio do arrependimento. O arrependimento consiste em três passos: ***1º****. Remorso pelo passado,* ***2º****. A resolução positiva para o futuro, e* ***3º****. A confissão verbal a D'us pelo pecado.*

Cada transgressão gera uma energia negativa, que possui um 'corpo' e uma 'alma'. O 'corpo' dessa energia é a transgressão, o ato do pecado por si só, enquanto a sua 'alma' é o desejo que o causou, a vontade que motivou e acompanhou tal ato. Sentir remorso por ter cometido um pecado destrói a 'alma' desta energia negativa, pois o remorso acaba com a motivação. Já confessar o pecado verbalmente, através dos nossos lábios físicos, destrói o "corpo" desta energia negativa, porque a 'fala' da confissão é uma ação que desfaz a anterior".

O roubo ou uma transgressão o que gera a um corpo e a uma alma? Em Bereshit 06:13 está escrito: E disse D'us a Noé: "*O fim de toda a criatura veio perante mim, porque se encheu a terra de roubo por causa deles e eis que farei perecer juntamente com a terra*". Rashi Bereshit, pg. 06, afirma que D'us criou o Mundo a fim de "*ter uma morada nos reinos inferiores*". A morada do Eterno D'us não pode ser um local onde a finalidade está desvirtuada, onde a malícia impera sobre o conjunto dos Seres Humanos, onde o roubo está presente em todos os lugares e momentos, onde a sociedade se torna cada vez mais corrupta. "*Uma sociedade corrupta está condenada a desaparecer*". Rabi Shlomo Itzchaki (1040-1105).

O mesmo destino selado para a Humanidade antediluviana, também foi selado para Sodoma e Gomorra. **Mas, pode-se perguntar por que Sodoma e Gomorra recebeu o castigo da destruição?** O Rav Eliahu Lopian zt"l (Polônia, 1876 - Israel, 1970) diz que o Ser Humano se acostuma a viver de acordo com seus traços de caráter e seus desejos (**alma**). O natural é nem tentarmos dominar nossas más inclinações e/ou não lutarmos contra nossas vontades e instintos. Mesmo quando uma pessoa tem claridade de algo, ou até mesmo quando uma pessoa presencia um milagre, quando surge um desejo em seu coração, ela corre atrás dele. Mesmo quando o intelecto diz que sua atitude a levará a um fim ruim e amargo, normalmente os desejos vencem e a pessoa segue seu instinto. Foi isto o que ocorreu com os habitantes de Sodoma e Gomorra, cujas transgressões causaram seu extermínio.

No Livro os Patriarcas e a Educação encontramos que o Dilúvio ocorreu porque aquela população cometia três pecados: idolatria, roubo e relações matrimoniais proibidas (**ação - corpo**). Mas, segundo Rashi foi o roubo que levou o Eterno D'us a decidir-se pelo decreto do Diluvio.

Uma pessoa que rouba demonstra não confiar em D'us. Tão pouco confia que cada um merecerá o que o Criador decidir o que é adequado para àquela pessoa. A falta de fé não deixa também de ser uma espécie de idolatria.

Se a pessoa aproveita o que roubou e tem prazer por isto, ela se iguala a quem se envolve com relações conjugais proibidas, pois ela se aproveita das posses de outra pessoa, o que equivale a se aproveitar do cônjuge alheio. Roubar também se iguala ao assassinato, pois a pessoa que rouba pode, de fato, chegar a assassinar, caso a tentativa de roubo seja fracassada.

Assim, nós entendemos por que uma sociedade corrupta está fadada a desaparecer. É em função do corpo e da alma que ela tem**.** Em nossa Organização temos de usar os conhecimentos obtidos ao longo do tempo para nos policiar. Uma sociedade pode se destruir porque, no fundo, o Ser Humano se acostuma a viver de acordo com seus traços de caráter e seus desejos. A frase o "*exemplo vem de cima*" se aplica naturalmente a essa situação. Pois, como dito, o natural é nem tentarmos dominar nossas más inclinações e não lutarmos contra nossas vontades e instintos. Mas, somos Pedreiros. Ainda mais, somos Pedreiros Livres e, consequentemente, não vivemos em ambientes assépticos, reclusos e longe da sociedade. Somos daqueles que vivem intensamente a vida, dedicados à família, ao trabalho e ao estudo espiritual.

Infelizmente, este é o destino de muitos vetustos homens que não conseguem escapar da verdade história que se repete de geração em geração, que é aquela de ver passar sobre nossas cabeças a moderna versão do "*Esse é o Assírio que Passa*". "*O Rabino Nachman de Breslov, afirma que este é o padrão trágico da vida de muitas pessoas. Cada um de nós tem um ladrão, ou uma inclinação negativa, dentro de nós. O ladrão deseja continuamente nos roubar de nossa bondade e inocência interiores*". http://www.pt.chabad.org/parshah/otherparshas_cdo/aid/9175/jewish/All-Parshas.htm

4. (Nassô) – Números 05:11- 05:31 – "*Posteriormente, D'us instruiu Moshê sobre as leis relativas à mulher suspeita de adultério. Se o marido tiver motivos para desconfiar da infidelidade de sua esposa, primeiro deve tratar o assunto com ela em particular; se as ações dela continuam despertando suas suspeitas e há testemunhas, o marido pode submetê-la a um teste, no qual D'us indica se ela é inocente ou culpada. Esse teste funcionava unicamente se os motivos do marido eram totalmente puros, se ele mesmo não era culpado de adultério, e quando toda a sociedade se encontrava horrorizada por esse pecado. (Em consideração a todos esses fatores, o ritual foi interrompido algum tempo antes do século II da Era Comum).*

Quem em juízo são... D'us ordenou a Moshê que dissesse ao povo: 'Se a esposa de um homem se desvia, [fazendo com que ele suspeite que] foi infiel para com ele. Cometer uma transgressão (uma infidelidade) é um ato terrível porque o povo israelita está 'casado' com D'us. Se as pessoas que cometem adultério não estivessem casadas, o seu comportamento não seria julgado de forma tão dura; é haver traído uma relação resultante de um pacto o que as faz merecedoras de punição. O mesmo vale para o povo israelita. Um pecado não é uma mera falha técnica: é uma afronta pessoal ao nosso amado Esposo Divino.

Como israelitas (Pedreiros)*, a nossa conexão com D'us é tão forte que nos é inerentemente impossível transgredir a Sua vontade. A única forma possível de chegarmos a cometer uma transgressão é quando enganamos a nós mesmos e nos convencemos de que tal ação não colocará em perigo a nossa conexão com Ele. Recordar-nos que D'us é nosso 'esposo' que nos ajuda a deixar de cometer transgressões*".

O 7º Mandamento: '*Não cometerás adultério!*' (Shemot 20:14). D'us pune a transgressão de adultério severamente, pois Ele é paciente no caso de qualquer pecado, exceto o da imoralidade. '*Não cometerás adultério*!', avisa D'us a Seu povo. A pessoa deve ser sempre humilde, comportando-se com modéstia em todo lugar, mesmo quando suas ações não forem visíveis. É uma Mitzvah manter distância de pessoas grosseiras e indecentes para não aprender com seus maus hábitos. Moshê disse aos israelitas: '*Não sejam adúlteros, nem sejam amigos ou sócios de adúlteros, para que vossos filhos não aprendam a ser adúlteros. Se cometerem este pecado, serão exilados da Terra de Israel e outras nações ali viverão, no lugar de vocês'*.
https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/920325/jewish/Sot-A-Esposa-Infiel.htm

"*Conta o Midrash que a lei apresentada por Moshê, para uma mulher suspeita de infidelidade jamais foi aplicada ao povo do Israel; o mesmo ocorreu com a lei do filho contumaz e rebelde (Devarim 21:18-21). O objetivo explícito desta lei era duplo: evitar o adultério e a imoralidade, bem como nutrir a confiança entre marido e esposa.* Torá Sefer, comentários, pg. 398.

Mas, tinha também um caráter de simbólico implícito. Ou seja, são apresentadas, neste texto, figuras de linguagem em que há uma transferência do significado de um contexto para outro, por meio de uma comparação não explícita. Um exemplo pode ser encontrado na própria descrição do evento.

{O marido leva a esposa ao Grande Sanhedrin e os juízes perguntam a mulher: '***Você pecou com o estranho com quem esteve?***' Se ela responde: '*Não*', eles dizem: '*Você será testada para sabermos se diz a verdade*.' A mulher é então trazida perante um Cohen. A Torá chama uma mulher trazida ao Sanhedrin pelo marido de '*Sotah*', que significa: '*se desviar*', ou seja, a mulher que abandonou o comportamento israelita apropriado.

O Cohen então preparava uma água especial que a mulher teria de beber. Ele pegava a água da bacia no Tabernáculo (kiyor) e a misturava com poeira do chão. **Por que D'us ordenou que a água fosse apanhada do kiyor?** O kiyor era feito de espelhos de cobre que as mulheres israelitas doaram. A água do kiyor é dada a uma esposa infiel para lembrá-la que: '*Você não agiu como as mulheres israelitas no Egito, que foram fiéis aos maridos*!'

Por que a poeira é misturada à água? A poeira sugere a ela: '***Você sabe qual é o fim de todos?*** *Seu corpo retorna ao pó. Por isto, faça Teshuvá antes que seja tarde!*'. O Cohen anuncia: '*Escreverei novamente num rolo os versículos descrevendo a Sotah. Estes versículos contêm o Ilustre Nome de D'us. Apagarei as palavras na água. Você, então, beberá a água*. *Se você é culpada, a água fará seu corpo inchar, e seus membros ficarão fracos. Você morrerá. Por isso, admita agora! Não precisarei então apagar o sagrado nome de D'us na água*.'

Ambos, marido e mulher devem perceber a grande lição que D'us nos ensinou neste episódio: O Eterno permitiu que Seu Nome fosse apagado para restaurar a harmonia de um lar. Portanto, quando há uma discussão entre um casal, cada um deve estar pronto para sacrificar sua dignidade e honra pessoal em prol da paz}. Inspirado em https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/920325/jewish/Sot-A-Esposa-Infiel.htm

Outro ponto é que devemos nos lembrar que existe um casamento espiritual entre D'us e os israelitas. "*E o adultério pode exemplificar a questão da falta de fidelidade dos israelitas (esposa) para com o Criador (marido).* ***Os israelitas rebeldes são, portanto, uma esposa adúltera****. Essa comparação cria um espelho literário através do qual Israel pode ver suas ações, como também é uma forma metafórica de comunicar a perda de D'us. É preciso dois para construir um relacionamento.* ***O que acontece com a confiança quando um dos parceiros é infiel, mas depois quer voltar ao casamento? A confiança é ainda possível?***"
https://www.sefaria.org/In_the_Narrow_Places%3B_Daily_Inspiration_for_the_Three_Weeks%2C_%5BDay_Ten%5D_26_Tammuz%3B_The_Divine_Romance.5-7?ven=english|In_the_narrow_places,_Erica_Brown._New_Milford,_CT._Maggid_Books,_2011&lang=bi

Sugere-se ao Pedreiro meditar sobre o casamento que ocorreu entre o Pedreiro e a nossa Organização. **A confiança mútua persiste?**

5. (Nassô) – Números 06:01-27 a 07:01-11 – "*Em seguida, D'us ensinou a Moshê as leis relativas a uma pessoa que fez um voto de abster-se temporariamente de consumir vinho, e como os Qohenim deviam abençoar o povo após os sacrifícios matinais diários. Em seguida, a Torá retorna aos acontecimentos do dia em que o Mishcan começou a funcionar de forma oficial. Os príncipes de cada tribo comprometeram-se a doar uma série de sacrifícios para a inauguração do Altar. Por mais que as oferendas dos doze príncipes eram idênticas, a Torá fez questão de enumerar os sacrifícios de cada um de forma distinta. Um mesmo ato, intenções diferentes.*

A oferenda do primeiro príncipe consistiu em um prato de prata que pesava 130 Shekels... A Torá poderia ter detalhado a oferenda de apenas um dos príncipes e informar em seguida que esta foi repetida pelos doze líderes. A razão de não o fazer é porque cada príncipe inaugurava o Altar na sua forma particular de elevar o mundo físico, trazendo ao mundo um tipo de energia espiritual específico da natureza de sua tribo.

De maneira análoga, todos nós recitamos em nossas orações as mesmas palavras e cumprimos mais ou menos os mesmos mandamentos; entretanto, ao mesmo tempo somos indivíduos distintos. Por essa razão, não só nos é permitido expressar nossos sentimentos e intenções pessoais nas preces e no cumprimento dos mandamentos nós temos a obrigação de fazê-lo.

Ademais, assim como a Torá repete as mesmas palavras, mas cada vez o seu sentido é diferente, nós também devemos imbuir as ações e palavras que repetimos todo dia com um novo sentido. As preces e ações devem refletir as conquistas espirituais que conseguimos realizar desde a última vez que oramos ou fizemos a boa ação".

Em Torá Sefer página 40 - 402 encontramos, nos comentários, uma interpretação bem completa sobre a questão dos Nazireus. Mas, destaco que '*àquele que se privar de alimentação, ficando desnecessariamente em jejum, é considerado um pecador. Tem de existir um equilíbrio entre corpo e alma. Quem se dedica exclusivamente às coisas físicas, materiais e voluptuosas é um grave crime, mas também é um grande erro entregar-se somente às coisas espirituais e abstratas. A Torá não foi entregue aos anjos, mas sim aos Seres Humanos'*. Ou seja, o importante é o equilíbrio e o que de fato está dentro do coração de cada Israelita (Pedreiro - pessoa).

Um exemplo interessante é a história de "*Rabi Chanina ben Dosa vivia à época do Segundo Bet Hamicdash. Todos seus vizinhos e amigos doavam Corbanot frequentemente ao Templo Sagrado. Um deles prometia: "Trarei um Corban Olah para D'us!" Outro faria um voto: "Ofertarei um Corban Shelamim a D'us!" Rabi Chanina desejava de todo o coração oferecer um Corban a D'us. Mas era totalmente desprovido de posses, pobre demais para adquirir um animal ou mesmo uma ave. E nem sequer tinha dinheiro suficiente para comprar farinha para um Corban Minchah. A pobreza na casa de Rabi Chanina era muito grande.*

Certa vez, quando Rabi Chanina estava caminhando pelos arredores da cidade, percebeu uma enorme pedra. Aqui estava um presente para D'us que não custava nenhum dinheiro! Ao invés disso, ele empregaria tempo e esforço. Rabi Chanina conseguiu ferramentas emprestadas para dar-lhe polimento. Depois desenhou e pintou lindos motivos sobre ela, de forma a transformá-la numa obra de arte. A pedra daria um lindo ornamento para o Bet Hamicdash. "Prometo que levarei esta pedra a Yerushalayim!", Rabi Chanina gritou.

Mas a pedra era pesada demais para que a levantasse sozinho. Olhou à sua volta procurando pessoas que se prontificassem a carregá-la até Yerushalayim. Rabi Chanina encontrou quatro operários. ***"Quanto cobrarão para levar esta pedra até Yerushalayim?"*** *perguntou-lhes Rabi Chanina, apontando para a pedra. "Cinquenta Selaim," responderam. "Cinquenta Selaim!" Rabi Chanina balançou a cabeça. "Não tenho tanto dinheiro agora comigo."*

D'us não queria que Rabi Chanina ficasse aflito por ter prometido levar a pedra a Yerushalayim e agora não podia manter sua promessa. Por isso, D'us enviou cinco anjos com a aparência de trabalhadores comuns. Rabi Chanina avistou-os caminhando pela estrada e fez-lhes a mesma pergunta que havia feito aos primeiros homens. "Carregaremos a pedra até Yerushalayim," disseram, "se nos der cinco Selaim. Você também deve nos ajudar a levantá-la." Rabi Chanina concordou.

Levantou a pedra junto com os cinco homens e - milagre dos milagres - um momento depois eles todos estavam na cidade de Yerushalayim! Rabi Chanina pegou cinco Selaim para pagar aos cinco homens, mas eles haviam sumido! Perplexo, Rabi Chanina levou esta pedra ornamental como uma oferenda ao Templo Sagrado. Também contou aos juízes do Grande Sanhedrin sobre os extraordinários fatos. "Cremos", disseram-lhe os juízes do Sanhedrin", que aqueles não eram homens, mas anjos!" Como Rabi Chanina não desejava guardar os cinco Selaim que havia prometido pagar àqueles homens, deu-os aos Sábios para que o distribuíssem para Tzedaka.

Vemos por esta história que D'us valoriza um presente no qual a pessoa coloca intenção e esforço. Já que D'us tomou conhecimento do grande desejo de Rabi Chanina de dar-Lhe um presente, Ele realizou milagres para ajudá-lo a levar a pedra até Yerushalayim. Por outro lado, D'us não perdoa um pecador se este limita-se a comprar um Corban caro para o mizbêach, mas não se arrepende e refina seu comportamento. Quando um Israelita (Pedreiro) *traz uma oferenda, D'us observa-o para ver suas verdadeiras intenções*". https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/913760/jewish/Os-Corbanot.htm

"*No dia em que Moshê acabou de levantar o Tabernáculo, as primeiras ofertas para o Santuário foram oferecidas pelos doze príncipes das tribos; entretanto, durante sua construção, eles foram os últimos a trazer os seus donativos, deixando que o povo os fizesse primeiro, para depois completar o que faltasse. Naquela ocasião, as suas ofertas foram: as pedras de engaste para o Efod e para o peitoral etc., (Shemot 35:27-28), todavia mesmo assim, a Escritura Sagrada os condenou, escrevendo os seus títulos como Nessiim (príncipes) com uma letra a menos. Foi por isso que se apressaram em ser os primeiros a ofertar na inauguração do Mishcan (Rashi)*". Torá Sefer comentários pg. 404-405.

Mas, qual a associação entre a questão do nazireu e as primeiras e a segundas doações dos príncipes de Israel? A questão para ambos (o nazireu e os príncipes) é o equilíbrio e o que de fato está dentro do coração de cada um, seja ele um Nazireu ou um Principe. Quando um Israelita (Pedreiro) traz uma oferenda, D'us observa-o para ver suas verdadeiras intenções. **Qual a intensão daquela pessoa quando se priva de algo que a Torá diz que é permitido? Qual a intensão de uma pessoa que pratica uma doação? Ambas as ações são genuínas?**

6. (Nassô) – Números 07:11-83 – "*A Torá continua relatando as oferendas trazidas pelos príncipes de cada tribo. A Torá faz com que o mundo viva. A oferenda [do sexto príncipe] consistiu em um prato de prata que pesava 130 Shekels... Os príncipes trouxeram dois tipos de oferenda: objetos (recipientes de prata e ouro, farinha, azeite e incenso) e animais (bois, carneiros e cabritos). Os animais é que foram consumidos total ou parcialmente pelo fogo celestial que descia no Altar, mas não os objetos inanimados.*

Os objetos inanimados representam a era 'sem vida' que existia antes da Entrega da Torá, quando o mundo físico não podia ser permeado pela Divindade. O fato dos animais serem consumidos pelo fogo Divino celestial simboliza o presente, a nossa era atual, pós-Sinai, na qual os objetos e o mundo físico em geral podem ser santificados. Por meio do Mishcan (e do seu sucessor, o Templo Sagrado), e do santuário para D'us que todos nós construímos em nossa vida e em nossas esferas de influência, revela-se no mundo físico a vitalidade Divina".

Inicialmente, apresentar-se-á um estrato de algumas interpretações sobre o significado de cada elemento doado pelos príncipes. Ressalto, que o aqui apresentado é uma parte muito pequena do que significam essas doações. Assim, abaixo temos algumas interpretações do significado das doações.

{As ofertas dos doze príncipes das tribos obedeciam a ordem dos acampamentos e marchas dos seus respectivos estandartes, ditada por Moshê, o qual se inspirou nas recomendações do patriarca Jacob. (Ver figura na Parashat Bamidbar). Cada Nassi (príncipe ou chefe) ofereceu os mesmos sacrifícios que seus companheiros e cada coisa ofertada simbolizava algum fato.

As letras que formam as duas palavras *Caarat Késsef* (prato fundo de prata) (קְעָרַת־ כֶּסֶף) (100+70+200+400=770; 20+60+80=160 e 770+160=930), tem o valor de 930 e representa os anos de vida de Adão. '*Cento e trinta siclos de prata o seu peso'* mostram os anos de Adão quando teve o filho chamado Sete (Bereshit 05:03). Nas palavras Kaf Achat (כַּף אַחַת) (uma taça de) o Kaf pode ser traduzido como 'palma' (da mão) e é uma alusão à Torá que foi outorgada pela mão de D'us. Os '*dez siclos de ouro e seu peso'*, designam os Dez Mandamentos.

O valor numérico da palavra Ketóret (incenso) (קְטֹרֶת) soma 613, usando-se parcialmente a técnica de Atbash em uma das letras desta palavra. Na técnica de Atbash o 1º caractere do Alef-Beit (א), Alef, se correlaciona ao último (ת), Tav. Em seguida, o 2º caractere (ב) – Beit – com o penúltimo (ש) Shin e assim por diante; como pode ser visto na figura abaixo.

Ordem Natural						Ordem Inversa					
1	א	Alef	1			1	ת	(T)av (S)	400		
2	ב	(B)eit (V)	2			2	ש	(S)hin	300		
3	ג	(G)uímel	3			3	ר	(R)eish	200		
4	ד	(D)álet	4			4	ק	(K)uf	100		
5	ה	(H)ei	5			5	צ	(Ts)adi	90	ץ	(Ts)adi So 90 ou 900
6	ו	(V)av	6			6	פ	(P)ei	80	ף	(P)ei Sofit 80 ou 800
7	ז	(Z)áin	7			7	ע	Ayin	70		
8	ח	(C)het	8			8	ס	(S)amech	60		
9	ט	(T)et	9			9	נ	(N)um	50	ן	(N)um Sof 50 ou 700
10	י	(Y)ud	10			10	מ	(M)em	40	ם	(M)em So 40 ou 600
11	כ	(K)af	20	ך	(K)af Sofit 20 ou 500	11	ל	(L)amed	30		
12	ל	(L)amed	30			12	כ	(K)af	20	ך	(K)af Sofit 20 ou 500
13	מ	(M)em	40	ם	(M)em So 40 ou 600	13	י	(Y)ud	10		
14	נ	(N)um	50	ן	(N)um Sof 50 ou 700	14	ט	(T)et	9		
15	ס	(S)amech	60			15	ח	(C)het	8		
16	ע	Ayin	70			16	ז	(Z)áin	7		
17	פ	(P)ei	80	ף	(P)ei Sofit 80 ou 800	17	ו	(V)av	6		
18	צ	(Ts)adi	90	ץ	(Ts)adi So 90 ou 900	18	ה	(H)ei	5		
19	ק	(K)uf	100			19	ד	(D)álet	4		
20	ר	(R)eish	200			20	ג	(G)uímel	3		
21	ש	(S)hin	300			21	ב	(B)eit (V)	2		
22	ת	(T)av (S)	400			22	א	Alef	1		

Se usarmos a ordem natural de Ketóret (incenso) (קְטֹרֶת), o valor da Guematria é 709. Porém, se usarmos a técnica de Atbash somente no caractere Kuf (ק), este passa a ser Dalet (ד) e, consequentemente, seu valor anterior que é 100, passa a ser 4. Com este novo valor, refaz-se a soma onde encontramos 613, que é o número de Mandamentos contidos na Torá.

	קְטֹרֶת		
קְ	100	4	ד
טֹ	9	9	
רֶ	200	200	
ת	400	400	
	709	613	

'*Um novilho'* fazia recordar o Patriarca Abrahão, que ofereceu novilhos aos anjos (Bereshit 18:07). Ao oferecer '*um carneiro*' nos faz recordar o sacrifício de Isaac em Bereshit 22:13. Ao oferecer também '*um cordeiro*', nos recorda o Patriarca Jacob como apresentado em Bereshit 30:40. '*Um cabrito*' era para perdoar a venda de José pelos irmãos, que degolaram um cabrito e molharam a túnica de José com o sangue do cabrito (Bereshit 37:31). '*Para o sacrifício de pazes foram doados dois touros*', estes simbolizavam Moshê e Aharon que intervinham pela paz do povo, guiando-o no caminho de D'us. Os '*carneiros, os bodes e os cordeiros'* representam, respectivamente, as três estratificações do povo israelita os Qohenim, Leviim e Yisraelim (Sacerdotes, Levitas e Israelitas).

Por fim, o número cinco, escrito em cada um destes sacrifícios, representam os cinco livros da Torá, os cinco Mandamentos escritos em cada Tábua.} O texto entre chaves foi inspirado em Torá Sefer, comentários pp. 405-406 e Bamidbar – O Deserto da Fé, pp. 90-91.

Os materiais inanimados e animais doados ao Mishcan representam os diferentes elementos do mundo físico, sendo que cada um é representativo de passagens fundamentais da história dos filhos de Israel. Entretanto, sendo aqueles materiais consagrados ao Mishcan, eles deixaram de ser simples objetos inanimados e se transformaram, no conjunto, em meio para a revelação da espiritualidade. Por outro lado, os Corbanot eram consumidos pelo fogo celestial no Mishcan, simbolizando a transformação do físico em espiritual. O consumir representa a aceitação Divina e a elevação da matéria ao plano espiritual.

Assim, tanto os materiais quanto os animais quando elevados ao Criador, refletem em nossa era atual, posto que desde então, eles podem ser santificados. O Mishcan foi um exemplo concreto deste pensamento, mostrando que o mundo material, vegetal e animal é um veículo para a espiritualidade e não um obstáculo. Consequentemente, a construção do Mishcan teve o propósito de tornar o mundo físico uma morada para D'us. Os elementos doados pelos príncipes e pelo conjunto do povo Israelita, mostrou-nos que, após a Entrega da Torá, o mundo no qual vivemos pode ser elevado e santificado.

O objetivo do Pedreiro é construir uma Templo interno, onde por meios de orações, Tzedaka e o estudo dos Livros Sagrados, poderemos nos transformar em pessoas melhores maiores, auxiliando desta forma a também transformar as pessoas que estão próximas a nós. Consequentemente, elevamos ao Criador os "*objetos*" (o material, vegetal e animal) que nos rodeiam, contribuindo para que o nosso derredor, seja transformado em uma morada para o Eterno. Essa transformação tem, cada vez mais de permear a sociedade na qual vivemos e não pode ficar restrita ao interior de nossos Templos.

7. (Nassô) – Números 07:84-89 – "*Após concluir o relato das oferendas dos príncipes, a Torá descreve como D'us falou a Moshê dentro do Mishcan. Moshê podia ouvir a voz de D'us com a mesma força com que a escutou no Monte Sinai, mas o som milagrosamente cessava à entrada da Tenda do Encontro, de tal forma que ninguém podia ouvi-lo do lado de fora. Escutar a voz. Ao entrar na Tenda do Encontro para que D'us falasse com ele, Moshê escutava Sua voz.*

Por mais que o desejemos, não nos é permitido escutar a voz de D'us todo o tempo e em todas as partes. Se isto acontecesse, estaríamos perdendo o nosso livre-arbítrio. Um mundo no qual se escuta constantemente a voz d'Ele é um mundo que não desafia a sua população. A vontade de D'us foi criar um mundo de silêncio Divino no qual, por meio de nossos esforços, possamos descobrir Sua voz oculta.

É nossa tarefa pegar esta voz que escutamos durante aquele curto período no Monte Sinai e dentro daquele pequeno espaço no Mishcan – pois cada um de nós já escutou a voz de D'us em algum momento e lugar, ainda que fugazmente – e transmiti-la ao restante do empo e espaço".

"*Moshê ouve a voz de Hashem vinda da Arca. Ao final da Parashá, lemos que Moshê entrou no Mishcan, e escutou a voz de Hashem. Hashem enviou um pilar incandescente do céu. Este pilar permaneceu entre os dois anjos sobre a Arca. A voz de Hashem vinha desse pilar. Embora a voz fosse alta e poderosa, ninguém exceto Moshê pode ouvi-la.* ***Por que a Torá menciona esse privilégio especial de Moshê aqui?*** *Moshê era a única pessoa que nada doou ao Mishcan; Hashem não lhe pediu que contribuísse. Mas quando viu os líderes oferecendo seus presentes, sentiu-se entristecido. Ele também desejava dar um presente para o Mishcan. Entretanto, a Torá nos diz que Moshê foi na verdade mais notável que os líderes das tribos. Apenas ele pode entrar no Mishcan e escutar a voz de Hashem*". https://pt.chabad.org/media/pdf/1051/umpX10513965.pdf

Moshê era extremamente humildade em sua conexão direta com Hashem. Ele recebeu a Torá no Monte Sinai e manteve-se em condições espirituais elevadas para sustentar a conexão direta com o Eterno (Presença Divina). Essa proximidade não dependia, portanto, de contribuições materiais. A voz de Hashem sendo ouvida apenas por Moshê simboliza sua posição como o intermediário entre Hashem e o povo dos filhos de Israel. Esta é a resposta ao seu desejo de contribuir para o Mishcan. O Eterno D'us lhe concedeu um presente ainda maior que é a capacidade de ouvir Sua voz diretamente.

Tal qual Moshê, os Pedreiros podem "*senti*r" a voz de HaShem em seu interior, mesmo que seja por instantes ínfimos, durante a construção de nosso Templo Interno.

Olhando para o interior de um Pedreiro, percebe-se que cada utensílio do Mishcan pode ser visto como uma virtude da alma. Cada oferta representa um aspecto do caráter que é refinado. A Arca simboliza o coração onde a Torá é depositada. Os querubins representam o equilíbrio entre amor e reverência, entre misericórdia e justiça, entre dar e receber.

Somente quando toda essa estrutura interior está harmonizada é que surge a voz. Essa voz é a percepção clara da vontade Divina e, penso que ela não é um fenômeno auditivo. **O Pedreiro deixa de si perguntar continuamente sobre o que devo fazer?** E passa a perceber interiormente o caminho da retidão que é trilhado dia após dia.

Ao longo dos livros escritos até este ponto, temos estudado o tema Pedreiro interior, a construção do Templo da alma e da elevação de Malkhuth a Binah. À luz desses estudos, esse último versículo de Bamidbar adquire um significado especial. A Torá não diz que Moshê foi ao Mishcan para falar. Ela diz que "*Quando Moshê entrava... ele ouvia*". O verbo principal é ouvir no sentido de compreender e interiorizar pertencem (*shemi'ah*) e está ligado a Binah. Ver pertence a Hokhmah. Assim, o Ser Humano primeiro constrói o Mishcan interior, purifica seus desejos, ordena suas emoções, harmoniza suas faculdades e, somente então, torna-se capaz de ouvir a Voz que sempre esteve presente. A Voz não começa a existir naquele instante. Quem muda é o ouvinte.

Mas, é importante ressaltar que após vários versículos descrevendo ouro, prata, animais, incenso e utensílios, a Torá revela que tudo isso era apenas preparação. O verdadeiro objetivo nunca foi construir um edifício. O verdadeiro objetivo era formar um Ser Humano capaz de ouvir a Voz do Eterno. Moshê nos mostra que a construção exterior alcança sua plenitude quando desperta a escuta interior. Essa é a meta última do Mishcan, do Templo interno e, em última análise, do próprio Ser Humano.

Entretanto, no texto acima descrito há referência a um pilar de fogo. O versículo da Torá (Números 07:89) diz apenas "*Quando Moshê entrava na Tenda da Reunião... ouvia a Voz falando-lhe de sobre o tampo, entre os dois querubins que estavam sobre a Arca do Testemunho*". O texto da Torá, portanto, não menciona um pilar de fogo.

A descrição de um pilar de fogo ou incandescente descendo do céu e permanecendo entre os Querubins pertence à tradição Midráshica e aos comentários Rabínicos. Alguns comentaristas explicam que a revelação da Shechina se manifestava como um fogo ou coluna luminosa sobre o propiciatório, de onde procedia a Voz Divina.

Mas, por que os Sábios descrevem a existência de um pilar de fogo? O fogo representa a Luz Divina (Or) descendo dos mundos superiores e o pilar representa o eixo que une o Céu e a Terra, ou seja, as Sefirot superiores a Malkhuth. Portanto é o infinito (Ein Sof) ligado ao mundo finito (Malkhuth).

Por que o pilar permanecia entre os Querubins? O pilar não repousa sobre a Arca por acaso, posto que a Arca contém a Torá, os Querubins representam a união, o fogo representa a Presença Divina (Shekinah) e a Voz emerge exatamente desse ponto de encontro. Portanto, é um processo de revelação que desce até o coração da Torá.

Por que somente Moshê ouvia? O fogo representa a manifestação da Shechina, mas a Voz exigia um recipiente espiritual adequado (vaso) para recebê-la. Os cabalistas distinguem entre a revelação da Luz e a recepção da Luz. A Luz podia estar presente para todos. Mas, a compreensão da mensagem era exclusiva de Moshê. É semelhante ao que ocorre no 1 Reis 19:11–13, quando Elias encontra D'us não no vento, nem no terremoto, nem no fogo, mas na "*voz mansa e delicada*". Portanto, a revelação depende do estado interior do receptor.

É importante lembrar que o Mishcan possuía outros dois pilares que é a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite. A coluna sobre o Mishcan indicava a presença de D'us junto ao povo. Já a manifestação entre os Querubins indicava a comunicação direta de D'us com Moshê.

Assim, há dois níveis de manifestação e recepção, pois temos a Shechina habitando o Mishcan que é percebida por todo Israel e a Palavra Divina emanando de entre os Querubins e que é recebida por Moshê. A Presença Divina pode ser compartilhada por toda a comunidade, mas a recepção da revelação depende do grau de refinamento da alma de cada pessoa (Pedreiro). Neste caso, a alma de Moshê estava adequadamente refinada para ser capaz de receber Luz Divina.

Esse pilar acima citado é a manifestação do Infinito no finito. Portanto aqui surge uma questão importante. **Como a Presença Infinita de Hashem poderia habitar no espaço limitado do Mishcan?** O Midrash Shemot Rabbah 34:01 (1983) [comenta o mandamento da construção da Arca e descreve um diálogo no qual Moshê, diante da imensidão da Glória Divina, procura compreender como o Infinito poderia manifestar-Se em uma estrutura construída por mãos humanas. A resposta de Hashem revela um dos princípios fundamentais da Cabala "*Eu descerei e contrairei Minha Shechina dentro de um espaço de um côvado por um côvado* (וארד ואצמצם שכינתי). O verbo utilizado, atzamtzem (אצמצם), deriva da raiz (צמצם) (tzimtzem), a mesma raiz que depois de algum tempo seria empregada pelo Ari para desenvolver a doutrina cabalística do Tzimtzum.

Neste Midrash, o conceito de contração não descreve um afastamento de D'us, mas um ato de aproximação. O Infinito adapta a intensidade de Sua revelação para que o Ser Humano possa recebê-la. A Shechina não ocupa fisicamente o espaço da Arca. Ela escolhe manifestar Sua Presença naquele lugar. O Santo dos Santos torna-se, assim, o ponto onde o Ilimitado encontra o limitado, onde o Criador estabelece um canal permanente de comunicação com Sua criação].

"*O Ari amplia esse princípio. Em sua exposição do Tzimtzum, antes mesmo da criação dos mundos, o Or Ein Sof manifesta uma contração para possibilitar a existência da realidade criada. Após essa contração surge o Kav, o raio de luz que penetra progressivamente todos os mundos e transmite a vitalidade Divina à criação. O Midrash descreve a concentração da Shechina no Mishcan; o Ari aplica o mesmo princípio ao surgimento do universo inteiro. Gershom Scholem (1995) observou que o Ari transformou um antigo ensinamento Midráshica sobre a presença da Shechina em uma explicação abrangente da relação entre o Infinito e a criação*". Vital 1990

Essa perspectiva esclarece por que a Voz Divina era ouvida precisamente entre os Querubins sobre a Arca. O Santo dos Santos representa o ponto de encontro entre o Céu e a Terra. A Arca contém as Tábuas da Aliança que é a expressão da Torá revelada. Os Querubins simbolizam a união entre o Eterno e Israel. A Shechina manifesta-Se exatamente nesse espaço, porque ali convergem a Palavra Divina, a Aliança e a presença do povo da Aliança. A voz emerge do ponto em que o Infinito aceita revelar-Se dentro dos limites do mundo criado.

A Torá afirma que somente Moshê ouvia a Voz que procedia dentre os Querubins. A singularidade dessa audição não decorre da intensidade do som ou volume que a Voz teria. Mas, decorre da condição espiritual daquele que a recebia, no caso Moshê. A revelação depende simultaneamente da iniciativa Divina e da preparação do receptor. O Midrash apresenta a descida da Shechina. Por outro lado, a Cabala mostra que o Ser Humano precisa construir um recipiente (vaso) capaz de acolher essa revelação.

Esse princípio revela a junção com outro ensinamento central da Cabala. Frequentemente se estuda o movimento de elevação de Malkhuth até Binah, no qual o Ser Humano refina seus desejos e eleva sua consciência em direção ao entendimento superior. O Mishcan revela o movimento complementar e de sentido contrário. Binah, representando o entendimento Divino superior, desce em direção a Malkhuth. O movimento da revelação Divina, portanto, acompanha o movimento da ascensão do Ser Humano. O encontro entre ambos produz a manifestação da Shechina.

Sob essa perspectiva, o Mishcan torna-se o modelo permanente da vida espiritual. O Ser Humano (Pedreiro) edifica seu santuário interior por meio da Torá, do refinamento moral e da santificação de seus pensamentos, palavras e ações. Quando esse recipiente está preparado, a Shechina contrai Sua revelação para habitar nesse espaço interior. O verdadeiro milagre consiste em que o Infinito deseja habitar no coração do Ser Humano. E não é, portanto o que aparenta à primeira vista, ser um edifício limitado contendo em seu interior a Presença Divina que é Infinita. O trabalho do Ser Humano (Pedreiro) é construir a Arca. O trabalho de D'us é fazer repousar sobre ela Sua Presença. Nesse encontro entre a ascensão da alma e a descida da Shechina, é construído o verdadeiro Mishcan, quando torna o Ser Humano uma morada para a manifestação da Glória Divina.

Portanto, o pilar de fogo representa, simbolicamente, o eixo que une o Céu e a Terra e, consequentemente, a Terra ao céu, simultaneamente.

É proibida a comercialização deste Livro - 24

04 - Parashat Behaalotechá - Ao ascender

Sinopse

Do ponto de vista espiritual, significa que, quando 'acendemos a chama' (ligamos a chama) da nossa própria alma ou da alma de outra pessoa, não devemos nos conformar em dar apenas alguma breve inspiração e aí seguirmos adiante. Precisamos permanecer próximos para nutrir essa chama até que gere uma luz uniforme e com brilho próprio. O acender a Menorá até que as chamas se elevassem por si mesmas, nos mostra que Moshê, Aharon, seus filhos e os levitas tinham de se dedicar ao ensino e a orientação espiritual dos Israelitas, até que as almas das pessoas brilhassem por si só. *D'us também nos concede a capacidade de nos refazer e começar novos caminhos na vida, apesar de não nos sentirmos qualificados, preparados ou merecedores de realizá-lo.* Mesmo aqueles Pedreiros que estão mais distantes desta '*tarefa*', podem, a qualquer momento, se inspirar nos exemplos destes levitas e retomar o caminho. *Inclusive se alguém não se encontra espiritualmente puro, ou se distanciou demais do âmbito da santidade, D'us volta a lhe dar uma nova oportunidade de reescrever o passado e corrigir todos os erros. D'us por isto quis que cada um, mesmo aquele que deliberadamente não ofertou o sacrifício de Pessach da primeira vez, ganhasse a oportunidade de fazê-lo - pois se não há nascimento, não há existência. A identidade da Torá estaria ausente. O povo israelita nunca sabia antecipadamente quanto tempo permaneceria em um determinado acampamento: podia ser um dia ou anos. Apesar disso, em cada acampamento erguiam o Mishcan na sua totalidade, conforme as instruções de D'us em mantê-lo em funcionamento todo o tempo. Nessa nossa jornada chamada 'vida', precisamos nos lembrar desse conceito: 'A história ainda não terminou'. Não podemos parar aqui; existe um lindo quadro que está sendo desenhado e moldado por Ele. A Arca do Pacto de D'us viajava diante deles.* Os elementos apresentados acima, como as nuvens, a Arca da Aliança que os guiava, a ordem de deslocamento etc., mostra-nos que a caminhada da vida não é solitária. *Durante o primeiro dia de viagem pelo deserto, o povo israelita, por obra de milagre, percorreu num dia um trajeto que requeria três dias de viagem, pois D'us estava ansioso para conduzi-los à Terra de Israel. Porém, após ter dado início a esta travessia, alguns dos não israelitas que tinham acompanhado o povo dos filhos de Israel no Êxodo do Egito e se convertido ao judaísmo começaram a questionar-se sobre o fato de ter que submeter-se às leis de D'us.* Assim a chave para essa Parashat encontra-se na expressão '**de graça'**. Aproximar-se do Criador requer que nos tornemos pessoas melhores e maiores. Como escravos, a natureza humana era completamente livre e não lhes impunha qualquer limite ou ônus. Mas, para progredir existe custo. Não existe almoço grátis. O primeiro ponto a ser considerado é reconhecer a magnitude do que já foi concedido, ver a real extensão do volume já recebido. Moshê era humilde pois tinha consciência deste fato. *Mesmo assim, ele também pensava que, se D'us houvesse dado essas grandes virtudes a outra pessoa, essa teria sido capaz de alcançar um nível ainda mais elevado do que o seu.*

1. (Behaalotechá) – Números 08:01-14 – "*Os príncipes das tribos não incluíram Aharon quando levaram suas oferendas para a inauguração do Altar. D'us reconfortou Aharon lhe sinalizando que tinha sido ele quem inaugurara a Menorá, ato tão ou mais importante que a inauguração do Altar. Acender a chama da alma. D'us instruiu Moshê para que dissesse a Aharon: 'Quando você acender as lâmpadas...'. D'us orientou a Moshê para que dissesse a Aharon que, cada vez que acendesse as lamparinas da Menorá, devia manter o fogo sobre o pavio até que o fogo pegasse nele e ele ficasse aceso por si.*

Do ponto de vista espiritual, isto significa que, quando 'acendemos a chama' (ligamos a chama) da nossa própria alma ou da alma de outra pessoa, não devemos nos conformar em dar apenas alguma breve inspiração e aí seguirmos adiante. Precisamos permanecer próximos para nutrir essa chama até que gere uma luz uniforme e com brilho próprio".

"*Quando você acender:* ***Porque a porção que trata da Menorá está justaposta à porção que trata das oferendas dos príncipes das tribos (Nassô)?*** *Porque quando Aharon viu a inauguração do Altar com as oferendas dos príncipes (líderes), sentiu-se angustiado por não ter participado com eles na*

inauguração, nem mesmo a sua tribo. Disse-lhe D'us: 'Eu lhe garanto que seu serviço é maior do que o serviço deles, porque cabe a você acender e preparar as lâmpadas do Candelabro.

Quando você acender, ou quando você fizer subir as chamas, está associado à chama que se eleva. A Torá descreve o ascender utilizando termos de subida, pois é necessário acender a lâmpada até que a chama se eleve (ascenda) por si mesma. Nossos mestres ensinam a partir daqui que havia um degrau na frente do Candelabro e nele ficava o sacerdote para preparar o Candelabro". Rashi in Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pg. 6.

"*Esse serviço de acender a Menorá repete-se sucessivamente ao longo dos dias, pois as 7 lâmpadas do Candelabro representam os dias da semana e Aharon devia acendê-las todas, pois não há um dia que não necessite de luz, para reinar a vitória moral continuamente sobre o obscurantismo*". Torá Sefer, comentários, pg. 411. Além disto, o 'acender as chamas' leva um determinado tempo. Pois, tem-se de manter o processo de '*acender*' até que a chama se eleve por si própria. Isto alude ao fato de que, aos Levitas e especialmente aos sacerdotes, é necessário instruir as pessoas por um determinado tempo, até que a chama daquela pessoa brilhe por si só e seja capaz de acender outras chamas. A chama base acende muitas outras chamas sem nunca apagar o seu próprio brilho.

O Eterno D'us não precisa da luz da Menorá, por isso as 3 lâmpadas de cada lado eram direcionadas para a lâmpada central. Isto foi feito pelo Eterno para outorgar ao povo israelita méritos, como o que foi escrito: '*Foi do agrado do Eterno, por amor a Sua justiça, engrandecer a Torá e torná-la gloriosa*' Isaías 42:21 in Torá Sefer, comentários, pg. 412.

Após, o Eterno volta a citar as instruções para a construção da Menorá de um único volume de ouro. Como Moshê não estava entendendo como deveria ser feito, Ele mostrou-a a Moshê. Com essa informação repassada por Moshê a Betsalel, ele a produziu. "*Porém, há outros relatos que dizem que a Menorá foi feita por si só de forma milagrosa através de D'us*". Tanchuma Behaalotechá 3 in Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pg. 7.

"*Em seguida, após receber instruções do Eterno, Moshê convoca os levitas para serem purificados. Neste ritual entre várias etapas temos que Aharon agitará os levitas como uma oferenda agitada. Assim, como a oferenda do tipo Asham / culpa de uma Metsorá, o animal ofertado requer um agito antes do abate, assim também três agitos foram ditos nesta porção. O Primeiro (Ver.11) refere-se aos filhos de Kehat. O segundo (Ver.13) refere-se aos filhos de Gershon e o terceiro agito era relativo aos filhos de Merari (Ver.14)*". Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pg. 9.

O acender a Menorá até que as chamas se elevassem por si mesmas, nos mostra que Moshê, Aharon, seus filhos e os levitas tinham de se dedicar ao ensino e a orientação espiritual dos Israelitas, até que as almas das pessoas brilhassem por si só. Isto nos remete diretamente a Menorá cujas lâmpadas laterais estão direcionadas a lâmpada central, representando a convergência de propósitos que todo o povo deveria perseguir. Neste aspecto de convergência, também podemos incluir a purificação das três tribos de levitas. No conjunto, todo este ritual tem o mesmo objetivo, ou seja, iluminar, elevar e purificar, os próprios israelitas, mas também a todas as pessoas do mundo. Iluminar em especial o mundo profano, eis o objetivo central (Tornar feliz a humanidade).

2. (Behaalotechá) – Números 08:15-26 – "*A Torá relata agora o modo em que os levitas foram empossados nas suas funções. Primeiro, deviam livrar-se de toda a impureza ritual, e em seguida, oferecer todos juntos certos sacrifícios previamente estabelecidos. Além disso, D'us informou a Moshê que os levitas tinham de começar a treinar para o seu serviço desde os vinte e cinco anos de idade, e servir de forma efetiva dos trinta aos cinquenta anos. Começar de novo. D'us disse a Moshê: 'A partir dos vinte e cinco anos de idade em diante [os levitas] entrarão no serviço'.*

Aos levitas foi confiada a responsabilidade de transportar o Mishcan e seus componentes pelo deserto. D'us conduziu os israelitas através do deserto com o Mishcan onde manifestava abertamente a Sua presença - para subjugar assim as forças do mal, personificadas pelo deserto, uma terra desabitada, inculta, desolada e perigosa.

Do mesmo modo, o nosso próprio entorno pode parecer às vezes uma espécie de 'deserto' espiritual, carente de Divindade. Às vezes, podemos chegar inclusive a pensar que nós nos transformamos num 'deserto', ou seja, que adquirimos hábitos contrários à nossa tarefa de difundir a consciência Divina. ***Como podemos esperar que vamos mudar a nós mesmos (sem falar do mundo ao nosso redor) tendo tais comportamentos arraigados no nosso interior?***

Aqui contamos com a lição dos levitas. Eles nem iniciavam o treinamento para a sua ocupação até chegar aos vinte e cinco anos de idade, e mesmo assim já estavam autorizados a começar seu serviço sagrado a partir dessa idade. D'us também nos concede a capacidade de nos refazer e começar novos caminhos na vida, apesar de não nos sentirmos qualificados, preparados ou merecedores de realizá-lo. Tudo o que temos de fazer é empregar a Sua assistência".

Em Num. 08:15-26 a Torá apresenta o rito pelo qual os levitas foram empossados nas suas funções. Mas, deviam iniciar seu treinamento a partir de 25 anos de idade. Entretanto, somente entre 30 e 50 anos deviam, efetivamente, realizar os trabalhos a eles destinados no Mishcan.

Aos 25 anos de idade, um homem geralmente se encontra em um período em que muitos estão tentando definir qual é e/ou será seu papel na sociedade onde vivem. Por outro lado, já adquiriram uma certa independência financeira em relação aos pais, mas ainda tem dentro de si um espírito jovem que os leva a enfrentar novos desafios com maior naturalidade. Por outro lado, já sentem claramente a responsabilidade da vida adulta. As relações afetivas já se apresentam de forma significativa e muitos já se encontram casados. Portanto, cada levita com 25 anos tinha uma perspectiva de vida, uma visão de mundo, uma visão de como seria a sua vida de servidor exclusivo do Mishcan. Ao mesmo tempo, devia passar por suas mentes inúmeras dúvidas. E consequentemente, o seu conhecimento geral e espiritual diferia em muito de um para o outro. **A pergunta que surge é: Estes levitas já teriam uma alma suficientemente desenvolvida capaz de levá-los, conscientemente, a serem servidores do Mishcan?**

"*Maimônides pode nos levar na direção de que para se ter uma vida Divina, teríamos que amadurecer espiritualmente a ponto de nosso 'espírito nos motivar e nossa percepção nos iluminar' para nos dedicarmos a esse objetivo elevado. No entanto, vemos pela cerimônia de posse dos levitas que isso não é verdade (pois todos tomaram posse, não apenas os que tinham 'maturidade espiritual' adequada). O Talmud nos diz que um agente não pode ser autorizado a realizar mais do que o seu despachante pode fazer sozinho. Assim, se os levitas são nossos agentes, isso significa que temos o poder espiritual para fazer tudo o que eles fazem. Todos podem ser um 'levita espiritual', mesmo aqueles que sentem que ainda não progrediram a este ponto, separando-se da vida mundana para estar diante de D'us e servi-lo e cumprindo a missão Divina de transformar o mundo no verdadeiro lar de D'us*". Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pg. 56.

Ou seja, olhando para os possíveis diferentes levitas, que mesmo assim foram empossados para primeiro estudar e treinar, sendo após efetivados no serviço do Templo, cada um de nós, mesmo aqueles Pedreiros que estão mais distantes desta '*tarefa*', podem, a qualquer momento, se inspirar nos exemplos destes levitas e retomar o caminho. Isto pode ocorrer, por exemplo, olhando-se para o Shabat, ou para o Shemitá (Ano Sabático - libertar), e/ou para o Ano do Jubileu (Yovêl); propiciando ao Pedreiro o enxergar, no sentido de libertar-se de seu faraó e caminhar em direção a purificação e a renovação espiritual.

3. (Behaalotechá) – Números 09:1-14 – "*Em 14 de Nissan de 2449 Mishcan duas semanas após a inauguração do Mishcan, D'us ordenou ao povo israelita observar a festividade de Pessach (como D'us havia previamente dito que não tinham de observar as festividades até entrar na Terra de Israel, este caso excepcional requeria uma ordem explícita). Algumas pessoas se encontravam num estado de impureza ritual, e por isso não podiam participar da festividade. Eles se queixaram por serem excluídos; em resposta, D'us informou ao povo que todo aquele que não pudesse realizar os rituais de Pessach na data da festividade estaria autorizado a realizá-los um mês depois, em 14 de iyar.*

Nunca é demasiado tarde. *D'us disse a Moshê: 'Se alguém não pode oferecer o sacrifício de Pessach no dia 14 de Nissan deve oferecê-lo na tarde do dia 14 de [Iyar], o segundo mês'. A existência de um segundo Pessach ensina que nunca é demasiado tarde para encaminhar bem as coisas. Inclusive se alguém não se encontra espiritualmente puro, ou se distanciou demais do âmbito da santidade, D'us volta a lhe dar uma nova oportunidade de reescrever o passado e corrigir todos os erros*".

"*D'us ordenou que o povo de Israel celebrasse no deserto o primeiro ato de sua liberdade, a festa de Pessach, conforme o ritual indicado no livro de Shemot cap. 12. Esta foi a primeira e última festa de Pessach celebrada durante sua permanência no deserto, porque os filhos dos que saíram do Egito não foram circuncidados até depois de 40 anos quando então o foram por intermédio de Josué, ao entrarem na terra de Canaã, onde celebraram a segunda festa de Pessach, segundo o ritual (Josué 05:02-12). Desce então, a festa de Pessach foi para o israelita o aniversário da libertação do jugo da escravidão, a qual devia guiá-lo a libertação do espírito e da fé, para uma vida nobre e sagrada*". Torá Sefer, comentários pg. 413.

"*A palavra (רְחֹקָה) - 'rechoká'- que significa distante ou 'longínqua, apresenta um ponto acima do Hei. Esta pontuação vem nos ensinar que a pessoa realmente não tem de estar longe, mas mesmo se ele estiver fora do limite do pátio do Templo durante todo o tempo do abate do sacrifício de Pessach, ele é elegível para o procedimento da segunda Páscoa. Na segunda Páscoa pode-se manter tanto pão ázimo como alimentos levedados em casa e não é feriado. O consumo de alimentos levedados não está proibido, exceto ao comer o sacrifício*". Passachim 93 a 95ª, Sifri Behaalotechá 01:24 in Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pg. 15.

"*A Torá nos apresenta o Pessach Sheni como uma nova oportunidade que é dada àquele que não ofereceu o sacrifício de Pessach no tempo certo (14 de Nissan). Assim, deve fazê-lo um mês após em 14 de Iyar, data denominada de Pessach Sheni. Hoje o costume é comer um pedaço de Matzá. Ou seja, 'nunca é tarde demais'. Sempre se pode corrigir e fazer as pazes. Mesmo que alguém que estivesse impuro ou viajando e até mesmo para àquela pessoa que tenha chegado a tal estado voluntariamente, a pessoa pode se corrigir.*

O fato do primeiro Pessach ocorrer no mês de Nissan e o segundo no mês de Iyar é significativo. Nissan é o período clássico de revelação iniciada do Alto. D'us redimiu os israelitas como eles eram: escravos nas profundezas do Egito. No entanto, embora estivessem contaminados e a revelação não tivesse sido internalizada, suas deficiências internas não impediram sua redenção.

Em contraste, o mês de Iyar, com a Contagem do Ômer que se realiza ao longo desse mês, caracteriza um estágio posterior de desenvolvimento. Agora, trabalhamos para nos refinar e cultivar. Daí a ênfase em corrigir aquelas situações que parecem irreparáveis".
https://www.chabad.org/therebbe/article_cdo/aid/3316303/jewish/14-Iyar-Pesach-Sheni.htm#footnoteRef3a3316303

"*Pessach é a única festividade que concede uma segunda chance, e isto porque Pessach marca o nascimento da nação dos israelitas. O êxodo do Egito foi o início de um processo que culminou com a Outorga da Torá - a transformação dos israelitas numa nação da Torá. Já que a oferenda de Pessach está ligada com o êxodo, sua omissão significaria que o êxodo não foi completo. D'us por isto quis que cada um, mesmo aquele que deliberadamente não ofertou o sacrifício de Pessach da*

primeira vez, ganhasse a oportunidade de fazê-lo - pois se não há nascimento, não há existência. A identidade da Torá estaria ausente". https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/603068/jewish/Pssach-Sheni.htm

4. (Behaalotechá) – Números 09:15-10:10 "*A Torá descreve, depois, o modo como D'us sinalizava ao povo israelita que era momento de seguir viagem. Quando a nuvem que estava sempre pousada sobre o Mishcan se expandia sobre todo o acampamento, o povo começava a se organizar para a viagem. Uma vez que estavam preparados, a nuvem os conduzia através do deserto. A permanência das situações temporárias. À ordem de D'us, acampavam, e à ordem de D'us, viajavam.*

O povo israelita nunca sabia antecipadamente quanto tempo permaneceria em um determinado acampamento: podia ser um dia ou anos. Apesar disso, em cada acampamento erguiam o Mishcan na sua totalidade, conforme as instruções de D'us em mantê-lo em funcionamento todo o tempo.

Isto nos ensina duas lições importantes. A primeira, que devemos reconhecer que é D'us quem nos guia por todas as nossas viagens na vida, sejam estas geográficas, emocionais, mentais ou espirituais. Evidentemente, nós devemos formular os nossos próprios planos segundo nossos objetivos de vida, mas, ao mesmo tempo, precisamos estar conscientes do fato de que D'us sabe quando é melhor ficarmos em uma estação da vida ou nos movermos à seguinte, e Ele dispõe as coisas em função disso.

A segunda, não devemos 'colocar nossa vida em espera' quando nos encontramos numa situação temporária. Como D'us está além e acima do tempo e do espaço, quando nos conectamos com Ele, mesmo que seja por um momento, esse momento permanece para sempre. A nossa viagem pessoal, mesmo que tenha duração de um dia ou uma década, pode ser convertida por nós em um santuário imbuído da eterna e permanente presença de D'us".

"*Em Bamidbar 09:15 e 16 está escrito que uma nuvem cercava e cobria o Mishcan durante o dia, e à noite havia uma aparência de fogo sobre ele. Podemos aprender uma grande lição deste fato. Temos em nossas vidas muitas dúvidas, dificuldades e incertezas, e há momentos em que fica tudo 'nublado'... Não sabemos exatamente como proceder, o que falar, a quem se dirigir, como se conduzir e o que ocorrerá. Porém, não podemos esquecer que, mais tarde, aparecerá o 'fogo' para iluminar o caminho em nossas vidas. Devemos esperar o 'anoitecer' passar e ter confiança e fé em D'us de que tudo se resolverá para o bem.*

O Criador já possui a solução; Ele apenas espera que tenhamos confiança Nele. Desta forma, nossas ações serão abençoadas e seremos auxiliados. Assim como D'us introduz os problemas (as 'nuvens'), Ele próprio os retira, trazendo a melhor solução (o 'fogo'), como consta em Devarim 32:39. Ele espera apenas o nosso primeiro passo, através da nossa confiança, para, então, nos ajudar". Bamidbar – O deserto da Fé. Pg. 109.

Todos enfrentamos momentos de incerteza e desafios. Isto é, quando tudo parece '*nublado*' e não conseguimos enxergar uma saída. Mas, há um tempo certo para tudo. A solução virá no momento adequado. Ter fé e paciência nos ajuda a superar obstáculos com serenidade. Mas, não devemos ficar deitados aguardando os acontecimentos, temos de tomar a iniciativa e dar o primeiro passo. Relembre o que ocorreu quando os israelitas estavam para atravessar o Mar de Juncos (Mar Vermelho). Foi necessário que Nachshon ben Aminadav tivesse fé no Eterno, adentra-se o mar para que o Eterno apresentasse a solução. (Shemot 14:22) e comentários na Torá Sefer pg. 196.

Quando a história estiver concluída, neste momento, tudo será compreendido: "*Há uma história de um judeu na Rússia, dono de dois cavalos. Um certo dia, os dois animais fugiram. Várias pessoas foram consolar o homem pela perda monetária. Ele lhes dizia para não se preocuparem, pois,* ***'a história ainda não terminou****'.*

No dia seguinte, os cavalos voltaram para o dono, trazendo com eles um terceiro cavalo selvagem. A vizinhança veio novamente, mas desta vez para felicitá-lo pelos seus lucros. Novamente ele lhes disse: 'A história ainda não terminou'.

No dia seguinte, o filho deste homem montou no cavalo selvagem. O cavalo atirou-o longe, e o garoto quebrou suas duas pernas. As pessoas vieram consolar o pai do menino, e ele respondeu: 'A história ainda não terminou'.

No dia seguinte, alguns homens do governo russo vieram em busca de jovens garotos para recrutá-los para o exército. Quando eles viram o filho deste homem com as duas pernas quebradas, disseram que não queriam o menino e assim ele foi salvo. O homem, então, concluiu: 'Agora sim a história terminou'.

Mas, na realidade, a história ainda não havia terminado. Todos os acontecimentos da vida de uma pessoa têm, de alguma forma, um elo com algo. No final, D'us explicará a história completa com todos os detalhes, e nós enxergaremos o quanto Ele foi bondoso e generoso conosco.

*Nessa nossa jornada chamada 'vida', precisamos nos lembrar desse conceito: '**A história ainda não terminou**'. Não podemos parar aqui; existe um lindo quadro que está sendo desenhado e moldado por Ele*". Bamidbar – O deserto da Fé. Pg. 111.

5. (Behaalotechá) – Números 10:11-34 "*No dia 20 de iyar de 2449, D'us deu um sinal e o povo empreendeu a partida do Monte Sinai. Além da arca de ouro, que continha o segundo par de tábuas e era transportada com o restante do Mishcan, **Moshê construiu uma segunda arca para conter o primeiro par de tábuas quebradas**. Essa arca seguia na frente de todo o povo, logo após a nuvem de D'us, que ia na frente de tudo e orientava o caminho. Seguir a Arca da Torá. A Arca do Pacto de D'us viajava diante deles.*

Ao longo de todas as suas viagens pelo deserto, sempre precederam ao povo israelita a Arca e a Nuvem de D'us, que iam na frente e livravam o caminho de obstáculos e animais potencialmente prejudiciais. Isto foi assim durante toda a longa história do povo israelita: em nossas viagens, sempre que seguimos atrás da 'arca', quer dizer, que seguimos a luz da Torá - encontramos descanso físico e espiritual. A Torá nos protege dos perigos emocionais e físicos do mundo, e nos possibilita encontrar o verdadeiro sentido em nossa existência".

"*Os israelitas permaneceram em Chorev (Monte Sinai por quase 12 meses, pois no primeiro dia de Sivan eles acamparam e somente no vigésimo dia de Iyar do ano seguinte é que viajaram. Ou seja, faltavam 10 dias para completar um ano no calendário judaico. Havia uma ordem no deslocamento, quem partia primeiro com seus estandartes e quem devia ser o último a se deslocar. O Tabernáculo era desmontado quando o estandarte de Yehuda viajava. Ressalta-se que a Arca com as tábuas quebradas ia à frente de tudo, logo após a nuvem, guiando-os no deslocamento.*

Os filhos de Gershon e os filhos de Merari, que estavam adiantados em relação aos filhos de Kehat, em uma distância de dois estandartes, erigiam o Tabernáculo, quando a nuvem repousava. O sinal para acampar era visto no estandarte do acampamento de Yehuda. Em seguida os filhos de Gershon e Merari erigiam o Tabernáculo, para que quando os filhos de Kehat chegassem, o encontrassem montado. Este é o significado do versículo: 'Aqueles que erguem o Tabernáculo até antes da chegada dos filhos de Karat'.

A Arca da Aliança de D'us viajava a distância de três dias à frente: Esta era a Arca que os acompanhava na guerra. Os pedaços das primeira Tábuas da Lei foram colocados nela. Ela avançava a uma distância de três dias de viagem para preparar-lhes um lugar para acampar. (Yerusalmi Shekalim 6, Sifri).

Sete nuvens são mencionadas em suas viagens: quatro pelos lados, uma por cima, uma debaixo e uma que seguia à frente deles nivelando os lugares altos, elevando o solo dos buracos e destruindo as cobras e escorpiões que ficavam em sua rota". Sifri in Veshinantam, ano 6, Nº 299, 2024 (5784), pp. 22- 27.

Os elementos apresentados acima, como as nuvens, a Arca da Aliança que os guiava, a ordem de deslocamento etc., mostra-nos que a caminhada da vida não é solitária. Assim como D'us, de fato, liderava e protegia os israelitas no deserto, também nos orienta e protege para que possamos superar os obstáculos da vida, mesmo que sejam aqueles pequenos acontecimentos em nosso dia a dia. Imersos em nossa jornada diária, é difícil perceber que, de fato, somos guiados o tempo todo. Este é somente mais um exemplo do porquê devemos ler e reler a Torá. Isto nos proporciona o refletir sobre a nossa vida. Caros Pedreiros, a chave é ter confiança no Eterno, para que possamos perceber a Sua atuação, nos guiando e amparando ao longo da vida.

É importante ressaltar que a afirmação do Rebe acima apresentada como "*Além da arca de ouro, que continha o segundo par de tábuas e era transportada com o restante do Mishcan,* ***Moshê construiu uma segunda arca para conter o primeiro par de tábuas quebradas****. Essa arca seguia na frente de todo o povo, logo após a nuvem de D'us, que ia na frente de tudo e orientava o caminho",* está baseada em uma combinação de versículos da Torá com a interpretação do Talmud e de Rashi.

O texto fundamental, no qual é possível encontrar que Moshê construiu uma arca de madeira, está em Devarim (Deuteronômio) 10:01-05 onde encontramos que D'us ordena que Moshê faça uma arca de madeira: "**1**... *E faras para ti uma arca de madeira* ..." Moshê então relata que "**3***E fiz uma arca de madeira de cipreste* ..." e pôs as Tábuas na arca de madeira "**5**..., *e pus as tábuas na arca que havia feito; e ali estiveram como ordenara o Eterno*". Pelo que é possível perceber, se olharmos a cronologia dos eventos, essa arca foi construída **antes** da Arca de ouro do Mishcan. Assim, posteriormente, D'us ordena a construção da Arca do Mishcan, mas isto está em Shemot (Êxodo) 25:10-22, sendo essa Arca então revestida de ouro e colocada no Santo dos Santos.

Mas, como conciliar os dois textos? Essa é pergunta é respondida no texto pelo Dr. RabinoTzemah Yoreh em https://www.thetorah.com/article/the-two-arks-military-and-ritual?utm_source=chatgpt.com, a saber: **Se Moshê já havia construído uma arca em Deuteronômio 10, por que D'us manda construir outra em Êxodo 25?** Existiam, portanto, duas arcas. Uma era de madeira e feita por Moshê. Continha as tábuas quebradas (ou, segundo algumas opiniões, inicialmente as segundas Tábuas também). A outra era revestida de ouro por dentro e por fora. Na realidade, eram 3 caixas sendo uma de ouro por fora, uma de madeira de acácia no meio e uma de ouro por dentro. Ela foi feita por Betsalel e permanecia no Mishcan. Rashi cita essa opinião em Deuteronômio 10:01.

Vamos agora olhar para a Arca que ia à frente do povo que pode ser encontrada em Bamidbar (Números) 10:33 "**33**... e a *Arca da Aliança do Eterno ia adiante deles, caminho de três dias para lhes descobrir lugar de descanso*". Esse é o versículo usado pelos comentaristas para dizer que a Arca seguia na frente do povo. Mas, aqui surge uma dificuldade. **Como a Arca podia ir na frente do povo, se ela ficava dentro do Santo dos Santos?** A resposta é simples e o Talmud Rabeinu Bahya, Devarim 10:1:2, in Sefaria.org nos apresenta a resposta, ou seja, não era a Arca de ouro. Era, pois, a Arca construída por Moshê.

Penso que o Rebe utiliza essa interpretação de duas Arcas, pois representam duas dimensões da Torá. A Arca de ouro representa a Torá perfeita, a santidade permanente e o Santo dos Santos. A Arca de madeira representa a Torá acompanhando Israel na caminhada, a capacidade de santificar o mundo e a presença Divina nas batalhas da vida que o povo (Pedreiros) tem de travar. Por isso ela segue à frente do povo.

Há, porém, uma observação importante de que nem todos os comentaristas aceitam literalmente a existência de duas Arcas. Por exemplo, Nachmânides entende que houve apenas uma Arca. A arca de madeira mencionada em Devarim seria provisória ou seria a mesma Arca, posteriormente, revestida de ouro. Portanto, a ideia das duas Arcas é uma tradição rabínica importante, mas não unânime entre os comentaristas medievais. Ramban sobre Deuteronômio 10:01, in Sefaria.org.

A tradição ensina que as Tábuas quebradas permanecem Sagradas. Tanto as primeiras quanto as segundas, fazem parte da revelação Divina. A Torá nunca elimina a história espiritual, por exemplo, de uma pessoa (Pedreiro).

Nas primeiras Tábuas, a espiritualidade é recebida como dom. Veja que as primeiras foram obras de D'us, ou seja, o corte das pedras, a escrita e a revelação procediam diretamente do Alto. Porém, De forma semelhante ao que ocorre com uma pessoa, as primeiras Tábuas quebradas representam a inocência perdida, a ruptura e a dor.

As segundas Tábuas representam a reconstrução, a maturidade e a aliança renovada. As segundas são construídas por meio do trabalho, do arrependimento e da perseverança, visto a necessidade premente da participação de Moshê. A revelação continua sendo Divina, mas agora o Ser Humano (o Pedreiro) tem de participar da preparação do recipiente (vaso). As segundas duas Tábuas, não substituem as primeiras, elas se completam.

Visando unir os dois pensamentos (duas Arcas ou uma Arca), é importante recordarmos que o Ari HaKadosh nos apresenta que a Criação passa por um processo de quebra dos recipientes. À primeira vista, a quebra parece algo terrível. Entretanto, é a quebra que permite o surgimento do Tikun, a retificação. A Luz que surge depois da quebra possui uma profundidade que, anteriormente, não era possível de ser alcançada. Isto porque, agora, ela foi obtida por meio do esforço consciente das pessoas, representado pelo trabalho realizado por Moshê à vista de todos. Nesse sentido, as primeiras Tábuas correspondem, simbolicamente, à Luz direta. As segundas Tábuas correspondem à luz que retorna após o Tikun. As primeiras revelam a perfeição original. As segundas revelam a perfeição conquistada. O erro não pode ser venerado, mas a experiência adquirida por meio dele torna-se parte permanente da identidade espiritual de uma pessoa.

A queda (quebra) e a ascensão (reconstrução) ocorrem na vida de todo Ser Humano (Pedreiro). Temos, por exemplo, projetos interrompidos, expectativas não transformadas em realidade e decisões equivocadas. Estes são acontecimentos nos quais a alma se sente impotente para sustentar a intensidade da Luz que recebeu. Neste ponto é importante lembrar que algo aparentemente ruim que nos acontece pode, na realidade, ser uma benção vinda de níveis muito elevados de espiritualidade.

Portanto, o evento das segundas Tábuas também ocorre em nossas vidas. Ele representa a reconstrução que é feita com humildade, com paciência e com fidelidade ao Eterno. A maturidade espiritual consiste em perceber a origem e a importância dos dois conjuntos de Tábuas.

Olhando, mais profundamente para o interior de um Pedreiro, temos que o Templo interior não é construído apenas com pedras perfeitas. Ele também é edificado com as pedras que um dia foram quebradas. O verdadeiro construtor não tenta apagar sua história. Ele permite que cada experiência, inclusive as quedas (quebra), seja integrada numa estrutura mais sólida, porém repleta de humilde

(ascensão). A pedra bruta não se transforma em pedra cúbica porque nunca tenha tido imperfeições. Ela se transforma porque aceita sucessivos golpes do malho e do cinzel (Bençãos do Alto). Cada golpe, portanto, remove uma aspereza, mas também deixa a marca do trabalho realizado. *'**A história ainda não terminou**'*.

6. (Behaalotechá) – Números 10:35-11:29 – "*Durante o primeiro dia de viagem pelo deserto, o povo israelita, por obra de milagre, percorreu num dia um trajeto que requeria três dias de viagem, pois D'us estava ansioso para conduzi-los à Terra de Israel. Porém, após ter dado início a esta travessia, alguns dos não israelitas que tinham acompanhado o povo dos filhos de Israel no Êxodo do Egito e se convertido ao judaísmo começaram a questionar-se sobre o fato de ter que submeter-se às leis de D'us. Ao buscar uma desculpa para a sua atitude, eles se queixaram de haver viajado tanto durante esse primeiro dia. Retificar rebeliões. O povo buscou um pretexto para rebelar-se contra D'us.*

Obviamente não devemos nos permitir (ou sequer considerar) nos revoltar contra D'us. Se tivermos de nos forçarmos a não nos revoltarmos, e a aceitar a autoridade de D'us de tal forma que esta submissão a Ele acabe tornando-se para nós uma segunda natureza Divina adquirida por força do hábito, então que assim seja.

Mas há um modo mais profundo de suprimir uma rebelião contra D'us, que é expondo a sua verdadeira natureza: nossa rebeldia, na verdade, expressa uma insatisfação. Vem de um profundo sentimento de recusa em nos sentirmos satisfeitos com nossa compreensão atual de D'us a repulsa à superficialidade do nosso relacionamento atual com Ele. A nossa rebelião expressa desespero: 'Se esse relacionamento superficial é tudo o que uma vida Divina oferece, então nada quero disso!'

Encaradas a partir deste ponto de vista positivo, nossas rebeliões assim como as do povo israelita logo após o início de suas jornadas - representam um desesperado clamor por retornar a D'us com sinceridade, para restabelecer a nossa relação com Ele em um nível muito mais profundo do que já houve no passado".

No fundo estamos tratando da incompreensão da dimensão verdadeira do que estava a ocorrer com àquelas pessoas. O desejo por se aproximar cada vez mais profundamente do Eterno levou-os a minimizar o que ocorreu no passado recente, o que estava ocorrendo com os israelitas e os convertidos durante sua estada no deserto e o que estava prometido que iria acontecer.

Assim a chave para essa Parashat encontra-se na expressão **'de graça'**. Aproximar-se do Criador requer que nos tornemos pessoas melhores e maiores. Como escravos, a natureza humana era completamente livre e não lhes impunha qualquer limite ou ônus. Mas, para progredir existe custo. **Não existe almoço grátis**. O primeiro ponto a ser considerado é reconhecer a magnitude do que já foi concedido, ver a real extensão do volume já recebido. Os Israelitas tinham o Maná, com o qual experimentavam qualquer sabor existente no mundo, suas roupas cresciam conforme as pessoas se desenvolviam, não se desgastavam, estavam protegidos pela Arca da Aliança que se deslocava à frente eliminando os muitos obstáculos etc.

Fazendo um paralelo com o que ocorre hoje em dia, nós também experimentamos essa mesma insatisfação sentida por àquele povo que estava no deserto. Primeiro ponto que devemos reconhecer é o muito que nos é dado. Somente estamos vivos em consequência de uma sucessão infinita de milagres de milagres. Além disto, o progresso científico e tecnológico atual permitiu que a população mundial estivesse livre de inúmeras doenças, que até pouco tempo poderiam levar uma pessoa a morte. Por outro lado, a natureza que nos cerca produz a cada momento inúmeros milagres. O nascer do sol, a sua trajetória no céu, a presença da lua, a distância apropriada que estamos do sol, a abundância de água nos três estados (solido, líquido e gasoso) etc., estando tudo de acordo para que

a nossa existência pudesse acontecer. Pense o quanto nossos pais, avós e antepassados sofreram para se manter vivos e dar condição para que seus descendentes vivessem, a fim de que hoje, nos estivéssemos aqui, escrevendo e/ou lendo essas linhas. **Recebemos tudo isto de graça**. Mesmo assim, estamos insatisfeitos com o que temos. Temos de agradecer e apreciar verdadeiramente o que recebemos.

"*A Gematria da palavra Ben (בן), filho, é 2+50=52. É equivalente à de Aba (אבא), pai, 1+2+1= 4 com veíma (ואמא), e mãe, 6+1+40+1=48, somando 'pai' com 'e mãe' temos 4+48=52. Ambos fornecem a formação material e moral, faltando apenas educá-lo*" Bamidbar – O Deserto da Fé, pg. 121. Educar é o que o Eterno estava fazendo com os israelitas no deserto.

7. (Behaalotechá) – Números 11:30-12:16 – "*D'us designou setenta sábios anciãos para auxiliar a Moshê. A esposa de Moshê comentou com a sua irmã Miriam que eles provavelmente teriam de se separar das suas esposas, assim como Moshê o fez com ela, para poder receber a profecia a qualquer momento. Ao escutar isso, Miriam e Aharon desaprovaram o comportamento de Moshê, mas D'us lhes disse que Moshê havia atuado corretamente, dado que ele devia estar disponível para a comunicação Divina a qualquer instante, o que não era o caso dos demais profetas. D'us logo afligiu Miriam com Tzaraat na sua pele, que tem como origem específica a calúnia. Moshê rezou pela recuperação de Miriam e D'us a curou. A humildade verdadeira. Moshê era muito humilde, mais que qualquer outra pessoa sobre a Terra.*

Humildade não é subestimar o verdadeiro valor da própria pessoa. Moshê sabia muito bem que ele era uma pessoa extraordinária, e que tinha sido eleito por D'us para tirar o povo israelita do Egito e receber a Torá para eles. Mesmo assim, ele também pensava que, se D'us houvesse dado essas grandes virtudes a outra pessoa, essa teria sido capaz de alcançar um nível ainda mais elevado do que o seu.

A humildade geralmente é mal interpretada como falta de alarde, como 'não querer aparecer': muitos pensam que somos 'humildes' mesmo se nos sentimos superiores aos demais, contanto que não nos vangloriemos disso! Na verdade, humildade é a que aprendemos de Moshê. É preciso estarmos conscientes de todo traço de grandeza ou qualidade que tenhamos, mas devemos atribuí-lo a D'us em vez de a nós mesmos, e sentirmo-nos humildes por não estarmos usando este potencial tão bem como D'us espera de nós. Isto nos permite respeitar aos demais e vê-los sob uma luz positiva, uma vez que D'us os abençoou com suas próprias e singulares qualidades."

D'us falou com Moshê e este "*juntou 70 anciãos dos anciãos e fez ficar em redor da Tenda. E apareceu o Eterno na nuvem e falou-lhe; e tirou do espírito que estava sobre Moshê e o pôs sobre os 70 homens anciões; e foi assim como pousou sobre eles o espírito, e profetizaram naquele dia. E depois nunca mais*". Torá 11:24-25.

"*Rashi comenta que Moshê se assemelhava, naquela situação, a chama da vela ardendo sobre o candelabro: todos se acendiam daquela chama, mas a chama em si não perdia nada de sua luz e permanecia tão forte como antes. Os 70 anciãos não eram profetas. Devido a grandeza de Moshê, eles receberam uma pequena fração de seu espírito. O Divino é que faz o Ser Humano adquirir o dom de profetizar e, assim, tornar-se um condutor da palavra Divina. E por possuírem está fração espiritual do grande líder Moshê, também podiam liderar o povo de Israel junto com Moshê*". Torá Sefer, comentários pg. 421.

Este evento ocorreu pelo fato de que Moshê escutou o povo chorando e se queixando. Consequentemente, Moshê ajuntou os 70 anciãos que ajudaram a Moshê a liderar o povo. Mas, o certo é que os reclamantes deveriam estar pensando bem diferente. Para exemplificar este pensamento, faz-se uso de um ditado: "*Não diga a D'us que você tem problemas. Mas, diga a seus problemas que você tem um D'us*". Bamidbar – O Deserto da Fé, pg. 121.

O evento em que Miriam recebeu o castigo de se tornar doente com Tzaraat, mostra a humildade de Moshê. Em Bamidbar 12:03 estudamos que Moshê era anaiv (עניו) humilde. Encontramos nos cinco livros da Torá, que nos foi outorgada por meio de Moshê, uma alusão a esta importante característica de sua humildade:

Bereshit	o último caractere deste livro é um Mem Sofit (ם), cuja Guematria soma 40.
Shemot	o último caractere deste livro também é Mem Sofit (ם), cuja Guematria soma 40
Vayikrá	o último caractere deste livro é Yud (י), cuja Guematria é 10
Bamidbar	o último caractere deste livro é Wav (ו), cuja Guematria é 6.
Devarim	o último caractere deste livro é Lamed (ל), cuja Guematria soma 30

A soma destes valores (40+40+10+6+30 = 126) o mesmo valor da Guematria da palavra beEden – no jardim (בעדן) (2+70+4+50=126). Isto nos ensina que o humilde merecerá o Gan Eden. Bamidbar – O Deserto da Fé, pg. 125.

Uma vela acende muitas velas sem, contudo, perder o seu brilho. No evento em que ocorreu o incidente com a mulher cushita, levando Miriam, em especial, e Aharon serrem penalizados pelo Eterno, Moshê intercedeu junto ao Eterno para que curasse Miriam, com a oração 'El Ná Refá Ná Lá – (אֵל נָא רְפָא נָא לָהּ) D'us! Rogo-te, cure-a. (Bamidbar 12:13).

De acordo com Rashi e Ibn Ezra, a mulher cushita, trata-se de Tzipora, filha de Jetro, cuja beleza era reconhecida por todos, do mesmo modo que contrasta a negritude de uma etíope. Rashbam e D. Z. Mibaalê Hatossafot, citando Crônicas, dizem que a mulher era uma das rainhas da Abissínia, que Moshê tinha tomado como mulher durante sua estadia naquele país.

De acordo com a Guematria do nome cushita (כושית) (20+6+300+10+400=736) equivale ao da expressão yefet mar'a (יפת מראה) 'vistosa' (10+80+400+40+200+1+5=736). Segundo o exegeta Rashi, o termo cushita foi repetido para ressaltar que sua beleza física era tão grande quanto as qualidades de seu caráter.

Mas, qual a relação que liga estes eventos, 70 anciãos, a humildade de Moshê e questão da mulher cushita? Estes eventos estão associados a autoridade de Moshê e a sua humildade. Em Bamidbar 11, D'us compartilha o espírito profético com os anciãos. Mas, em Bamidbar 12, Ele reafirma que Moshê continua sendo o escolhido por Ele. Isto é porque Moshê exerce a verdadeira liderança, que provém da humildade que Moshê possui, bem como de sua continua conexão com D'us, independentemente de sua posição social ou escolhas pessoais.

05 - Parashat Shelach – Envia - Espiões

Sinopse

Parte do povo pediu a Moshê que enviasse espiões para explorar a Terra. **Por que a seção que trata dos espiões está justaposta à seção que trata de Miriam?** Porque ela foi punida por ter falado mal contra Moshê. Os espiões viram o que ocorreu a Miriam. Eles não aprenderam a lição. Acabaram também falando mal da Terra de Israel. Os espiões não queriam entrar em '*uma terra que consome seus habitantes*' com suas distrações terrenas. Moshê então esclareceu que a vontade de D'us era que os israelitas entrassem na terra e a tornassem santa. *Passados quarenta dias, os espiões regressaram ao acampamento e transmitiram o informe do que tinham descoberto.* Toda a vez que o 40 aparece, marca uma mudança de rumo significativa de vida. O 40 é o caractere Mem (מ) que representa a transição ou passagem. É o movimento de uma pessoa que vai em busca daquilo que ela estudou ou se preparou. Em Hebraico tanto a palavra fonte (מָקוֹר) (makor) quanto a palavra água (מים) (maim) começam com a letra Mem. Ou seja, o Mem também está ligado com a nossa origem. **Mas, por que a água se associa com passagem ou movimento?** A água faz com que algo se deslize de um lugar para outro. **Porque ocorreu a punição de todo os israelitas decorrente do episódio dos 10 espiões?** Foi por causa da reação negativa apresentada pelo povo. Decorrente disto, ocorreu uma quebra de confiança do povo com respeito a capacidade do Eterno realizar o que tinha prometido a todos. A influência negativa veio de somente 10 pessoas, mas o impacto foi sentido por todos. *Por outro lado, devemos reconhecer as implicações de todos os milagres Divinos que temos presenciado, tanto ao longo da história dos israelitas como em nossa vida pessoal.* A questão do '*confiar em D'us*' e o reconhecer é realmente muito difícil de ser percebido como tal e de internalizar essa confiança, ou seja, incorporar esta ação de tal forma que ela seja parte de nossa alma. **Geralmente, quando rezamos com fervor?** É quando estamos passando por dificuldades e, neste momento, suplicamos a D'us que nos ajude. Mas, quando estamos vivendo momentos tranquilos, instantaneamente nos esquecemos do Eterno. *Isso vale para muitas das dúvidas que costumam nos afligir, que resultam em geral de uma perspectiva de vida materialista demais. Os mestres Chassídicos nos dizem que somos como espiões em nossas próprias vidas. Quando enfrentamos desafios e dificuldades, precisamos nos conter para não nos tornarmos profetas da desgraça e da melancolia. Temos D'us ao nosso lado e certamente podemos ter sucesso. Após o episódio dos espiões, D'us consolou o povo israelita recordando-lhe que os seus filhos conseguiriam entrar na Terra de Israel e tomar posse dela. D'us também ordenou ao povo certas leis que só seriam aplicáveis quando entrassem nesta terra*. Os príncipes entendiam o significado do acima exposto. Portanto, o fato de D'us ter-lhes dado certas leis que só seriam aplicáveis quando entrassem nesta terra, lhes permitiu se aprofundar nos estudos, preparando seus filhos para quando chegasse o momento certo, estivessem mais preparados do que os pais destes e assim, correriam menor risco de cometer os mesmos erros. Aprender a lição pode nos impedir de repetir os mesmos erros. *A próxima lei que D'us ensinou ao povo israelita foi a obrigação de separar-se uma porção da sua massa de pão e entregá-la aos Qohenim. Hipoteticamente, se depois de tirar a porção necessária (Chalá) da massa, sobrar farinha na tigela que não se misturou com a água, essa farinha (ao se misturar com água tornando-se uma massa) também deve ter sua Chalá (a sua porção requerida para o Cohen) retirada dela.* O Pedreiro que alcançou o P33 deve continuar a trabalhar nas 'áreas não misturadas', tal como a Chalá acima descrita, reconhecendo que a verdadeira sabedoria está em nunca deixar de transformar o que ainda está em potencial. *Em seguida, D'us instruiu Moshê a respeito dos três mandamentos cujo cumprimento se considera equivalente à observância de toda Torá: não adorar ídolos, observar o Shabat e atar franjas (tsitsit)* (ציצית) *nas vestimentas com quatro pontas ou cantos.* Estes acontecimentos nos fazem refletir que c*ada membro do povo de Israel, deve 'conquistar' todas as forças e conceitos de seu corpo e sua alma animal (que são a sua própria 'terra de Kenáan'), transformando-as em recipientes para a Divindade (transformando tudo em uma 'Terra Sagrada' - Érets Yisrael).*

1. (Shélach) – Números 13:01-20 – "*Por volta do dia 29 de Sivan de 2449, o povo Israelita alcançou a fronteira com a Terra de Israel. Parte do povo pediu a Moshê que enviasse espiões para explorar a Terra. Moshê consultou D'us, que concordou com o plano. Para a missão, Moshê escolheu doze homens, um de cada tribo, entre os líderes de maior destaque do povo israelita. No entanto, com exceção de dois deles Calev e Yehoshua (Josué), o principal discípulo de Moshê, todos os demais cometeram o erro de ultrapassar os limites de sua missão. Os limites da razão. D'us disse a Moshê: 'Se você deseja, envie homens para explorar a terra de Canaã'.*

D'us quer que entendamos claramente quais são os objetivos da nossa missão Divina e os métodos por meio dos quais Ele quer que a executemos, pois isto nos ajuda a cumpri-la com mais entusiasmo. É por isso que Moshê considerou apropriado o envio de exploradores para verificar qual seria a melhor maneira de conquistar a terra. Pensou que assim o povo sentiria mais entusiasmo por entrar nela e conquistá-la.

O erro dos espiões consistiu em ir além do objetivo de sua missão e extrair conclusões pessoais a partir do que haviam visto. Moshê lhes havia pedido apenas que vissem a melhor maneira de conquistar a terra, não se era possível conquistá-la.

Dos espiões aprendemos o seguinte: mesmo quando nos servimos do nosso entendimento para cumprir a nossa missão Divina, devemos ter em mente que o estamos fazendo porque D'us o quer, que o estamos fazendo por Ele. Assim podemos ter certeza de estar fazendo uso do intelecto com o único fim de chegar àquela verdade objetiva, em vez de ficar juntando evidências que apoiem algum outro objetivo diferente, seja de forma consciente ou inconsciente".

Por que a seção que trata dos espiões está justaposta à seção que trata de Miriam? {Porque ela foi punida por ter falado mal contra Moshê. Os espiões viram o que ocorreu a Miriam. Eles não aprenderam a lição. Acabaram também falando mal da Terra de Israel (poeira de maledicências).

Em Bamidbar 11:01-02 encontramos que '*[1]E falou o Eterno a Moshê, dizendo: [2]Envia para ti homens* ...', ou seja, de acordo com seu próprio entendimento. O Eterno não estrava ordenando isto a Moshê, mas, se ele quisesse, poderia enviar. Isto ocorreu porque os israelitas tinham vindo falar com Moshê e dito: '*Vamos mandar homens à nossa frente'*, como está dito: '*Todos se aproximaram de mim*, etc.' (Devarim 01:22), Moshê se aconselhou com D'us a respeito. D'us lhe falou: '*Eu já lhes disse que a terra é boa'*, conforme está dito: '*Eu tirar-lhe-ei da aflição do Egito*' Shemot 03:17. Ou seja, o Eterno garantiu que Ele lhes dava a oportunidade de errar através das palavras dos espiões, tendo como consequência o fato deles não a herdarem.} Inspirado em Midrash Tanchuma 5, in Veshinantam 2024, ano 6, Nº 300, 5764, pg. 6.

No fundo havia um anseio dos espiões de permanecer no deserto, onde os israelitas tinham um modo de vida puramente espiritual, protegidos pelas nuvens de glória e sustentados pelo Maná e pelo poço de Miriam. Os espiões não queriam entrar em '*uma terra que consome seus habitantes*' com suas distrações terrenas.

Moshê então esclareceu que a vontade de D'us era que os israelitas entrassem na terra e a tornassem santa. D'us desejava que eles penetrassem nas realidades da vida material e das preocupações e atividades do dia a dia inerentes a existência do Ser Humano. Mesmo à custa da visão espiritual clara que possuíam no deserto. De fato, elevar o cotidiano é o objetivo de toda a criação. Assim, decorrente do evento dos espiões, aprendemos que o objetivo de D'us para a criação só pode ser alcançado ao entrarmos, de fato, na terra, onde a espiritualidade é mais do que algo puramente intelectual ou emocional e se manifesta na ação.

2. (Shélach) – Números 13:21-14:07 – "*Passados quarenta dias, os espiões regressaram ao acampamento e transmitiram o informe do que tinham descoberto. Mas então com exceção de Calev e Yehoshua -, eles cometeram o erro fatal de extrair suas próprias conclusões da evidência recolhida no lugar de deixar que Moshê a interpretasse. A conclusão a que haviam chegado era que a terra não podia ser conquistada. As armadilhas da vida espiritual. Os espiões disseram: 'A terra que fomos explorar é uma terra que consome os seus habitantes'.*

A orientação espiritual dos espiões era muito elevada, mas estava mal direcionada, e isto foi o que precipitou o seu erro. No deserto, os israelitas gozavam da proteção das Nuvens da Glória, alimentavam-se do maná, bebiam da fonte de Miriam e todas suas necessidades físicas se encontravam satisfeitas. Ali dedicavam todo o seu tempo ao estudo da Torá e à oração. Os espiões rejeitavam a ideia de entrar no mundo real e ter que perder tempo trabalhando pelo pão de cada dia.

O desejo de viver uma vida dedicada somente a expandir a nossa consciência Divina, liberada de distrações materiais, sem dúvida é algo digno de admiração. Esta visão é o que nos inspira, ao longo da história, no anseio pela Era messiânica, na qual a materialidade do mundo não irá mais distorcer o nosso enfoque espiritual. Contudo, este anseio deve ser equilibrado com a humilde submissão ao plano de D'us. No presente, o propósito da vida é viver dentro da realidade mundana e revelar a Divindade oculta nela. O único modo de encontrar a essência de D'us é participando do mundo material e cumprindo Seus mandamentos dentro do meio físico".

Mais uma vez o número 40 se revela importante. Toda a vez que o 40 aparece, marca uma mudança de rumo significativa de vida. O 40 é o caractere Mem (מ) que representa a transição ou passagem. É o movimento de uma pessoa que vai em busca daquilo que ela estudou ou se preparou. Em Hebraico tanto a palavra fonte (מָקוֹר) (makor) quanto a palavra água (מים) (maim) começam com a letra Mem. Ou seja, o Mem também está ligado com a nossa origem. **Mas, por que a água se associa com passagem ou movimento?** A água faz com que algo se deslize de um lugar para outro. Acabei de estudar agora estou em movimento, ou indo trabalhar.

Lembre-se da expressão: a vida começa aos 40, por quê? Porque a letra Mem, mostra que a pessoa já se preparou, tem uma boa experiência e consegue ver as coisas de uma forma diferente. Antigamente, estudava-se uma matéria 40 vezes, para se ter certeza de que a pessoa se lembraria dela, quando necessário.

Na Torá toda a transição grave que ocorreu, o 40 está presente. No Dilúvio, as chuvas caíram por 40 dias e 40 noites. Moshê ficou 40 dias no monte Sinai para receber a Torá. O povo de Israel ficou 40 anos no deserto. Moshê viveu por 120 anos (Devarim 34:07) em períodos de 40 anos. Rabi Akiva também viveu 120 anos e de forma semelhante, divididos em períodos de 40 anos. Até aos 40 anos ele era leigo, durante os 40 anos seguintes estudou. Após, por 40 anos Akiva lecionou. O 40 mostra a transição de quem está indo de um estágio ao outro. Ou seja, associa-se muito fortemente a este evento dos espiões.

Porque ocorreu a punição de todo os israelitas decorrente do episódio dos 10 espiões? Foi por causa da reação negativa apresentada pelo povo. Decorrente disto, ocorreu uma quebra de confiança do povo com respeito a capacidade do Eterno realizar o que tinha prometido a todos. A influência negativa veio de somente 10 pessoas, mas o impacto foi sentido por todos. Portanto, a punição coletiva mostra-nos as consequências das escolhas que fazemos individualmente, mas podem ter consequências muito além de nós mesmos. Percebe-se assim, que os israelitas permitiram que esse sentimento de 'medo' se espalhasse e se tornasse consenso. As decisões de algumas pessoas podem contaminar o espírito coletivo. A história contém inúmeros eventos semelhantes aos aqui descritos. Assim, é possível compreendermos que os 40 anos de peregrinação no deserto, foi, portanto, um tempo em que o povo passou por um refinamento, para que ao fim deste tempo, estivessem aptos a adentrar na terra prometida.

3. (Shélach) – Números 14:08-25 – "*A enorme maioria do povo dos filhos de Israel aceitou a conclusão dos espiões e ameaçou de morte Calev e Yehoshua por discordar. Uma vez que o povo havia demonstrado carecer da fé em D'us necessária para conseguir conquistar a Terra de Israel e viver nela, D'us informou a Moshê que essa geração devia morrer no deserto. Apenas a geração seguinte entraria na Terra Prometida. Aprender com os milagres. D'us disse a Moshê: 'Todos aqueles... que não escutaram a Minha voz, não verão a terra que jurei aos seus pais'.*

A geração do Êxodo não trabalhou duro o suficiente para aprender as lições dos milagres Divinos que presenciaram. Assim, eles permaneceram presos à sua 'mentalidade de escravos', ou seja, à ideia de que a realidade é escrava das leis da natureza e que D'us não quer e nem pode superá-las quando assim o deseja. Os espiões e seus seguidores perderam o privilégio de entrar na Terra Prometida porque, para poder seguir dedicando-se à missão Divina enquanto levamos adiante a vida material, é preciso crer que realmente isso é possível.

Nós também devemos reconhecer as implicações de todos os milagres Divinos que temos presenciado, tanto ao longo da história dos israelitas como em nossa vida pessoal. Só assim poderemos cumprir a missão Divina de converter o mundo numa moradia para D'us através do estudo e cumprimento da Torá na nossa vida material. Graças a este mérito, vamos vivenciar o nosso regresso milagroso à Terra Prometida, liderados por Mashiach na Redenção final".

A questão do '*confiar em D'us*' e o reconhecer é realmente muito difícil de ser percebido como tal e de internalizar essa confiança, ou seja, incorporar esta ação de tal forma que ela seja parte de nossa alma. **Geralmente, quando rezamos com fervor?** É quando estamos passando por dificuldades e, neste momento, suplicamos a D'us que nos ajude. Mas, quando estamos vivendo momentos tranquilos, instantaneamente nos esquecemos do Eterno.

"*Em Bamidbar 14:11 D'us 'reclamou' com Moshe sobre a falta de fé por parte do povo, pois se deixaram influenciar pelos relatos dos espiões. Além disso, eles próprios também não confiaram Nele mesmo após verem tantos milagres realizados.*

Certa vez, um israelita simples foi a um rabino muito sábio para entender melhor a seguinte questão: ***O que significa confiar em D'us?*** *Porém, o sábio lhe disse que naquele momento precisava sair, mas poderia lhe oferecer uma carona em sua carroça e assim, durante o caminho, talvez pudesse lhe explicar sobre o assunto. E assim foi.*

Eles começaram então a conversar. O homem contou ao sábio quem ele era, em que trabalhava, onde morava, como era sua família etc. De repente, uma das rodas da carroça passou por uma grande pedra, ameaçando-os de sofrer terrível queda. O homem, muito apavorado e amedrontado, começou a gritar e chorar, rezando a D'us para que não caíssem. O rabino pôs sua mão sobre a mão do homem e disse tranquilamente: Não tenha medo! Chegaremos em breve e em paz! E depois voltaram a viajar normalmente.

A carroça prosseguiu caminho e após alguns minutos de viagem ela passou por um buraco aterrorizante, e novamente a mesma cena se repetiu. O homem, muito assustado, berrava de medo e rezava a D'us para que Ele o salvasse desta arrepiante situação. O rabino pôs novamente sua mão sobre a mão dele e disse com muita calma: Não se apavore! Fique tranquilo! D'us nos ajudará! E o perigo passou de fato.

Após alguns minutos, no meio do caminho, eles se defrontaram com uma imensa árvore. O cocheiro orientou os cavalos para se desviarem dela, mas ainda assim a árvore se aproximava cada vez mais rápido. No entanto, nada aconteceu. O rabino, muito tranquilo, disse ao homem em voz baixa: Não tenha medo! Calma! Vai dar tudo certo! O homem estava pálido e suando muito. Ele rezava e implorava a D'us por um milagre, e, de repente, no último momento, os cavalos se desviaram para o lado. Ele, então, se acalmou.

No meio do trajeto, eles se depararam com uma montanha muito alta e íngreme. Após subir com toda velocidade, a carroça de repente desacelerou e começou a andar para trás, primeiro devagar, e depois mais rapidamente. O homem, arrepiado e muito assustado, gritou e chorou outra vez, rezou a D'us e implorou por uma salvação. Novamente o rabino lhe disse: Não se preocupe! Vamos sair dessa! E logo em seguida eles ganharam velocidade e subiram pela montanha. Passaram por ela sem mais problemas.

Em seguida, entraram em uma via mais calma e plana, sem buracos, pedras, árvores, montanhas ou outros empecilhos. Havia dois minutos que estavam passando tranquilamente por esta estrada plana quando, de repente, sem nenhuma ameaça, a carroça desta vez virou e todos caíram. O homem, confuso, perguntou ao rabino: - Rabino! ***O que houve?*** *Não estou entendendo mais nada! Passamos por tantos perigos e não nos aconteceu nada, e agora, de repente, sem nada a nos ameaçar, a carroça virou!*

*O sábio rabino lhe explicou****: Por que você não rezou agora para a carroça não virar?*** *E o homem, atônito, respondeu:* ***- Por que eu precisava rezar?*** *Afinal, estava tudo bem nesta via plana! Rabino então, concluiu: Aí está o seu problema! Mesmo quando está tudo bem, devemos ainda assim rezar a D'us e confiar Nele, para que Sua eterna bondade permaneça*

E concluiu o homem: Agora entendi. Já valeu pela carona para aprender esta lição". Bamidbar – O deserto da Fé pp. 150-152.

4. (Shélach) – Números 14:26-15:07 – "*Após ouvir que D'us planejava deixá-los no deserto durante quarenta anos, parte do povo dos filhos de Israel se arrependeu de haver acreditado que não dava para conquistar a Terra de Israel, nem mesmo com a ajuda de D'us. Então organizaram o seu próprio exército e tentaram entrar na terra por conta própria. Entretanto, como agora resolveram ir lá contra a vontade de D'us e careciam da liderança de Moshê, foram rechaçados pelas nações próximas à fronteira. Duvidar das dúvidas. Parte do povo israelita disse: 'Estamos prontos para ir ao lugar que D'us disse que nos daria, pois temos pecado'.*

No começo, o povo se recusou a seguir viagem até a Terra de Israel porque acreditava que a conquista seria impossível, mesmo com a ajuda de D'us. ***O que foi, então, que causou o repentino abandono do seu ceticismo inicial?*** *Afinal de contas, Moshê não lhes mostrou nenhum novo milagre, nem D'us apareceu com alguma exibição de Seu poder celestial.*

Os nossos sábios afirmam que todos os israelitas acreditam em D'us; isso é algo inerente a cada israelita. Portanto, mesmo quando expressava seu ceticismo, no fundo de seus corações e mentes, os israelitas acreditavam n'Ele; sua crença se encontrava apenas temporariamente obscurecida pelas suas emoções. É por isso que, tão logo D'us os repreendeu mexendo com suas emoções, e os informou sobre as severas consequências do seu lapso (temporário) de confiança n'Ele, sua fé que é inerente foi despertada e veio à tona de imediato.

Isso vale para muitas das dúvidas que costumam nos afligir, que resultam em geral de uma perspectiva de vida materialista demais. No fundo de nossos corações, cremos realmente em D'us; por isso, a forma de superarmos nossas dúvidas não é tentar respondê-las diretamente, mas despertar a fé pura adormecida no nosso interior".

"*Angustiados por estarem destinados a vagar pelo deserto, algumas pessoas tentaram reverter sua punição e arriscaram entrar na terra sem a permissão de D'us.* ***Mas isso também não era a coisa certa a fazer. 'Por que vocês transgridem a palavra do Senhor?****', implorou Moshê. 'Isso não dará certo. Não subam, pois o Senhor não está entre vocês para protegê-los.'*

No entanto, eles subiram desafiadoramente uma montanha, deixando Moshê e a Arca da Aliança para trás. Os amalequitas e os cananeus, que viviam na montanha, desceram para encontrá-los e os derrotaram violentamente.

Os espiões foram incumbidos de ir à Terra Prometida e trazer frutas e um relatório, o que fizeram. ***Não estariam os espiões apenas sendo honestos, compartilhando suas descobertas de boa-fé?*** *A chave para entender essa história é que Moshê não lhes pediu que fizessem uma avaliação sobre se o povo israelita conseguiria ou não entrar na terra. Se D'us quisesse, certamente haveria um jeito. Ele pediu apenas que relatassem os fatos, deixando a interpretação em aberto.*

Os mestres Chassídicos nos dizem que somos como espiões em nossas próprias vidas. Quando enfrentamos desafios e dificuldades, precisamos nos conter para não nos tornarmos profetas da desgraça e da melancolia. Temos D'us ao nosso lado e certamente podemos ter sucesso".
https://www.chabad.org/library/article_cdo/aid/3700062/jewish/The-12-Spies-Meraglim-in-the-Bible.htm#Failed

Este é um aviso muito importante, especialmente, aos Pedreiros. "*Os Meraguelim (exploradores) difamaram a terra que haviam espiado dizendo que ela consumia seus habitantes (Números 13:32). Eles usaram a tática dos caluniadores e mentirosos que começam a falar bem e acabam falando mal. (Números 13:27-28). Segundo Maimônides o pecado dos Meraguelim está na palavra 'Êfes (אֶפֶס), porém, Eles disseram 'A terra emana leite e mel, porém ...'. Vejam o castigo da maledicência: nos diz Rabi Elazar bem Parta – 'Os Meraguelim, que difamaram a terra, uma coisa inanimada, mereceram a morte; qual seria o castigo para quem difama seu próximo'*." Torá Sefer comentários, pg. 432.

5. (Shélach) – Números 15:08-16 – "*Após o episódio dos espiões, D'us consolou o povo israelita recordando-lhe que os seus filhos conseguiriam entrar na Terra de Israel e tomar posse dela. D'us também ordenou ao povo certas leis que só seriam aplicáveis quando entrassem nesta terra. A primeira delas foi que os sacrifícios de animais deveriam ser acompanhados de oferendas de grãos (cereal), azeite e vinho. Retificando o desejo de fugir à responsabilidade. D'us instruiu Moshê para dizer ao povo israelita: 'De acordo com o número de animais que oferecerem, vocês deverão apresentar oferendas de grão, vinho e azeite por cada um'.*

D'us ordenou especificamente estas leis ao povo israelita porque retificam o erro dos espiões. Eles queriam permanecer no deserto estudando a Torá, sem sofrer as distrações da vida material. Este enfoque parcial e tendencioso sobre a espiritualidade se assemelha aos sacrifícios de animais, que subiam transformavam-se em fumaça. Já o azeite e o vinho, ao contrário, tinham que ser derramados para baixo.

Assim, ao instruir o povo israelita sobre as oferendas de azeite e vinho, D'us transmitia a ideia de que o período de sua 'incubação' espiritual no deserto estava por terminar. A entrada de Seus filhos na Terra de Israel marcaria a descida do povo israelita ao mundo físico para cumprir o propósito final da Criação: transformá-la em uma moradia para D'us.

Assim também, sempre que nos sentimos pouco preparados ou relutantes em enfrentar os desafios da vida, precisamos nos lembrar que é nosso dever equilibrar a necessidade de nos elevar acima do mundo material com a nossa missão de descer para dentro dele a fim de refiná-lo e elevá-lo".

"*Ao voltar de sua visita a Terra Santa, os espiões estavam certos de que não seria uma boa ideia morar lá! Um dos argumentos usados pelos espiões para convencer o povo a não entrar em Israel foi: 'nossos filhos serão capturados pelo inimigo'. Dessa maneira, tentaram convencer o povo a não entrar na Terra prometida. Em resposta a isso, D'us falou: 'os filhos que vocês temem serem capturados, Eu os levarei a Terra Santa' - seus filhos vão entrar em Eretz Israel!*

Assim, surge a pergunta, ***qual é a resposta para o argumento dos espiões? E que lição podemos extrair desse relato da Torá?*** *Nossos sábios elogiam Yossef Há Tzadik, que como vice-rei do Egito soube dar a quantia certa de comida até mesmo para as crianças, pois é muito difícil calcular a medida exata do alimento de uma criança, uma vez que ela esfarela e desperdiça boa parte do que come.*

A Torá é comparada ao pão e ao alimento, pois a Torá nutri a alma da pessoa*. (*Por isso a Organização nos diz: Comei, meu Irmão e daí de comer a quem tem fome. Amai e Frutificai!!! Bebei, meu Irmão e daí de beber a quem tem sede. Aprendei e ensinai!!!).

Uma criança pode estudar Torá, mas esquecer com facilidade seus ensinamentos e distrair-se para coisas de menor importância. Os espiões temiam que ao entrar na Terra Santa estariam rebaixando o seu nível ao de uma criança, que não dá a devida atenção ao estudo da Torá e ao serviço Divino. Afinal, entrando em Eretz Israel teriam que trabalhar a terra e não teriam tempo, forças e dedicação suficiente para o serviço a Hashem.

D'us respondeu a esse argumento dizendo que o estudo de Torá e cumprimento de Mitzvot dos israelitas no deserto não chega aos pés do serviço Divino feito dentro de Israel, pois quando a pessoa está ocupada com assuntos mundanos, mesmo assim, fixa horários para estudar Torá, e se esforça em meio as dificuldades, o valor do seu trabalho é muito maior! Essa é a vontade de Hashem, e isso Lhe proporciona muita satisfação e alegria!

*D'us aprecia o estudo de Torá que vem com sacrifício e dedicação, quando apesar das barreiras e desafios a pessoa se mantém no seu compromisso com Torá e Mitzvot. Sabendo disso, vou me inspirar e encontrar novas forças para estudar o máximo de Torá que eu consigo, trazendo mais luz e santidade ao mundo!***"** Veshinantam 2024, ano 6, Nº 300, 5764, pg. 116.

Evidentemente os israelitas e, especialmente, os príncipes entendiam o significado do acima exposto. Portanto, o fato de D'us ter-lhes dado certas leis que só seriam aplicáveis quando entrassem nesta terra, lhes permitiu se aprofundar nos estudos, preparando seus filhos para quando chegasse o momento certo, estivessem mais preparados do que os pais destes e assim, correriam menor risco de cometer os mesmos erros. Aprender a lição, pode nos impedir de repetir os mesmos erros.

6. (Shélach) – Números 15:17-26 – "*A próxima lei que D'us ensinou ao povo israelita foi a obrigação de separar-se uma porção da sua massa de pão e entregá-la aos Qohenim. Autoridade. D'us instruiu Moshê para que dissesse ao povo israelita: 'Da primeira porção de toda a massa vocês doarão uma parte a um Cohen'.*

A Torá outorgou os privilégios e responsabilidades sacerdotais exclusivamente aos descendentes de Aharon. É um fato que todos os israelitas têm o mesmo valor inerente e merecem igualmente o nosso amor e respeito. Não obstante, quando se trata de quem pode ser um oficiante ou autoridade religiosa - seja tanto um Cohen como um rabino -, devemos compreender que D'us determinou quem pode e

quem não pode assumir esses cargos. Assim como apenas os descendentes de Aharon são sacerdotes, os rabinos e mestres somente devem ser pessoas que tenham alcançado o nível de conhecimento necessário, que sejam verdadeiramente temerosos de D'us, que cumpram todas as normas da Torá e que tenham absorvido as tradições transmitidas ao longo das gerações.

Da mesma forma que exigimos idoneidade estrita daqueles a quem confiamos a condução da nossa vida religiosa exterior, precisamos requerer estrita idoneidade da parte das vozes interiores que pretendem dizer-nos como nos comportar. Devemos questionar constantemente nossas vozes interiores para nos assegurar de que apenas somos guiados por motivos puros e positivos".

"*D'us instruiu Moshê a dizer ao povo israelita: Do início de sua massa, doe uma porção a um sacerdote (Cohen). A farinha (de trigo etc.) consiste em milhares de pedaços pequenos e independentes de cereal, mas quando a água é adicionada, esses pedaços tornam-se uma única massa sólida. Assim como a água transforma partículas desconexas de farinha numa entidade unificada, a Torá nos permite ver a unicidade subjacente e a harmonia que há em toda a existência. Cada coisa que existe neste mundo serve a um propósito especial e único, mas esses propósitos distintos muitas vezes podem parecer conflitantes. A Torá nos revela tanto o propósito geral da criação, como um todo, quanto a contribuição específica de cada entidade para esse propósito geral.*

De acordo com a Lei Judaica, hipoteticamente, se depois de tirar a porção necessária (Chalá) da massa, sobrar farinha na tigela que não se misturou com a água, essa farinha (ao se misturar com água tornando-se uma massa) também deve ter sua Chalá (a sua porção requerida para o Cohen) retirada dela. Isso nos ensina que, mesmo que tenhamos iluminado certos aspectos da realidade com a luz e a santidade da Torá, não devemos esquecer as áreas que ainda não atingimos". Sichot Kodesh 5718, pág. 266-267 in Veshinantam 2024, ano 6, Nº 300, 5764, pg. 46.

O que acabamos de ler sobre a Chalá, pode ser aplicado na vida daqueles Pedreiros que chegaram ao P33. O Pedreiro P33, após anos de estudo, tem um elevado grau de conhecimento conjugado com sabedoria. Entretanto, deve ser ainda mais prudente e vigilante. Ele sabe que cada fragmento de sua vida, seja ele existente no interior de nossos Templos ou na vida profana, está revestido do Sagrado. O Pedreiro que alcançou o P33 deve continuar a trabalhar nas '*áreas não misturadas*', tal como a Chalá acima descrita, reconhecendo que a verdadeira sabedoria está em nunca deixar de transformar o que ainda está em potencial.

Mas, é importante que o leitor reflita sobre a lição acima apresentada pela Chalá, ou seja, sobre a sua missão neste mundo. Lembre-se de que sempre existirão partes tanto do mundo interno de seu Ser quanto do externo, que exigirão refinamento. Em função disto, questione-se: **Que aspectos da minha vida ou de minha caminhada, por menor que me pareça, ainda pode ser transformado?** Essa busca incessante pelo aperfeiçoamento, é o que mantém viva a chama do crescimento pessoal e espiritual. Transforme-se, cada vez mais, em uma pessoa melhor e maior.

7. (Shélach) – Números 15:27-41 – "*Em seguida, D'us instruiu Moshê a respeito dos três mandamentos cujo cumprimento se considera equivalente à observância de toda Torá: não adorar ídolos, observar o Shabat e atar franjas (tsitsit)* (ציצית) *nas vestimentas com quatro pontas ou cantos. O valor numérico da palavra hebraica tsitsit é seiscentos* (90+10+90+10+400=600); *se somamos a essa cifra os meio fios (oito) e os nós (cinco) de cada franja, o resultado é seiscentos e treze, o número dos mandamentos da Torá. Recordar a fonte. D'us instruiu Moshê para que dissesse ao povo: 'Quando vocês avistarem as franjas, vão lembrar-se de todos os mandamentos de D'us e vão cumpri-los'.*

Entendemos a necessidade das franjas para nos recordar dos seiscentos e treze mandamentos, ***mas por que necessitamos também da roupa na qual as franjas estão atadas? Por que não carregar unicamente as franjas?***

A resposta se encontra no significado da vestimenta. A diferença entre as franjas e a comida - as nossas duas necessidades principais - é que o alimento se torna parte de nós quando o ingerimos, enquanto a roupa sempre permanece fora de nós. A comida, então, alude aos aspectos da Torá que podemos compreender e 'digerir', ao passo que a vestimenta de quatro pontas se refere ao que fica mais além da nossa capacidade de captação.

A ordem de atar franjas a uma vestimenta indica que não basta apenas recordar os mandamentos. Vestir tal roupa nos ajuda a recordar que a Torá e os mandamentos se originam na sabedoria de D'us, que transcende as limitações do intelecto humano".

"*Em Números 15:41 encontramos que ocorre a verbalização de "Eu sou HaShem, seu D'us.* ***Por que isto está repetido?*** *Para que os Israelitas não digam: "D'us disse tal coisa para cumprirmos os mandamentos e receber recompensa. Pois bem, nós não iremos cumpri-los e renunciaremos à recompensa! Por isso D'us disse: 'Eu sou seu Rei, mesmo contra a sua vontade'. Assim, o versículo diz em: 'Certamente que com mão forte ... Eu reinarei sobre vós (Ezequiel 20:33).*

Outra interpretação: ***Por que o êxodo do Egito foi mencionado?*** *Fui Eu Quem distinguiu entre a gota que gerou um primogênito e da que não era um primogênito. Assim, no futuro, Eu saberei distinguir e punir aqueles que dependuram franjas tingidas com anileira (cujo pigmento é extrato de um vegetal) nas suas vetes, dizendo que é turquesa (proveniente do chilaron) (Baba Metsia 61b).*

A partir do comentário de Rabi Moshe Hadarshan transcrevi: ***Por que a passagem do coletor de madeira está justaposta à passagem que aborda idolatria?*** *Para informar que aquele que profana o Shabat é considerado como alguém que adora ídolos, por isso o Shabat, assim como a proibição de idolatria, é considerado tão importante quanto todos os mandamentos. Assim, diz Ezra: 'D'us desceu sobre o Monte Sinai ... e o Senhor deu ao Seu povo a lei e os mandamentos. E o Seu santo Shabat o Senhor fez conhecido a eles'. Neemias 9:13-14.*

O mesmo ocorre com a passagem do Tsitsit. ***Por que ela está justaposta com essas duas passagens?*** *Pois a obrigação do Tsitsit também é tão importante quanto todos os mandamentos, como está dito: 'e cumprirão todos os Meus mandamentos'.*

Nas pontas das vestes: é Correspondente ao versículo dito em conexão com o êxodo do Egito: 'Eu os levei sobre as asas'. Êxodo 19:04.

Nos quatro cantos, mas não em uma peça com três ou cinco cantos. Estas quatro pontas correspondem às quatro expressões redenção que foram ditas na saída do Egito: Eu vou tirar ... Eu vou salvas ... Eu vou dirimir ... Eu vou pegar. Êxodo 6:6-7.

Fio de lã turquesa: Em Hebraico, petit techelet, assim chamado por causa do luto sofrido pelos egípcios ocasionado pela perda de seus primogênitos. A tradução do aramaico shikul / luto, é tichla (uma palavra semelhante a techelet).

Além disso, a praga os atingiu à noite, e a cor techelet é semelhante a cor do céu ao anoitecer. Seus oito fios simbolizam os oito dias que os filhos de Israel esperaram desde quando eles saíram do Egito até que entoaram o cântico do Mar Vermelho (Midrash Agadá)" in Veshinantam 2024, ano 6, Nº 300, 5764, pp. 35-36.

Estes acontecimentos nos fazem refletir que: "*A ordem de conquistar a Terra de Israel (espiritualmente) é (como todas as outras ordens e mandamentos na Torá) um conceito (ordem) eterno, que se realiza em cada geração (e não só um registro de algo que ocorreu no passado).*

Ou seja, cada membro do povo de Israel, deve 'conquistar' todas as forças e conceitos de seu corpo e sua alma animal (que são a sua própria 'terra de Kenáan'), transformando-as em recipientes para a Divindade (transformando tudo em uma 'Terra Sagrada' - Érets Yisrael).

A Chassidut enfatiza sempre que tudo o que consta na Torá, que é a sabedoria de Hashem, é eterno, e tem uma aplicação prática inclusive hoje em dia, na nossa vida.

A ordem de conquistar a terra é também uma ordem espiritual para cada um de nós: devemos conquistar a 'terra' que Hashem nos deu - os poderes e assuntos relacionados com o nosso corpo e nossa alma animal (a nossa 'terra de Kenáan'), transformando-os, eventualmente, num recipiente para a Divindade, numa 'terra sagrada' - na terra de Israel". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 300, 5764, pp. 101.

Vá em frente, entre no mar, siga em frente, viva, mas como? Os espiões retornaram depois de 40 dias circulando pela Terra Prometida. Mais uma vez o 40 está presente e, como sempre, associado a mudança de rumo significativa de vida daquelas pessoas. Associativamente também a nossa recebeu os frutos decorrente desta mudança. O Criador deseja que sejamos pessoas reais, que façamos progresso, mas Ele sabe que também sofreremos quedas e sucessivamente, nos arrependeremos, retornaremos para o caminho, alcançaremos níveis mais elevados de consciência espiritual e depois uma nova queda se sucederá. É a questão primordial da quebra dos vasos (Klim). Lembre-se das duas Tábuas quebradas e depois das outras duas Tábuas.

Se tivessem entrado na Terra Prometida naquele momento, ou se tivessem permanecido para sempre no deserto, ou se tivessem rejeitado o fruto proibido, no fundo, estaríamos estagnados. **No Jardim do Éden, o trabalhar era necessário?** O trabalho é deste mundo. No deserto tudo vinha do céu, a comida, a água, as roupas não estragavam, crescia com o crescer das pessoas, se limpava sozinha etc. E se tivéssemos entrado na Terra Prometida, naquele momento, a presença diuturna do Criador com a Nuvem de Glória, a Coluna de Fogo tudo seria conquistado facilmente. **Mas, onde estaria o mérito do povo dos filhos de Israel (Pedreiro)? Seria, o receber sem merecer? Seria o pão da vergonha?**

Com Josué liderando o povo, foi necessária muita luta para conquistar parte da Terra Prometida. Jericó, por exemplo, era uma cidade fortificada, ocorreu uma luta intensa. Ou seja, em parte os espiões tinham razão. Mas, penso que o Eterno assim o desejou desde o princípio. Vá em frente entre no mar, siga em frente ... **Eu estou aqui para lhe auxiliar, mas a missão é sua. A missão é nossa desde o princípio!!!**

06 - Parashat Côrach – A Rebelião

Sinopse

O episódio dos espiões, relatado na Parashá anterior, ressaltou a importância de entrar na Terra de Israel para cumprir os mandamentos de D'us no mundo físico. Pouco depois, Côrach, instigou uma rebelião contra a sua autoridade. O perigo do raciocínio 'ou-tudo-ou-nada'. Um ponto importante e que não está explicito é a questão do papel das esposas na vida de uma pessoa e, consequentemente, influenciando um conjunto grande de pessoas. *Côrach levou... On filho de Pellet. Côrach era membro de uma das famílias mais ilustres do povo Israelita e fazia parte do círculo íntimo dos confidentes mais próximos de Moshê e Aharon. Por outro lado, On era uma pessoa bastante comum. No entanto, Côrach teve um fim trágico, arrastando centenas de outras pessoas com ele, enquanto On foi o único de toda a assembleia de Côrach que saiu completamente ileso. A discussão de Côrach com Aharon está baseada na separação das águas superiores e inferiores (2º dia da criação). Todas as discussões (que são separações entre as pessoas) se originam (espiritualmente) da separação entre as águas superiores e as inferiores, no segundo dia da criação. Ele (Côrach) sabia que o propósito final seria alcançado através do mundo físico, mas erroneamente pensava que não precisava de nenhuma contribuição do mundo espiritual (Hessed / revelação) para chegar lá.* Este foi o raciocínio que levou Côrach para o 'ou-tudo-ou-nada', agregando a ele formando um conjunto de pessoas dispostas a enfrentar a Moshê. A esposa de On percebeu que a elevação depende do trabalho conjunto entre os Levitas, Sacerdotes e o Cohen Gadol com as diferentes pessoas, suas contradições etc., mas, todos trabalhando juntos para elevar este mundo e transformá-lo na morada de HaShem. *D'us disse a Moshê para realizar um teste* (prova) *que demonstrasse o erro de Côrach e seus seguidores.* Um decreto pode ser anulado principalmente por Tzedaka e boas ações em conjunto com orações. Ou Teshuvá (arrependimento sincero) que é alcançado especialmente no dia de Yom Kipur (Dia do Perdão) que pode anular ou minimizar um decreto. Mas, a prova foi emitida para que a pessoa passe por aquele momento ou dificuldade e essa não pode ser anulada. *Nunca perder a esperança por nada. Moshê se levantou e foi até Datan e Aviram. Aprendemos de Moshê que sempre devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para trazer os nossos irmãos de volta a D'us e à Sua Torá, mesmo quando parece que já não há mais nenhuma esperança de retorno. Infelizmente Côrach não estava disposto a negociar, pois a intensão dele era permanecer em conflito. Côrach só era capaz de servir HaShem por meio de seu próprio caminho*" – a Gueburah. *O olfato é o mais 'espiritual' dos cinco sentidos; pode nos transportar aos mais elevados níveis de consciência e pode ser usado para restaurar a consciência de alguém que desmaiou.* O stress entre Moshê, Aharon e Côrach desencadeou uma crise no acampamento dos israelitas, resultando na morte de muitas pessoas. A sensibilidade espiritual do olfato, aguçada pelo odor do incenso cessou a praga. A exacerbação do ego foi aplacada. Ou seja, mesmo diante de adversidades, o chamado Divino é eficaz, imediato e transformador. Isto ocorre seja durante àqueles momentos em que tudo parece florescer (doce), mas também para àqueles momentos em que parece que nada floresce (amargo). O *extasiante amor por D'us era o que os sacerdotes* (descendentes de Aharon) *sentiam diariamente; porém, como todo o povo israelita é 'um reino de sacerdotes e uma nação santa', também todos nós* (Pedreiros) *podemos aspirar obter este extasiante amor por D'us, pelo menos ocasionalmente.* Almejar estar cada vez mais próximo de D'us é um grande objetivo. Mas, tudo tem custo. *O papel secundário exercido pela tribo de Levi que os mantém humildes e não impressionados com a sua própria posição na vida e é especialmente essa humildade que os aproxima de D'us. Em outras palavras, quando reconhecemos que o propósito da nossa vida é servir a D'us e nos dedicamos a consegui-lo, nos é assegurado a todo momento o melhor de tudo, tanto no sentido material como espiritual.*

1. (Côrach) – Números 16:01-13 – "*O episódio dos espiões, relatado na Parashá anterior, ressaltou a importância de entrar na Terra de Israel para cumprir os mandamentos de D'us no mundo físico. Pouco depois, Côrach, primo de Moshê, instigou uma rebelião contra a sua autoridade. O perigo do raciocínio 'ou-tudo-ou-nada'. Côrach e os seus partidários enfrentaram Moshê.*

Como consequência do episódio dos espiões, Côrach chegou à conclusão de que o estudo da Torá não é intrinsecamente superior à observância dos mandamentos. Portanto, seguiu raciocinando, aquele que trabalha para ganhar a vida não deveria ansiar por momentos inspiracionais de 'reconexão' com a espiritualidade, pois o que mais importa é a ação. Consequentemente, deduziu que tampouco era necessário que uma elite de indivíduos - a tribo de Levi, os Qohenim e, em especial, o Cohen Gadol - se dedicasse de forma exclusiva à vida espiritual com o objetivo de inspirar o restante de nós. Era 'ou-tudo-ou-nada': ou inspiração ou ação - e a ação era o que importava e pronto.

Moshê respondeu aos argumentos de Côrach explicando-lhe que tal elite de indivíduos que se dedicam exclusivamente ao serviço à D'us é necessária tanto para inspirar a todos aqueles que estão ocupados com as tarefas do mundo material, quanto para instruí-los em relação ao que é permitido e o que é proibido. Sem tal orientação e inspiração, é muito fácil perdermos de vista os nossos ideais e acabarmos virando escravos do materialismo - ao invés de sermos o seu mestre, prevalecendo sobre ele".

Um ponto importante e que não está explicito é a questão do papel das esposas na vida de uma pessoa e, consequentemente, influenciando um conjunto grande de pessoas. Nesta Parashat, apresenta-se como pano de fundo o poder das esposas. "*Côrach levou... On filho de Pellet. Côrach era membro de uma das famílias mais ilustres do povo Israelita e ele também era considerado um erudito, sábio, rico e fazia parte do círculo íntimo dos confidentes mais próximos de Moshê e Aharon. Por outro lado, seu companheiro de conspiração On, filho de Pellet, era uma pessoa bastante comum, tanto em termos de capacidade intelectual quanto de linhagem. No entanto, Côrach teve um fim trágico, arrastando centenas de outras pessoas com ele, enquanto On foi o único de toda a assembleia de Côrach que saiu completamente ileso.*

A diferença no destino desses dois conspiradores deveu-se ao comportamento de suas esposas. Enquanto a esposa de Côrach encorajou-o a rebelar-se, a esposa de On impediu-o de participar do motim de Côrach. Sanhedrin 1096; Bamidbar Rabá 18:20. Isso demonstra a grande responsabilidade das mulheres principalmente daquelas que são esposas e, especialmente, daquelas que também são mães. As mulheres nunca devem subestimar sua capacidade de influenciar seus próprios destinos, bem como os de sua comunidade, seus maridos e suas famílias". Likutê Sichot, Vol. 2, pg. 689-690, in Veshinantam 2024, ano 6, Nº 301, 5784, pg. 43.

Outro ponto importante a ser ressaltado é sobre a origem espiritual dessa discussão entre Côrach e Aharon e Moshê, bem como o resultado decorrente desta contenda. "*O Rabi Elimelech de Lizhensk, na sua obra, Noam Elimelech, explica que a palavra (ואתפלג) (Ve'etfaleg) (e Côrach separou-se) que indica separação e divisão, faz alusão à separação entre as águas inferiores e as águas superiores que ocorreu no 2º dia da criação. O Tsêmach Tsédek explica que isto, baseia-se no Zohar, que afirma que a separação das águas superiores e as inferiores é a discussão da esquerda contra a direita – e que corresponde à discussão de Côrach contra Aharon. Ou seja, a discussão de Côrach com Aharon está baseada na separação das águas superiores e inferiores (2º dia da criação). Todas as discussões (que são separações entre as pessoas) se originam (espiritualmente) da separação entre as águas superiores e as inferiores, no segundo dia da criação.*

***A Tora não diz** (טוב כי) (ki tov) - foi bom no 2º dia da criação, porque a possibilidade de divergir, de discussão, foi criada naquele dia. Aharon e as 'águas superiores' são o 'lado direito', conhecido como Hessed, no Zohar. O atributo emocional de Hessed (bondade, generosidade) representa o impulso que há, dentro de nós, de dar a outra pessoa e, num contexto espiritual, isso reflete o desejo de HaShem de revelar a Divindade às Suas criaturas. Em geral, Chassidut explica que um Cohen, como Aharon, representa Hessed. Côrach ou as 'águas mais baixas' são o lado esquerdo, Gueburah. A qualidade de Gueburah (justiça, disciplina) é o impulso para colocar limites na quantidade que é*

dada a outra pessoa. Em um contexto espiritual, representa o desejo de HaShem de se ocultar de Suas criaturas. Em geral, a Chassidut explica que um Levi como Côrach representa Gueburah. A discussão entre Côrach e Aharon representam, portanto, essas duas forças antagônicas.

Poderemos assim entender como a Gueburah (Côrach) por si só, já é a fonte de toda divergência e o objetivo de Côrach era criar uma discussão. Mas, a prioridade de Aharon era criar paz, isso colocou Côrach em desacordo com ele.

A separação das águas inferiores cria uma sensação de distância entre as águas inferiores e as superiores. Então, esse sentimento de distância resulta em uma sensação de anseio e desejo nas águas inferiores.

Finalmente, esse forte anseio cria uma força e desejo tão poderosos dentro das águas inferiores que elas são capazes de se impulsionar para um nível ainda mais elevado (de proximidade ao Rei, a HaShem) do que o nível espiritual em que se encontravam antes de serem separadas – ainda mais elevado do que o nível espiritual que as águas superiores são capazes de alcançar. Nós vemos, assim, que o propósito da separação entre as águas é para o benefício final máximo das águas inferiores.

Mesmo que a separação por si só, que criou a possibilidade de conflito, não fosse boa, o benefício final da separação começou a se revelar já no 3º dia: No 3º dia da criação, HaShem reuniu as águas formando os mares para, assim, revelar um lugar para a terra seca. A terra seca é o lugar onde as pessoas viverão, e as pessoas são as que possibilitarão a transformação das águas inferiores em seu estado final mais elevado.

No entanto, essa revelação só pode ser liberada quando as águas inferiores entenderem que sozinhas, ou seja separadas das águas superiores, elas não conseguem cumprir sua missão e dizem que querem estar diante do Rei, ou seja, querem vivenciar uma revelação da Divindade que lhes possibilite transformarem-se e sair desse seu estado inferior.

Côrach parece ter entendido a primeira metade desta ideia. Ele (Côrach) sabia que o propósito final seria alcançado através do mundo físico (que foi criado através do tsimtsum /Gueburah / a separação das águas etc.), mas erroneamente pensava que não precisava de nenhuma contribuição do mundo espiritual (Hessed / revelação) para chegar lá". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 301, 5784, pp. 92-102. Este foi o raciocínio que levou Côrach para o 'ou-tudo-ou-nada', agregando a ele formando um conjunto de pessoas dispostas a enfrentar a Moshê".

As mulheres têm um desenvolvimento espiritual elevado. A esposa de On, que era filho de Pellet, no fundo vendo que Côrah queria queimar etapas, alertou e abriu os olhos de seu esposo para não incorrer neste erro. Tudo tem o seu tempo. A mulher de On percebeu que a elevação depende do trabalho conjunto entre os Levitas, Sacerdotes e o Cohen Gadol com as diferentes pessoas, com as suas vidas, suas contradições etc., mas, todos trabalhando juntos para elevar este mundo e transformá-lo na morada de HaShem.

2. (Côrach) – Números16:14-19 – "*D'us disse a Moshê para realizar um teste* (prova) *que demonstrasse o erro de Côrach e seus seguidores. A oferenda de incenso era uma parte do serviço realizado no Mishcan que somente os Sacerdotes tinham a permissão de executar e só em momentos específicos. O povo israelita já havia testemunhado a morte dos dois filhos mais velhos de Aharon por realizar uma oferenda de incenso sem autorização. E assim sendo, D'us instruiu Moshê para ordenar a Côrach e aos seus seguidores que eles todos fizessem oferendas de incenso e Aharon também faria. Todo aquele cujo incenso não fosse aceito por D'us, morreria. Santos rebeldes. Que cada homem leve o seu incensário e deposite incenso nele e que cada homem apresente o seu incensário diante de D'us.*

Apesar de saberem que o uso não autorizado do incenso poderia ocasionar-lhes a morte, Côrach e seus seguidores aceitaram o desafio. Eles queriam experimentar o elevado ritual executado pelo Cohen Gadol, por mais que isso pudesse lhes custar a vida.

Neste sentido, as motivações deles eram puras e podemos aprender do seu exemplo que devemos aspirar às mais elevadas experiências espirituais. Porém, também devemos aprender do erro deles, que foi não reconhecer o paradoxo absurdo das suas ações: eles queriam fazer algo contra a vontade de D'us, achando que com isso iriam se aproximar mais d'Ele".

Em Bereshit 19 Abraão tem uma intensa discussão com o Eterno D'us buscando salvar as cidades do vale. Mas, quando ele recebe a '*ordem*' de ir sacrificar o seu próprio filho Isaac, Abraão segue as instruções sem protestar. Também Isaac, que neste tempo já tinha mais de 30 anos, poderia se negar a ser sacrificado, mas ele obedece a ordem sem gerar negativas. A discrepância entre estes comportamentos, está na questão da diferença que existe entre decretos celestiais e provas. A destruição de Sodoma e Gomorra, bem como das outras cidades do vale, era um decreto. Portanto, um decreto pode ser anulado principalmente por caridade (Tzedaka), boas ações em conjunto com orações. Ou Teshuvá (arrependimento sincero) que é alcançado especialmente no dia de Yom Kipur (Dia do Perdão), que pode anular ou minimizar um decreto. Mas, a prova foi emitida para que a pessoa passe por aquele momento ou dificuldade e essa não pode ser anulada. O Livro de Jó nos fornece vários exemplos neste sentido.

"*Em Números 16:01 aprendemos que Côrach (קרח) afastou-se da congregação para rebelar-se contra Moshê e Aharon, pois cobiçava os cargos do sacerdócio. Côrach era a reencarnação de Cain (קין), em quem predominava a inveja – kiná (קנאה).*

Essas três palavras acima em Hebraico iniciam-se pelo caractere (ק) Kuf. Multiplicando o valor do Kuf por três, encontramos 3x100=300. Este número equivale a Guematria das palavras HaShem Tzadik ivchan (יהוה צדיק יבחן), (10+5+6+5 + 90+4+10+100 + 10+2+8+50 = 300), D'us testa o justo. ***E Côrach não foi aprovado para merecer a liderança devido a sua inveja***". Bamidbar – O Deserto da Fé, pp. 171-172.

3. (Côrach) – Números 16:20-17:08 – "*Duzentas e cinquenta pessoas realizaram a oferenda de incenso. A estes se somou uma grande multidão de pessoas a quem Côrach conseguiu convencer com a ajuda dos irmãos Datan e Aviram, membros da tribo de Reuben. Moshê, por sua vez, tentou convencer estes outros rebeldes a abandonar o motim. Nunca perder a esperança por nada. Moshê se levantou e foi até Datan e Aviram.*

Datan e Aviram haviam demonstrado abertamente a sua animosidade contra Moshê, a quem acusaram de déspota e impostor. Além disso, o próprio D'us já havia definido o seu castigo, e tinha ordenado a Moshê salvar apenas aos demais rebeldes do iminente destino reservado aos irmãos. Mas ainda assim, Moshê guardava a esperança de que os seus 'inimigos' terminariam por se arrepender e fez tudo o que estava ao seu alcance para que reconsiderassem sua postura.

Aprendemos de Moshê que sempre devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para trazer os nossos irmãos de volta a D'us e à Sua Torá, mesmo quando parece que já não há mais nenhuma esperança de retorno. Se isto se aplica até quando eles rejeitam sua fé de forma intencional, quanto mais quando eles se afastam de D'us e de Sua Torá apenas por pura ignorância".

"*A Gemará diz (אין מחזיקין במחלוקת)* ('en marzikin bemachloket) *que geralmente se traduz como "não se envolva em uma discussão". Mas, literalmente, a tradução da palavra (מחזיקין)* (marzikin) *significa 'fortalecer', ou não 'adicione força' a uma discussão. A existência de conflito no mundo. O fato que*

os opostos existem, é uma criação de HaShem. Não há nada intrinsecamente errado em duas coisas ou conceitos opostos no mundo.

O erro de Côrach foi que pensou que o conflito deveria permanecer em conflito. Na realidade, HaShem cria conflitos para nós resolvermos, o que nos possibilita alcançar níveis (espirituais) ainda mais elevados do que conseguiríamos sem ter um conflito.

Assim como na ordem da criação, a intenção final e derradeira do 2º dia (separação) foi realizada no terceiro dia (a terra seca foi criada para o Ser Humano viver), HaShem pretendia que o mesmo padrão fosse seguido com o conflito entre Côrach (Gueburah) e Aharon (Hessed). A paz resultante da resolução do conflito levaria os israelitas a um nível mais elevado do que àquele em que estavam antes do início de tal conflito.

Podemos ver que Moshê tentou colocar isto em prática, utilizando-se de Tifereth que é o terceiro filho resultante de Hessed e Gueburah. Moshê foi falar com Côrach e seus partidários para tentar fazer as pazes entre os dois lados. Infelizmente Côrach não estava disposto a negociar, pois a intensão dele era permanecer em conflito. Côrach só era capaz de servir HaShem por meio de seu próprio caminho" – a Gueburah. Veshinantam 2024, ano 6, Nº 301, 5784, pp. 105-106.

Mas, porque após a primeira confrontação com Côrach, Moshê não vai procurá-lo novamente? Em vez disso, ele envia um chamado a Datan e Aviram e diante da recusa deles, levanta-se e vai pessoalmente até suas tendas. Seria esperado que Moshê fosse tratar diretamente com o líder aparente da revolta, que era Côrach. Entretanto, os Sábios dizem que Côrach era o idealizador e articulador da rebelião, entretanto Datan e Aviram eram os elementos que transformavam a contestação religiosa numa revolta política e social.

Rashi destaca que Moshê, mesmo depois de ter sido insultado, procurou fazer uma última tentativa de paz. Ele se dirigiu a Datan e Aviram porque o líder de Israel deve esgotar todos os caminhos de reconciliação antes que ocorra uma ruptura definitiva. Rashi cita o princípio de que não se deve sustentar uma disputa ou desacordo (machloket) (מחלוקת). Moshê, portanto, age como um pacificador que busca encerrar o conflito.

Os Sábios destacam que Datan e Aviram aparecem repetidamente na narrativa do Êxodo como opositores de Moshê. Eles os identificam com sendo as mesmos pessoas que reclamaram quando Moshê matou o egípcio, ou os que denunciaram Moshê ao Faraó e são também àqueles que desafiaram suas instruções acerca do Maná. Assim, Côrach surge como o organizador da revolta, mas Datan e Aviram representam uma oposição persistente à liderança de Moshê. Talmud Bavli, *Nedarim* 64b; *Shemot Rabbah* 1:29, 31; Rashi on Exodus 2:13, 2:15.

Nachmânides comenta que Côrach era um levita e sua reivindicação estava ligada ao sacerdócio e ao serviço Sagrado. Datan e Aviram, pertencentes à tribo de Ruben, tinham outro objetivo. Como descendentes do primogênito de Jacob, eles argumentavam que a liderança política deveria pertencer à sua tribo. Na visão deles, Moshê havia recebido a autoridade régia (a soberania de um verdadeiro rei), Aarão o sacerdócio e a tribo de Levi posições de destaque, enquanto a tribo de Rúben havia sido deixada em segundo plano. Assim, a revolta possuía duas dimensões, ou seja, uma sacerdotal, representada por Côrach, e outra política representada por Datan e Aviram.

Sob essa perspectiva, Moshê compreendeu que Côrach era apenas uma parte do problema. A outra parte eram os objetivos representados por Datan e Aviram, porque eles questionavam a legitimidade de toda a estrutura de liderança estabelecida por D'us. Esta é a motivação que fez com que Moshê se deslocasse até Datam e Aviram.

O Zohar descreve Côrach como alguém movido por uma percepção espiritual elevada, mas desequilibrada pelo desejo de ocupar uma posição que não correspondia à sua raiz de alma. Datan e Aviram, por sua vez, simbolizam forças de separação e divisão ligadas ao aspecto mais material da disputa. Enquanto Côrach ainda discutia conceitos de santidade, como o representado por sua fala de que "*toda a congregação é santa*", Datan e Aviram atacavam diretamente a missão de Moshê e a própria saída do Egito.

Isto nos faz compreender que Côrach ainda podia ser submetido ao teste espiritual do incenso, que revelaria quem havia sido escolhido por D'us. Porém, Datan e Aviram precisavam ser confrontados pessoalmente, porque representavam a ruptura da unidade nacional. A ida de Moshê à tenda deles é o último esforço para restaurar a paz entre partes do povo que estavam se afastando da missão conjunta.

A função de Moshê além de transmitir a Torá, era também a de reunir as centelhas Divinas dispersas de Israel numa única unidade espiritual (União Espiritual). Assim, antes que a prova a que seriam submetidos se materializasse; ele desce até aqueles que estavam mais afastados, buscando reaproximá-los da comunidade. O fato de Datan e Aviram rejeitarem essa aproximação realizada por Moshê, é o sinal de que a divisão havia alcançado um ponto em que a correção já não poderia ocorrer por meio do diálogo, exigindo a intervenção direta da justiça Divina (Gueburah).

Por isso, a tentativa de Moshê buscar conversar explicitamente com Datan e Aviram não foi um desvio de foco da rebelião. No fundo, ele estava se dirigindo ao ponto onde a ruptura era mais profunda e onde uma última tentativa de reconciliação, teoricamente, ainda poderia ser realizada. Como não obteve sucesso, a prova materializar-se-á.

4. (Côrach) – Números 17:09-15 – "*Quando Côrach e os seus seguidores se recusaram a se retratar, D'us enviou um fogo que consumiu todos aqueles que haviam realizado oferendas de incenso; os rebeldes restantes foram engolidos pela terra, que subitamente abriu-se sob os seus pés. No dia seguinte, o povo israelita reclamou sobre o destino dos rebeldes e afirmou que o incenso era um instrumento mortífero. Para demonstrar o seu erro e castigar aqueles que ainda aderiam às ideias de Côrach, D'us lançou contra eles uma epidemia que causou mortes fulminantes. Depois, ordenou a Aharon para neutralizar a epidemia por meio de uma oferenda de incenso realizada por ele mesmo, provando assim que, usado a serviço de D'us, o incenso promove a vida e salva da morte. Matar a morte. Aharon colocou incenso sobre o incensário e expiou pelo povo.*

O olfato é o mais 'espiritual' dos cinco sentidos; pode nos transportar aos mais elevados níveis de consciência e pode ser usado para restaurar a consciência de alguém que desmaiou. Por essa razão, o incenso que ardia no Mishcan expressava a nossa unidade interior com D'us.

Quando essa elevada experiência de unidade com D'us é equilibrada com a humilde submissão à Sua vontade, torna-se positiva; porém, quando tal experiência espiritual torna-se mais importante que a nossa devoção à vontade de D'us, ela passa a ser suicida e, portanto, negativa. É por isso que, quando o incenso foi oferecido pelo desejo egoísta de escapar da realidade e da responsabilidade, ele provou ser fatal.

O antídoto para esse impulso 'suicida' é canalizá-lo positivamente. Ao escolher persistentemente 'desistir de nossa vida', isto é, de nossa participação egoísta em tentações impuras para estudar a Torá com humildade, esta torna-se parte de nós e permanece conosco".

Sabe-se que o olfato é o mais espiritual dos sentidos. O que isto nos revela? "*O conflito entre Côrach e Aharon representa o conflito entre Gueburah e Hessed. Hessed e Gueburah representam, respectivamente, revelação e ocultação, e cada um tem uma vantagem e desvantagem. Por mais que*

Hessed revele a Divindade, no entanto, só é possível uma revelação limitada. Já a Gueburah não tem a vantagem da revelação, e sim, é justamente a falta de revelação que possibilita que a Gueburah se conecte com a essência ilimitada de HaShem". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 301, 5784, pg. 107.

Seja na revelação proporcionada por Hessed, seja na conexão a essência de HaShem proporcionada por Gueburah, seja a solução do conflito por Moshê que representa Tifereth, o olfato pode nos dar um vislumbre do espiritual. Lembremo-nos que ao fim do Shabat, na Havdalah cheira-se especiarias e na festa de Sucot onde se tem as 4 espécies, uma delas, o Etrog, tem sabor e aroma.

"*Não devemos julgar pelas aparências. As coisas quase nunca são o que parecem. Podemos enxergar o que está além da matéria, além do que é possível medir e verificar, em outra dimensão de consciência. Nosso mundo é regido pela Lei de Causa e Efeito, contudo algumas vezes, isso parece ser quebrado. Muitas vezes a causa, que não conseguimos encontrar aqui, está na dimensão atemporal, nos mundos acima de nós. Quando entramos no caminho espiritual, elevamos nossa consciência além do que nossos sentidos nos revelam. Todas as manifestações aqui vêm dos mundos superiores. Ao aumentar nossa consciência é como se levantássemos uma cortina: lá estão todas as causas que não percebemos aqui, e isso muda tudo*". Livro, A Força de Ian Mekler, pg. 165.

Isto significa que o stress entre Moshê, Aharon e Côrach desencadeou uma crise no acampamento dos israelitas, resultando na morte de muitas pessoas. Recordemo-nos da expressão: "*Um olfato agradável a D'us*". Abraão quando entra na caverna de Machpelá sente o cheiro do Gan Eden. Veja que ao sentir pelo olfato o odor do incenso, a praga que assolava o acampamento cessou. A sensibilidade espiritual do olfato, aguçada pelo odor do incenso cessou a praga. A exacerbação do ego foi aplacada.

5. (Côrach) – Números 17:16-24 – "*Para demonstrar de forma categórica que a tribo de Levi (de onde proviam os sacerdotes e levitas) tinha sido separada pelo próprio D'us do restante do povo para realizar a sua tarefa, Ele ordenou a Moshê a tomar um bastão de cada um dos príncipes das doze tribos e dispô-los junto à Arca no Côdesh Hacodashim, a câmara interna do Mishcan. Assim fez Moshê, e no transcurso da noite, do bastão de Aharon floresceram amêndoas, enquanto os demais permaneceram tal qual eram. A necessidade da rapidez. O bastão de Aharon - representando a casa de Levi - floresceu; dele brotaram flores, saíram frutos em flor e ele produziu amêndoas maduras.*

De todas as frutas, as amêndoas são as mais rápidas em florescer, amadurecer e estarem prontas para o consumo humano. Este atributo caracterizava a função dos levitas no Mishcan de duas maneiras: ***1.*** *Os Qohenim abençoavam o povo todas as manhãs. O propósito de suas bênçãos era possibilitar que a bondade de D'us atingisse o povo israelita de forma rápida e direta.* ***2.*** *Os Qohenim realizavam as suas tarefas com agilidade e entusiasmo.*

*Uma vez que o povo israelita é 'um reino de Qohenim e uma nação santa', devemos aprender do entusiasmo e da agilidade os Qohenim com as quais os Qohenim cumpriam as suas tarefas***.** *Não devemos encarar a nossa missão Divina na vida com apatia ou resignação, mas responder a cada oportunidade de forma rápida, enérgica e com todo o nosso coração***.** *Quando assim o fizermos, podemos ter a certeza de que as bênçãos de D'us e o êxito por nossos esforços não demorarão em chegar a nós*".

Um fato interessante é que os cajados representam madeiras, teoricamente, sem vida. D'us fez o cajado de Aharon, que também era uma madeira sem vida, florescer e dar frutos. Esse fato mostra-nos, mais uma vez, o poder de D'us, o qual transcende as limitações da natureza. Ou seja, Ele trouxe vida aonde ela já não existia mais. Isto marcou e tornou evidente a todos que D'us havia separado a tribo de Levi para a realização do sacerdócio. Lembrando que Aharon e seus filhos eram os Sacerdotes do Tabernáculo, mas todos eram da tribo de Levi. Por isso, foi colocado somente um cajado no meio

de todos os cajados, representando essa tribo. O cajado de Aharon foi colocado no meio de todos os cajados, para que não afirmassem que o cajado havia florescido, porque estava mais próximo da Arca Sagrada, não restando qualquer dúvida a todos.

"*Em seguida ao fato do florescimento único do cajado de Aharon, Moshê tirou todos os outros cajados de diante de D'us. Metaforicamente, todos nós recebemos um cajado retirado do Mishcan de D'us, ou seja, o apoio Divino no qual podemos confiar, enquanto cumprimos nossa missão. Recebemos esse "bastão" de Moshê, ou seja, estudando a Torá que Moshê nos deu e seguindo seus ensinamentos.*

O fato de que o "cajado" de Aharon floresceu e deu frutos vem nos ensinar que D'us ajuda a fazer tudo no mundo florescer tornando-se um belo componente de Seu lar terreno. Isso é verdade até mesmo em relação à madeira morta, elementos da criação que aparentemente estão "mortos" e carecem de espiritualidade.

Também o cajado de Aharon ter florescido tão rápido nos ensina que D'us igualmente nos ajuda a fazer com que as belas coisas frutifiquem logo, aumentando rapidamente a consciência Divina no mundo". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 301, 5784, pg. 47.

É importante o Pedreiro refletir sobre o andamento das respectivas vidas. **Questione-se como D'us pode trazer luz e vida onde há circunstâncias que parecem sem esperança?** O florescer do cajado torna visível os fundamentos (Yessod) (GT) da vida. Ou seja, mesmo diante de adversidades, o chamado Divino é eficaz, imediato e transformador. Isto ocorre seja durante àqueles momentos em que tudo parece florescer (doce), mas também para àqueles momentos em que parece que nada floresce (amargo).

6. (Côrach) – Números 17:25-18:20 – "*O povo israelita finalmente aceitou a distinção ordenada por D'us entre Qohenim e levitas de um lado, e pessoas comuns de outro. Contudo, logo se queixaram de que, sendo que o ingresso a determinadas áreas do Mishcan constituía uma ofensa capital para aqueles que não eram levitas, estes se viam constantemente expostos a um perigo mortal. D'us, então, determinou aos Qohenim e levitas a responsabilidade de evitar que os indivíduos não levitas ingressem em áreas proibidas a eles. Extasiado amor por D'us. Enquanto descrevia as obrigações dos Qohenim, D'us ordenou a Moshê dizer a eles: 'entreguei o seu sacerdócio 'a vocês como um presente de serviço'.*

Vemos aqui que existe um nível de relacionamento com D'us que não conseguimos atingir por nós mesmos; apenas D'us pode nos concedê-lo, como um 'presente de serviço'. O Cântico dos Cânticos (a descrição poética escrita pelo rei Salomão a respeito do amor entre D'us e o povo israelita) descreve este estado de espírito maravilhoso como 'um amor de deleites', e é comparado, pelos sábios do Talmud, com o prazer da Revelação Divina que nos espera no Mundo Vindouro.

Este extasiante amor por D'us era o que os sacerdotes (descendentes de Aharon) *sentiam diariamente; porém, como todo o povo israelita é 'um reino de sacerdotes e uma nação santa', também todos nós* (Pedreiros) *podemos aspirar obter este extasiante amor por D'us, pelo menos ocasionalmente*".

Almejar estar cada vez mais próximo de D'us é um grande objetivo. Mas, tudo tem custo. Permanecer alheio a vida espiritual, apenas cuidando das coisas profanas, tem um custo que todos já percebemos. Mas, buscar nos aproximarmos do Criador, também tem custo. Então vejamos: "*Segundo o exegeta Rashi, D'us adverte os Sacerdotes* (descendentes de Aharon) *que Ele os responsabilizaria diretamente pelo erro dos estranhos em tudo que dizia respeito aos objetos Sagrados que estavam sob a sua custódia, ou seja, a Arca Sagrada, a mesa e os utensílios Sagrados. Além disto, os Sacerdotes deveriam considerar este serviço uma honra e grande privilégio e não uma mera obrigação.*

Em função dos Sacerdotes não ter herança de terra, D'us concedeu-lhes vinte e quatro fontes de renda. Na época do Mishcan e do Templo Sagrado, os Sacerdotes e os Levitas eram os representantes do povo de Israel, dedicando seu tempo para o serviço Divino. Eles não tiveram parte na herança da Terra Prometida. Fora atribuído a eles 35 cidades e mais 13 cidades no território de Israel, onde viviam praticamente do dízimo da colheita que os israelitas lhes davam. Apesar disto, os Levitas eram como deserdados e, pela sua situação precária, a Torá os associa ao estrangeiro, a viúva e ao órfão (Deut. 26:12-13)". Torá Sefer, comentários pp. 442-443.

"*O nome Levi significa "acompanhar" ou "estar ligado". Poderíamos imaginar, então, que os levitas desfrutavam de uma conexão direta com D'us. Na verdade, porém, o papel dos levitas no Mishcan e, mais tarde, no Templo Sagrado, era apenas de auxiliar os Sacerdotes em seu serviço Divino. Além disso, enquanto toda a tribo de Levi, não recebeu de D'us uma porção de terra de Israel, D'us apenas "apaziguou' os Sacerdotes por 'não terem terra', dizendo-lhes que Ele 'é a sua porção e herança'. Mas, não ofereceu 'consolo' aos levitas. Assim, sendo, os levitas foram excluídos tanto da herança física da terra quanto da herança espiritual, que foi prometida especialmente aos Sacerdotes* (descendentes de Aharon).

No entanto, é justamente essa subserviência que impulsiona a tribo de Levi a tão grandes alturas espirituais. O papel secundário exercido pela tribo de Levi que os mantém humildes e não impressionados com a sua própria posição na vida, e é especialmente essa humildade que os aproxima de D'us".

A cerca de 300 anos, James Anderson publicou as "*Constituições*" onde encontramos que apenas membros iniciados podem participar dos trabalhos na Organização dos Pedreiros Livres. Penso que essa Organização está fundamentada na Torá. Se assim for, a pequena lista abaixo pode nos ajudar a entender os porquês deste tema.

Êxodo 30:07-09 – "*7 E Aharon fará queimar sobre ele incenso de especiarias pela manhã, quando limpar as lâmpadas, o queimará. 8 E ao acender Aharon as velas à tarde, o queimaras; incenso contínuo diante do Eterno, por vossas gerações. 9 não ofereceis sobre ele incenso estranho, nem oferta de elevação nem oblação, e libação não derrameis sobre ele*".

Levítico 22:10 – "*E todo estranho não comerá da santidade; aquele que mora com o sacerdote e o empregado não comerá da santidade*".

Números 03:10 – "*E a Aharon e seus filhos designaras e eles guardarão o seu sacerdócio e estranho que chegar será morto*".

Números 03:38 – "*E os que acamparão diante do Tabernáculo, no lado do Oriente, defronte a Tenda da Reunião, serão Moshê, Aharon e seus filhos, que cuidarão da guarda do santuário, em prol da guarda dos filhos de Israel; e o estranho que se aproximar será morto*".

Números 18:04– "*E se juntarão contigo e farão o serviço da guarda da tenda da reunião, todo o serviço da tenda; e o estranho não se chegará a vós*".

Números 18:07 – "*E tu e teus filhos contigo, guardareis vosso sacerdócio para tudo o que for concernente ao altar e ao que estiver para dentro da divisória, e servireis; o serviço de vosso sacerdócio dei-o como dádiva a vós; e estranho que se chegar será morto*".

A lista acima, nos mostra que aqueles homens assumem uma responsabilidade elevada. O verdadeiro Pedreiro é inflexível com respeito a verdade, com a liberdade, a igualdade e a fraternidade; com a aplicação desses princípios tanto no âmbito pessoal, organizacional ou na comunidade que o cerca.

Tem de ser rigoroso em seu aprimoramento intelectual, moral e espiritual. Impõe-se trabalhar a todo instante para vencer as suas paixões desprezíveis, que desonram e aviltam o Ser Humano. Deve controlar e colocar o seu ego (alma animal) a serviço da alma Divina. Um verdadeiro Pedreiro pratica a Tzedaka etc.

7. (Côrach) – Números 18:21-32 – "*Por último, para confirmar que os sacerdotes foram selecionados do restante do povo pela Sua explícita vontade, D'us enumera os bens que eles tinham o direito de receber do povo israelita. A enumeração incluía porções específicas dos sacrifícios, das colheitas e dos rebanhos do povo. Também os levitas recebiam porções específicas das safras do povo, parte das quais deviam entregar, por sua vez, aos Qohenim. As porções dos Qohenim. D'us ordenou a Moshê dizer aos levitas: 'Quando tomarem o dízimo dos israelitas... vocês devem separar uma porção para D'us, que darão aos sacerdotes'.*

Apesar do sacerdócio físico ter sido reservado para os descendentes de Aharon, o sacerdócio espiritual se encontra ao alcance de todos os israelitas. D'us chama o povo israelita de 'reino de sacerdotes'. Como explica o Rabi Moshê Maimônides: 'Todo Ser Humano cujo espírito o mova e cujo intelecto o motive a distinguir-se colocando-se em pé diante de D'us, servindo-Lhe e conhecendo-O... se santifica como o Santo dos Santos... e lhe serão concedidas todas as suas necessidades físicas, tal como eram providas aos Qohenim e aos levitas'.

Em outras palavras, quando reconhecemos que o propósito da nossa vida é servir a D'us e nos dedicamos a consegui-lo, nos é assegurado a todo momento o melhor de tudo, tanto no sentido material como espiritual".

Na vida dentro da organização, invariavelmente, alguns dedicam grande parte de seu tempo na administração dos recursos que lhes são destinados pelo conjunto dos Pedreiros. "*A Torá previne os Sacerdotes e os Levitas para não profanarem as doações (santidade) do povo de Israel e que cumpram tudo aquilo que fora estipulado a esse respeito. Se assim não o fizerem, será considerado uma profanação do nome Divino.*

Além do significado literal o versículo de Números 18:32, traz uma mensagem que deve calar fundo na alma de todo líder espiritual do povo israelita., a respeito do trato com o dinheiro público – isto é por demais óbvio – e sobre os valores históricos e espirituais consagrados pelos filhos de Israel através dos séculos de existência. Abolir tais valores, tergiversar (hesitar) *sobre eles ou desvirtuá-los conduzirá irremediavelmente à profanação do nome de D'us e ao desaparecimento desse tipo de condutores espirituais, tão parcimoniosos e irrelevantes para com os valores milenares e eternos do povo israelita. Tal conduta pode colocar em risco até mesmo a continuidade de Israel como povo, porque não há corpo sem cabeça que consiga sobreviver.*

Esta mensagem subliminar no final desta Parashá, que descreve uma sublevação contra a autoridade dos poderes constituídos por D'us logo após a Parashá que descreve como a descrença em D'us desencadeou uma enorme tragédia em Israel, provocando a perda de toda uma geração nas areias escaldantes do deserto, decerto nos levará a refletir sobre a importância da fé plena no Criador do Universo e na obediência consciente aos Seus ensinamentos, para não ameaçar a perpetuação do povo israelita".

07 - Parashat Chukat – Decreto – Últimas Viagens

Sinopse

Primeiro, deve-se abater uma vaca de pelo totalmente avermelhado. O vermelho é muitas vezes associado ao pecado "*Ainda que vossos pecados sejam como o escarlate, se tornarão brancos como a neve ...*" (Isaías 01:18). O ritual da vaca vermelha, portanto, associa-se a essa energia de julgamento que deve ser equilibrada com a misericórdia, por meio do exercício do próprio decreto. Tenho de usar algo puro, por exemplo uma vaca totalmente vermelha, ou sem defeito, para limpar o que não está puro. Destaca-se que a água, utilizada para purificar o Cohen, deveria ser o que se chama de águas vivas, de uma nascente natural, corrente e não manipulada, em função do nível de pureza exigido por este ritual de purificação. *D'us ordenou ao povo israelita permanecer acampado no limite com a Terra de Israel durante os dezenove anos posteriores à rebelião de Côrach. Em seguida, os israelitas vagaram pelo deserto outros dezenove anos, até que chegaram aos limites do reino de Edom.* Portanto, a forma da Torá narrar os acontecimentos, apresenta um salto no tempo na Parashat Chukat de Números 19:22 para 20:01. No versículo 20:01 é narrada a morte de Mirian, que ocorre no quadragésimo ano após o Êxodo do Egito. No fundo, este salto corresponde ao despertar do povo israelita, pois estavam nos preparativos finais para adentrar a Terra Prometida. Entre àqueles que tinham menos de 20 anos ao sair do Egito, muitos já assumiam posição de destaque. É um povo revigorado. Mas, que não deixa de cometer erros. *D'us esperava que o povo israelita aprendesse a reverenciá-Lo ao verem Moshê falar com a rocha e chegasse à seguinte conclusão: 'Se até uma rocha qualquer, sem vida, obedece à vontade de D'us quando recebe uma ordem Divina, quanto mais deveríamos fazê-lo nós, que compreendemos as razões para obedecê-Lo e necessitarmos de Sua assistência. Contudo, como Moshê acabou golpeando a rocha, esta lição já não era tão evidente. Consequentemente, D'us teve de ensinar ao povo israelita a mesma lição castigando a Moshê e Aharon por sua desobediência: decretou que ambos teriam que morrer no deserto, sem nunca poder entrar na Terra de Israel. Quanto mais importante é a pessoa, maior é a sua responsabilidade, sendo-lhe considerados como graves os erros que para outros são pequenos. A mensagem de Moshê ao rei edomita é a mesma que nossas almas Divinas devem transmitir ao mundo material enquanto ainda estamos no exílio: 'É verdade: fisicamente, nós, os israelitas, somos iguais ao restante das pessoas; temos as mesmas necessidades físicas, que devemos satisfazer trabalhando e vivendo no mundo físico. Nós também recebemos a tarefa de Essav de transformar o mundo físico em um lar para D'us. Mas antes de imitar Essav, devemos primeiro imitar Yaacov, mergulhando no estudo da Torá e no cumprimento dos mandamentos de D'us. A força espiritual que assim acumulamos permite-nos continuar a transformar a realidade material. Mas, logo vem a dúvida: A primeira vez que Amalêc atacou o povo israelita foi quando eles estavam a caminho de receber a Torá e voltou a fazê-lo quando eles se preparavam para entrar na Terra de Israel.* Os amalequitas representam o inimigo espiritual do povo israelita. Eles atacam os fracos e àqueles que tem dúvidas, sendo que sua missão é cortar a continuidade da fé do povo. Mas, *quando nos inspiramos a cumprir incondicionalmente a nossa missão Divina, cheios de otimismo e concentrados em nosso objetivo, D'us nos dará a oportunidade de concretizar os nossos sonhos.* Quanto mais profundo o desejo de nos aproximarmos de Hashem, mais Ele se revela a nós. *O verdadeiro líder israelita não é apenas um mero representante do povo, e sim, ele e o povo são uma coisa só na essência.* Mesmo em escala muito menor, também lideramos a quem nos rodeia. A principal forma de liderar é praticando Tzedaka, ou a caridade equilibrada pela justiça e a justiça equilibrada pela misericórdia. *Nossos bens são como um penhor que um dia deveremos devolver e restituir ao seu legítimo Dono.*

1.(Chukat) – Números 19:01-17 – *"No dia 1.º de Nissan de 2449, data na qual foi inaugurado o Mishcan, D'us ensinou a Moshê como purificar o povo israelita da impureza ritual contraída pelo contato com um cadáver humano. Primeiro, deve-se abater uma vaca de pelo totalmente avermelhado e queimar sua carcaça até convertê-la totalmente em cinzas. Depois, prepara-se uma solução líquida composta de água de manancial e as cinzas da vaca. A pessoa ritualmente impura começa então um processo de purificação que leva sete dias. Um Cohen respinga sobre ela uma*

pequena quantidade do preparado de água e cinza da vaca no terceiro e no sétimo dia. Depois, a pessoa deve submergir em uma piscina ritual (micvê) e esperar até o anoitecer para completar o processo de purificação. Misericórdia e altruísmo. Nos dias terceiro e sétimo a pessoa impura deve purificar-se.

Para purificarmo-nos da impureza da morte que, em termos psicológicos, significa a paralisia causada pela depressão ou a insensibilidade em relação à dimensão espiritual da vida - devemos invocar dois atributos emocionais da alma: o terceiro e o sétimo. A terceira emoção é a piedade (Tifereth); a sétima, a auto submissão (Malkhuth). Quando percebemos a dor que sofre a nossa alma Divina por ter restringida à sua consciência ao mundo material, nos vemos impulsionados a resgatá-la por meio do estudo da Torá de D'us e do cumprimento dos Seus mandamentos. Quando não somos egocêntricos, o fluxo de energia e vitalidade Divina que deve energizar nossas vidas não é bloqueado pelos nossos interesses egoístas".

As Mitzvot podem ser classificadas como de possível interpretação e aquelas que são muito difíceis de serem interpretadas. Relembro que as Mitzvot Mishpatim são àquelas que fazem sentido para a lógica humana. Mitzvot Chukim (plural de Chukat) são os mandamentos que devem ser cumpridos simplesmente, porque foram ordenados por D'us, mas são difíceis ou impossíveis de serem interpretados. Um exemplo clássico é a questão da vaca vermelha, sobre o qual foi dedicada uma Parashat. Entretanto, podemos olhar para essa Mitzvah e buscar entender o que é possível. Entretanto, Rashi fala que é um mandamento sem razão compreensível e que devemos cumprir porque é um decreto de D'us.

Mas, mesmo assim, buscando algum entendimento, percebe-se que a Parashá Chukat da vaca vermelha veio após os eventos de Côrach. **Mas, por que isto ocorre?** No fundo Côrach criou uma grande confusão, desestabilizando o acampamento dos israelitas espiritualmente e as pessoas começaram a morrer, por causa da impureza que elas adquiriam. Aharon colocou incenso no incensário e incensou o povo. Mas, em seguida o Eterno ensina o mandamento da vaca vermelha, porque a vaca vermelha tem o poder de purificar as energias negativas, em um grau mais elevado que o realizado pelo incenso.

Mas, por que o uso da cor vermelha? O vermelho é muitas vezes associado ao pecado "*Ainda que vossos pecados sejam como o escarlate, se tornarão brancos como a neve ...*" (Isaías 01:18). Assim, o ritual da vaca vermelha representa o meio pelo qual o pecado é expiado. O sacrifício da vaca, cujas cinzas misturadas com água de manancial, simboliza a purificação que transforma o impuro em puro. Veja que essa cor está associada a severidade Divina (Gueburah). O ritual da vaca vermelha, portanto, associa-se a essa energia de julgamento que deve ser equilibrada com a misericórdia (água de manancial), por meio do exercício do próprio decreto (mandamento).

Sabemos que o vermelho também simboliza o sangue, a morte e a carne. O uso do vermelho portanto, seria para confrontar diretamente a impureza da morte, lidando com ela no nível físico. Mas, isto seria um paradoxo, pois utilizar-se-ia de algo material para proceder a purificação espiritual de uma pessoa.

O ritual da vaca vermelha é ilógico e extremamente complexo, pois purifica os impuros e torna os puros em impuros (como o Cohen que realiza o ritual). "*Rashi fala que esse decreto é sem razão compreensível. O vermelho não é explicado por ele, pois o foco está na submissão à vontade Divina*". Torá Chumash Bamidbar (Números), pg. 100, ISBN 978-85-85516-51-2.

Por que uma vaca e não outro animal? "*Os israelitas cometeram o pecado do bezerro de ouro. A vaca, simbolicamente é a genitora do bezerro e vem limpar a sujeira produzida pelo filho (o bezerro). A escolha de uma vaca é, portanto, uma forma de reparar esse erro*".
https://www.sefaria.org/Midrash_Tanchuma%2C_Chukat.8.1?lang=bi

"*Nossos sábios ilustram a função da novilha vermelha por meio de uma parábola. O filho de uma escrava sujou o palácio do rei... O pecado do bezerro de ouro deve ser expiado pela vaca - mãe, a novilha vermelha. Ela se esforça para reabilitar seus filhotes... Quem ajuda a vaca - mãe em seu trabalho de parto, ajuda a promover a reabilitação dos filhotes... Ao mesmo tempo, quem auxilia na preparação das cinzas da novilha vermelha, também ajuda a suportar a culpa que a novilha vermelha está tentando remover da terra*". Akeidat Yitzchak 79:01:08 in sefaria.org. Lembremo-nos que um médico ao tratar um doente, pode se contaminar com a mesma doença que o doente estava. No caso da vaca vermelha, aquele que estava realizando o ritual, invariavelmente tornava-se impuro.

"*Lembro também que a vaca tinha de ser uma vaca totalmente vermelha sem qualquer mácula. Se tivesse dois pelos de cor diferente do vermelho, ter defeitos físicos de nascença ou ter suportado a canga no pescoço que é usada para fazer com que o animal trabalhe, por exemplo, puxando um arado, ela não pode ser utilizada. Como o objetivo é limpar uma negatividade, estes "defeitos", no fundo, são uma negatividade. Ou seja, tenho de usar algo puro, ou sem defeito, para limpar o que não está puro. Na questão do trabalho, este foi uma das maldições que D'us impôs aos Seres Humanos, quando estes foram expulsos do Jardim do Eden. Portanto, um animal que já trabalhou, ele está ligado a este mundo de trabalho***"**. Inspirado em A Vaca Vermelha - Zôhar Diário - Chucát - 27/06/2017 – Rabino Yair Alon.

"*E o sacerdote tomará pau de cedro, hissopo e lã carmesim e os lançará no meio do fogo que consome a vaca*." **Qual o significado destes elementos?** O cedro é uma árvore de porte alto, que simboliza a grandeza (o ego). O cedro é queimado para nos mostrar a submissão do ego a alma Divina. O hissopo é uma planta pequena que foi usada em Êxodo (12:22) para aspergir o sangue do cordeiro nos portais. Representa, portanto, a humildade que é oposta a grandeza do cedro. A lã carmesim está associada ao sangue, ou seja, a culpa de quem errou. Mas, temos de nos lembrar que naquela época o vermelho da lã provinha de um inseto 'Tola'at shani'. Representa o pecado que mancha, mas que pode ser transformado (de vermelho para branco). (Isaías 01:18).

O Cohen que trabalhava no ritual de sacrifício da vaca vermelha, como dito, tornava-se impuro. **O que o Cohen deveria fazer para se tornar puro novamente?** Para se purificar, ele deveria lavar suas roupas em água de uma fonte limpa, banhar-se completamente em um micvê para remover a impureza, mas permaneceria ainda impuro até o pôr do sol. Após, ele tornava-se puro. Em especial, a água deveria ser o que se chama de águas vivas, de uma nascente natural, corrente e não manipulada (maim chayim), em função do nível de pureza exigido por este ritual. O local do micvê deveria obedecer a padrões rigorosos. Ressalto, que dentre as muitas outras considerações sobre esse ritual do sacrifício da vaca vermelha, o aqui apresentado é apenas um micro resumo.

Finalmente, embora não tenha encontrado nas referências tradicionais uma relação direta entre o ritual da vaca vermelha e a Organização dos Pedreiros Livres, olhando mais no sentido simbólico, podemos associar o ritual da vaca vermelha e o uso de suas cinzas ao do recebimento de um novo integrante. Pois este, quando vagava pelo mundo profano, estava impuro e, após ser recebido, torna-se puro. O neófito renasceu para a luz. A sugestão é ler e reler e o Pedreiro ligará os pontos.

2.(Chukat) – Números 19:18-20:06 – "*D'us ordenou ao povo israelita permanecer acampado no limite com a Terra de Israel durante os dezenove anos posteriores à rebelião de Côrach. Em seguida, os israelitas vagaram pelo deserto outros dezenove anos, até que chegaram aos limites do reino de Edom. No dia 10 de Nissan de 2487 faleceu a irmã de Moshê, Miriam. A fonte de água do povo israelita - o manancial milagroso que os acompanhava pelo deserto desapareceu subitamente, porque este existia apenas por mérito dela. D'us logo o restaurou para o povo israelita pelo mérito de Moshê. Fazer o que não é o nosso trabalho. A comunidade não tinha água e por isso uniram-se contra Moshê e Aharon.*

O alimento nutre o corpo. Mesmo assim, o corpo ainda precisa da água para absorver os nutrientes contidos em tal alimento. De forma análoga, o 'alimento' da alma é a Torá, e sua 'água', a capacidade que ela tem de influir em todas as facetas da nossa personalidade, em todo tipo de pessoas e em todos os aspectos da vida.

Quando, no Egito, a existência do povo israelita se encontrou ameaçada, Miriam foi quem assegurou o surgimento de uma nova geração de israelitas que haveria de continuar a missão de D'us. Ela encorajou o povo israelita a seguir gerando filhos e também salvou os recém-nascidos do decreto do faraó. Seus esforços para assegurar que a Torá continuasse 'fluindo' até a geração seguinte deram origem ao manancial, que só existia graças ao seu mérito.

Com a morte de Miriam, Moshê teve de assumir o papel dela. Isto nos ensina que, quando outros israelitas (Pedreiros) *se encontram em perigo físico ou espiritual, devemos buscar ajudá-los de toda forma possível, por mais que tal tipo de assistência não seja o nosso forte. Quando ajudamos aos demais, D'us por sua vez nos ajuda em nossas necessidades*".

É importante ressaltar que a morte de Miriam ocorreu no quadragésimo ano da saída do Egito. Um ano eles percorreram do Egito até o ponto onde ocorreu a rebelião de Côrach. 19 anos permaneceram neste local, outros 19 anos vagaram pelo deserto. Agora na entrada do quadragésimo ano, em 10 de Nissan, ocorre a morte de Mirian.

Portanto, a forma da Torá narrar os acontecimentos, apresenta um salto no tempo na Parashat Chukat Números 19:22 para 20:01. No versículo 20:01 é narrada a morte de Mirian, que ocorre no quadragésimo ano após o Êxodo do Egito. **Por que isto ocorreu?** "*A Parashat Chukat trata da pureza espiritual. Mas, a morte é a antítese da santidade, pois D'us é a fonte da vida e da vitalidade. Assim, qualquer contato com a morte ou morte potencial produz Tumah, a contaminação ritual, que exclui o indivíduo de entrar no Tabernáculo, o reino da santidade e da vitalidade Divina. Quando confrontados com a realidade da morte, ficamos expostos à influência contagiosa da lei da entropia: a realidade natural de que tudo está decaindo, morrendo, caminhando para o esquecimento e que a vida é fútil e sem sentido. Essa visão de mundo deprimente resulta em uma paralisia espiritual, uma relutância ou incapacidade de agir positivamente e, portanto, é diametralmente oposta à nossa missão Divina, que afirma que há um propósito para a vida e afirma que o cumprir é de fato possível.*

Para recuperar a entrada no reino da vida pura, o indivíduo deve passar por um processo de purificação, que serve para curar sua depressão (real ou potencial) e reorientá-lo para o entusiasmo e a vitalidade da santidade". https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/1896289/jewish/Chassidic-Insights.htm

Portanto, esse salto entre os capítulos números 19 e 20 contém a mensagem espiritual acima descrita. Nestes trinta e oito anos nada foi relatado. Eles estavam sob o decreto de que todas as pessoas com 20 anos ou mais, ou seja, toda àquela geração iria morrer no deserto. Isto nos mostra a ligação do apresentado em Números 19 com o 1º versículo de Números 20. Ainda falta praticamente um ano para que o povo entrasse na Terra Prometida. Agora a Torá volta a narrar com detalhes os acontecimentos.

Lembrando que "*Nissan é o primeiro dos doze meses do calendário judaico. 'Este mês de Nissan será para vós o primeiro dos meses' (Shemot 12:02). Nissan começa, especificamente, o período (tekufá) da primavera. Os três meses desta tekufá – Nissan, Iyar, Sivan – correspondem às três tribos do acampamento de Yehuda – Yehuda, Yissachar, Zevulum – que se situavam a leste. Na Torá, Nissan é chamado de 'mês da primavera' (chodesh ha'aviv). Além disso, Nissan dá início aos seis meses de maior luminosidade, que correspondem aos seis níveis de 'luz direta' (no Divino serviço – 'despertar do acima*')". https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2032014/jewish/O-Ms-de-Nissan.htm.

No fundo, este salto corresponde ao despertar do povo israelita, pois estavam nos preparativos finais para adentrar a Terra Prometida. Entre àqueles que tinham menos de 20 anos ao sair do Egito, muitos já assumiam posição de destaque. É um povo revigorado. Mas, que não deixa de cometer erros. Isto nos faz recordar que a Torá, muito além de ter sido escrita para monges, foi sim escrita para àquelas pessoas que vivem a vida, que erram, se arrependem, muitas vezes erram novamente, mas que ao mesmo tempo, se renovam, enchem-se de energia e retornam para o caminho. Estes têm um valor extraordinário, pois experimentaram o doce sabor da fruta proibida e conseguiram resistir aos prazeres mundanos.

3.(Chukat) – Números 20:07-13 – "*D'us ordenou a Moshê restaurar o manancial falando à rocha da qual anteriormente tinha fluído água. No entanto, Moshê confundiu a pedra correta com outra e, quando falou a esta última, nada aconteceu. Moshê e Aharon pensaram que talvez D'us pretendesse que golpeassem a rocha como fizeram na primeira vez que D'us providenciou a água para o povo e atuaram sem consultar a D'us. Por Divina Providência, Moshê acabou golpeando a rocha original e está deu água.*

Porém, D'us esperava que o povo israelita aprendesse a reverenciá-Lo ao verem Moshê falar com a rocha e chegasse à seguinte conclusão: 'Se até uma rocha qualquer, sem vida, obedece à vontade de D'us quando recebe uma ordem Divina, quanto mais deveríamos fazê-lo nós, que compreendemos as razões para obedecê-Lo e necessitarmos de Sua assistência. Contudo, como Moshê acabou golpeando a rocha, esta lição já não era tão evidente. Consequentemente, D'us teve de ensinar ao povo israelita a mesma lição, mas castigando a Moshê e Aharon por sua desobediência. Assim decretou que ambos teriam que morrer no deserto, sem poder entrar na Terra de Israel.

As implicações das nossas ações. D'us disse a Moshê e Aharon: 'Dado que não tiveram suficiente fé em Mim ...' Ao atuar, os líderes israelitas devem basear sua conduta em como suas ações irão inspirar o público a ter uma maior devoção à Torá e a seus caminhos, por mais que tenham várias outras racionalizações que justifiquem a sua conduta.

De maneira análoga, quando interagimos com os demais, sempre devemos considerar o potencial impacto que nossas palavras ou ações possam ter no tocante à atitude deles em relação ao povo israelita em geral, e em relação à mensagem da Torá, em particular".

"***Porventura podemos fazer sair água desta rocha para vós?*** *Segundo nossos sábios, Moshê deveria ter dito 'o Eterno fará sair água para vós', pois é preciso considerar que o povo de Israel sairá há pouco do Egito, uma terra de magos e feiticeiros, assim o povo poderia pensar que Moshê e Aharon tinham poderes sobrenaturais para extrair água da rocha transformando toda a Torá numa grande fraude.*

E feriu a rocha *- No outro episódio da água em Refidim (Êxodo 17:01-07), o uso milagroso da vara visava despertar a fé do povo ainda influenciado pelo materialismo egípcio. Agora, quarenta anos depois, prestes a entrar na Terra Prometida, Moshê tinha que ensinar que esta terra não seria dada ao povo por milagres, como antes, mas sim pela fé e por seu amor à Terra de Israel.*

Duas vezes *- Alguém pode cometer um erro num acesso de raiva, mas se o repete, não pode ser um líder. Aharon agiu passivamente durante este episódio e deveria ter chamado a atenção de Moshê depois da primeira pancada na rocha, pedindo a ele que parasse. Ao não protestar, tornou-se cumplice e foi também punido, sem poder entrar na Terra.*

Por isso não trareis esta congregação à terra que lhes dei – À primeira vista, parece que a severidade do castigo não corresponde ao pecado. ***Além, disso, qual a diferença entre falar ao penhasco e dar o golpe com a vara, se o objetivo era a rocha verter água?*** *A resposta a essa pergunta está no fato*

de que D'us ordenou a Moshê levar consigo a vara naquela ocasião. O povo atribuía a esta vara poderes milagrosos. Por isso, desta vez, a ordem não foi de utilizá-la, mas falar ao penhasco para lhe dar água, para eliminar totalmente a ideia errada de que os milagres eram realizados somente por meio da vara e não pelo poder Divino. Foi por essa razão, que D'us lhe disse 'Porquanto não crestes em Mim para santificar-me' etc. (Ver 12). Um guia espiritual deve saber falar ao penhasco e não o golpear. Quanto mais importante é a pessoa, maior é a sua responsabilidade, sendo-lhe considerados como graves os erros que para outros são pequenos". Torá Sefer comentários pp. 450-451.

4.(Chukat) – Números 20:14-21 – "*Moshê pediu então autorização ao rei de Edom para que o povo israelita passasse por seu território no caminho à Terra de Israel. Os edomitas se recusaram e Moshê teve que dirigir o povo para o sul, circundando o seu território. A alma nunca está no exílio. Em sua mensagem ao rei de Edom, disse Moshê: 'Andaremos no caminho do rei, sem desviarmo-nos nem à direita nem à esquerda até que tenhamos passado pelo seu território'.*

A mensagem de Moshê ao rei edomita é a mesma que nossas almas Divinas devem transmitir ao mundo material enquanto ainda estamos no exílio: 'É verdade: fisicamente, nós, os israelitas, somos iguais ao restante das pessoas; temos as mesmas necessidades físicas, que devemos satisfazer trabalhando e vivendo no mundo físico. Entretanto, não deixaremos que este fato obscureça e oculte o nosso verdadeiro propósito na vida: cumprir com nossa missão Divina de elevar e refinar o mundo físico. Andaremos no caminho do rei Divino, sem desviarmo-nos nem à direita nem à esquerda dos caminhos de D'us!'.

Ao nos mantermos fiéis tanto ao nosso eu interior bem como à nossa missão Divina, teremos o mérito de ver a Redenção máxima do mundo e sua transformação numa verdadeira moradia para D'us".

"*Moshê então pediu ao rei de Edom que permitisse que o povo israelita passasse por sua terra a caminho da Terra de Israel. Os edomitas se recusaram, então Moshê conduziu o povo para o sul, contornando seu território. Moshê enviou mensageiros... ao rei de Edom, dizendo: 'Assim diz Israel, teu irmão.' O povo israelita descende de Yaacov; já o reino de Edom descendia do irmão de Yaacov, Essav (Esaú).*

Existem dois caminhos gerais para o auto refinamento espiritual: o dos naturalmente piedosos, que não são tentados pelo mal e o dos que se comportam com retidão apesar de sua atração pela materialidade. Yaacov personificava o tipo de pessoa naturalmente piedoso, enquanto Essav personificava o tipo de pessoa que é abalado por uma atração inata pela materialidade. A missão Divina de Essav era demonstrar que mesmo uma pessoa fortemente atraída pela indulgência material pode superar a tentação, usando o mundo físico para propósitos sagrados e, assim, transformando-o no lar de D'us.

Nós também recebemos a tarefa de Essav de transformar o mundo físico em um lar para D'us. Mas antes de imitar Essav, devemos primeiro imitar Yaacov, mergulhando no estudo da Torá e no cumprimento dos mandamentos de D'us. A força espiritual que assim acumulamos permite-nos continuar a transformar a realidade material". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 302, 5784, pg. 42.

5.(Chukat) – Números 20:22-21:09 – "*Moshê, então, pediu permissão ao reino de Moav, localizado a leste de Edom, para passar por suas terras, mas ele também se recusou. Logo depois, faleceu Aharon, o irmão de Moshê, e a nação de Amalêc atacou o povo israelita pela segunda vez. As duas faces da indiferença. Amalêc travou guerra contra Israel e pegou de volta um cativo deles. A primeira vez que Amalêc atacou o povo israelita foi quando eles estavam a caminho de receber a Torá, e voltou a fazê-lo quando eles se preparavam para entrar na Terra de Israel.*

De maneira análoga, o nosso Amalêc interior primeiro tenta esfriar o nosso entusiasmo para com D'us e a Sua Torá. À medida que seguimos cumprindo as nossas obrigações religiosas, isto não parece ser um problema muito grande. Porém, se encararmos nossa missão Divina sem fervor e entusiasmo, acabaremos por perder o interesse nela, e aí buscaremos outras distrações que nos ofereçam uma gratificação material ou espiritual mais imediata.

Se o nosso Amalêc interior fracassa em esfriar o nosso entusiasmo, tentará tomar o controle da nossa vida 'na terra', quer dizer, da vida material na qual entramos após nossa oração e estudo diários. Argumentará: 'Seja santo enquanto estiver rezando e estudando Torá; mas quando estiver ganhando o seu sustento e tratando com o mundo físico, viva segundo as minhas regras'.

Esta voz, que pode soar como a de um comerciante astuto é, na realidade, a voz de Amalêc. Apesar de suas aparentes concessões aos nossos empreendimentos espirituais, seu objetivo é nos destruir. A única resposta adequada contra Amalêc é exterminá-lo renovando constantemente o entusiasmo por D'us e a Sua Torá, e o desejo de que D'us seja nosso guia em todos os aspectos da vida".

É cada vez mais importante buscarmos encontrar como aplicar os conhecimentos advindos da Torá para a nossa vida de maneira geral. Neste caso, devemos olhar para o nosso interior e identificar como buscamos justificar nossos pensamentos, palavras e ações que não são tão boas assim.

"*Moshê pediu permissão ao reino de Moav, situado a leste de Edom, para passar por sua terra, mas eles também recusaram. Depois disso, Aharon (Aarão), irmão de Moshê, morreu e a nação de Amalec atacou o povo israelita. Os amalequitas ouviram que Israel vinha pela rota que os espiões haviam tomado... e fez guerra contra Israel.*

A palavra 'espiões' neste versículo refere-se tanto aos batedores que Moshê havia enviado para espionar a terra quanto à Arca da Aliança, que foi à frente do povo israelita durante a sua caminhada pelo deserto.

Nosso Amalec interior ataca-nos de duas maneiras. Às vezes, ataca por meio do intelecto, explicando por que devemos ignorar nossos compromissos tanto com D'us quanto com nosso próprio refinamento interior. Nesses casos, basta contemplar quão inútil é seguir seu exemplo e quão sábio é permanecer fiel à nossa vocação espiritual. Esta é 'a rota que os espiões fizeram', buscando os meios naturais de vencer o inimigo e utilizando-os.

Em outras ocasiões, nosso Amalec interior desafia descaradamente a lógica, insistindo em desviar a nossa obediência para os nossos piores instintos sem qualquer consideração à lógica ou à razão. Nesses casos, a lógica não ajuda. Se, no entanto, nos lembrarmos de nosso vínculo intrínseco com D'us, Amalec fica impotente contra nós. Isso é confiar na 'Arca da Aliança', que espalhava e afastava todos os nossos inimigos da nossa frente". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 302, 5784, pg. 45.

Porque a nação dos amalequitas atacou os israelitas após a morte de Aharon? Quando Aharon faleceu, a nuvem de glória que protegia o povo desapareceu. A presença de Aharon era semelhante a nuvem, pois trazia uma cobertura espiritual protetora para o povo e sua morte fez com que essa cobertura enfraquecesse. Os amalequitas perceberam esse enfraquecimento e decidiram atacar, pois sempre atacam quando percebem que há vulnerabilidade. Olhando para Êxodo 17:08-16 e Deuteronômio 25:17-19, percebe-se que os amalequitas representam o inimigo espiritual do povo israelita. Eles atacam os fracos e àqueles que tem dúvidas, sendo que sua missão é cortar a continuidade da fé do povo. Após a morte de Aharon, símbolo de paz, amor e coesão espiritual, ocorreu, portanto, um vazio momentâneo, dando oportunidade para que amalec atuasse. Olhando para a Guematria, podemos compreender melhor este fato, pois a palavra dúvida, safek (סָפֵק), tem o valor (60+80+100=240), que é o mesmo de amalec (עמלק) (70+40+30+100=240).

Sugere-se a leitura complementar do texto "*O Falecimento de Aharon*" em www.pt.chabad.org. Neste documento destaco que geralmente, a Nuvem de Glória aplainava todas as colinas e montanhas no deserto, de modo que o povo israelita pudesse viajar num caminho suave e sem obstáculos. No entanto, D'us deixou três montanhas de pé:

- O Monte Sinai, para a outorga da Torá.
- Hor Hahar, para se tornar o local do enterro de Aharon.
- O monte Nevô, para ser o local do túmulo de Moshe.

D'us preservou essas montanhas como um lembrete de que havia muitas montanhas parecidas no deserto. Os israelitas então apreciariam a bondade que o Todo Poderoso fez em prol deles, ao nivelar as montanhas.

Mas, isto nos leva a ressaltar que a Torá, mais uma vez, mostra-nos uma forte oscilação de humor do povo israelita, ou de sua confiança em D'us. Bastava que algo um pouco diferente do que esperavam ocorresse e eles começavam a reclamar. Assim, olhando para o que presenciaram com a morte de Mirian, com a morte de Aharon etc., mesmo assim, reclamaram do maná.

"*Quando os israelitas chegaram às terras de Edom, encontravam-se tão perto da Terra Prometida que bastaria atravessá-la que chegariam rapidamente. Mas o rei de Edom não permitiu que os israelitas atravessassem o país. Por isso, Moshê e o povo israelita ainda andariam muito para chegar até lá. Por isso ficaram descontentes e reclamaram.*

O povo falou Lashon hará (maledicência) contra o maná. D'us disse: 'Tudo o que faço por este povo é o melhor para eles, mas são mal-agradecidos. Falaram mal até do maná.' Ouviu-se uma voz do céu: 'Escutem! Tirei o povo israelita do Egito e dei-lhes o maná. Podem ter no maná o sabor que desejarem. Mas, vejam o exemplo da serpente! Tudo o que ela come tem sabor de pó, mas ela nunca protesta. Que a serpente puna os que reclamam do maná'.

A partir desse momento, D'us permitiu que as serpentes os picassem. Elas mordiam os pecadores. Alguns ficaram doentes por causa do veneno, outros morreram. O povo percebeu seu erro, e dirigiu-se a Moshê: 'Erramos ao falar contra você e contra D'us. Por favor, peça a D'us que elimine as serpentes'. Moshê orou pelo povo. D'us disse a Moshê: 'Faça uma serpente de cobre e coloque-a no alto de um mastro. Quem for mordido por uma cobra olhará para a cobra de cobre e será curado"".
https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/920427/jewish/Os-Judeus-Reclamam-Sobre-o-Man.htm

"*Conforme comentado em Torá Sefer Êxodo 17:11, sobre se eram as mãos de Moisés que faziam o povo israelita prevalecer na guerra contra amalec, o Talmud questiona: "**Acaso a serpente de bronze tirava a vida ou a restituía?** Na verdade, todo o tempo em que os filhos de Israel elevavam seus olhos ao céu e submetiam seus corações a D'us. Por outro lado, eles se curvavam; quando não submetiam seus corações a D'us, e morriam". Por sua durabilidade e rigidez, Moshê fez a serpente de cobre* (bronze) *e não de outro material. Contra a luz do Sol, tornava-se fulgurante e bastante visível devido à altura da haste. Essa serpente foi guardada pelos filhos de Israel junto à vasilha de Maná e a vara de Aharon, no Mishcan. Depois, ela foi adorada pelo povo, alterando completamente seu significado. Foi então destruída pelo rei Chizkiáhu (Ezequias), vide 2 Reis 18:04*". Torá Sefer, comentários pp. 453-454.

6.(Chukat) – Números 21:10-20 – "*O povo israelita viajou contornando o reino de Moav, e em seguida se dirigiu ao norte. Os emoritas, que viviam ao norte de Moav, planejaram emboscar os israelitas quando cruzassem seu território, mas D'us provocou um terremoto que os matou em seus esconderijos. Assim, os israelitas puderam prosseguir a salvo sua viagem rumo ao norte. Viver no futuro. O povo israelita viajou em direção ao norte e acampou do outro lado do rio Arnon. Originalmente D'us havia prometido a Avraham os territórios de dez nações: sete localizadas em Canaã e três a leste do rio Jordão.*

Nesse momento, no entanto, o povo israelita tinha como missão unicamente conquistar a terra de Canaã, deixando a margem oriental do rio Jordão para a Era messiânica. Contudo, como Edom e Moav lhes havia negado a passagem, os israelitas tiveram de ingressar em Canaã por aqueles mesmos territórios cuja posse D'us havia prometido para o futuro. Assim, as circunstâncias permitiram a conquista de grande parte dessas terras antes mesmo de entrar em Canaã. A ordem da Intenção Divina original foi invertida: eles começaram a desfrutar do futuro antes mesmo de realizar o presente.

A nova geração não pediu para que se enviassem espiões e nem questionou a liderança de Moshê. Como cresceram imersos na presença de D'us e Seus ensinamentos na Sua 'academia de Torá' do deserto, eles não condicionavam sua conexão com Ele à aprovação do intelecto humano.

De maneira análoga, quando nos inspiramos a cumprir incondicionalmente a nossa missão Divina, cheios de otimismo e concentrados em nosso objetivo, D'us nos dará a oportunidade de concretizar os nossos sonhos e nos conduzirá à Redenção final".

"*O povo israelita percorreu todo o reino de Moav e depois voltou-se para o norte. Os emoritas, que viviam ao norte de Moav, planejaram emboscar os israelitas quando eles cruzassem a fronteira para seu território, mas D'us causou um terremoto, matando os emoritas em seus esconderijos. O povo dos filhos de Israel só soube dessa libertação milagrosa porque o 'poço' (a fonte de água na rocha) que os acompanhava desviou-se, indo pela ravina dos emoritas e carregou os cadáveres dos emoritas à vista do povo israelita.*

***Da água salgada à água doce**. Então Israel recitou este poema, 'Ascenda, poço.' Metaforicamente, a subida (ascensão) da água do poço (mencionada neste versículo) representa nosso desejo e anseio de ter mais consciência da Divindade. Assim como a água salgada do mar é purificada e torna-se potável ao passar por estreitos canais subterrâneos, nossos anseios e desejos na vida são purificados pela descida de nossas almas do céu para a materialidade deste mundo. Quando estamos agudamente cientes de nossa distância de D'us, por causa das limitações do corpo e da materialidade, aí então nosso anseio pela proximidade e consciência Divina se intensifica, expulsando todos os desejos estranhos de nossa mente, purificando-a.*

A intensidade desse anseio provoca uma reação Divina igual: D'us responde ao nosso anseio revelando Sua presença a nós, quando estudamos a Sua Torá". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 302, 5784, pg. 46.

Os textos nos mostram que quando há um verdadeiro anseio por D'us, expresso por cântico, busca, ou estudo, Ele responde, revelando Sua presença e nos dando a "*água viva*" da Torá. Quanto mais profundo o desejo de nos aproximarmos de Hashem, mais Ele se revela a nós. Este exercício cotidiano de nos aproximarmos do Eterno ocorre por meio do estudo da Torá, da oração e da Tzedaka, usando-os para transformar nosso pensamento, fala e ação para direção a qual almejamos.

7.(Chukat) – Números 21:21-22:01 – "*Moshê pediu permissão a Sichon, rei dos emoritas, para atravessar seu território a caminho de Canaã. Sichon se recusou, e por isso Moshê liderou o povo israelita contra ele, conquistando em batalha o território que se estendia, ao norte, até o rio Yabok. O mesmo ocorreu com Og, rei dos emoritas de Bashan: o povo israelita o derrotou, e assim conquistou também o território emorí setentrional. A necessidade de liderança. Moshê enviou mensageiros a Sichon, rei dos emoritas.*

Segundo o sábio medieval Rabi Shlomo Yitzchak (conhecido universalmente pelo acrônimo das iniciais do seu nome, Rashi), a Torá diz que Moshê enviou mensageiros a Edom, mas que Israel também o fez a Sichon, apesar de nos dois casos ter sido Moshê quem mandou ambos os emissários

em nome do povo israelita. Como assinala Rashi, isto nos ensina que Moshê e o povo israelita são essencialmente equivalentes. O verdadeiro líder israelita não é apenas um mero representante do povo, e sim, ele e o povo são uma coisa só na essência. As ocupações de um verdadeiro líder israelita não se dividem em sua vida particular e sua vida pública. No seu âmago ele é apenas um servidor público, e servir ao povo é sua essência.

A total identificação que tem um verdadeiro líder israelita com o seu povo e sua devoção altruísta a ele o converte em um canal através do qual D'us provê ao povo todas as suas necessidades materiais e espirituais. Por isso, não somente o líder está totalmente unido ao povo - o povo também está totalmente unido ao líder. Assim sendo, o povo pode alcançar a perspectiva da realidade própria do líder compartilhar da sua consciência Divina e da sua vida inspirada, por mais que ele não esteja tão refinado espiritualmente a ponto de ser merecedor disto por si mesmo".

Absorvendo o exemplo que Moshê nos legou como um grande líder, podemos projetar que, mesmo em escala muito menor, também lideramos a quem nos rodeia. A principal forma de liderar é praticando Tzedaka, ou a caridade equilibrada pela justiça e a justiça equilibrada pela misericórdia.

"*Desde a época do Templo Sagrado era visível para os israelitas que levavam seus sacrifícios, que não importava qual fosse: um sacrifício representado por um animal de porte como um boi, uma ovelha, até uma certa quantidade de farinha (o que dependia da posse de cada um): todos eram aceitos e igualmente queridos por D'us. Assim, mesmo a mais ínfima doação de um pobre equivale para D'us como a maior doação de um rico.*

Aprendemos de nosso Patriarca Avraham o dom da generosidade. Assim como sua tenda possuía quatro aberturas que davam para as quatro direções do deserto afim de visualizar qualquer estrangeiro que passasse próximo ao seu caminho para convidá-lo a usufruir de sua hospitalidade, da mesma forma, devemos ser reconhecidos como seus legítimos descendentes: estender a mão para quem se encontra em nosso caminho e sempre procurar ajudar nosso semelhante.

Devemos sempre nos colocar em seu lugar, pois da mesma forma que nos dirigimos humildemente ao Criador em busca de bênçãos de saúde, alegrias materiais e espirituais, somos carentes: ocupamos a mesma posição daquele que se encontra diante de nós e pede para que estendamos nossa mão.

Devemos pensar que através das gerações poderemos também ter descendentes que um dia necessitarão talvez da ajuda de outros e, portanto, nos sensibilizar que todos nós poderíamos estar em seu lugar. Devemos pensar que não nos encontramos em sua situação apenas pelo fato de que através de nossa ajuda possamos lhe fornecer mais conforto e dignidade, sendo justo com os bens que recebemos de D'us, para usá-lo da maneira que Ele espera que façamos.

Nossos bens são como um penhor que um dia deveremos devolver e restituir ao seu legítimo Dono".
https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1830804/jewish/Tsedac-Um-conceito-judaico.htm

08 - Parashat Balac – A Fragmentação Interior

Sinopse

De alguma maneira todos somos líderes, seja no contexto de nosso trabalho, de nossa família ou em nosso círculo de amigos. Portanto, devemos aprender com o exemplo de Moshê a ocuparmo-nos ativamente em fomentar nos demais o otimismo e a confiança na missão Divina não o oposto, como fez Balac. Ao cultivar a humildade, o oposto da arrogância demonstrada por Amalec e Bilam, podemos revelar a força Divina que existe no nosso interior para garantir que nossas atitudes permaneçam santas e positivas, livres de influências profanas negativas. Quando estamos conscientes da verdadeira natureza do mal, nos é muito mais simples resistirmos a ele. **Como descobrir a verdadeira natureza do mal?** É nos perguntando: "**Isto é Balac (medo)? Moav (pressão social)? Midiã (luxúria)? Amalec (ódio)? Bilam (voz interna de negatividade)?** *De modo semelhante, cada vez que precisamos reparar o dano que possamos ter causado por termos deliberadamente ignorado a vontade de D'us, a forma mais segura de compensar tais falhas e más ações é fortalecendo o nosso amor por Ele.* Ou seja, o Eterno colocou à frente de Bilam a oportunidade de repensar o que estava fazendo e usar da forma mais segura de compensar tais falhas e más ações que é fortalecendo o nosso amor pelo Eterno. *Bilam chegou a Moav. Balac levou o feiticeiro a um lugar que acreditava ser propício para amaldiçoar os filhos de Israel. No entanto, ao invés de amaldiçoá-los, D'us obrigou Bilam a louvar e abençoar os israelitas.* A proximidade da presença de D'us, deve refletir-se na conduta do povo, na forma de valores morais, costumes e ética que os separassem do que era e, em muitos casos ainda é, comum em outras culturas e sociedades. *Assim sendo, Bilam disse: 'Ele não vê o [ani]mal em Yaacov', isto é, D'us vê que podemos conquistar o nosso animal interior porque 'D'us está com ele, ou seja, D'us está dentro dele, o que se refere à alma Divina que também está dentro de nós e nos possibilita transformar o nosso animal interior.* Ao Ser Humano foi dado livre arbítrio para escolher como extrair energia espiritual - através do desejo de receber apenas para si, ou o desejo de receber para partilhar. Essa passagem convoca forças que nos despertam para a natureza dual de nossos desejos, impelindo-nos a buscar a purificação em vez da contaminação. *Distinguiu, em primeiro lugar, que eles estavam organizados em tribos, o que era primeiro unicamente possível porque haviam sido fiéis em seus matrimônios. Segundo, as tendas estavam dispostas de tal forma que ninguém podia ver acidentalmente o interior da tenda de outra família (ou seja, eram indevassáveis). D'us quer que sonhemos com o que Ele sonha, e é por isso que Ele compartilha conosco o Seu sonho do Futuro messiânico.* Mas, os obstáculos serão inúmeros e de toda categoria.

1.(Balac) – Números 22:02-12 – "*Balac, o rei de Moav, soube que o povo israelita havia derrotado milagrosamente a Sichon e Og, os reis emorís. Apesar de ser de conhecimento público que D'us não havia prometido aos israelitas o território de Moav, Balac temeu que essas vitórias os encorajassem a se vingarem de seu povo por não lhes haver permitido atravessar o seu território. A liderança responsável. Devido às previsões de Balac, Moav ficou aterrorizado por causa do povo israelita.*

Balac não tinha motivos para infundir nos moabitas tal temor ao povo israelita e por isso não lhes ordenou fazer qualquer coisa para neutralizar a suposta ameaça. No entanto, ele sentiu pavor pelo acontecido com os reis emorís, não conseguiu se conter e incutiu neles seu pavor.

Já Moshê, apesar de temer o rei Og, não revelou seu medo ao povo israelita. Compreendeu que devia evitar fazer qualquer coisa que fosse debilitar o ânimo do povo; em vez disso, fortaleceu-se e reforçou seu próprio ânimo e força moral interna. Graças à sua atitude positiva e a sua firme confiança em D'us, ele conseguiu preservar com sucesso a autoimagem e o seu orgulho em cumprir sua missão Divina. Moshê sabia que passamos a merecer a intervenção auxiliadora de D'us em nossa vida quando confiamos que Ele a proverá. Assim, Moshê estabeleceu um padrão de comportamento destemido e corajoso para todos os líderes israelitas que o haviam de suceder.

De alguma maneira todos somos líderes (Pedreiros)*, seja no contexto de nosso trabalho, de nossa família ou em nosso círculo de amigos. Portanto, devemos aprender com o exemplo de Moshê a ocuparmo-nos ativamente em fomentar nos demais o otimismo e a confiança na missão Divina não o oposto, como fez Balac*".

"***E viu Balac****, ou seja, Balac deduziu que as armas mortíferas empregadas geralmente nas lutas com os inimigos não seriam capazes de ferir o povo de Israel, caso pretendesse atacá-lo. Os meios de combate postos em prática contra qualquer outro adversário não amedrontarão e não abalarão o povo de Israel, porque na arte de guerrear e na tática de rechaçar o inimigo, os filhos de Israel, que caminham para a conquista de Canaã, se mostraram mais valentes, mais heroicos.*

Mas, querendo absolutamente desfalcar o povo de Israel, para impedi-lo de marchar vitoriosamente para a Terra Prometida pelo Eterno, descobriu no seu ódio injustificado a forma de aplicar contra o inimigo israelita uma arma mais poderosa e mais eficaz do que qualquer outro meio bélico: atacar os filhos de Israel com a palavra, com maldições, com humilhações e difamações, uma arma secreta muito usada nas terras místicas e supersticiosas da longínqua Asia. Na linguagem moderna, esta arma venenosa é a propaganda, ou doutrinação má, arma hedionda aplicada contra nós até hoje em dia. Só a forma é diferente, enquanto a substância e o conteúdo continuam o mesmo". Torá Sefer comentários, pp. 457-458.

"*Dois inimigos se opuseram a jornada do povo israelita do Egito a Terra Prometida: Amalec e Bilam. O que encorajou essas duas personalidades a se oporem ao plano de D'us foi sua ancestralidade comum com os filhos de Israel. Amalec era neto do irmão de Yacob, Essav. Bilam era descendente de Lavan, irmão de Rivca. Essa ancestralidade comum os fez pensar que eles tinham direito de ditar o que seria o destino do povo israelita.*

Da mesma forma, os males representados por Amalec e Bilam opõem-se à nossa jornada da escravidão espiritual para a liberdade espiritual. Seu denominador comum é a arrogante alegação de que eles têm o direito de ditar qual deve ser a atitude dos filhos de Israel adequada em relação a vida.

Podemos resistir as suas maquinações, confirmando, na prática que o único árbitro da vida judaica é a Torá. Ao cultivar a humildade, o posto da arrogância demonstrada por Amalec e Bilam, podemos revelar a força Divina que existe no nosso interior para garantir que nossas atitudes permaneçam santas e positivas, livres de influências profanas negativas". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 303, 5784, pg. 45.

Diante do acima descrito, é relevante fazer um olhar para o nosso interior e buscar identificar o que os personagens apresentados têm associação com quem sou. Nesse sentido, devemos nos perguntar: **Como ligar Balac, Moav, Midiã, Amalec e Bilam com o nosso próprio ser interior?**

Inimigo Interno	**Condição Espiritual**	**Provável Localização**	**Sugestão**
Balac (o medo)	Terror irracional	Gueburah deturpada	Cultivar a Emunah. A fé, mas no sentido da confiança, fidelidade e a lealdade. Salmo 27:01.
Moav (enojar-se)	Perda de sua identidade	Netsah (vitalidade que cede à opinião alheia)	Fortalecer-se mesmo na dificuldade. Reler o livro de Ruth.
Midiã (sedução)	Prazer desregrado	Yessod corrompido	Prática da introspecção observando os seus fundamentos espirituais.
Amalec (ódio gratuito)	Crueldade e destruição	Malkhuth distorcida - rejeição da Luz que chega	Praticar a misericórdia, o socorro do oprimido e o Tzedaka.
Bilam (voz interna de negatividade)	Afastamento da verdade	Daat obscurecido	Retomar o estudo da Torá

2.(Balac) – Números 22:13-20 – "*Balac convocou o feiticeiro Bilam e lhe pediu que amaldiçoasse os israelitas. Bilam aceitou o encargo, mas esclareceu aos enviados de Balac que só conseguiria amaldiçoar efetivamente os israelitas se antes conseguisse convencer D'us a concordar. D'us tem o controle. Bilam disse aos enviados de Balac: 'Não posso fazer nada, pequeno ou grande, que transgrida a palavra de D'us'.*

O mal não tem autonomia nenhuma: é apenas uma ferramenta que D'us utiliza para ocultar-Se do mundo e nos permitir escolher livremente entre o bem e o mal. O Zohar, obra clássica do misticismo judaico, compara o mal a uma prostituta que é contratada por um rei para seduzir o príncipe, seu filho, e testar assim sua firmeza de caráter. Apesar de fazer uso de todos os seus poderes sedutores para atrair o príncipe, a prostituta, que é leal ao rei, na realidade espera que o príncipe seja suficientemente forte para resistir às suas investidas. Do mesmo modo, o mal tenta nos confundir e nos enganar para que atuemos equivocadamente, mas o certo é que o próprio mal somente está fazendo o seu trabalho e preferiria que não déssemos nenhuma atenção às suas investidas.

Quando estamos conscientes da verdadeira natureza do mal, nos é muito mais simples resistirmos a ele".

"*Balac enviou mensageiros a Bilam oferecendo-lhe grandes riquezas e honras pelos seus serviços. Bilam recebeu os mensageiros e disse-lhes que, visto que o Espírito Divino repousava sobre ele apenas à noite, eles deveriam passar a noite. Naquela noite, D'us apareceu a Bilam. Depois que Bilam contou sobre os mensageiros de Balac e sua oferta, D'us o proibiu de ir com eles. Pela manhã, Bilam disse aos mensageiros que D'us o proibiu de ir. Vaidoso demais para admitir que estava sob o controle de D'us, ele insinuou que não iria porque os ministros eram de posição muito baixa para ele. Ele deu a entender que, se Balac estivesse realmente falando sério, enviaria seus funcionários de mais alto escalão e lhe ofereceria muito mais dinheiro.*

Os mensageiros voltaram a Balac e entregaram a resposta de Bilam. Desesperado, Balac despachou seus oficiais mais ilustres com promessas de grandeza e grandeza para Bilam. Bilam lembrou a esses ministros que D'us o proibiu de ir, mas acrescentou que eles deveriam passar a noite e ele perguntaria a D'us novamente. Com certeza, naquela noite D'us apareceu a Bilam e desta vez disse-lhe que ele poderia ir, mas deveria fazer o que D'us quisesse.

Bilam acordou de manhã cedo e selou seu jumento com entusiasmo, em vez de deixar seus servos fazerem isso. O Midrash nos conta que naquele momento D'us disse: "Meu servo Avraham já o antecipou quando selou seu burro pessoalmente, tão dedicado estava ele em cumprir a ordem de D'us de sacrificar seu filho." Bilam partiu então com os emissários de Balac". Bilam e Balac: a História completa - pt.chabad.org.

Quando estamos conscientes da verdadeira natureza do mal, nos é muito mais simples resistirmos a ele. **Como descobrir a verdadeira natureza do mal?** É nos perguntando: **"Isto é Balac (medo)? Moav (pressão social)? Midiã (luxúria)? Amalec (ódio)? Bilam (voz interna de negatividade)**?"

3.(Balac) – Números 22:21-38 – "*Bilam supôs que conseguiria convencer D'us em amaldiçoar o povo israelita se Lhe "recordasse" quão pronta e frequentemente este povo já havia se revoltado contra Ele durante os seus quarenta anos no deserto. O amor conquista o ódio. Bilam madrugou e selou a sua jumenta.*

D'us permitiu a Bilam agir como o feiticeiro de Balac sob uma condição: 'Você só dirá o que Eu puser na sua boca'. Mas como Bilam odiava fervorosamente os israelitas, ele precisava convencer a D'us para conseguir amaldiçoá-los. Ele madrugou e correu rumo à sua maléfica missão, insinuando

assim que a presteza dos israelitas ao fazer pecados como o bezerro de ouro provava que eles eram merecedores de maldição. D'us lhe respondeu: 'Muito antes de tudo isso, Avraham, o Patriarca deles, também madrugou e correu para fazer Minha vontade, e com amor e presteza foi sacrificar a Mim seu filho Yitschaci'. Os filhos de Israel herdaram esse amor de Avraham, que contrabalançou o ódio de Bilam e transformou em bênçãos as maldições que ele intencionava dar. As suas rebeliões no deserto foram apenas lapsos temporários na sua inerente e eterna devoção a D'us.

De modo semelhante, cada vez que precisamos reparar o dano que possamos ter causado por termos deliberadamente ignorado a vontade de D'us, a forma mais segura de compensar tais falhas e más ações é fortalecendo o nosso amor por Ele. Esse amor transformará, por sua vez, as más ações do passado em uma motivação para, agora, realizarmos boas ações. Assim como D'us transformou as maldições de Bilam em bênçãos, também nós podemos sempre transformar nossas 'maldições' em bênçãos".

O falso profeta era reconhecido se anunciasse alguma coisa em nome do Eterno e isto não se realizasse (Devarim 18:22). Ou que, mesmo realizando-se, ele mandasse as pessoas servirem outros deuses. A missão de um profeta é instaurar a verdade e a justiça, não degenerar os Seres Humanos e não aconselhar a perversão. Aliás, como realizado pelo feiticeiro Bilam (Num 31:16). O profeta a quem o Israelita deve obedecer é cheio de virtude, de ciência e neutralidade, que pode discernir entre justiça e injustiça. Que grita e repreende sem temor, tendo como razão de sua existência inteira a redenção da Humanidade.

"*O Midrash nos diz que Bilam foi um profeta tão grande que sua profecia se igualou à de Moshe. Como D'us criou Seu mundo com simetria, tudo o que existe no lado positivo tem uma contrapartida negativa. O equivalente a Moshe foi Bilam*". Bamidbar Rabá 14:20, in Bilam e Balac: a História completa - pt.chabad.org.

"*D'us não queria que as nações se queixassem a Ele dizendo: 'Se tivesses dado a nós um profeta como Moshê para encaminhar-nos, também seríamos como o povo de Israel'. Porém, embora dotado do dom da profecia, Bilam empenhou-se para o mal. Ele consultou o Eterno na primeira vez e D'us lhe disse 'Não amaldiçoaríeis o povo' (ver.12). Todavia, na segunda vez, viu-se que o desejo de Bilam era mesmo de amaldiçoar Israel. Do contrário, ele não devia mais consultar D'us a este respeito, O qual lhe disse: 'Levanta-te, vai com eles' (vers. 20). Este fato nos revela que D'us esclarece a mente do homem, porém quando o malvado quer fazer o mal, Ele não o detém e o dirige pelo caminho que deseja ir*". Torá Sefer, comentários pg. 460.

"*A Torá menciona o meio de transporte de Bilam. Ele montou uma jumenta que, de repente, para a admiração do seu amo, começa a falar. Com este episódio anormal, o relato bíblico quis demonstrar a Bilam que, se toda a sua força e inteligência consistem em falar, em abusar do dom da palavra, isto não é de maneira alguma surpreendente, pois também burros, desde que lhe abram a boca, sabem falar. Este fato, teria servido de 'delicada indicação' para qualquer pessoa de bom juízo e bom senso, mas não para o astucioso feiticeiro Bilam, que apesar de saber que não lograria nenhum êxito, não declinou em aceitar a incumbência tão desprezível de amaldiçoar o povo de Israel*". Torá Sefer comentários pp. 459-460.

Ou seja, o Eterno colocou à frente de Bilam a oportunidade de repensar o que estava fazendo e usar da forma mais segura de compensar tais falhas e más ações que é fortalecendo o nosso amor pelo Eterno.

Embora não tenha encontrado documentos tradicionais que liguem o acima relatado aos graus filosóficos da Organização, é importante ressaltar um breve relato sobre Squin de Florian. Ele está associado à queda dos Templários. Segundo relatos medievais, ele foi o primeiro a acusar o Grande

Mestre Jacques de Molay e, por extensão, os integrantes da Ordem dos Templários. Em certas versões dos eventos, Squin, teria se aproveitado do juramento de honra que os ligavam, para fornecer informações ao rei da França e ao Papa da época, que aproveitando-se deste conhecimento condenou à morte Jaques de Molay e muitos outros.

Mas, o fato relevante é que conta a história que Squin de Floriam também teve a possibilidade de não continuar a caminhada em direção ao mal que poderia causar. Esteve a sua vista, fala e ouvidos a oportunidade de repensar, reconsiderar e/ou escutar (a mula que fala), mas como Bilam, seguiu em frente. Prezados Pedreiros, quanto maior o conhecimento, mais os nossos olhos estarão abertos, mais nossos ouvidos ouvirão, mais responsabilidade temos, mais temos de escutar, mais peso nossas palavras terão e, consequentemente, mais nos será cobrado. Squin de Florian abusou do dom da palavra.

4.(Balac) – Números 22:39-23:12 – "*Bilam chegou a Moav. Balac levou o feiticeiro a um lugar que acreditava ser propício para amaldiçoar os filhos de Israel. No entanto, ao invés de amaldiçoá-los, D'us obrigou Bilam a louvar e abençoar os israelitas. Tesouro oculto. Bilam disse: '**Quem pode contar o pó de Yaacov?**'.*

Aqui o povo dos filhos de Israel é comparado (positivamente) com o pó da terra. Assim como existem riquezas preciosas ocultas nas profundezas do solo, assim também há tesouros de fé pura em D'us, e de profundo amor e temor a Ele, ocultos dentro de cada israelita. Estes tesouros às vezes são difíceis de descobrir, assim como aqueles que se encontram enterrados no fundo da terra, que costumam estar muito abaixo da sua superfície. Apesar disso, os tesouros lá estão, e 'cavando', isto é, fazendo um esforço suficiente, é possível descobrir e trazer à luz tais preciosidades".

"*Bilam chegou à capital de Moav e foi saudado por Balac. Balac levou Bilam a (*בָּמוֹת בַּעַל*) Bamot Ba'al, um local de adoração de ídolos que dava para todo o acampamento israelita. Bilam ordenou a Balac que lhe preparasse sete altares e que oferecesse um novilho e um carneiro em cada um. Bilam preparou especificamente sete, numa tentativa de neutralizar os sete altares que os antepassados israelitas construíram. Bilam despediu-se de Balac, e D'us apareceu a ele, 'colocando palavras em sua boca'. Bilam voltou para Balac, levantou a voz e começou a falar. O Midrash descreve como D'us espalhou as palavras de Bilam por todo o mundo, para que todos ouvissem.*

*Balac, rei de Moav, me trouxe da Síria, das montanhas do Oriente, dizendo: 'Venha, amaldiçoe Yaacov por mim e venha invocar a ira contra Israel'. **Como posso amaldiçoar a quem D'us não amaldiçoou, e como posso invocar a ira se o Senhor não ficou irado?** Em vez de maldições, as mais maravilhosas bênçãos e louvores foram emitidos*". Bilam e Balac: a História completa - pt.chabad.org.

Bilam disse: '*Pois desde o início, vejo os israelitas tão firmes como picos de montanhas (rochas) e como colinas contemplo'*. A firmeza mencionada aqui é a nossa devoção e lealdade inabalável e altruísta a D'us. As rochas de Israel são os Patriarcas e as colinas são as Matriarcas, as mães, as avós e as esposas israelitas. Torá Sefer, comentários, pg. 462

'**Por que se diz que o povo dos filhos de Israel habita só?**' A expressão "*habita só*" pode ser entendida como uma forma de singularidade existente na relação entre D'us e o povo. Em Êxodo 29:45-46 D'us promete '*habitar no meio dos filhos de Israel*'. Essa singularidade difere de um isolamento físico das pessoas em relação aos outros povos, ou mesmo dentro de suas respectivas tribos, mas sim um relacionamento marcado pela obediência às leis Divinas e, consequentemente, ser um exemplo para os outros povos.

A proximidade da presença de D'us, deve refletir-se na conduta do povo, na forma de valores morais, costumes e ética que os separassem do que era e, em muitos casos ainda é, comum em outras culturas e sociedades. Assim, dizer que '*o povo dos filhos de Israel habita só*' reforça tanto a ideia do pacto com o Eterno, quanto a responsabilidade de ser uma comunidade que realmente vive o seu dia a dia, alicerçada nos conceitos revelados por D'us.

5.(Balac) – Números 23:13-26 – "*Balac levou Bilam a um outro lugar com a esperança de que dali fosse mais simples amaldiçoar o povo israelita. No entanto, uma vez mais D'us forçou Bilam a abençoar os filhos de Israel, ao invés de amaldiçoá-los. Nosso infinito potencial Divino. Bilam disse: 'D'us não vê o mal em Yaacov [ou seja, no povo israelita] ... D'us, o seu D'us, está com ele'.*

A razão pela qual D'us não vê mal nenhum em nós é porque Ele nos enxerga como se já tivéssemos desenvolvido o nosso potencial de reorientar o nosso lado animal à Divindade, ou seja, como se tivéssemos utilizado a força bruta de nosso animal interior para buscar uma consciência Divina mais elevada. O que nos permite conseguir esta transformação é a nossa alma Divina. A centelha de consciência Divina que se encontra em nosso interior possui uma faísca do poder irresistível de D'us, e é por isso que temos a capacidade de dominar o nosso animal interno.

Assim sendo, Bilam disse: 'Ele não vê o [ani]mal em Yaacov', isto é, D'us vê que podemos conquistar o nosso animal interior porque 'D'us está com ele, ou seja, D'us está dentro dele, o que se refere à alma Divina que também está dentro de nós e nos possibilita transformar o nosso animal interior".

Rabi Yitzchak e Rabi Yosi discutem o homem mal, Bilam, o feiticeiro. De sua discussão, aprendemos que a serpente primordial é a fonte de todo encantamento e magia. É na feitiçaria que estão as sementes da contaminação. Aqueles que desejam lançar feitiços atraem para si o espírito profano, assim como qualquer um que deseje fazer o bem atrairá a Luz.

A corrente elétrica pode iluminar cidades inteiras. A mesma correnteza, no entanto, também pode causar grande destruição. A maneira pela qual empregamos a energia determina sua qualidade positiva ou destrutiva, mas a natureza da energia nunca muda. Ao Ser Humano foi dado livre arbítrio para escolher como extrair energia espiritual - através do desejo de receber apenas para si, ou o desejo de receber para partilhar. Essa passagem convoca forças que nos despertam para a natureza dual de nossos desejos, impelindo-nos a buscar a purificação em vez da contaminação.

6.(Balac) – Números 23:27-24:13 – "*Em seguida, Balac conduz Bilam a um terceiro lugar, pensando que dali talvez fosse mais simples amaldiçoar o povo dos filhos de Israel. Bilam encontrava-se a ponto de proferir a sua maldição, quando de repente observou como era o acampamento do povo israelitas. Distinguiu, em primeiro lugar, que eles estavam organizados em tribos, o que era primeiro unicamente possível porque haviam sido fiéis em seus matrimônios. Segundo, as tendas estavam dispostas de tal forma que ninguém podia ver acidentalmente o interior da tenda de outra família (ou seja, eram indevassáveis). O cuidado com tais detalhes presente na conduta recatada do povo israelita impressionou tanto a Bilam que, em vez de amaldiçoá-los, por sua própria conta decidiu abençoá-los. O poder da modéstia. Disse Bilam: 'Como são boas as tuas tendas, ó Yaacov, os teus acampamentos, ó Israel!'.*

Aqui, a lição para nós é que nunca devemos pensar que é importante preocupar-se apenas como as 'grandes' questões relacionadas com o recato e a intimidade, e que podemos, por outro lado, ser relaxados nos detalhes 'pequenos' e 'inocentes'. Até os menores detalhes são importantes, a tal ponto de poder transformar uma maldição em bênção ou uma situação amaldiçoada, em outra abençoada.

Poderíamos pensar que tal atenção aos detalhes relativos ao recato seja necessária apenas durante o nosso comportamento no dia a dia comum, e não quando estamos em situações temporárias, passageiras, como quando estamos em férias - e aí daria para 'relaxar' um pouco com o rigor do recato... Vemos aqui que o enorme poder abençoador resultante dos pormenores da conduta recatada do nosso povo ficou demonstrado justamente quando os nossos antepassados viviam em tendas, os seus lares temporários no deserto".

Essa questão das tendas, o posicionamento, as coberturas etc., reverte-se de um volume relativamente grande de conhecimento já adquirido e que precisa ser trazido a superfície para que consigamos entender o que está por detrás. [Há uma fala sobre a presença (revelação) de Hashem de uma forma temporária e outra refere-se à presença (revelação) de Hashem de forma permanente. Portanto, é o que vai variar de acordo com o nível espiritual em que se encontra o israelita (se está no nível Yaacov ou Yisrael).

A palavra Ohel (אהל), tenda, indica uma estrutura temporária; '*tuas tendas Yaacov'* significa que o nível '*Yaacov*' do povo dos filhos de Yisrael é temporário ou passageiro. Por outro lado, a palavra Mishcan indica uma estrutura mais permanente; '*tuas moradas Yisrael*' significa que o nível '*Yisrael*' do povo é permanente.

Yaacov escreve-se com as letras (י-ע-ק-ב) que também podem ser lidas como (יעקב -) (Yud - Ekev), que indica que o Yud de Hashem chegou até o nível mais baixo de (עקב) (Ekev), que significa calcanhar (a parte mais baixa do corpo).

Já a palavra Yisrael escreve-se com as letras (י-ש-ר-א-ל) que também podem ser reorganizadas como (לי ראש) que alude o nível muito elevado de (ראש), que significa cabeça ou a parte mais elevada do corpo, e não qualquer cabeça, e sim, (לי ראש) (li Rosh) - uma referência ao nível mais elevado possível (cabeça de Hashem).

E o que significa (לי ראש) (li Rosh) - cabeça de Hashem? Assim como os poderes mais elevados da alma Divina (o intelecto, o prazer) revelam-se na cabeça da pessoa, quando o nível espiritual de um filho de Yisrael ou filha é tão elevado que sua alma Divina se encontra revelada (igual ao nível de Yisrael), aí então o intelecto (sabedoria) e prazer de Hashem (igual a Sua cabeça) '*habita*' na alma Divina de Yisrael.

Em outras palavras, há dois extremos: do extremo mais baixo de '*calcanhar de Yaacov*' até o extremo mais alto, à '*cabeça de Hashem*'.

Consequentemente, a lição mais profunda é que se um membro do povo de Israel descobre que ele está em um estado de '*Yaacov*' ('*calcanhar*' - mais baixo; ou seja, se ele caiu de nível), é importante que saiba que isso deve ser apenas uma situação temporária, pois o seu estado real, permanente, é o nível mais elevado de Yisrael, (לי ראש) '*cabeça de Hashem*'.

No entanto, o 'Quão boas ... são tuas tendas... tuas moradas', destacando que ambas as situações são boas e ambas têm um elemento de autoanulação.

Quando se está no nível de Yisrael (mais elevado espiritualmente), é óbvio que a situação é '*boa*'. Yaacov é o nível no qual o israelita tem que enfrentar sua alma animal e, apesar dos altos e baixos no seu sucesso nesta luta, isso é chamado de algo bom, pois, assim, consegue fazer deste mundo uma moradia para Hashem.

As pessoas que se dedicam aos negócios e ao seu trabalho (Yaacov) tem pouco tempo fixo para dedicar-se ao estudo de Torá (que é, portanto, temporário), quando comparados com aqueles que podem dedicar-se integralmente ao estudo de Torá, que são os estudiosos, cujo estudo da Torá é permanente.

Aqui a ideia de '*estudiosos da Tora*', está associada a uma pessoa que tem o nível espiritual de Yisrael, ou seja, que ao ocupar todo o seu tempo com o estudo de Torá, isto ilumina sua alma Divina a tal ponto que a pessoa não é afetada pela escuridão e ocultamento (prazeres e necessidades) do corpo e do mundo à sua volta.

O teto do Mishcan certamente lhe dava um aspecto de tenda, pois era composto, basicamente, de coberturas sobrepostas que eram fixadas ao chão com estacas. A cobertura que era visível por dentro era feita por DEZ largas tiras de linho tecidas com outros materiais. Sobre elas havia uma cobertura feita de pelos de cabra que era chamado de '*Ohel*' (tenda), pois ficava por cima e era visível por fora. Este '*Ohel*' era composto por ONZE largas tiras de pelos de cabra.

Isto está associado aos poderes abrangentes e poderes interiores da alma. Quando chamamos de poder interior (Pnímí) significa que podemos localizar tal poder em algum órgão interior da pessoa. Por exemplo, poderes intelectuais da pessoa são localizados no cérebro. Já seu poder Emunah (fé) não pode ser localizado em nenhum órgão específico, pois abrange a pessoa como um todo, seria Makif.

Existem dez Sefirot (que correspondem aos dez poderes da alma Divina – 3 poderes intelectuais e 7 emocionais), e o Kether não é uma décima primeira Sefirá, porque ela se integra e permeia todas as dez Sefirot, integrando e interligando-as, unindo-as entre si. HaShem é Um, é união, é unificar e integrar tudo.

Já a Sitrá Achará (o outro lado, oposto à Kedushá) o Makif não consegue se integrar com o Pnímí. Na Sitrá Achará o Kether é o décimo primeiro elemento. No Mishcan e no Beit Hamicdash havia o serviço Corbanot (sacrifícios) e havia o Ketóret (incenso). Enquanto os Corbanot só envolviam elementos Kasher (pois só podia utilizar certos animais que eram Kasher), o Ketóret envolvia elemento não Kasher, pois uma das especiarias usadas no incenso não era Kasher, por isso tinha ONZE elementos e não DEZ.

Ou seja, em linhas gerais temos que o DEZ é sagrado, pois é o número da Kedushá e o ONZE é o número da Sitrá Achará (o outro lado, oposto a Kedushá), onde o Kether não se integra com os outros DEZ elementos.

Agora podemos entender um pouco melhor porque justamente o '*Ohel*', as coberturas feitas de pelos de cabra tinham o valor ONZE. As próprias cabras, que em geral são pretas, fazem alusão à escuridão e ocultamento. Em Bereshit a escuridão vem primeiro. Ou seja, a tarefa de refinamento se dá por meio do estágio Yaacov, pois refere-se aos momentos que os filhos ou filhas de Yisrael ocupam-se com assuntos materiais (onde há a escuridão e o ocultamento), selecionando-se e refinando-se.

Já a cobertura do Mishcan, cuja quantidade é o número DEZ, fazem alusão às Dez Sefirot de Kedushá que brilham de maneira revelada, ou seja, a força Divina que as faz existir e lhes dá vida, une-se e integra-se dentro das suas dez Sefirot, de modo que permanecem sendo dez e não onze, pois tal força integra-se dentro das dez Sefirot.

Entretanto, esta força Divina continua oculta neste mundo, pois cada criatura sente-se independente do Criador. Precisamos revelar essa força e revelar o Mishcan. Servir a HaShem, transformar o mundo em uma morada para HaShem] Inspirado em Veshinantam 2024, ano 6, Nº 303, 5784, pp. 110-117.

Penso que é possível entender um pouco melhor o que Bilam viu nas tendas de Yaacov e na morada de Yisrael.

7.(Balac) – Números 24:14-25:09 – "*Após abençoar por três vezes o povo israelita, Bilam profetizou o destino futuro do povo de Balac, como também o de outras nações. Nessas profecias ele mencionou que o futuro rei do povo dos filhos de Israel Mashiach - levará a humanidade inteira a servir a D'us. Sonhar os sonhos de D'us. Disse Bilam: 'Um governante vai surgir de Yaacov'.*

*Podemos nos perguntar: '**Uma vez que sabemos o que D'us requer de nós aqui e agora, para que necessitamos saber qual é o nosso propósito derradeiro e a nossa recompensa futura final? Por que não confiar que D'us há de nos dar a devida recompensa quando chegar o momento certo e pronto, em vez de ficar nos preocupando agora sobre como será e o que nos espera no futuro?**'*

A resposta a isto é que ter uma clara visão do objetivo final do nosso trabalho produz uma diferença substancial na sua qualidade, como também no esforço que investimos nele. D'us deseja que Lhe sirvamos imbuídos de inspiração; quer que a nossa visão seja a mesma da d'Ele, que os nossos objetivos sejam os mesmos que os Seus. Evidentemente que a nossa relação com D'us deve se basear na absoluta e incondicional devoção que toda criatura deve ao seu Criador, mas isso é só a base, o começo. Em um sentido mais idealista, D'us quer que sonhemos com o que Ele sonha, e é por isso que Ele compartilha conosco o Seu sonho do Futuro messiânico.

Por conseguinte, é vital estudar as profecias e as afirmações dos nossos sábios sobre Mashiach e a iminente Redenção. Estes estudos nos permitirão obter uma clara imagem mental de como deve ser o mundo efetivamente, e de como podemos transformar esse sonho em realidade".

D'us quer que sonhemos com o que Ele sonha, e é por isso que Ele compartilha conosco o Seu sonho do Futuro messiânico. Mas, os obstáculos serão inúmeros e de toda categoria. "*Desde nossa entrada na arena da história universal, temos demonstrado a nossa existência; o nosso instinto de autoconservação está intrinsecamente ligado ao destino de todos os povos, participando ativamente de tudo o que é bom, belo, grande e nobre. Temos nos esforçados para compreender e para engrandecer todas as culturas, esperando, pela lei da reciprocidade, também ser compreendidos pelos outros.*

Mas a história universal, e especialmente a do nosso povo, encarregou-se de nos revelar que vivíamos uma grande ilusão, uma terrível utopia, pois cada vez que pensávamos ter conseguido a compreensão dos povos, quando acreditávamos nas eloquentes promessas da emancipação ou nas falsas profecias do socialismo, fomos brutalmente repelidos, ficamos terrivelmente decepcionados; a nossa maneira de pensar, o nosso estilo de vida, a nossa língua e cultura, as leis dietéticas, as nossas orações e interpretação das leis éticas, sociais e morais, tudo isto ficou hermeticamente fechado para o meio em que vivíamos, tudo isto serviu de motivação para levantar uma barreira isolando-nos dos povos com os quais convivíamos durante muitos séculos.

Mas a Providência Divina, que nunca deixou o povo de Israel desprotegido, incumbiu-se de provar que nesta nossa distinção, nesta nossa singularidade, está a nossa razão de ser e a peculiaridade do nosso ser. Perdendo essa nossa singularidade, abalamos os alicerces da nossa existência como povo sui generis.

*Nossos sábios comparam Bilam ao grande legislador Moisés e chegam a uma curiosa conclusão. Bilam louva o povo como poderia fazê-lo o maior amigo dos semitas, enquanto Moisés parecia criticá-lo e reprová-lo. **Quem é o amigo e quem é o inimigo nesta comparação?** Os Sábios mostram que a crítica nasce do amor, da consideração, enquanto os elogios exagerados não são produtos de amor verdadeiro. O povo dos filhos de Israel não deseja admiradores nem detratores. Não quer ser*

exposto como modelo de perfeição; só precisa de uma crítica própria, interior e sincera. Não as exaltações de Bilam, que só conseguem dificultar-lhes o progresso, mas sim as críticas de Moisés, que exigem o desenvolvimento do povo.

Habitando Israel em Shitim, o povo começou a errar com as filhas de Moav. Esta foi a sugestão de Bilam a Moav: entregar suas filhas para perverter o povo de Israel. (Números 31:16). Seu objetivo com esta proposta era destruir a fortaleza espiritual de Israel, e assimilá-lo.

As nações empregaram sempre duas formas para assimilar Israel: uma pela força, por meio de decretos contra a sua integridade física e moral, tratando de afogá-lo econômica e socialmente, para ser obrigado a abandonar a sua religião. A outra, concedendo-lhe liberdade completa e considerando-o igual a todos. O povo de Yisrael, principalmente a nova geração, teria assim a obrigação moral de se misturar entre a nação onde ele vive, pondo fim ao seu individualismo. Esta é a assimilação por meio da liberdade, e a mais eficaz. Entretanto, o meio que Bilam usou para fazer desaparecer Yisrael é o mais indigno de todos". Torá Sefer, comentários, pp. 466-467.

Mas, ao findar essa Parashat, penso que é importante nos perguntarmos: **O que representa no âmbito da Torá a palavra Balac (בָּלָק)?** Olhando por meio do dicionário Edusp pg.53 temos que o significado é o de dividir e/ou separar. Portanto, o título da própria Parashat nos informa que Balac seria aquele que fragmenta. Esse significado nos faz lembrar que ao longo da Parashat Balac tenta romper a unidade espiritual de Israel.

Balac não enfrenta Israel diretamente, porque ele tem um terror irracional de Israel dentro dele. Assim, sua técnica consiste, portanto, em primeiro contratar Bilam, depois em utilizar a maldição e recorrer, mais a frente, à sedução das mulheres de Moav contra os israelitas. Isto deixa claro que ele quer produzir uma ruptura interior dentro da unidade de Israel, evidentemente, antes de qualquer possível guerra. O objetivo primário era o de separar Israel de D'us. O secundário era o de provocar a separação das tribos entre si. Com isto, atingindo individualmente a cada Ser Humano integrante das tribos, afastando-os de sua missão espiritual. Sabemos que a Cabala nos apresenta que a unidade pertence à santidade e a separação caracteriza as Kelipot (cascas e/ou conchas que ocultam a Luz Divina).

No final da Parashá Balac, entretanto, quem de fato produz a ruptura em Israel? Não é Balac. É o próprio povo, quando parte dele participa do culto de Baal Peor (Num 25, pg. 467). Isso mostra que Balac nunca poderia destruir Israel de fora. A intenção de Balac era a de provocar uma divisão interna. É exatamente o significado do seu nome.

O Pedreiro deve aproveitar estes acontecimentos, pois há ensinamentos importantes para a nossa vida. Balac não representa apenas um rei de Moav. Ele representa aquela voz interior que busca fragmentar a personalidade de uma pessoa. A voz procura nos convencer de que temos de separar a nossa vida espiritual da vida diária. A separar o estudo da prática. A separar a fé das decisões concretas. E a separar a verdade da conveniência. Toda vez que ocorre essa divisão, Balac vence. Toda vez que o Pedreiro reúne novamente todas as dimensões de sua vida sob um único propósito, o Divino, Balac perde.

Embora as bênçãos sejam pronunciadas por Bilam, o verdadeiro antagonista não é o profeta contratado para amaldiçoar Israel. É Balac. Pois ele representa a força espiritual que busca dividir aquilo que foi chamado a **viver em unidade** e que constitui **o fundamento da presença da Shechina no mundo**. Isto explica por que a Parashat leva o nome de Balac.

09 - Parashat Pinchas – Preparativos Para Conquista.

Sinopse

O fato de ser muito mais jovem que Moshê não impediu Pinchas de atuar na sua presença, assim que ficou evidente que Moshê havia esquecido o que tinha de ser feito. Do mesmo modo, não devemos nos sentirmos intimidados quando vemos que aqueles que têm um nível superior de grandeza não retificam algum erro que deveria ser corrigido. Pinchas somente agiu após um 'sopro' (Ruach) Divino que lhe revelou a hora exata. Portanto, não foi um impulso cego. O Pedreiro deve se apoiar na intuição e no equilíbrio. Antes de qualquer intervenção, é preciso reunir elementos factuais, apoiar-se nos Rituais e Regulamentos e buscar o diálogo fraterno. É importante ter em mente que todo 'ato corretivo' esteja respaldado por prova, instância julgadora interna e proporcionalidade. Além de que, o ato corretivo não pode ser transformado em uma vingança pessoal. Deve estar alicerçado na fraternidade existente entre os membros da Organização. Manter a fraternidade e trabalhar pela paz, após cada ato corretivo, é fundamental. *Os Filhos de Côrach, o instigador do motim contra Moshê acontecido trinta e oito anos antes, também estavam incluídos neste censo. Pensar no arrependimento. E os Filhos de Côrach não morreram no motim do seu pai.* Passou-se um tempo relativamente grande, onde eles ficaram sem ver a luz do sol, sem ver ninguém, envoltos no seio da terra etc., a prova da terra, para nascer de novo. Ou seja, em uma prova terrível eles foram submetidos. Outro ponto, é que a inveja, ou os maus pensamentos podem estar fazendo ninho em nosso interior, crescendo e criando raízes para surgir à superfície repentinamente. Terceiro, é necessário conhecer os detalhes para poder, de fato, amar aquilo que se está estudando. É importante ressaltar que: *(1) estamos conectados com Ele por uma relação de serviço e recompensa. Isto reflete a divisão lógica da terra em função da população; (2) fomos eleitos por D'us para sermos o Seu povo, independentemente de quão bem cumpramos com a nossa parte na relação contratual com Ele. Isto reflete a divisão da terra por sorteio, que não é ditado pela lógica; (3) estamos conectados com D'us porque somos uma parte d'Ele; por conseguinte, Ele não necessita sequer nos eleger. Aprendemos de Yehoshua a nos comprometer totalmente em absorver humildemente e transmitir a herança e as lições da Torá tais como nos foram legadas pelos nossos predecessores, como também a aplicar os ensinamentos da Torá às novas situações da nossa geração*". Todos àqueles que pretendem um dia liderar um grupo de Pedreiros, deveria ler com muita atenção essas linhas sobre *Josué, Yehoshua Ben Nun*. Pois aqui encontra-se um ensinamento especial de como deve ser um líder verdadeiro. Um ponto importante nesta Parashat, que se liga ao anteriormente apresentado, é a expressão *Nutrir a D'us. As orações foram instituídas como uma compensação direta pela ausência de sacrifícios (Berachot 26b), ocorre que cada uma de nossas preces diárias é de enorme significado para D'us, a ponto d'Ele as descrever como o Seu próprio 'sustento.* Embora D'us não precise de nada, muito menos de sustento. *No transcurso de tais instruções, D'us fez referência a Rosh Hashaná, o Ano-Novo israelita como um dia apropriado para o toque do shofar (chifre de carneiro). É a Renovação.* **Qual é para um Pedreiro a verdadeira renovação?** É quando ele adquire a consciência de: *Comei, meu irmão e daí de comer a quem tem fome. Amai e Frutificai. Bebei, meu Irmão e daí de beber a quem tem sede. Aprendei e ensinai*. *Assim que os nossos impulsos materialistas forem treinados dessa forma, poderemos dar um salto quântico e desligá-los totalmente da sua orientação material e egocêntrica, tal como o salto quântico que ocorre do último dia de Sucot a Sheminí Atsêret, momento em que o número de bois ofertados diminui de sete para um*". *No âmbito pessoal, renascemos num relacionamento mais elevado com D'us todos os anos em Pessach, mas ainda não estamos maduros o suficiente para apreciar esse novo relacionamento. Seis meses depois, no final de Sucot, já amadurecemos o suficiente para absorver nossa nova consciência Divina, e ela torna-se verdadeiramente nossa*" (Kadosh).

1.(Pinchas) – Números – 25:10-26:04 – "*Induzido por Bilam, Balac faz com que mulheres midianitas e moabitas atraiam aos homens israelitas e os induzam à idolatria. Então, D'us lança uma epidemia fatal contra o povo dos Filhos de Israel. Moshê leva a juízo os ofensores, mas Zimrí, príncipe da tribo de Shimon, o desafia, desposando a princesa midianita Kozbi em público. O neto de Aharon, Pinchas, lembrou que tais ofensores podiam ser executados sem julgamento, e aniquila Zimrí e Kozbi. Em seguida, Pinchas reza a D'us e Ele detém a epidemia. Pinchas tinha nascido antes que Aharon e os seus Filhos fossem consagrados por D'us como sacerdotes; naquele momento, só estes haviam sido considerados elegíveis para tal cargo. No entanto, como recompensa pelo seu zelo no caso de Zimrí, D'us consagra Pinchas como Cohen. Evitar a falsa modéstia. D'us disse com respeito a Pinchas: 'Eis que Eu lhe dou... o pacto eterno do sacerdócio'.*

O fato de ser muito mais jovem que Moshê não impediu Pinchas de atuar na sua presença, assim que ficou evidente que Moshê havia esquecido o que tinha de ser feito. Do mesmo modo, não devemos nos sentirmos intimidados quando vemos que aqueles que têm um nível superior de grandeza não retificam algum erro que deveria ser corrigido. É possível que, como no caso de Pinchas, a Divina Providência os faça guardar silêncio para que, aí então, uma pessoa 'menos qualificada' aproveite o momento e responda ao chamado à grandeza. Quando a Divina Providência nos apresenta a oportunidade de retificar algo no mundo, devemos fazê-lo com total altruísmo e autos sacrifício, tal como o fez Pinchas, que colocou sua vida em risco ao aniquilar Zimrí - como mandava a lei, e foi graças a isso que ele salvou o povo da epidemia".

Como vimos na Parashat anterior, Israel começou a habitar em Shitim. Mas, neste local o povo começou a errar com as filhas de Moav, no incidente conhecido como Baal Peor. Isso ocorreu decorrente da sugestão dada por Bilam a Moav, ou seja, entregar suas filhas para perverter o povo de Israel. (Números 31:16). Seu objetivo era destruir a fortaleza espiritual de Israel e assimilá-lo ao povo de Moav.

Alguns homens da tribo de Shimon reunidos ao redor de Zimrí, que era seu príncipe, disseram para ele: '***Estamos sendo condenados à morte e você fica aí sentado sem fazer nada?***', conforme mencionado no Tratado de Sanhedrin 82ª in Veshinantam 2024, ano 6, Nº 303, 5784, pg. 39.

Aos olhos de Moshê um homem da tribo de Shimon (Zimrí) trouxe uma midianita e começou a ter relações sexuais com ela, dentro de uma tenda. Os outros perguntaram a Moshê: **Essa mulher é proibida ou permitida?** Mas, antes que Moshê iniciasse uma reação, Pinchas tomou a frente e executou a ambos com uma lança.

É importante ressaltar que o nome da mulher morta era Kozbi, a filha de Tsur, o líder nacional de uma casa paterna de Midian. O que demonstra a repulsa dos midianitas para com Israel, a ponto de entregar uma princesa à prostituição para levar Israel ao pecado. Veja que Tsur é citado na Torá como o líder nacional, ou seja, é o mais proeminente dos 5 reis de Midian. Ele degradou-se a si mesmo entregando a própria filha para a prostituição.

"*Pinchas percebendo a origem espiritual da epidemia, tomou uma atitude drástica (mas necessária) e, com uma lança, matou Zimri junto com a mulher midianita Kozbi de modo que, milagrosamente, todos pudessem constatar e flagrar o pecado cometido, e aí, finalmente, cessou a epidemia*". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 304, 5784, pg. 107.

Essa ação de Pinchas nos mostra que não devemos nos sentirmos intimidados, quando vemos que aqueles que têm um nível superior de grandeza não retificam algum erro que deveria ter sido corrigido.

Por meio deste episódio, os Pedreiros podem tirar algumas lições importantes. Cada Irmão e cada Loja deve entender ser a autoridade máxima de uma Organização e isto não a exime do dever moral. Se a Organização não corrige uma conduta incompatível com o seu cargo (Príncipe), cabe ao praticante '*erguer a ferramenta*' e agir dentro dos regulamentos internos.

Pinchas somente agiu após um '*sopro*' (Ruach) Divino que lhe revelou a hora exata. Portanto, não foi impulso cego. O Pedreiro deve se apoiar na intuição e no equilíbrio. Antes de qualquer intervenção, é preciso reunir elementos factuais, apoiar-se nos Rituais e Regulamentos e buscar o diálogo fraterno. É importante ter em mente que todo '*ato corretivo*' esteja respaldado por prova, instância julgadora interna e proporcionalidade. Além de que, o ato corretivo não pode ser transformado em uma vingança pessoal. Deve estar alicerçado na fraternidade existente entre os membros da Organização. Manter a fraternidade e trabalhar pela paz, após cada ato corretivo, é fundamental.

2.(Pinchas) – Números – 26:05-51 – "*D'us ordenou a Moshê a realizar um censo do povo israelita após as mortes causadas pela epidemia e pela aplicação da justiça contra os pecadores e rebeldes. Os Filhos de Côrach, o instigador do motim contra Moshê acontecido trinta e oito anos antes, também estavam incluídos neste censo. Pensar no arrependimento. E os Filhos de Côrach não morreram no motim do seu pai.*

Os Filhos de Côrach desempenharam um papel chave na rebelião do seu pai, e por isso foram devorados pela terra juntamente com os demais rebeldes. Contudo, ao contrário dos demais, eles se arrependeram profundamente e foram salvos da pena de morte: D'us permitiu que permanecessem vivos numa gruta subterrânea até a morte do restante da geração. Posteriormente, D'us permitiu aos Filhos de Côrach abandonar o seu esconderijo e regressar às suas vidas na comunidade. Se eles houvessem expressado o seu arrependimento abertamente, teriam sido poupados inclusive desse castigo atenuado. Ainda assim, a sua sobrevivência nos mostra o imenso poder do arrependimento, até mesmo quando não é seguido de uma ação prática com base nele, que é como deveria ser.

Esta conclusão deveria calar toda dúvida que pudéssemos abrigar sobre a possibilidade da redenção nos nossos tempos. Na realidade, até mesmo o simples fato de pensar no arrependimento já seria suficiente para aproximar a chegada da Redenção final, e mais ainda quando a isto se somam os méritos que temos acumulado no decorrer deste longo exílio: a Torá que temos estudado, os mandamentos que temos cumprido e o martírio que temos sofrido".

A prova da terra - No estudo da Parashat Pinchas me faço a pergunta: **Qual a conexão que existe entre os temas abordados na Parashat?** Os pontos abaixo me saltaram aos olhos: 1) A atitude de Pinchas e o fim da praga que assolava o povo. 2) O censo realizado. 3) A expressão D'us falou dizendo. 4) O resultado do censo. 5) A divisão da terra. 6) Os filhos de Levi que não receberam uma porção de terra. 7) A reclamação das filhas de Tselofchad. 8) As leis de Herança. 9) Yehoshua é apontado como sucessor de Moshê. 10) As oferendas comunais. 11) As oferendas contínuas. 12) A oferenda adicional de Shabat. 13) A oferenda comunal de Rosh Côdesh. 14) As oferendas comunais de Pessach. 15) As oferendas comunais de Shavuot. 17) As oferendas comunais de Rosh Hashaná e o Shofar. 18) As oferendas comunais de Yom Kipur. 19) As oferendas comunais de Sucot; e 20) As oferendas comunais de Sheminí Atséret.

Volto a repetir a pergunta**: O que une todos esses diferentes temas?** D'us falou dizendo, ou seja, primeiro fale aos filhos de Israel de uma forma geral. Depois diga de uma forma específica em detalhes. Aprendi nas metodologias científicas que ninguém ama aquilo que não conhece. Quem conhece mais profundamente os detalhes, mais se interessa por àquilo que está estudando. Mais detalhes consegue enxergar. Mais profundamente percebe a importância de detalhes minúsculos. A cada passo mais profundo, uma exclamação natural surge: Meus D'us que beleza!

A esposa rival: É quase impossível expulsar de nosso coração os desejos mundanos de uma pessoa, a fim de que o coração não abrigue, em absoluto, quaisquer desejos estranhos. Ela a "*esposa rival*" ou os desejos mundanos, deve pelo menos estar oculta, num estado de exílio e servidão à verdadeira dona da casa, isto é, ao amor a D'us. O amor a D'us fará uso da esposa rival para atender a suas próprias necessidades imprescindíveis somente, por exemplo, comer e beber. Para a alma Divina permanecer dentro do corpo e por esse meio ser capaz de cumprir as exigências da Torá e Mitzvot, o indivíduo deve, portanto, comer e beber.

Assim, ele deve usar o desejo natural da alma animal pelas coisas físicas expressamente para atender os propósitos da alma Divina. Por exemplo, sua comida e bebida têm por objetivo prover o indivíduo com força para que ele seja capaz de estudar a Torá e ocupar-se com o Serviço Divino etc.

Em Mishlê 03:06 encontramos: "*Conheça-O em todos os seus caminhos*". Seus caminhos claramente se referem às atividades materiais do Ser Humano. Mesmo nelas, as atividades materiais, nos é ordenado "*conhecê-Lo*", para nos ligarmos a D'us por meio de ações físicas, utilizando-as para os propósitos designados por Ele, com a finalidade de "*conhecê-Lo*".

Tanya Iguéret HaCôdesh Carta 18 pg. 359. **Porque, simbolicamente, os Filhos de Côrach não morreram?** A prova da terra. Em Torá Bamidbar (Números) 26:09-11 encontramos: "[9] *E os filhos de Eliab: Nemuel, Datan e Aviram; estes Datan e Aviram, são os que foram eleitos pela congregação, os quais moveram a briga contra Moshê e Aarão no grupo de Côrach, quando fizeram brigar o povo contra o Eterno.* [10] *A terra, abrindo a sua boca, tragou-os juntamente a Côrach, morrendo aquele grupo, quando o fogo consumiu duzentos e cinquenta homens, servindo de advertência.* [11] *Os Filhos de Côrach não morreram*".

Quem é a esposa rival neste contesto? Sabe-se que em todos os tempos teremos pessoas com a mentalidade semelhante àqueles indivíduos. Sabendo o mal que a inveja é capaz de infringir na vida individual e da sociedade, a Torá achou por bem chamar a nossa atenção para este fato. "*E os Filhos de Côrach não morreram*", para nos indicar que sempre existirão pessoas com àquela mentalidade. A mentalidade de Côrach, neste caso, podemos classificá-la como sendo a da esposa rival. Inspirada nos comentários da Torá Sefer pg. 471. Portanto, a expressão "*os Filhos de Côrach não morreram*", neste comentário, encontra-se em sentido simbólico.

Alguns daqueles que participaram da revolta de Côrach não queriam de fato participar daquela contenda. Isto, nos leva a vislumbrar alguns ensinamentos. Embora não concordassem plenamente com os atos, emprestaram sua força. Assim, devemos ficar vigilantes com este aspecto. Seguir apoiando uma ação, por exemplo, por estar imerso em regras preestabelecidas, ou convenções, ou comportamentos que agridem a nossa consciência, podem nos levar a um grande sofrimento. A justiça foi feita no tamanho exato da falta cometida.

Mas, por outro lado essa expressão "*Os Filhos de Côrach não morreram*", nos ensina outra lição mais profunda. Passou-se um tempo relativamente grande, onde os Filhos de Côrach ficaram sem ver a luz do sol, sem ver ninguém, envoltos no seio da terra etc., a prova da terra, morrer para nascer de novo. Ou seja, em uma prova terrível eles foram submetidos. Outro ponto, é que a inveja, ou os maus pensamentos podem estar fazendo ninho em nosso interior, crescendo e criando raízes para surgir à superfície repentinamente. Terceiro, é necessário conhecer os detalhes para poder, de fato, amar aquilo que se está estudando.

Assim, ressalto que a tradição explica que, quando a terra se abriu, os Filhos de Côrach fizeram Teshuvá (arrependimento verdadeiro). Por essa razão, um lugar elevado foi criado para eles dentro do abismo e eles sobreviveram. Essa imagem simbólica de pessoas permanecendo em uma espécie de espaço suspenso dentro da terra aparece associada aos Filhos de Côrach e não a Datan e Aviram. Datan e Aviram morreram na revolta de Côrach.

No Zohar, Côrach recebe um tratamento mais benevolente do que simplesmente o de um rebelde. O Zohar ensina que Côrach possuía uma percepção espiritual elevada, mas tentou revelar uma verdade antes do tempo adequado. Sua visão continha um elemento verdadeiro, porém aplicada de forma incorreta. Zohar III, Parashat Korach, 176a–181b, Shaar HaPesukim, Parashat Korach do Ari, Likutei Torah, Korach de Shneur Zalman of Liadi e Likutei Sichot, Parashat Korach, do Menachem Mendel Schneerson.

Os discípulos do Isaac Luria, explicam que uma alma pode passar por processos de purificação mesmo após uma grande falha. O julgamento, muito além de ser visto apenas como punição, é no fundo uma etapa de retificação (Tikun). Assim, alguns Mestres entendem que a alma de Côrach possui um futuro papel na redenção final. Isso não transforma a rebelião em algo correto. Revela apenas que ele percebeu um aspecto de uma verdade que ainda não podia ser manifestada naquele momento da história espiritual.

Mas, buscando responder objetivamente à questão acima abordada, temos que a Parashá gira em torno da palavra herança. Portanto, vejamos Pinchas recebe uma herança que é o sacerdócio. As tribos também recebem uma herança que é a terra. As filhas recebem como herança o patrimônio familiar. Yehoshua recebe como herança a liderança. Os levitas recebem a herança da dedicação inseparável a D'us etc. Ou seja, a Parashá trata da transmissão daquilo que é eterno.

O deserto representa um período de formação, onde a Terra Prometida representa a consolidação da realidade que se avizinha. Enquanto estavam no deserto, D'us provê quase tudo. Quando entram na Terra Prometida, D'us continua presente, mas espera nossa participação. Por isso, recebem leis, herança, liderança, serviço, calendário e sacrifícios. Ou seja, tudo passa de um estágio mais etéreo para a realidade que exige responsabilidade.

Olhando para o interior de um Pedreiro, sabemos que o deserto simboliza o período em que o Ser Humano busca a Verdade. A Terra Prometida simboliza o momento em que essa Verdade precisa tornar-se parte permanente da personalidade da pessoa. Assim, cada tema da Parashá apresenta pontos importantes para a construção de um Templo interior. Por exemplo, Pinchas ensina a eliminar aquilo que corrompe a consciência. O censo ensina a reconhecer que cada alma tem um valor único. A divisão da Terra ensina que cada virtude possui seu lugar e sua responsabilidade. Os levitas lembram que algumas dimensões existem para servir. As filhas de Tselofchad mostram que o verdadeiro buscador deseja sua porção na herança espiritual e não se conforma em permanecer à margem. Yehoshua ensina que o conhecimento deve transformar-se em ação concreta. E as oferendas diárias, semanais e anuais revelam que a santidade depende de constância e renovação.

Mas, aqui temos um ponto que unifica toda a Parashá que é a **Prova da Terra**. A prova do deserto consistia em confiar em D'us quando tudo vinha do Alto (o maná, a água, as nuvens de glória etc.). A Prova da Terra é mais sutil. Nos mostra que permanecer unido ao Eterno quando se ara, se planta, se colhe, se administra uma herança, exerce liderança, se julga uma causa de família e se santifica o tempo por meio do serviço contínuo, não é fácil e nem tão pouco simples. A verdadeira conquista da Terra Prometida é espiritual e não se associa a uma conquista militar. Ela acontece quando o Ser Humano transforma o cotidiano em um altar, fazendo de toda a sua vida uma morada para a Shechina. Vê-se que é a preparação para a vida, que estava nos seus momentos finais, que explica por que temas aparentemente tão diversos formam uma unidade na Parashat Pinchas.

3.(Pinchas) – Números – 26:52-27:05 – "*Após completar o censo, D'us instruiu Moshê como dividir a Terra de Israel entre os israelitas. A nossa tripla relação com D'us. D'us disse a Moshê: 'A terra será dividida entre aqueles que você acaba de contar'.*

A Terra de Israel foi dividida entre o povo dos filhos de Israel de três formas: ***(1)*** *de acordo com a população, ou seja, quanto mais populosa fosse a tribo, maior seria a porção de terra que ela receberia;* ***(2)*** *por sorteio, no qual se determinava a área a ser entregue a cada tribo; e* ***(3)*** *por herança, através da qual as propriedades dos pais eram transferidas a seus filhos.*

Estes três métodos refletem as distintas facetas da nossa relação com D'us: ***(1)*** *estamos conectados com Ele por uma relação de serviço e recompensa. Isto reflete a divisão lógica da terra em função da população;* ***(2)*** *fomos eleitos por D'us para sermos o Seu povo, independentemente de quão bem cumpramos com a nossa parte na relação contratual com Ele. Isto reflete a divisão da terra por sorteio, que não é ditado pela lógica;* ***(3)*** *estamos conectados com D'us porque somos uma parte d'Ele; por conseguinte, Ele não necessita sequer nos eleger. Isto reflete a divisão da terra por herança, porque um herdeiro recebe a herança dos seus pais de maneira automática: não tem que fazer algo para ganhá-la, assim como tampouco o seu pai necessita nomeá-lo como seu herdeiro.*

As três facetas da nossa relação com D'us são todas importantes, mas no Futuro messiânico a nossa relação de herança com Ele será a primordial. É este aspecto da nossa relação com D'us que devemos enfatizar mais hoje em dia à medida que nos preparamos para a iminente Redenção messiânica".

'*Foram contados 601.730 filhos de Israel. No censo realizado por Moshê no segundo ano da saída do Egito (Números 01:47), havia 603.550 homens acima dos vinte anos aptos para a guerra, sem contar a tribo de Levi. Uns trinta e oito anos depois, houve uma redução de 1.820 homens. Notamos também que as tribos de Rubem, Simão, Gad, Efraim, e Naftali foram as que mais decresceram. O censo dos Levitas foi feito separadamente, porque se contavam os seus homens a partir da idade de um mês e também porque, segundo a Torá, (Num. 26:62), não receberiam terra na distribuição da Terra prometida'*. Torá Sefer comentários pg. 473.

Vimos acima que ocorreu uma diminuição de 1.820 homens, comparando os censos. Lembrando que os filhos de Israel estão vivendo os últimos dias na sua jornada no deserto antes de adentrar a Terra prometida. Assim, somando os números de 1.820 encontramos o valor (1+8+2+0=11). Olhando para o Tehilim (Salmo) 11 temos: '***5*** *O Eterno protege o justo, mas o malvado e o injusto Ele rejeita.* ***6*** *Sobre os perversos fará chover fogo e enxofre, uma incandescente rajada será sua porção.* ***7*** *Pois justo é o Eterno, que ama a retidão, e os puros comtemplarão Sua face*'. Continuando a somar encontramos o valor 2. Olhando para o Salmo 2 temos: '***1*** ***Por que se reuniram povos e em vão murmuram nações?*** ***2*** *Os reis da terra se posicionaram com os líderes que, secretamente, conspiram contra o Eterno*'. Livro de Salmos, Sefer, ISBN 85-85583-25-8.

Sabemos que o valor 2 corresponde ao caractere Beit (ב) (casa). Ou seja, agora tem dois, o Criador e o criado, ou a criação. Pois, antes havia 1 e agora tem 2. D'us criou o mundo e o mundo é a nossa casa. Por isso a Torá começa com esse caractere e por isso a criação (Bara - criou) começa com Beit. A Torá foi outorgada ou entregue para aqueles que residem na casa que D'us criou. O povo dos filhos de Israel estava a dias de entrar na Terra Prometida, a fim de "*construir*" a morada (casa - Beit) para o Criador. O povo havia aprendido muitas lições por meio de desafios e momentos de grande dificuldade.

Mas, olhando para o valor 11, este corresponde ao 11º caractere Kaf (כ). Quando se estuda os caracteres das dezenas, eles estão associados aos caracteres da unidade. Assim, o Yud está associado ao Alef e o Kaf está associado ao Beit. Kaf = 20 e Beit = 2. O Beit representa a criação e o Kaf é a transformação da criação. É quando pegamos a matéria prima e moldamos e transformamos em objetos, utensílios etc., portanto, o Kaf representa uma pessoa quando utiliza a própria mão para transformar a matéria prima em um objeto. Em Hebraico esse caractere é chamado de palma. Palma da mão é (כַּף הַיָּד) Kaf hiad, posto que são as mãos que efetivamente transformam a matéria. Usamos as mãos quando estudamos Torá e cumprimos as Mitzvot. Ou seja, usamos as mãos para transformar a matéria e construir uma morada para o Criador.

4.(Pinchas) – Números – 27:06-23 – "*Como preparação à morte iminente de Moshê, D'us deu a este a ordem de designar Yehoshua como seu sucessor. Humildade na afirmação. D'us disse a Moshê: 'Tome a Yehoshua, filho de Nun, um homem de espírito, e ponha as suas mãos sobre ele'.*

Yehoshua foi eleito como sucessor de Moshê em virtude da sua total perseverança em incorporar e absorver todas as orientações dele tanto os seus ensinamentos da Torá, como os derivados da sua conduta pessoal. A diferença que houve entre estas duas lideranças foi que, enquanto a de Moshê se baseava principalmente em milagres, a de Yehoshua foi conduzida de forma mais natural. Foi justamente através da liderança de Yehoshua que o propósito da Criação a santificação do mundo material e natural - atingiu o seu objetivo. Mas o êxito de Yehoshua obedeceu exclusivamente ao fato de ele ser apenas um reflexo altruísta de Moshê: a sua autoanulação ao seu mestre permitiu que a natureza milagrosa da liderança de Moshê se transferisse para a sua própria liderança natural. Foi por isso que a primeira conquista de Yehoshua, a cidade de Jericó, ocorreu por obra de um milagre.

Aprendemos de Yehoshua a nos comprometer totalmente em absorver humildemente e transmitir a herança e as lições da Torá tais como nos foram legadas pelos nossos predecessores, como também a aplicar os ensinamentos da Torá às novas situações da nossa geração".

Nomeie um homem, mas um líder – '*D'us mandou Moshê subir ao monte Abarim (הָעֲבָרִים) e ver a terra que ia dar aos filhos de Israel, informando-o que não teria a ventura de entrar na Terra Prometida. Moshê, em lugar de recriminar e queixar-se, suplica a D'us para não abandonar o rebanho que lhe foi confiado e que designasse um novo pastor. 'Eis aqui um exemplo de sacrifício absoluto à causa pública!' - diz o Midrash (Ialcut 776). Os grandes homens deixam de lado seus próprios interesses, para se ocuparem daqueles dos demais.*

Quando Moshê pediu um sucessor, dirigiu-se ao Eterno, qualificando-o de 'D'us dos espíritos de toda criatura' (Números 27:16), pois somente D'us conhece os corações, a inteligência, os sentimentos de cada um, e sabe quem é apto para ser chefe. Moshê pede para Israel um guia espiritual animado do espírito Divino, isto é, que conheça inteiramente a natureza humana e se adapte ao espírito de cada ovelha de seu rebanho. Este é o guia infalível, o pastor ideal para uma comunidade.

Que saia adiante deles, ou seja, tenha liderança que é um desafio e uma oportunidade. ***Ela é um desafio, porque no sentido de orientação espiritual fomos premiados pelo destino: qual é o povo no mundo inteiro com o privilégio de ser liderado espiritualmente por um Moshê, por um profeta Elias, por um rei David, pelos profetas Amós, Isaías, Jeremias e Ezequiel, por um Rabi Akiva, por um Maimônides, por um Gaon de Vilna ou por um Rabino Isaac Kook?*** *Além disso, a liderança é um gigantesco desafio em virtude da sua singularidade e pela incerteza da existência dos filhos de Israel (atualmente judaica). Nossas preocupações, assim como nossos problemas, estão além das comparações com as dúvidas da vasta comunidade humana. E é por isso que as oportunidades da liderança israelita se tornam verdadeiramente notáveis.*

Desta forma, a exigência da Torá para o líder ideal israelita ser um homem 'que saia adiante deles' é absolutamente justificada, sugerindo que não basta orientar pela palavra ou pelo comando, mas especialmente pelo cumprimento pessoal e pelo exemplo de sua conduta e estilo de viver. O guia espiritual israelita, que pretende seguir as normas da Torá e da Halachá, deve abandonar a esperança de conquistar afeto popular e aprovação universal. O guia religioso deve lembrar que não participa de um concurso de popularidade e saber que os maiores guias espirituais do nosso povo não tinham a simpatia das massas populares. Este é o risco da liderança. Sim, os aptos e predestinados para esta missão, devem aceitar este supremo sacrifício; eles devem, acima de tudo, guiar com eficácia e vigor, com grande amor e ilimitada devoção aos fiéis de suas congregações, aproximando-os dos ensinamentos da Torá e às gloriosas gerações que os precederam.

Embora esta Parashá seja designada pelo nome de Pinchas, um possível candidato ao cargo de líder de Israel, o escolhido foi Josué, Yehoshua Ben Nun. Apesar da aprovação e bênção Divina pelo ato praticado por ele, o nome de Pinchas não foi sugerido como possível herdeiro de Moshê na liderança do povo, mesmo tendo demonstrado ousadia, sagacidade, capacidade de liderança e perseverança em momentos de crise. Um dos mestres do Chassidismo afirma que seu fanatismo o afastou do cargo de líder. Por isso, D'us determina que, à frente do povo, deve haver um líder capaz de suportar as divergências de opinião dos seus integrantes - alguém como Josué (Yehoshua)'. Torá Sefer, comentários, pp. 475-476.

Todos àqueles que pretendem um dia liderar um grupo de Pedreiros, deveria ler com muita atenção essas linhas sobre *Josué, Yehoshua Ben Nun*. Pois aqui encontra-se um ensinamento especial de como deve ser um líder verdadeiro.

5.(Pinchas) – Números – 28:01-15 – "*A seguir, D'us instruiu Moshê com respeito aos sacrifícios comunitários, tanto os diários quanto os das festividades, que deviam ser oferecidos regularmente no Mishcan.* ***Nutrir a D'us****. D'us ordenou a Moshê dizer ao povo israelita: 'Vocês devem guardar a Minha oferenda, o Meu alimento para as Minhas oferendas ao fogo'.*

D'us chama os sacrifícios de Seu 'alimento' diário porque, da mesma forma como a comida sustenta o corpo, também os sacrifícios 'sustentam' o mundo e lhe trazem a força vital Divina que lhe dá sustento. Além disso, a constância dos sacrifícios diários expressava a eterna conexão existente entre D'us e o povo israelita.

As orações diárias foram instituídas para servirem como contrapartida e como substitutos aos sacrifícios diários na ausência do Mishcan ou do Templo. Deste modo, as nossas orações diárias também 'sustentam' a D'us. Se alguma vez nos perguntamos quão importantes podem ser as nossas orações, devemos recordar que D'us as considera vitais para a existência e preservação do mundo. São tão importantes para Ele como o nosso pão diário é para nós".

"*D'us responde ao pedido de Moshê por um sucessor, dizendo-lhe para nomear Josué (Yehoshua) para a sua posição. As instruções subsequentes de D'us, sobre os sacrifícios comunitários, diários e festivos foram uma resposta adicional ao pedido de Moshê.*

A demanda de um líder físico e humano faz parte de nossa necessidade de reconhecer que nossas vidas e, de fato o mundo em geral, tem uma direção e um propósito. Portanto, depois de fornecer a eles um líder, D'us procurou garantir que as pessoas sempre reconhecessem que estão sujeitas a Ele, ao líder Divino, que é Quem dirige o mundo e que todos os aspectos da vida ocorrem por meio da Sua Providência Divina. D'us conseguiu isso instituindo os sacrifícios comunitários, diários e festivos, que serviram para lembrar-nos que D'us está sempre presente em nossas vidas.

Nossas orações do dia a dia e das festividades correspondem aos seus sacrifícios diários e festivos, e os substituem em sua ausência. Seu propósito também é aumentar nossa consciência e reconhecimento de que o mundo não está sujeito apenas às leis cegas da natureza, mas que também existe um D'us no mundo, que o tempo todo está direcionando-o para o seu objetivo e dando-lhe propósito". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 304, 5784, pg. 55.

De forma semelhante o acima apresentado, essa interpretação descreve que '*D'us descreve os sacrifícios diários como "Minha Comida* - **Nutrir a D'us***", uma metáfora que sugere que os sacrifícios de fato 'sustentam' o Todo-Poderoso, por assim dizer. Portanto, como as orações foram instituídas como uma compensação direta pela ausência de sacrifícios (Berachot 26b), ocorre que cada uma de nossas preces diárias é de enorme significado para D'us, a ponto d'Ele as descrever como o Seu próprio 'sustento'*"' Entretanto, lembro que D'us não precisa de nada, muito menos de sustento. Baseado em Likutei Sichot, Vol. 13, pp. 103-104.

"*É interessante notar que o segundo caractere de Avraham (אַבְרָהָם) – o Beit (בְ) - é a inicial da palavra Boker (בוקר) (manhã). O segundo caractere de Yitzchak (יצחק) – o Tzadik (צ) – é a inicial da palavra Tzohoraim (צָהֳרַיִם) (tarde ou meio-dia). E o segundo caractere de Yaacov (יעקב) – o Ayn (ע) – é a inicial da palavra Erev (ערב) (noite). A palavra Yefalel (וַיִּפְלֶל) (neste contexto: faz justiça in Tehilim 106:30) possui a mesma raiz do verbo rezar (להתפלל), por isso é considerado deste modo uma Beraitha (Torá Oral)*". Berachot 26ª, pg. 7.

6.(Pinchas) – Números 28:16-29:11 – "*Depois de detalhar os procedimentos relativos aos sacrifícios diários, D'us instruiu a Moshê a respeito dos sacrifícios semanais de Shabat, dos sacrifícios relativos ao primeiro dia de cada mês judaico e também dos apropriados para cada uma das festividades. No transcurso de tais instruções, D'us fez referência a Rosh Hashaná o Ano-Novo israelita como um dia apropriado para o toque do shofar (chifre de carneiro). É a Renovação. D'us ordenou a Moshê dizer ao povo israelita: 'O primeiro dia do sétimo mês será para vós o dia para fazer soar o shofar'.*

A renovação anual é necessária para que a vida mantenha a sua frescura e novidade. Se apenas cultivarmos continuamente o mesmo tipo de consciência Divina, ficaremos presos às suas limitações e terminaremos fazendo com que nossas vidas religiosas pareçam repetitivas e sem graça. Rosh Hashaná é uma oportunidade para darmos um salto a um novo nível de consciência Divina que inspirará nossas vidas ao longo do ano seguinte.

Contudo, para alcançar este objetivo, não podemos depender das palavras das nossas orações, uma vez que elas possuem, na nossa mente, significados específicos limitados pelo conhecimento e experiências que temos adquirido ao longo da vida. É por isso que, para nos liberar dos nossos limitados modos de expressão, precisamos empregar os toques do shofar - seu característico som de choro e lamento -, os quais transcendem os confins da linguagem verbal. Desta maneira, recuperamos a inocência e a inspiração de uma alma recém-nascida, como a inocência e inspiração do povo israelita ao receber a Torá no Monte Sinai. Esta renovada inspiração fortalece a nossa relação com D'us para o ano que ora se inicia".

"*Na Torá, Rosh Hashaná é chamado "O Dia do Toque do Shofar". Esta é a Mitzvah do dia: ouvir os toques do shofar. Como Rosh Hashaná dura dois dias na diáspora, precisamos ouvir o toque do shofar durante as horas diurnas daqueles dois dias – a menos que o primeiro caia no Shabat, e neste caso tocamos o shofar somente no segundo dia.*

Sua mensagem é singular e tocante: é época de nos livrarmos de nosso sono espiritual e reconectarmo-nos com a nossa fonte. Por quê: Basicamente, porque é uma Mitzvah. Porém os toques do shofar também são chamados "despertador". Rosh Hashaná é o tempo de nos livrarmos de nosso sono espiritual e reconectarmo-nos com a nossa fonte, e reassumir o compromisso com nossa Divina missão neste mundo.

Após recitar duas bênçãos na sinagoga, então toca-se uma sequência de três tipos de toques: ***1)*** *tekia – toque ininterrupto durando vários segundos.* ***2)*** *Shevarim – três toques com duração média.* ***3)*** *Terua: um mínimo de nove toques bem curtos*". Shofar - Um Chamado à Ação - pt.chabad.org.

"*D'us instruiu Moshê a dizer ao povo israelita: 'O primeiro dia do sétimo mês... deve ser um dia de toque de shofar para vocês'.*

D'us enviou nossa alma Divina, ao estranho ambiente deste mundo material, para, assim, conseguir obter o nosso próprio crescimento espiritual e edificação - o que conseguimos realizar ao estudar a Torá e cumprir seus mandamentos. Mas, ao nos entregarmos aos prazeres deste mundo, cada vez mais nos distanciamos e nos alienamos do ambiente celestial original de onde nossa alma Divina originou-se. Somos atraídos cada vez mais para um mundo que não está preocupado com a Divindade e, eventualmente, quase nos esquecemos completamente da santidade e da pureza.

Mas, em algum momento, nos lembramos de quem realmente somos e clamamos a D'us. Este é o toque sem palavras do shofar, que expressa aquela voz que vem do âmago da alma, ao sentirmos remorso por causa de nossas falhas, ao ansiarmos pelo ambiente sagrado da nossa alma na sua morada Divina anterior e pelo nosso desejo de nos dedicarmos plenamente à nossa elevada missão aqui neste mundo. Quando D'us ouve esse clamor, isso desperta a Sua misericórdia, e Ele perdoa-nos, restaurando-nos à nossa antiga intimidade com Ele.

Rosh Hashaná é, portanto, um momento de renovação, de retornar ao elevado nível espiritual da nossa alma (antes de vir ao mundo) e de obter novos níveis de conexão das fontes inesgotáveis de nosso relacionamento com D'us." Veshinantam 2024, ano 6, Nº 304, 5784, pg. 57.

Portanto, os Pedreiros, inspirando-se em Rosh Hashaná, devem reavaliar seus atos. Após devem praticar a Teshuvá (arrependimento sincero) e a Tzedaka. Com isto, retoma-se a direção de reconectar-se com sua essência espiritual, renovando a sua relação com o Criador. Ou seja, elevando-se acima do mundo material e retomando a construção de seu Templo Interior. **Qual é para um Pedreiro a verdadeira renovação?** É quando ele adquire a consciência de: "*Comei, meu irmão e daí de comer a quem tem fome. Amai e Frutificai. Bebei, meu Irmão e daí de beber a quem tem sede. Aprendei e ensinai*".

7.(Pinchas) – Números – 29:12-30:01 – "*Durante os sete dias da festividade de Sucot ofereciam-se sacrifícios comunitários especiais. Mas, enquanto o número de carneiros e ovelhas permanecia constante ao longo dos sete dias, a quantidade de bois era de treze no primeiro dia, doze no segundo dia, e assim ia diminuindo de um em um até chegar a sete bois no sétimo dia. No dia seguinte, na festividade de Sheminí Atsêret, se oferecia apenas um boi. Desprender-nos do materialismo. D'us ordenou a Moshê dizer ao povo israelita: 'Vocês devem fazer uma oferenda de olá em Sucot de treze bezerros no primeiro dia* (Núm. 29:12-13) *...'.*

Se agradamos sem restrições ao lado (ou alma) 'animal' das nossas personalidades e lhe damos sempre o que postula como sendo as suas 'necessidades', logo aprenderá a ser exigente e a nos formular demandas cada vez maiores. Em vez disso, devemos emoldar a nossa alma a se conformar com o mínimo enquanto buscamos uma realização e gratificação cada vez mais elevada no campo espiritual. Por outro lado, se tentamos modificar a nossa faceta animal de forma abrupta, essa simplesmente irá recusar-se a obedecer. Devemos acostumá-la de forma gentil e gradual, mostrando-lhe passo a passo como a realização espiritual é até mais gratificante que a material.

Assim que os nossos impulsos materialistas forem treinados dessa forma, poderemos dar um salto quântico e desligá-los totalmente da sua orientação material e egocêntrica, tal como o salto quântico que ocorre do último dia de Sucot a Sheminí Atsêret, momento em que o número de bois ofertados diminui de sete para um".

Sucot (סוכות ou סֻכּוֹת) (Festa das Cabanas) "**12** *No décimo quinto dia do sétimo mês, vocês terão celebração sagrada. Vocês não realização nenhum trabalho. Vocês celebrarão uma festa para D'us durante sete dias. (No primeiro dia)* **13** *Vocês ofertarão uma oferenda queimada, uma oferenda de fogo como um aroma agradável a D'us: Treze touros jovens, dois carneiros ...*" Veshinantam 2024, ano 6, Nº 304, 5784, pg. 38. O versículo de Números 29:12-13 marca o início de Sucot, no dia 15 de Tishrei, o sétimo mês do calendário hebraico. A partir deste ponto, o capítulo detalha os sacrifícios diários que deveriam ser oferecidos durante os sete dias de Sucot, culminando com o oitavo dia — Sheminí Atzeret — em Números 29:35.

"*A palavra hebraica para "restrição" (Atzeret) também significa "absorção" ou "retenção, impedindo que algo escape do nosso alcance. A Torá descreve o sétimo dia de Pessach, que celebra o Êxodo do Egito, como "um tempo de restrição para D'us, seu D'us". Por outro lado, descreve o oitavo dia de Sucot, que comemora como D'us protegeu-nos durante a nossa caminhada pelo deserto, como "um tempo de restrição para vocês".*

Quando o povo israelita saiu do Egito, eles ainda não tinham maturidade espiritual suficiente para absorver as grandes revelações Divinas que haviam testemunhado. Portanto, essas revelações permaneceram "para D'us", muito bem guardadas por Ele, por assim dizer, até que o povo estivesse pronto para absorvê-las.

Na época em que a Torá foi dada no Monte Sinai, o povo israelita já havia amadurecido espiritualmente e podia absorver a revelação Divina. Portanto, a partir de então, durante toda a jornada pelo deserto, essas revelações foram "para vocês".

No âmbito pessoal, renascemos num relacionamento mais elevado com D'us todos os anos em Pessach, mas ainda não estamos maduros o suficiente para apreciar esse novo relacionamento. Seis meses depois, no final de Sucot, já amadurecemos o suficiente para absorver nossa nova consciência Divina e ela torna-se verdadeiramente nossa" (Kadosh). Veshinantam 2024, ano 6, Nº 304, 5784, pg. 57.

Penso que é importante, ao fim desta Parashat, investigarmos um pouco a questão "**Os Filhos de Côrach não Morreram**". No fundo, essa expressão nos leva a pensar sobre o verdadeiro retorno (Teshuvá). A Teshuvá começa em Bamidbar (Números), continua nas genealogias, segue no serviço do Templo e floresce no Livro dos Salmos com o Canto dos Filhos de Côrach.

Os Filhos de Côrach não morreram? A própria Torá responde essa pergunta de forma explícita. Após narrar a destruição de Côrach, Datam e Aviram, a Torá registra, alguns capítulos depois que "*Mas os Filhos de Côrach não morreram*" em Números 26:11. Os sábios, de abençoada memória se perguntam "***Como eles sobreviveram se toda a família de Côrach foi engolida pela terra?***" O Talmud (Sanhedrin 110a) responde que eles inicialmente participaram da rebelião, porém arrependeram-se antes do juízo Divino. Por esse mérito, um lugar "elevado" foi preparado para eles dentro do abismo, onde permaneceram vivos até serem salvos. Rashi comenta em Números 26:11 nessa mesma direção em que os Filhos de Côrach tiveram um pensamento de arrependimento verdadeiro e, por isso, foram preservados.

Quem eram esses Filhos? A Torá menciona inicialmente seus nomes em Êxodo 06:24 **"***Os Filhos de Côrach foram Assir (אַסִיר), Elcaná (אֶלְקָנָה) e Abiassaf (אֲבִיאָסָף)*". Esses são os três Filhos conhecidos de Côrach. Mais tarde, eles reaparecem nas genealogias levíticas em 1 Crônicas 06:20-38, 1 Crônicas 09:19 e 1 Crônicas 26:01. Essas genealogias mostram que sua descendência continuou exercendo importantes funções no Templo.

O que aconteceu com seus descendentes? Olhando 1 Crônicas podemos perceber que os descendentes dos Filhos de Côrach tornaram-se porteiros do Templo, músicos e cantores oficiais. Durante os reinados de Davi e Salomão, os "*Filhos de Côrach*" formavam uma das principais famílias de músicos do Templo (Veja 1 e 2 Crônicas).

Quais Salmos pertencem aos Filhos de Côrach? Diversos Salmos trazem no título "*Ao mestre de música* (canto)*. Dos Filhos de Côrach*". São eles os Salmos 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 84, 85, 87 e Salmo 88 que também é atribuído a Heman, o Ezrachita. Ao todo, onze Salmos são atribuídos aos Filhos de Côrach.

É importante observarmos que Côrach desejava elevar-se por orgulho e ser Sacerdote por iniciativa própria. Entretanto, seus Filhos arrependeram-se sinceramente de ter participado da rebelião e aprenderam a lição de que não deveriam buscar o poder e sim buscar se aproximar da presença de D'us. Isso aparece claramente nos Salmos. Por exemplo, no Salmo 42:02 encontramos "*Como o cervo anseia pelas fontes de água, assim minha alma Te busca, ó D'us meu*." O pai desejava posição e os Filhos desejam ou buscavam a D'us.

Há um paralelismo entre os Filhos de Côrach e o rei David? Isto está associado a ambos conhecerem o que é estar nas profundezas? Segundo o Talmud Sanhedrin 110a, os Filhos de Côrach não morreram porque, quando já estavam descendo ao abismo, fizeram Teshuvá. D'us preparou para eles um lugar "elevado" (*makom nitzbar lahem baGehinom*) (מקום נתבצר להם בגיהנום), onde permaneceram até serem salvos. Por isso, a tradição associa os Filhos de Côrach à experiência da queda seguida da elevação.

No caso de Davi, a situação difere um pouco, pois Davi nunca desceu literalmente ao abismo. As profundezas de Davi são referentes a perseguição exercida por Saul, as suas inúmeras aflições e, sobretudo, por sua profunda experiência de arrependimento após o episódio de Bate-Sebá. Davi conhece o que é uma alma quebrada e é desta experiência que nasce parte de sua poesia.

Agora aparece algo muito interessante e porque não dizer também, muito bonito. Os Filhos de Côrach escrevem no Salmo 42:02 "*Como o cervo anseia pelas fontes de água*" e Davi escreve no Salmo 130:01 "*Das profundezas do abismo clamo a Ti, ó Eterno*". Embora o Salmo 130:01 seja atribuído a Davi pela tradição, o título hebraico diz apenas o seguinte Shir Hama'alot (שיר המעלות) que pode ser traduzido como "*Um cântico de Ascensão*". A tradição associa a Davi este Salmo, especialmente porque ele compõe diversos "*Cânticos de Ascenção*", mas o texto Bíblico não traz explicitamente "*de Davi*" nesse Salmo. Portanto, ressalto ser uma associação não explícita dos textos do Tanakh.

Assim, faz-se a associação pois os Filhos de Côrach conhecem a queda, o arrependimento e a restauração. Por outro lado, Davi conhece o pecado, o arrependimento e a restauração. Ambos ensinam que a aproximação de D'us não nasce apenas da perfeição. Ela também pode nascer da reconstrução e esse é um conceito intrínseco ao judaísmo.

Já vimos que Côrach quer aproximar-se de D'us por meio da alto-exaltação de suas próprias qualidades. Seus Filhos, por outro lado, aproximam-se de D'us por meio da humildade. Davi também pratica este mesmo caminho. Quanto mais Davi cresce espiritualmente, mais humilde ele se torna. Após tornar-se rei, ele continua dizendo "*Quem sou eu, Senhor D'us*...?" - 2 Samuel 07:18. Ou seja, a queda destrói o orgulho e a aproximação a D'us deixa de ser conquista pessoal e passa a ser graça.

Neste ponto, podemos fazer uma associação com a questão Fogo Negro sobre Fogo Branco e Fogo Branco sobre Fogo Negro? Côrach representa uma percepção elevada que foi expressa de modo desordenado. Portanto, rompeu com a Unidade. Seus Filhos, porém, trabalham para preservar a mesma raiz espiritual, porém transformando-a em canto. Se, na primeira etapa, a palavra é examinada, sua Guematria, seu som e seu canto, os Filhos de Côrach mostram precisamente como o canto pode converter uma força de divisão em instrumento de união com D'us. Não por acaso, sua herança mais duradoura não foi um cargo Sacerdotal, mas os Salmos que conduziam Israel durante os trabalhos que ocorriam no Templo.

Os Filhos de Côrach cantam um louvor que nasce de uma essência que foi purificada pela experiência do abismo e da Teshuvá. A estrutura que apresento abaixo, não corresponde a um esquema clássico da literatura cabalística. Entretanto, ela está sustentada por fontes tradicionais.

O esquema completo se desenvolve em nove níveis, organizados em duas grandes etapas. A **Primeira** etapa corresponde ao **Fogo Negro sobre o Fogo Branco.** É o movimento da Revelação para o Ser Humano. A Palavra Divina desce e é recebida progressivamente:

1. A Palavra – o texto revelado.
2. O valor da Palavra (Guematria) – sua estrutura numérica.
3. O Som da Palavra – sua dimensão fonética.
4. O Canto da Palavra – sua dimensão melódica, expressa nos *ta'amei hamikrá*. Aqui, o Ser Humano ainda contempla a Revelação que lhe foi dada.

A **Segunda** etapa corresponde ao **Fogo Branco sobre o Fogo Negro.** Agora o movimento se inverte. O Ser Humano sobe em direção à origem da Revelação. Tudo começa com um 5º nível que é a **identificação da letra do Fogo Branco sobre o Fogo Negro**. Esse passo funciona como uma passagem entre os dois movimentos e inaugura a segunda etapa.

Em seguida vêm os quatro níveis correspondentes:

6. A Palavra da Palavra (ou a Raiz da Raiz).
7. O Valor do Valor.
8. O Som do Som.
9. O Canto do Canto (Canto da Alma)**.**

Se contarmos a identificação da letra como a passagem entre os dois movimentos, chegamos aos nove momentos do processo interpretativo. O segundo ciclo não repete o primeiro, ele o interioriza.

Agora os Filhos de Côrach passam a ocupar um lugar muito especial. Os levitas comuns cantam. Os Filhos de Côrach parecem representar algo além do canto litúrgico. Eles conhecem a ruptura, o abismo, a misericórdia e a restauração. Quando eles cantam, o canto não é apenas uma execução correta dos *ta'amim*. Este canto nasce de uma realidade que foi transformada. Nesse sentido, penso que eles ilustram àquilo que chamo de **Canto do Canto**. Não porque inventem uma nova melodia. Mas, porque a própria pessoa que canta tornou-se diferente. O Canto já não expressa apenas a Palavra. Ele expressa o Ser Humano que foi reconstruído pela Palavra. E penso que essa é uma diferença enorme.

Faço aqui um paralelo com o Zohar, pois o Zohar distingue entre voz (Kol) e fala (Dibur). A fala é a palavra pronunciada. A voz é aquilo que lhe dá vida. Mas, existe um nível ainda mais profundo. **De onde nasce a voz?** Essa pergunta o Zohar normalmente responde remetendo à raiz da alma. Penso que o **Canto do Canto** caminha justamente nessa direção. Ele procura a origem do próprio Canto.

Isso também esclarece por que os Salmos dos Filhos de Côrach são diferentes. Eles não cantam apenas acontecimentos. Eles cantam estados da alma. No Salmo 42:02 "*Como o cervo anseia pelas correntes das águas...*" eles nos mostram que o tema do Salmo não representa, uma vitória. É a sede de D'us. No Salmo 84:02 "*Quão amadas são tuas moradas...*", o tema não é Jerusalém como cidade. É o desejo de habitar continuamente na Presença Divina (Jerusalém Celeste). No Salmo 87:02 encontramos "*ama o Eterno os portões de Tsión...*". Da mesma forma, o tema não é apenas Tsión. É a origem espiritual do povo. Todos esses Salmos dos Filhos de Côrach possuem uma característica comum. Eles parecem nascer de uma consciência que conhece simultaneamente à distância e a proximidade de D'us.

Talvez exista uma diferença entre o **Canto da Palavra** e o **Canto do Canto (Canto da Alma)**. O primeiro pertence ao Fogo Negro sobre o Fogo Branco. É a Palavra revelada sendo cantada. O segundo pertence ao Fogo Branco sobre o Fogo Negro. É a alma respondendo à Palavra. Os Filhos de Côrach talvez sejam o exemplo Bíblico, que me parece, mais próximo desse segundo movimento.

Há ainda uma possível confirmação dentro do próprio Tanakh. Moshê ouve a voz entre os Querubins. Depois Elias ouve a "*voz de um silêncio sutil*" (*kol demamah dakah*) (קוֹל דְּמָמָה דַקָּה) - 1 Reis (19:12), mas que também pode ser traduzida como "*uma voz mansa e delicada*". Nos dois casos existe um movimento para a origem da voz. Creio que o Canto do Canto descreve algo semelhante, posto que já não se trata do texto, já não se trata do som e já não se trata da melodia. Trata-se da fonte da qual tudo isso procede.

Se esse paralelo for válido, então os Filhos de Côrach não são apenas grandes músicos do Templo. Eles se tornam **o momento em que a Palavra revelada retorna ao seu ponto de origem por meio de uma alma transformada**. Nesse estágio, o Canto deixa de ser apenas interpretação da Torá e torna-se a própria Torá ressoando no interior do Ser Humano. Chegamos assim, à estrutura do **Fogo Negro sobre o Fogo Branco** e do **Fogo Branco sobre o Fogo Negro** e captura-se um "*exemplo prático*" existente nos Livros Sagrados.

10 - Parashat Matot - As Tribos – Enfrentar os Desafios

Sinopse

Se alguém faz uma promessa a D'us ... não deve violar a sua palavra'. O significado mais profundo deste versículo é, portanto, que não devemos tornar 'profanas' as nossas palavras; mesmo a nossa conversação comum deve estar imbuída de intenções sagradas. Os midianitas não tinham motivos para atacar os israelitas: fizeram isso por puro ódio irracional. A raiz do ódio sem sentido é o ego. Em seguida as questões ligadas a palavra, a um juramento ou voto que está associado a essência de uma pessoa, a Torá nos relata a guerra contra Midiã e questiona a nossa essência sobre o como atuar em conflitos e nos leva a meditar sobre a "*vingança*" (IX). A pessoa (Pedreiro) que se deixar influenciar por Midiã provocará uma divisão interna. Ou seja, a guerra contra Midiã representa a luta que ocorre em seu âmago entre a luz da verdade (alma Divina) e as forças da desunião (alma animal ou ego). No fundo, quem se deixar levar pela vingança, ou o ódio infundado estará totalmente dominado pela alma animal. Lembremo-nos, pois: "*Se bravo contra tua própria fraqueza e se bravo para defender a verdade*". *De maneira análoga, o nosso Moshê interior pode nos dizer que, para emendar o passado, é suficiente adotar resoluções gerais do tipo 'daqui para frente vou mudar'. No entanto, devemos escutar também o nosso Aharon ou Eleazar interiores, e atuar com o intuito de nos purificar da negatividade debilitante*". Há uma possível sequência reveladora nestes versículos, como um processo que se completa. **a)** Precisamos reconhecer o erro olhando para o Moshê interior (consciência). **b)** Atuar para nos purificarmos, olhando para o Aharon/Eleazar interior (ação espiritual). **c)** Limpar os vasos da alma, olhando para o processo de tornar Kasher um utensílio (transformar o recipiente – o eu interior). **d)** Somente então a Torá, que é Luz, poderá brilhar em nosso interior plenamente. *Aprendemos que nunca devemos nos intimidar por qualquer situação que pareça ser um obstáculo ao cumprimento das ordens de D'us ou para realizar a nossa missão Divina. Pelo contrário, devemos recordar que Ele já organizou tudo muito antecipadamente de modo que nós possamos realizar os nossos objetivos Divinos da melhor forma possível.* Por isso, todas partes de nosso Ser têm de lutar contra o mal a fim de superar este obstáculo. Embora, ele tenha a tendência de retornar a nos causar problema de tempos em tempos. Por exemplo, podemos ler Juízes 6 a 8 onde encontramos a História de Gideão que lutou novamente contra Midiã. *D'us nos assegura que em nossa incessante luta contra o ódio tal como aconteceu na guerra original contra Midian, no fim de tudo não vamos sofrer perdas de nenhuma índole, sejam físicas, espirituais ou até mesmo financeiras.* O dente que tritura, como o Shin que queima, são ambos agentes do Tikun (retificação) que estão preparando as pessoas para se encontrarem integrais, ou em sua plenitude para receber conscientemente a Luz da Torá. Ou receber (Kabbalah) o único elemento faltante neste mundo que é a Luz do Criador, mas receber de forma consciente. *Não devemos considerar o tempo que estamos obrigados a despender* (no mundo material) *como algo frustrante. Muito pelo contrário: em primeiro lugar, no mundo exterior elevando-o e refinando-o devemos ver isso como nossa verdadeira missão Divina; em segundo, como a chave para assegurar que nosso estudo da Torá, nossas rezas e nosso cumprimento dos mandamentos de D'us tenham as mais puras e apropriadas das intenções*. A Torá nos apresenta que devemos refinar o físico com intenção sagrada, mas ao mesmo tempo devemos colocar o espiritual antes do material. Isto nos ensina que devemos tratar com reverência o plano material, mas sempre subordiná-lo ao que é eterno: a alma, a família e o espiritual. *Aprendemos com isso que a forma de levar o mundo ao seu estado ideal, o futuro messiânico, é abraçando de forma plena o desafio de elevar e refinar o mundo, pois esse é o objetivo final da Redenção.* Sabemos que o Pedreiro busca equilibrar as suas atividades realizadas no mundo profano com a sua evolução espiritual interior. Ao não se retirar integralmente para o lado leste, a tribo de Menashe nos mostra que não podemos escapar das nossas obrigações na vida profana. Menashe ocupa, portanto, dois territórios simbolizando assim a fraternidade estendida além das fronteiras, a filantropia e o cuidado para com todos os homens, tanto dentro dos Templos quanto fora destes.

1.(Matot) – Números 30:02-17 – "*D'us ensinou a Moshê as leis relativas à forma como uma pessoa pode formular, e deve cumprir, promessas e juramentos a Ele. Fala sagrada. D'us instruiu Moshê para que dissesse ao povo israelita: 'Se alguém faz uma promessa a D'us ... não deve violar a sua palavra'.*

A palavra hebraica para 'violar' (yachel) provém da mesma que significa 'profano' ou 'não sagrado' (chol). O significado mais profundo deste versículo é, portanto, que não devemos tornar 'profanas' as nossas palavras; mesmo a nossa conversação comum deve estar imbuída de intenções sagradas e ser consistente com o propósito maior da Criação: transformar este mundo numa moradia para D'us".

"*A Torá geralmente permite que nos entreguemos aos prazeres que D'us colocou neste mundo para nosso desfrute, desde que isso não comprometa nossa consciência da Divindade. Mas, quando percebemos que um determinado prazer ou indulgência nos afeta negativamente, devemos renunciar a tal coisa pelo menos temporariamente. Se nos acharmos incapazes de resistir ao impulso de tal prazer, podemos fazer um voto (ou juramento) formal, para proibir-nos a indulgência ou prazer como se fosse algo proibido pela própria Torá. Se, por outro lado, sentirmos que somos capazes de controlar a nós mesmos, é melhor abster-se da indulgência ou prazer, sem ter que fazer o voto.*

Em ambos os casos, devemos ser honestos conosco sobre quais aspectos da vida estamos prontos para elevar e quais não estamos, e até que ponto devemos ir para conter nossas vontades e desejos. Protegendo-nos de coisas que seriam prejudiciais à nossa consciência da Divindade, enfraquecemos o poder do materialismo sobre nós, assim como aumentamos o poder da santidade dentro de nós. Isso por si só nos dá mais poder para resistir às influências negativas e focar nos aspectos espirituais dos prazeres permitidos da vida". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 305, 5784, pg. 65.

Um pequeno conto para ilustrar como aplicar na vida prática o acima descrito. "*Um rabino contou, certa vez, um incidente a respeito do cuidado com a fala. Um dia entrei na casa do Rabino Yaakov Kanievsky (o Steipler z''l 1899 – 1985) para comprar um dos volumes de seus livros "Kehilot Yaacov".*

Porém, exatamente o volume que eu buscava não tinha mais (nem nas lojas ...) E, portanto, o rabino me disse ***que não me venderia*** *este volume específico.*

- ***Como assim?*** *Fiquei muito decepcionado e chateado. Pois eu buscava bastante daquele volume. O rabino percebeu o meu sofrimento e aflição, e, assim, foi averiguar se de fato não retava mais nenhum exemplar em sua residência.*

Finalmente, passado algum tempo, o rabino achou o ansiado volume. Sorrindo, ele entregou-me o livro. Na hora puxei minha carteira para pagar, mas, imediatamente, o rabino me parou e disse, do fundo de seu puro coração, palavras que ecoam em meus ouvidos até hoje:

- ***Você quer que eu me sinta mentiroso?*** *Afinal, eu tinha-lhe dito antes* ***que não venderia*** *o livro (este volume)! A partir do momento que essas palavras saíram de minha boca, devo cumpri-las! Pois assim consta 'Como tudo que saiu de sua boca, assim fará'. Portanto, dou-lhe o livro de presente*". Bamidbar – O Deserto da Fé – pg. 267-268.

Uma pessoa recebe o valor referente ao livro que ele próprio escreveu é uma alegria muito grande, pois é o reconhecimento de que o trabalho realizado está gerando frutos. Mas, uma vez que a palavra foi empenhada, é um júbilo extremamente maior cumprir àquilo que saiu de sua boca.

Em junho de cada ano, geralmente, as administrações das Oficinas de Pedreiros instalam os novos Presidentes. Essa passagem tem muito a ensinar aos Pedreiro: Assim como o sábio que preferiu dar o livro a faltar com sua palavra, que o novo Presidente assuma com a firme decisão de que tudo que sair de sua boca seja verdade, compromisso e justiça temperada pela misericórdia. Que a Cadeira de Salomão seja sempre ocupada por aqueles cuja palavra é tão firme quanto a pedra angular! '*Tudo o que sair de sua boca, ele cumprirá*'.

Obs.: A sigla z''l vem do hebraico ז״ל, que significa 'zikhrono livrakha' (זכרונו לברכה), que pode ser traduzido como *de abençoada memória*. É uma forma respeitosa de se referir a alguém que partiu para a outra existência, especialmente quando se trata de pessoas elevadas (um sábio). O rabino Rabbi Yaakov Yisrael Kanievsky é conhecido como o Steipler Gaon, nascido em 1899 e falecido em 1985. Ele foi um dos grandes líderes rabínicos do século XX, autor da obra Kehilot Yaakov e pai do também renomado Rav Chaim Kanievsky.

2.(Matot) – Números 31:01-12 – "*Apesar de não ter conflitos com os israelitas, os midianitas juntaram-se aos moabitas para induzi-los a pecar. Como retribuição por este comportamento perverso, D'us ordenou a Moshê enviar o exército israelita para atacá-los. Ódio infundamentado. Moshê disse ao povo israelita: 'Execute a vingança de D'us contra Midian'.*

Os midianitas não tinham motivos para atacar os israelitas: fizeram isso por puro ódio irracional. A raiz do ódio sem sentido é o ego. A pessoa egocêntrica sente-se sempre ameaçada pelos demais, porque só o fato de outras pessoas existirem já é uma ameaça ao seu ego inflado, ao seu sentimento de autoimportância. Portanto, mesmo que não busque prejudicar aos demais de maneira ativa, experimentará um certo prazer secreto ao vê-los sofrer ou, ao menos, o seu sofrimento não a comove em absoluto. E mais, ela estará cega às qualidades positivas dos outros. Como não é sincera na sua relação com D'us e com o mundo, não pode crer que os demais o sejam.

Por outro lado, uma pessoa não egocêntrica, mais altruísta, põe o foco exclusivamente nas qualidades positivas dos demais. Sentirá genuína preocupação pelo seu sofrimento, já que os julgará de forma favorável, e não encontrará justificativas para a sua dor.

Do mesmo modo, em vez de ver as diferenças de opinião como uma afronta à sua individualidade, o indivíduo altruísta as considerará como oportunidades para alcançar perspectivas mais acertadas a respeito da verdade. Ele consegue expor suas deficiências aos demais e buscar seu conselho, o que lhe permitirá resolver seus problemas e progredir no seu processo de auto refinamento espiritual".

Em seguida as questões ligadas a palavra e a um juramento ou voto que está associado a essência de uma pessoa, a Torá nos relata a guerra contra Midiã e questiona a nossa essência sobre o como atuar em conflitos e nos leva a meditar sobre a "*vingança*" (IX).

A vingança é uma ação realizada para causar dano físico, moral ou prejuízo a alguém. Isto com o falso objetivo de reparar uma ofensa, um dano ou uma afronta causada por alguém. Mas, no fundo é uma retaliação, promovida pela alma animal, contra quem seria o causador do prejuízo. Lembro aqui uma frase que já escrevi em outros textos, mas que se aplica ao tema aqui apresentado: *Justiça sem misericórdia é tirania. Mas, misericórdia sem justiça é impunidade*.

Se olharmos o livro Sefer Hamitsvot, Mandamento Negativo 302 e Estudo 9, pg. 77, encontramos o Mandamento '*Não Odiar Uns aos Outros'*. Na explicação podemos ler que '*Não te vingarás e nem guardarás ódio*' (Vayikrá/Levítico, 19:18). Se transgredir o Mandamento anterior fará com que viole também o Mandamento expresso em Suas palavras '*Amarás o teu próximo com a ti mesmo*' (Vayikrá/Levítico, 19:18). Mas, Rambam ressalta que o ódio no coração é o pecado mais grave de todos.

Assim, a expressão usada, nas traduções para o Português, como sendo uma '*vingança*' pode induzir a erro. Embora necessite de outros mais estudos, a sugestão neste momento é que o ato seja assumido como sendo uma punição àqueles que erraram, do que propriamente uma vingança.

Mas, o que está por detrás desta passagem na Torá? Os midianitas descendem de Midian, filho de Avraham com Keturá (Bereshit 25:01-02). Ou seja, os midianitas são meios-irmãos dos israelitas, por parte de Abraão, mas não descendem de Sara. Quem descende de Sara é Yitzhak, pai de Yaakov - Israel. Em Shemot encontramos que Moshê foge para Midiã e casa-se com Tzipora, filha de Yitrô (Jetro), um sacerdote midianita. Yitrô se torna, posteriormente, um conselheiro espiritual de Moshê.

Em Números 25 encontramos que as midianitas junto com as moabitas seduzem os homens israelitas à idolatria e promiscuidade com as mulheres de Midiã, ocasionando à praga que matou milhares dos filhos de Israel. Em Números 31, ocorre a Guerra contra Midiã, ordenada por Hashem, como punição por terem causado a queda espiritual de Israel.

A palavra Midian (מִדְיָן) tem a mesma raiz de madon (מדון), que significa conflito ou disputa. Assim, os midianitas simbolizam a energia da separação, da divisão, do ódio gratuito e da rivalidade espiritual. Eles representam forças que tentam minar a unidade do povo dos filhos de Israel com D'us. Por isso, em Números 31, a guerra contra Midiã é uma guerra espiritual contra a divisão e a imoralidade e não somente militar.

Mas, no interior da pessoa (Pedreiro) que se deixar influenciar por Midiã provocará uma divisão interna. Ou seja, a guerra contra Midiã representa a luta que ocorre em seu âmago entre a luz da verdade (alma Divina) e as forças da desunião (alma animal ou ego). No fundo, quem se deixar levar pela vingança ou o ódio infundado estará totalmente dominado pela alma animal. Lembremo-nos, pois: "*Se bravo contra tua própria fraqueza e se bravo para defender a verdade*".

3.(Matot) – Números 31:13-24 – "*Os israelitas atacaram Midian e mataram todos os homens adultos. Moshê ordenou aos soldados se purificarem ritualmente, pois através do contato com os cadáveres eles haviam contraído um estado de impureza espiritual. Eleazar o sobrinho de Moshê consagrado como Cohen Gadol após a morte recente de seu pai, Aharon ordenou esterilizar os utensílios de cozinha capturados em batalha. Só Moshê não basta ...*

Eleazar, o Cohen, disse aos soldados que regressaram da batalha... A impureza ritual é uma energia espiritual negativa que envolve o objeto de forma exterior, enquanto os alimentos proibidos ou impuros penetram fisicamente nele. Assim sendo, o recipiente no qual foi cozido um alimento proibido absorveu tal alimento e, portanto, deve ser purgado submergindo-o numa água em ebulição ou aquecendo-o no fogo até se tornar incandescente. Já um recipiente que se tornou ritualmente impuro apenas deve ser submerso numa piscina ritual (micvê), cujas águas o envolvem do lado externo.

Moshê via a realidade de uma perspectiva espiritual. Considerava que uma mudança geral na atitude de uma pessoa afetaria a totalidade dos aspectos da sua vida, incluindo os menores detalhes; portanto, segundo ele, a purificação externa seria suficiente para a purificar da impureza ritual. Entretanto, Eleazar tinha herdado o ponto de vista do seu pai, Aharon. Olhando a realidade a partir de uma perspectiva terrena, ele sabia que as mudanças gerais, externas, não são suficientes; também devemos trabalhar com os detalhes internos.

De maneira análoga, o nosso Moshê interior pode nos dizer que, para emendar o passado, é suficiente adotar resoluções gerais do tipo 'daqui para frente vou mudar'. No entanto, devemos escutar também o nosso Aharon ou Eleazar interiores, e atuar com o intuito de nos purificar da negatividade debilitante".

"*Moshê ficou irado* (bravo) *pelo fato dos israelitas não terem matado as mulheres, pois foram elas que os corromperam, atraindo-os para o pecado. De acordo com o Midrash, Moisés disse a D'us: 'Senhor do mundo! Tu deverias fazer desaparecer o instinto do mal do mundo!' E D'us respondeu: '**Acaso não fui Eu que criei o instinto do mal?** Eu fiz o bem e o mal; Eu misturo nele o homem, o anjo e o animal. **Sem o anjo, que seria do animal? Sem o animal, que seria do anjo?** Moab nasceu da luxúria, porém Rute nascerá de Moab. O rei David, de Rute. E de David, o Messias. Quero que o mal exista para que o Ser Humano o domine e Me renda culto, pois sentindo o Ser Humano a vontade de ser perfeito, concedo-lhe o mérito da perfeição*". Torá Sefer, comentários pg. 486.

"*Rashi explica que conforme um utensílio era usado para cozinhar, assim se dava sua purificação: se era usado para cozinhar nele um alimento, devia ser escaldado em água fervente; se era levado diretamente ao fogo para assar, devia ser purificado diretamente no fogo. Um utensílio (metálico) como um vaso, que normalmente era usado sem qualquer contato com o fogo, e, portanto, não havia absorvido nenhum elemento proibido, bastava sua imersão em água para purificá-lo. Mas utensílios de porcelana, se tiveram contato com elementos não-Kasher, não poderiam mais ser purificados. Da mesma forma que a Lei judaica define o que é proibido e permitido comer, ela determina também qual o tratamento que se deve dispensar aos utensílios de cozinha nos quais manuseamos os alimentos que ingerimos. Estas leis são aprendidas destes versículos e estão detalhadas no Código Judaico de Leis*". Torá Sefer, comentários pp. 486-487.

"*As transgressões (faltas e pecados), bem como a própria Teshuvá podem ser divididas em 3 categorias. **1)** Faltas cometidas com o pensamento. **2)** pecados cometidos com a fala e **3)** transgressões que resultam da ação. Cada uma das três categorias possui um agravante específico: por um lado, o pecado cometido com a ação é o mais grave de todos (no que se refere ao castigo), enquanto, como todos sabem, não se pode castigar alguém por uma falta cometida no pensamento (Tanya III, cap 37). Por outro lado, visto que o pensamento é a roupagem mais transparente da alma, o pecado cometido com ele é o mais grave, já que o pensamento revela o interior da pessoa. Tanya cap 11: Os pensamentos de pecado são piores que o próprio pecado. Da mesma forma, há certos agravantes no pecado cometido com a palavra que não existem no pecado através da ação*". Tanya Iguéret cap. 2 pg. 1233.

"*A Tora é chamada de Luz, pois a Mitzvah é uma lâmpada. D'us ilumina a alma, a alma do israelita que O procura. Essa busca por Ele pode ocorrer durante o serviço da reza que precede o estudo da Torá, ou durante o estudo efetivo da pessoa. Como explicado na conclusão do cap 37 do Tanya, a frase talmúdica (קורא בתורה) - Coré Torá - pode significar não somente 'leitura' (isto é, estudo) da Torá, mas também 'chamar' por (D'us) através da Torá. Neste sentido, quando alguém estuda a Torá assemelha-se a uma criança que chama o seu pai, pedindo-lhe para vir com ela. Por essa razão, a Torá é chamada de 'luz', como está escrito em Tehilim 104:02: 'Ele veste-Se em luz assim como um manto'. O texto probatório normalmente citado em Mishlê 06:23 'Pois uma Mitzvah é uma lâmpada, e a Torá é luz'. Aqui, contudo o Rebe procura mostrar que o estudo da Torá, que é luz, resulta numa irradiação Divina, pois 'a luz da Sua Torá', como uma roupagem, revela muitos aspectos do que está vestido nela. Por isso, o Alter Rebe escreve que a Torá é simplesmente chamada de luz (אור), pois este termo mostra mais do que o termo (תורה אור) - Torá Or - que a luz da Torá serve como uma roupagem pela qual D'us é revelado*". Tanya 7 Iguéret Há Côdesh Carta 23, pg. 499.

Mas, aparentemente, estes temas relatados até aqui, estão desconexos. A Torá é Luz, como dito ao final da reflexão acima. Portanto, o objetivo central é a purificação interior de uma pessoa rumo à Luz da Torá. No fundo, este objetivo aparece em outros pontos da Torá, pois uma mudança real requer purificação.

O Moshê interior, o líder, o visionário espiritual, pode querer que as pessoas mudem apenas com resoluções mentais e boas intenções. Porém, isso por si só não é suficiente. Aharon ou Eleazar interiores representam aquele que lida com a purificação prática, o que limpa, repara e corrige. Sem esse processo, a negatividade (Kelipot) continua alojada no subconsciente ou na alma, bloqueando a Luz. Ou seja, o arrependimento verdadeiro (Teshuvá) precisa da ação concreta e da purificação, não só do pensamento ou do desejo de melhorar.

Em Números 31, Moshê mostra-se bravo com os soldados, porque deixaram vivas as mulheres midianitas, ou seja, justamente aquelas que seduziram os israelitas ao pecado. Isso nos mostra que cometemos este mesmo erro ao fazermos Teshuvá. Ou seja, eliminar os efeitos do pecado, mas manter viva sua origem. Em meu interior está presente o quero consertar meus atos errados, mas não quero abandonar o desejo, o orgulho, o ego ou o prazer que me levou até o erro. Não basta não pecar mais, é preciso eliminar a raiz que o levou ao erro, ou o erro retornará.

Isso reforça o ponto anterior da purificação real (o papel de Aharon e Eleazar). As leis que tornam um objeto Kashér nos mostram que se um utensílio absorve impureza (por calor, ou contato com o não Kashér), não basta limpá-lo por fora, é necessário aplicar calor ou água fervente para expulsar aquilo que foi absorvido internamente.

É o mesmo que ocorre com a alma humana. Quando absorvemos influências negativas (comportamentos, emoções ou prazeres), precisamos aplicar um fogo purificador (INIC) para que a negatividade saia do nosso interior espiritual, portanto, não basta limpar a superfície com boas intenções.

A Torá é Luz. E a Luz não pode habitar onde há impureza ou o domínio da alma animal (ego). (Zohar III, 179a). Se a alma ainda carrega impurezas, como as deixadas pelas mulheres de Midiã, isto é, nossos impulsos não elevados, então a Luz da Torá não pode penetrar com plenitude.

Há uma possível sequência reveladora nestes versículos, como um processo que se completa. **a)** Precisamos reconhecer o erro olhando para o Moshê interior (consciência). **b)** Atuar para nos purificarmos, olhando para o Aharon/Eleazar interior (ação espiritual). **c)** Limpar os vasos da alma, olhando para o processo de tornar Kasher um utensílio (transformar o recipiente – o eu interior) e **d)** Somente então a Torá, que é Luz, poderá brilhar em nosso interior plenamente.

4.(Matot) – Números 31:25-41 – "*Em seguida, D'us instruiu Moshê sobre a contagem das pessoas e animais que haviam sido capturados dos midianitas. Aos soldados se permitiu tomar posse da metade do que foi pego, enquanto o restante foi entregue ao povo dos filhos de Israel. Os soldados tinham que dar aos Qohenim um quinhentos avos da sua metade, enquanto o povo devia oferecer um cinquenta avos da sua metade aos levitas. Moshê seguiu as instruções de D'us: contou os indivíduos e animais capturados, dividiu-os e depois entregou aos sacerdotes e levitas as suas respectivas partes. Assistência Divina.*

O que foi capturado consistiu em... Quando os soldados contaram as pessoas e animais capturados, perceberam que, milagrosamente, os totais eram todos divisíveis por cinquenta e por quinhentos. Isto possibilitou o cumprimento da ordem de D'us de entregar aos Qohenim a proporção exata do que havia sido capturado. Mas, isto torna-se ainda mais assombroso se considerarmos todos os fatores que contribuíram para a realização desse milagre como o grau de fertilidade e de longevidade das pessoas e dos animais, fatores os quais ocorreram muito antes que eles fossem capturados em batalha.

A partir disso, aprendemos que nunca devemos nos intimidar por qualquer situação que pareça ser um obstáculo ao cumprimento das ordens de D'us ou para realizar a nossa missão Divina. Pelo

contrário, devemos recordar que Ele já organizou tudo muito antecipadamente de modo que nós possamos realizar os nossos objetivos Divinos da melhor forma possível".

"*Pegue um quinquagésimo da metade dos israelitas... e dê aos levitas. A tribo de Levi geralmente estava isenta do serviço militar e não recebia nenhum dos despojos. Na guerra contra Midian, porém, os levitas foram recrutados e receberam uma parte dos despojos. Pois, enquanto o propósito de outras guerras era tomar posse da Terra de Israel, o ataque contra Midian tinha apenas o propósito de erradicar o mal que Midian representava. Midian não tinha nenhum motivo para opor-se ao povo israelita; eles o fizeram apenas por ódio puro e sem sentido.*

No que diz respeito às nossas vidas espirituais, somos como os levitas dedicados a promover os objetivos de D'us neste mundo. Quanto mais dedicados nos tornamos a esta causa, menos preocupados ficamos com as questões passageiras da vida mundana. Isso não significa, no entanto, que devemos ignorar completamente o nosso entorno.

Como os levitas da época de Moshê, quando se trata de lutar contra 'Midian' - para erradicar o ódio infundado entre as pessoas - precisamos posicionar-nos na linha de frente junto com todos os outros". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 305, 5784, pg. 66. Uma das formas que temos de realizar os objetivos Divinos é lutar internamente contra o ódio infundado. Por isso, todas partes de nosso Ser têm de lutar contra esse mal a fim de superar este obstáculo. Embora, ele tenha a tendência de retornar a nos causar problema de tempos em tempos. Por exemplo, podemos ler Juízes 6 a 8 onde encontramos a História de Gideão que lutou novamente contra Midiã.

5.(Matot) – Números 31:42-54 – "*Os oficiais do exército contaram os soldados a seu cargo e descobriram que, milagrosamente, não faltava nenhum, ou seja, nenhum deles morreu ou desapareceu em batalha. A guerra contra o ódio. Disseram os oficiais a Moshê: 'Nenhum homem falta entre nós'.*

A guerra contra Midian foi uma guerra contra o ódio gratuito e a divergência entre as pessoas. D'us nos ordena realizar constantemente essa guerra, para que o ódio, a discórdia e o rancor sejam substituídos pelo amor, a concórdia e o altruísmo. Além dos demais benefícios desta luta para nós como pessoas e como sociedade, D'us também se 'beneficia' com ela. Como disse o sábio talmúdico Rabi Akiva, o amor fraternal é a base de toda a Torá.

D'us nos assegura que em nossa incessante luta contra o ódio tal como aconteceu na guerra original contra Midian, no fim de tudo não vamos sofrer perdas de nenhuma índole, sejam físicas, espirituais ou até mesmo financeiras".

Em Juízes de 6 a 8 encontramos a História de Gideão que lutou novamente contra Midiã. Ele selecionou os homens os quais o acompanharia nas batalhas contra Midiã. Dos milhares e milhares que ele tinha a disposição, por orientação Divina, selecionou somente 300 homens para a batalha.

Sabemos que 300 é o caractere que apresenta o som de Shin ou Sin (ש). O caractere (ש) pode aparecer sem o ponto (diacrítico) sobre ele em textos antigos ou não vocalizados. Isso não significa que seja um novo caractere ou pronúncia indefinida, mas o leitor precisa conhecer a pronúncia correta pela tradição oral. Em textos massoréticos ou de estudo, a presença do ponto é obrigatória para distinguir entre (שׁ) (Shin) e (שׂ) (Sin). Vamos lembrar que na Sagrada Torá não tem esses pontinhos.

O caractere Shin contém três cabeças. É o único no Alef Beit que tem 3 cabeças. O Arizal comenta que ele é composto por três caracteres Wav, conectados em uma base. É um caractere que representa mudança geral. É responsável pela transformação geral de um estado para outro. O nome do caractere (ש) (Shin) e a palavra Shen (שֵׁן) (dente) compartilham a mesma raiz. Ambos estão associados à ideia

de mastigar, quebrar ou transformar, o que tem implicações esotéricas. O dente quebra o alimento para digestão física. O caractere (ש) quebra as forças brutas da realidade para liberar luz espiritual. **Qual o papel do dente?** Ele tritura o alimento. Ele transforma o alimento e faz com que consigamos absorver a energia do alimento.

Mas, para entendermos melhor essa questão, vamos olhar resumidamente a questão da criação associadas aos caracteres hebraicos. D'us criou o mundo por meio de três caracteres básicos que são o Alef (א), Mem (מ) e o Shin (ש). Com esses três caracteres Ele criou os 3 elementos (Shin para o fogo, Mem para a água e Alef para o ar (ou o espírito/sopro). Segundo o Sefer Yetzirah, a terra não é um elemento independente gerado por um caractere mãe. A terra é descrita como um subproduto da água. O Sefer Yetzirah afirma que o frio (água) coagulou e se condensou, transformando-se em neve e, depois, em poeira / terra. Portanto, a terra surge a partir do caractere Mem.

Os sete dias da semana foram criados por D'us utilizando-se os 7 caracteres duplos. Esses caracteres recebem o nome de duplos porque possuem dois sons possíveis (um som duro/forte com um ponto interno e um som suave sem o ponto).

Caractere Hebraico	Dia da Semana Criado	Planeta Associado	Órgão / Abertura
Bet (ב)	1º Dia (Domingo)	Lua	Olho direito
Guímel (ג)	2º Dia (Segunda-feira)	Marte	Ouvido direito
Dalet (ד)	3º Dia (Terça-feira)	Sol	Narina direita
Kaf (כ)	4º Dia (Quarta-feira)	Vênus	Olho esquerdo
Pei (פ)	5º Dia (Quinta-feira)	Mercúrio	Ouvido esquerdo
Resh (ר)	6º Dia (Sexta-feira)	Saturno	Narina esquerda
Tav (ת)	7º Dia (Shabat / Sábado)	Júpiter	Boca

Dependendo da tradução do Sefer Yetzirah, podemos encontrar alterações na ordem dos planetas. Essa tabela apresenta, portanto, a correspondência das sete letras duplas segundo uma das versões tradicionais do Sefer Yetzirah

Os 12 caracteres restantes criaram a estrutura dos meses, os signos do zodíaco e as funções vitais da alma do Ser Humano. No Sefer Yetzirah, eles completam as dimensões do Espaço, do Tempo e do Ser Humano. No mundo (espaço) os 12 Signos do Zodíaco, no ano (tempo) os 12 meses do calendário judaico e na alma (o Ser Humano). Os 12 caracteres simples são o He (ה), Vav (ו), Zain (ז), Chet (ח), Tet (ט), Yud (י), Lamed (ל), Nun (נ), Samech (ס), Ayn (ע), Tzadi (צ) e Kuf (ק).

Assim, a criação do Universo está ligada com os caracteres ou letras Sagradas. Focando neste ponto no caractere Shin, sabemos que este representa o fogo, porque o fogo transforma. O fogo é capaz de transformar de um estado para outro, por exemplo de sólido para líquido. Por isso o caractere da mudança como um todo é o Shin. Ou seja, para se obter a transformação completa é necessária uma alteração de estado. Quem trás essa transformação de estado é a o Shin.

A palavra Shalom (שָׁלוֹם) deriva da raiz Hebraica de Shalem (שָׁלֵם) que significa estar completo, íntegro. Mas, para se estar integro é necessário quebrar o desnecessário, ou retirar o lado negativo. Com o fogo se consegue separar o produto do resto. Ou seja, uma pessoa que se quebra por dentro, ela viu o mal que ela comete, ela consegue chegar ao caractere Shin, pois a pessoa se transformou. Está em plenitude. Ela tirou as arestas.

Céu em Hebraico é (שָׁמַיִם) Shamayim que é composta de Esh (אֵשׁ) que é fogo e mayim (מַיִם) que é água. Nos céus se tem fogo e água. Por exemplo, as nuvens que são água, mas contém eletricidade que está ligado ao fogo. Quando olhamos a palavra paz (Shalom) que começa com Shin, o caractere tem três pernas, uma para direita, outra para a esquerda e a do meio. O caminho do meio é o caminho ideal, que é o caminho da paz. Quando duas pessoas estão brigando, a conciliação é feita por uma terceira pessoa que deve ser reverenciada pelos outros dois.

Shalom é um dos nomes de D'us. **Quem é que briga nas alturas?** Michael (ligado a água) e o Anjo Gabriel (ligado ao fogo). E eles estão em conflito constante, mas D'us está lá e traz a reconciliação entre esses anjos, ou a paz. Veja que o acordo na realidade representa uma quebra, pois não alcança a integridade de nenhum dos dois lados dos anjos. O lado negativo da letra Shin é a mentira (שֶׁקֶר) Scheker, pois quando a pessoa quebra, a pessoa pode ficar com o bem e afastar o mal, ou pode ficar com o mal e afastar o bem.

O caractere Shin, (ש) e os dentes são expressões físicas e espirituais da mesma dinâmica dentro do processo evolutivo pelo qual o povo dos filhos de Israel estão passando. Não são, portanto, apenas paralelos simbólicos. É o processo de extração, refinamento e integração da Luz do Criador dentro da realidade material a qual vivemos. O dente que tritura, como o Shin que queima, são ambos agentes do Tikun (retificação) que estão preparando as pessoas para se encontrarem integrais, ou em sua plenitude para receber conscientemente a Luz da Torá. Ou receber o único elemento faltante neste mundo que é a Luz do Criador, mas receber de forma consciente.

Lembro aqui que a estrutura fundamental a respeito dos caracteres e a criação, permanece constante em praticamente todas as versões: sete letras duplas → sete planetas → sete dias → sete aberturas da cabeça. O desacordo está principalmente em qual letra corresponde a qual planeta, dia e/ou abertura. Portanto, a arquitetura simbólica é antiga e sólida. A distribuição interna varia conforme a tradição a qual estamos estuando ou seguindo.

Mas, olhando ainda para a questão sobre o Fogo Negro sobre Fogo Branco / Fogo Branco sobre Fogo Negro, é possível perceber que as sete letras duplas já carregam, no próprio Sefer Yetzirah, uma estrutura de polaridade (בגדכפרת), ou seja, possuem dupla pronúncia e estão relacionadas a pares de opostos. O livro chama justamente essas sete letras de (כפולות) kefulot, duplas. Portanto, antes mesmo de chegarmos às correspondências planetárias, existe nelas uma dinâmica de exterior e interior, som e silêncio, manifestação e potencial que dialoga de forma muito interessante com os níveis correspondentes apresentados na Parashat anterior.

6.(Matot) – Números 32:01-19 – "*Ao perceber que os territórios dos reis Sichon e Og serviam para o pastoreio de seus grandes rebanhos de gado e ovinos, as tribos de Reuben e Gad pediram a Moshê para tomar posse desses territórios e não cruzar o rio Jordão para dentro de Canaã. Moshê os repreendeu por tentar evitar o enfrentamento com as nações que naquele momento ocupavam as terras de Canaã. As tribos de Reuben e Gad prometeram, então, ajudar as outras tribos a conquistar os territórios localizados na margem ocidental do rio Jordão antes de se estabelecerem na margem oriental. Moderar o ascetismo. Os descendentes de Reuben e Gad tinham abundância de gado.*

Estas duas tribos queriam viver como pastores porque essa ocupação é propícia para um estilo de vida meditativo. Inicialmente, Moshê se opôs à proposta porque sabia que até a chegada da Era messiânica a intenção de D'us é de enfrentarmos o mundo físico e inclusive lutarmos com ele se necessário com o objetivo de refiná-lo e elevá-lo. Moshê somente concordou depois de estipular que eles primeiro ajudariam os seus irmãos a conquistar a Terra de Israel. A experiência de enfrentamento com o mundo material asseguraria que o retorno posterior ao pastoreio com o seu estilo de vida meditativo - não seria uma fuga da realidade.

Do mesmo modo, não devemos considerar o tempo que estamos obrigados a despender (no mundo material) *como algo frustrante. Muito pelo contrário: em primeiro lugar, no mundo exterior elevando-o e refinando-o devemos ver isso como nossa verdadeira missão Divina; em segundo, como a chave para assegurar que nosso estudo da Torá, nossas rezas e nosso cumprimento dos mandamentos de D'us tenham as mais puras e apropriadas das intenções*".

"*Os rabinos condenam a conduta dos filhos de Rubem e de Gad que pediram a Moshê e aos chefes da congregação as terras dos reis Sichon e Og, no além Jordão, antes mesmo de entrar em Canaã. São declarados culpados pela impaciência que tiveram de se apossar da terra, esquecendo suas obrigações paternas; pois eles mencionaram os seus rebanhos antes mesmo de seus filhos, conforme diz o versículo "E chegaram-se a ele (Moshê), e disseram: Currais edificaremos para o nosso gado aqui e cidades para as nossas crianças (Números 32:16). Lê-se no Livro dos Provérbios (Cap. 20:21): 'A herança adquirida a princípio, apressadamente, no fim não será abençoada'. Isso aconteceu com os filhos de Rubem e Gad. Tendo amado muito a riqueza, eles foram primeiro ao cativeiro, segundo escreve o livro de Crônicas (1 Cap. 05:26). 'O D'us de Israel excitou o espírito de Pul, rei da Assíria, e o espírito de Tilgat-Pilneser, rei da Assíria, que levaram (primeiro Pul e depois Tilgat-Pilneser) cativos os Rubenitas, os Gaditas e metade da tribo de Menashe'*. Torá Sefer, comentários pp. 489-491.

"*Quando os Rubenitas e os Gaditas disseram a Moisés: 'Currais edificaremos para o nosso rebanho aqui e cidades para nossas crianças', Moisés respondeu com estas palavras: 'Edificai cidades para vós e para vossas crianças e currais para o vosso gado'. Estes dois versículos significam dois diferentes princípios. Eles estavam mais preocupados com sua riqueza do que com seus filhos. No fundo Moshê lhes disse: 'Não é assim! Trate o principal como principal e o assunto de importância secundária como secundário. Primeiro devem construir cidades para seus filhos e só depois currais para seus rebanhos*". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 305, 5784, pg. 26.

A Torá nos apresenta que devemos refinar o físico com intenção sagrada, mas ao mesmo tempo devemos colocar o espiritual antes do material. Isto nos ensina que devemos tratar com reverência o plano material, mas sempre subordiná-lo ao que é eterno, ou seja, a família e ao espiritual. Se elevarmos o material com a intenção correta e privilegiarmos primeiro o que é essencial, transformaremos nosso '*aqui e agora*' em um local onde o Eterno possa de fato habitar.

7.(Matot) – Números 32:20-42 – "*Moshê aceitou a proposta das tribos de Reuben e Gad, e instalou também a metade da tribo de Menashe na margem oriental do rio Jordão. Viver no futuro. Moshê deu... à metade da tribo de Menashe... o antigo reino de Og, rei de Bashan.*

Para assegurar que as tribos de Reuben e Gad mantivessem a perspectiva apropriada quando se assentassem na margem oriental do rio Jordão, Moshê estabeleceu a metade da tribo de Menashe também por ali. A tribo de Menashe era conhecida por seu amor à Terra de Israel, isto é, por sua dedicação ao refinamento do mundo material, que tinha de acontecer primordialmente nesse lugar sagrado. Além disso, ao estabelecer a metade desta tribo na margem ocidental do Jordão, e a outra parte, na margem oriental, Moshê demonstrou que a tribo não se assentava no lado leste para fugir da responsabilidade da sua missão no outro lado. Por último, Yossef havia dado o nome de Menashe ao seu filho, o fundador desta tribo, para não esquecer que a vida fora da Terra de Israel não é o habitat natural de um israelita.

Aprendemos com isso que a forma de levar o mundo ao seu estado ideal, o Futuro messiânico, é abraçando de forma plena o desafio de elevar e refinar o mundo, pois esse é o objetivo final da Redenção".

"*As tribos de Reuben e Gad preferiram ser pastores (fora da Terra de Israel) em vez de agricultores (dentro de suas fronteiras) porque o estilo de vida do pastor oferece mais oportunidades para meditação e comunhão com D'us do que o do fazendeiro.*

Por mais louvável que fosse essa motivação, era escapista demais. O próprio propósito da vida é elevar os aspectos mundanos da vida, infundindo a Divindade neles, em vez de "fugir" e renunciar a eles.

Moshê, portanto, "virou o jogo" em relação a essas tribos, estipulando que elas iriam na frente, seriam a vanguarda da força invasora. Ele fez isso para treinar os membros dessas tribos a ter auto sacrifício pelos outros, capacitando-os a enfrentar o desafio de elevar o mundo mesmo sendo pastores.

Aprendemos com tudo isso que não devemos fugir dos desafios de nossa missão Divina de disseminar a consciência da Divindade por todo o mundo - até mesmo em seus recantos mais distantes e sim, enfrentá-los de frente. Somente assim, cumprimos nossa tarefa e transformamos o mundo num lar para D'us". Veshinantam 2024, ano 6, Nº 305, 5784, pg. 67.

A Organização nos mostra que as duas colunas do Templo de Salomão representam forças complementares, como recepção e doação, severidade e misericórdia etc. A divisão da tribo de Menashe apresenta-nos que cada coluna ou agrupamento humano sustenta a missão no todo.

Sabemos que o Pedreiro busca equilibrar as suas atividades realizadas no mundo profano com a sua evolução espiritual interior. Ao não se retirar integralmente para o lado leste, a tribo de Menashe nos mostra que não podemos escapar das nossas obrigações na vida profana. Menashe ocupa, portanto, dois territórios simbolizando assim a fraternidade estendida além das fronteiras, a filantropia e o cuidado para com todos os homens, tanto dentro dos Templos quanto fora destes.

É proibida a comercialização deste Livro - 100

11 – Parashat Massê – Viagens

Sinopse

O fundador do Chassidismo, Rabi Israel Baal Shem Tov, ensinou que estas quarenta e duas viagens correspondem às quarenta e duas viagens espirituais que fazemos ao longo da nossa vida. Ou seja, as 42 viagens representam a viagem da vida de cada Ser Humano na Terra. "*Seu nascimento é o Êxodo, e todas as demais viagens são o relato de sua vida, até chegar à terra superior de vida. Dentre as viagens, vemos também algumas que foram o contrário da vontade de Hashem.* ***Se todas as viagens estão na vida de cada um, como pode a vida de cada um conter, também, assuntos indesejáveis, pecados?*** *A resposta é que todas as viagens são, na essência, santidade. Mas foi conferido ao Ser Humano o livre arbítrio. Foram as ações dos israelitas que trouxeram consequências negativas. Se tivessem feito as escolhas certas, 'e escolherás a vida', todas as viagens teriam sido elevações em santidade. Quando aprendemos a orientar até mesmo as atividades mais mundanas rumo à Divindade de modo que cada parte de nossas vidas torna-se parte de nossa missão Divina, podemos viver livres de conflitos internos, que infelizmente deterioram a saúde espiritual e mental de tantas pessoas.* Mas, volto a dizer, tudo isto está dentro de nós. Precisamos expulsar os nossos vícios, as nossas paixões desprezíveis que estão dentro de nós, destruir os templos de justificativas que erguemos para poder continuar no caminho em que nos julgamos confortáveis e supostamente corretos. *O fato de estarmos obrigados a cumprir certos mandamentos unicamente dentro da Terra de Israel alude à ideia de que podemos cumprir os mandamentos de D'us e elevar nossa realidade material apenas durante nossa vida física.* Ou seja, a iluminação, a Luz Interior ou Divina, emerge da luta com as sombras, tanto externas quanto internas. *Cada sapato encaixa no seu pé. D'us ordenou a Moshê para dizer ao povo israelita: 'Estes são os nomes dos homens que herdarão a terra por vocês'.* Cada alma neste mundo recebe seus 'territórios' ou desafios, dons, limitações e oportunidades, conforme a sua missão espiritual. *Em seguida, D'us ordenou a Moshê e ao povo dos filhos de Israel separar para os levitas quarenta e oito cidades, uma vez que eles não iriam receber extensões territoriais de cultivo na Terra de Israel como as outras tribos.* As cidades levitas e em especial as cidades de refúgio, espalhadas em ambos os lados do Rio Jordão, garantem o equilíbrio entre misericórdia e severidade, além de espalhar o entendimento tanto na área coberta pela Terra de Prometida, quanto além desta região. *No sentido ideal, devemos tentar ser mais do que meros 'sinais de trânsito' inanimados que ajudam somente a quem se aproxima em busca do caminho correto. Podemos ser 'sinais vivos' e nos aproximar das outras pessoas para não apenas ajudá-las, como também, se necessário, o torná-las conscientes de que a mais importante de suas buscas deve ser como viver uma vida que seja sagrada e Divina.* Assim, a oração diária, o escutar o seu interior (Shemá Israel), o olhar na direção e sentido do Divino e o não faça ao próximo o que não queres que te façam, são os '*refúgios*' ou são as verdadeiras cidades de refúgio espirituais para a alma, em meio ao tumulto do mundo, onde as paixões desprezíveis reinam. *Nunca devemos pensar que a nossa vida particular só diz respeito a nós ou ao nosso círculo próximo de família ou amigos, e que, portanto, estamos livres para nos conduzir nestes assuntos do modo que melhor nos pareça. Ela deve viver a vida que D'us outorgou, e seguir em frente! Deve continuar a 'viajar' nesta linda e maravilhosa missão para ter sucesso em tudo que fizer. Este é o propósito da criação.*

1.(Massê) – Números 33:01-49 – "*Concluído o relato das conquistas do povo israelita na margem oriental do rio Jordão, a Torá revê todas as paradas que o povo realizou desde a sua saída do Egito até o acampamento final no deserto. As viagens da vida. Estas são as viagens...*

O fundador do Chassidismo, Rabi Israel Baal Shem Tov, ensinou que estas quarenta e duas viagens correspondem às quarenta e duas viagens espirituais que fazemos ao longo da nossa vida. Iniciamos com o nascimento, assim como o Êxodo do Egito foi o nascimento nacional do povo israelita. A última viagem é para a Terra Prometida espiritual, a vida que nos espera no Mundo Vindouro.

Apesar de algumas das viagens intermediárias no percurso do povo dos filhos de Israel pelo deserto terem sido acompanhadas por adversidades, todas as etapas de nossa viagem espiritual pela vida são sagradas e positivas. Se escolhermos o bem em vez do mal, viveremos estas fases da vida da maneira como é a intenção original de D'us. Se, como o povo israelita no deserto, fizermos algumas escolhas equivocadas, viveremos essas escolhas como retrocessos temporários. Por mais que nos esforcemos em cada passo de nossa jornada pela vida por adotar as decisões corretas, devemos reconhecer também que até mesmo os contratempos podem ser transformados em experiências positivas de crescimento".

"*Nossos sábios perguntam:* ***por que a Torá precisava detalhar todas as 42 viagens, explicando em detalhes como eles saíam de um local e acampavam noutro? Que lição podemos extrair dessas viagens?*** *Dentre as várias explicações, há três possíveis que se destacam:* ***1º)*** *A palavra Torá origina-se da palavra ensinamento, ela é o nosso guia de vida e a indicação do nosso sucesso material e espiritual. A Torá deseja nos ensinar que tudo que existe e tudo que acontece conosco neste mundo é passageiro. TUDO passa. Acaba uma vida vem outra, termina um governo inicia outro, encerra um ano começa o próximo, saímos de um lugar vamos para o seguinte, falece uma geração nasce outra e assim sucessivamente. Todos nós estamos aqui, neste mundo, de passagem. Atualmente uma pessoa vive, em média, 70, 80 anos, e observamos como esta jornada passa rápido. Devemos investir mais nos conceitos e valores espirituais e eternos, que nos levam a herdar o Olam Habá* (Mundo Vindouro)*, também perpétuo. E este é o nosso objetivo.*

Pois a vida material é apenas uma passagem de rotina. As pessoas acordam, se alimentam, estudam, trabalham, descansam, comem e dormem. Noutro dia acordam etc. Não há um objetivo final por si só. A vida neste mundo é apenas um meio para alcançar a verdadeira meta mencionada anteriormente. E isto não é o apenas em relação ao Ser Humano, pois qualquer coisa existente é passageira. Eis alguns exemplos: Uma árvore cai, nasce outra. Quando lançam no mercado um modelo de carro, computador ou celular, já criam outro, e o anterior perde seu valor ou desaparece. ***Um campeonato acaba e já surge outro****.* ***Dinheiro?*** *Antes estava no bolso do comprador, e, após alguns momentos, vai para o do vendedor. O cobrador de ônibus sempre diz, 'Tudo é passageiro', pois a todo instante ele vê os passageiros passando para pagar suas viagens, e todos são passageiros, porque passa um e já vem o outro.*

Neste mundo não temos muitas alegrias. Há muitas dificuldades, sofrimentos, doenças, preocupações, decepções, guerras, e no final, a morte. Tudo isto é característica e parte de um mundo provisório e transitório. Nada é eterno, exceto D'us, a Torá e nossas boas ações. Por isso, é necessário investir no que é eterno.

2) *Poderíamos questionar qual a importância de saber de onde saíram e para onde foram; afinal, tudo já passou! Isto é para nos ensinar uma lição. Se a pessoa não sabe onde esteve, não saberá para onde ir. Ao saber que esteve em um determinado lugar no passado, ela saberá caminhar adiante e entender o presente e o futuro, estando pronta para enfrentar novos desafios. Se ela não souber onde esteve e de onde partiu, não entenderá o que fazer futuramente na terra de Israel. Baseando-nos na história de nossos antepassados, estaremos conscientes do porquê da terra de Israel ser tão importante para nós. A história do passado repercutirá no futuro. Não podemos alcançar o amanhã, entender a realidade de nossa terra, os confrontos atuais e as adversidades se não possuirmos conhecimentos básicos e profundos do que ocorreu no passado. Pois assim estaremos seguros e confiantes para encarar as dificuldades futuras.*

Referente à passagem do povo para a uma terra e vida novas, reflita sobre o pensamento: A vida só pode ser entendida quando olhamos para trás (passado). E precisa ser vivida apenas olhando para frente (futuro).

3) *Uma terceira razão intensifica a nossa aproximação com D'us. Ao estarmos conscientes de onde partimos e onde estávamos, estaremos prontos a fazer um balanço de nossos atos passados e nos arrepender. Desta forma, poderemos reparar nossas falhas e fazer um futuro melhor.*

Esta Parashá sempre é lida na época das três semanas de Bein Hametzarim, isto é, o período de luto sobre o Beit HaMikdash, no qual lamentamos o rompimento das muralhas de Jerusalém, bem como a subsequente destruição tanto do Primeiro quanto do Segundo Templo Sagrado. Este período que compõem os 21 dias intermediários entre o jejum de 17 de Tamuz e o de 9 de Av. Somando esses 21 dias e suas 21 noites totalizamos 42, correspondendo ao número das viagens percorridas pelo povo no deserto. Sendo assim, trata-se de um tempo para reparamos nossas falhas, meditarmos sobre nossa estadia neste mundo material e passageiro e servirmos ao Criador com alegria.

D'us nos ama, e através de Sua infinita piedade e bondade Ele deseja que façamos Teshuvá por piedade e benevolência, e não com sofrimentos e punições. E a Guematria das palavras av hatov hahu (אב הטוב ההוא) (1+2 + 5+9+6+2 + 5+5+6+1 = 42) *aquele bom pai soma 42.*

Portanto, D'us anunciou a Moshe (Shemot 03:14) que assim ele dirá ao povo: Serei enviou-me a vós (א-ה-י-ה שלחני אליכם). A Guematria deste nome sagrado de D'us – (א-ה-י-ה) – soma 21, que simboliza os dias entre Rosh Hashaná (o aniversário da criação do Universo) e Hoshaná Rabá, período oportuno de bondade e piedade para o povo se arrepender. O sétimo dia de Sucot é chamado Hoshaná Rabá (Grande Hoshaná) sendo considerado o último dia do 'julgamento' Divino no qual o destino do novo ano é determinado.

E nesta oportunidade, Moshe deveria salvar o povo da impureza egípcia, conduzindo-o ao completo arrependimento, preparando-o para a saída e o recebimento da Torá. Por isso também, no versículo acima mencionado (Shemot 03:14) consta mais duas vezes este nome sagrado de D'us, O qual Moshe deveria transmitir ao povo para assegurar o êxito deste grande processo espiritual.

E somando duas vezes a Guematria deste nome obtemos 42, pois em sua mensagem ao povo Moshe queria dizer que sua estadia no Egito também seria passageira e transitória, tal como as 42 viagens trilhadas no deserto. E assim como a saída do Egito, lugar passageiro, o povo recebeu um presente, a Torá, da mesma forma, após estas 42 viagens temporárias, o povo recebeu outra dádiva, a terra de Israel". Bamidbar – O Deserto da Fé, pp. 275-279.

Ou seja, as 42 viagens retratam a viagem da vida de cada Ser Humano na Terra. "*Seu nascimento é o Êxodo, e todas as demais viagens são o relato de sua vida, até chegar à terra superior de vida. Dentre as viagens, vemos também algumas que foram o contrário da vontade de Hashem.* ***Se todas as viagens estão na vida de cada um, como pode a vida de cada um conter, também, assuntos indesejáveis, pecados?***

A resposta é que todas as viagens são, na essência, santidade. Mas foi conferido ao Ser Humano o livre arbítrio. Foram as ações dos israelitas que trouxeram consequências negativas. Se tivessem feito as escolhas certas, 'e escolherás a vida', todas as viagens teriam sido elevações em santidade".
https://nashimtsidkaniot.com/2014/07/24/as-viagens-da-vida/?utm_source=chatgpt.com

2.(Massê) – Números 33:50-53 – "*D'us comunica ao povo israelita que, para conquistar a Terra de Israel, eles devem cruzar o rio Jordão com a intenção de expulsar dali as nações idólatras. Destruir os ídolos internos. D'us instruiu Moshê para que dissesse ao povo israelita: 'Vocês devem destruir todos os templos [idólatras], destruir os seus ídolos fundidos e demolir os seus altares [de sacrifícios]'.*

Em hebraico, a expressão para 'idolatria' (avodá zará) significa literalmente 'serviço alheio'. Qualquer tipo de adoração, de serviço que seja 'alheio' (estranho) ao lado Divino das nossas personalidades é uma forma sutil de idolatria. O objeto do nosso serviço alheio pode ser qualquer coisa: desde o dinheiro, o sucesso, o controle ou a fama até ídolos mais 'inocentes', como a segurança, a sabedoria ou a saúde. Qualquer objeto ou objetivo a que nos dediquemos que não nos ajude a cumprir a nossa missão Divina é qualificado como 'serviço alheio'.

Para nosso próprio bem, D'us deseja nossa absoluta lealdade. D'us quer nos poupar da dor e do trauma que surgem ao tentarmos servir a múltiplos senhores. Quando aprendemos a orientar até mesmo as atividades mais mundanas rumo à Divindade de modo que cada parte de nossas vidas torna-se parte de nossa missão Divina, podemos viver livres de conflitos internos, que infelizmente deterioram a saúde espiritual e mental de tantas pessoas. Portanto, é crucial transformarmo-nos em batalhadores espirituais, desenraizando e destruindo os nossos ídolos internos para, assim, podermos entrar na 'Terra Prometida' de uma vida íntegra e orientada à Divindade".

Para circunstanciar o texto acima vamos olhar para o exemplo de Avraham: "*Bereshit 21:33-34. Na tradução em português diz que Avraham plantou um bosque de arvores frutíferas.* ***O interessante é que ali ele invocou o nome de D'us. Por quê?*** *Uma tamargueira é uma arvore grande e única cujos muitos galhos se espalham amplamente. Ele plantou essa árvore no deserto para fornecer a ele e a seus convidados sombra como proteção contra o sol escaldante. O Talmude Sota 10ª, fala que a palavra hebraica para eshel, se refere a um pomar inteiro. Ou seja, as pessoas teriam sombra e frutos para se deliciar. Porém, o Talmude explica que eshel também pode ser considerado uma pousada. Ou seja, além de frutas, Avraham deu aos viajantes comida e bebida, carne, vinho e alojamento. Também oferecia um tribunal para resolver suas questões, ao qual as pessoas poderiam recorrer em caso de disputa entre essas pessoas.*

Mas porque ele oferecia isto tudo a estranhos? *Dentro do coração de cada israelita foi implantado o atributo da caridade e o desejo de realizar atos de bondade. Essa é a nossa herança de Avraham. Não somente prover os outros de suas necessidades básicas, mas antes permiti-lhes obter prazer, e não apenas prazer material, mas também a satisfação interior que advém da resolução de seus próprios problemas.*

Essa abordagem de Abraham – dar não apenas o necessário, mas também proporcionar satisfação e prazer – é inerente ao relacionamento entre pais e filhos. Ou seja, os pais têm um desejo de fornecer aos filhos tudo o que eles precisam e não apenas as suas necessidades básicas. Sem pensar em qualquer retribuição dos filhos.

Essa era a abordagem dada por Avraham a todos, uma tendência inerente de compartilhar até mesmo o que se ganhou com o trabalho árduo.

Se esses conceitos se aplicam a coisas materiais, certamente, são ainda mais relevantes em relação às espirituais. Pois uma deficiência espiritual – uma falta sentida na alma – causa muito mais dor e é muito mais difícil de corrigir do que uma deficiência material.

Por isso, ao se instalar em um novo local eles se dedicavam a estabelecer uma Yeshivot e escolas de Torá, buscando desenvolver o potencial máximo dos alunos.

Avraham e Yitschaci viveram por muitos anos na terra dos Filisteus e não sofreram opressão. Foi a bondade ilimitada que eles compartilharam com outros que lhes permitia evocar o auto sacrifício necessário para a Akedá com alegria.

A única forma de nos assemelharmos ao criador é buscando compartilhar. Seja, meios materiais, seja conhecimento, seja oportunidades para o crescimento espiritual do próximo.

Avraham já era um Ser Humano sábio ou um Zaken ou àquele que adquiriu sabedoria. Mas também era um Ba bayamim ou àquele que vem com todos os seus dias. Portanto, ele sabia perfeitamente de que antes de iniciar uma tarefa, por exemplo, como essa, deveria invocar o Nome de D'us". Likutei Sichot (coletânea de palestras) Pg. 199 – 204.

Ou seja, os versículos – Números 33:50-53, tratam da expulsão das pessoas, a destruição de templos etc. Mas, volto a dizer, tudo isto está dentro de nós. Precisamos expulsar os nossos vícios, as nossas paixões desprezíveis que estão dentro de nós, destruir os templos de justificativas que erguemos para poder continuar no caminho em que nos julgamos confortáveis e supostamente corretos.

3.(Massê) – Números 33:54-34:15 – "*Como existem numerosos mandamentos que se cumprem unicamente dentro da Terra de Israel, D'us passa a descrever os seus limites exatos. Aproveitar o dia. Esta é a terra que cairá para vocês por sorteio como herança. O uso do verbo 'cair' (tipol) para descrever como a Terra de Israel se tornou nossa nos ensina uma lição importante.*

O fato de estarmos obrigados a cumprir certos mandamentos unicamente dentro da Terra de Israel alude à ideia de que podemos cumprir os mandamentos de D'us e elevar nossa realidade material apenas durante nossa vida física. Não temos esta oportunidade nem antes, nem depois do tempo em que a nossas almas estão dentro de nosso corpo por mais que nossas almas estejam vivas muito antes do nosso nascimento e continuem vivendo muito depois da morte.

Em comparação com a existência idílica que a alma desfruta em sua morada celestial antes de nascer, a difícil e conflituosa vida que devemos levar no mundo físico realmente pode ser vista como uma espécie de 'caída' de um nível superior. Contudo, se utilizarmos nossas forças para aproveitar a oportunidade única que temos neste mundo, ajudamos D'us a realizar o Seu propósito na Criação, cumprimos com o propósito da nossa existência, e também aumentamos consideravelmente a nossa capacidade de absorver as revelações Divinas que nos esperam no Mundo Vindouro".

Likkutei Sichot - Volume 13 - Parashat Massê Páginas 126-127 - Tradução do Hebraico para o Português: "*Rashi ensina que a terra que cairá para vos (Bamidbar 34:02) não significa simplesmente uma herança geográfica, mas uma alusão profunda a jornada da alma e a divisão da terra por sorteio. A Torá descreve que a terra de Israel seria dividida entre as tribos por sorteio. Rashi comenta que o termo cairá para vos implica em uma queda o que, num nível místico, representa a descida da alma ao mundo físico.*

Por que se usa queda para descrever um processo tão elevado quanto a entrada na Terra Prometida? *A explicação cabalística e Chassídica é que a alma, antes de descer ao corpo, está em um nível espiritual muito elevado. Quando desce ao mundo físico, parece haver uma queda um rebaixamento espiritual. Mas, essa queda é na verdade parte do plano Divino. Através da alma descer e realizar Mitzvot no plano físico, ela atinge um nível ainda mais elevado do que possuía anteriormente. O rebaixamento é, na verdade, o caminho para a elevação.*

Rashi continua e traz uma explicação Midráshica: D'us derrubou os anjos das nações e os subjugou diante de Moshe. Ou seja, por meio do serviço Divino que transcende a lógica conectado a essência da alma (o nível sorte) D'us remove todos os impedimentos, e cada pessoa pode conquistar sua terra, cumprir sua missão espiritual e transformar o mundo em uma morada para Ele. Assim, a terra que cairá para vos significa também que é a oportunidade única que cada alma tem ao vir ao mundo: transformar o físico em sagrado, e revelar o proposito Divino neste mundo. Como está dito: No futuro, a Terra de Israel se expandira e englobara todo o mundo". (Baseado nas Sichot de Parashat Matot-Massê, 5726 e 5730 1966 e 1970)

Ou seja, esses ensinamentos nos mostram que a "*queda*" da alma ao mundo físico é uma descida intencional com propósito espiritual. É justamente através da ação concreta e das dificuldades do mundo físico que a alma se eleva mais alto do que jamais esteve. A queda é, na verdade, o início de uma elevação maior. E por fim, a terra que "*cai*" por sorteio é uma metáfora do serviço Divino que vem do mais íntimo da alma (sorte), que transcende a lógica e o intelecto. Ou seja, somente podemos elevar nossa realidade durante nossa vida física.

O Pedreiro olha para o texto em latim "*Ex Tenebris lux*", presente nos altos graus, que em uma tradução livre significa '*da escuridão vem a luz*'. Ou seja, a iluminação, a Luz interior emerge da luta com as sombras, tanto externas quanto internas. A queda da alma e sua missão espiritual neste mundo ecoa com os ideais dos ensinamentos da Organização. Os ensinamentos da Organização mostram que a verdadeira Luz só pode ser revelada após um processo de descida, esforço e transformação pessoal e que o sentido mais profundo da vida transcende a lógica e o intelecto, sendo oriundo da alma. Mas, talvez me comporte como dito por Isaías 06:09, ouço e vejo, mas não escuto e nem enxergo nada.

4.(Massê) – Números 34:16-29 – "*Em seguida, D'us especificou os nomes dos líderes das tribos que deveriam assumir em nome delas a propriedade de seus respectivos territórios, e em seguida, dividir a Terra de Israel entre os membros individuais de suas tribos. Cada sapato encaixa no seu pé. D'us ordenou a Moshê para dizer ao povo israelita: 'Estes são os nomes dos homens que herdarão a terra por vocês'.*

Todos somos líderes, seja em nossas famílias, em nossos círculos de amigos ou entre os nossos companheiros de trabalho. Em nosso papel de líderes, devemos seguir o exemplo dos líderes das tribos do povo israelita. Assim como eles atribuíram uma parcela de terra a cada membro da tribo de acordo com suas necessidades e capacidades, nós precisamos garantir que nossos 'seguidores' estejam ativos da melhor forma possível, tanto para benefício deles mesmos como para o do grupo. Aprendemos como fazê-lo dos líderes das tribos: da mesma maneira como eles assumiram a propriedade dos seus respectivos territórios em nome dos seus companheiros israelitas, devemos nos colocar mentalmente no lugar de cada um de nossos seguidores para poder apreciar a sua personalidade e forças únicas.

O verdadeiro líder máximo e único de tudo e de todos obviamente é D'us. Quando Ele nos atribui uma tarefa na vida, o faz em função das nossas forças, talentos e faculdades particulares. Portanto, se alguma vez desejamos que os nossos desafios específicos na vida fossem diferentes, devemos recordar que foi D'us quem nos atribuiu tais desafios, adaptando-os precisamente às nossas capacidades conforme o nosso melhor interesse a longo prazo".

Em Números 34:16-29 D'us ordena a Moshê que nomeie líderes de cada tribo para representar suas respectivas tribos na herança da Terra. É uma grande responsabilidade que está por detrás desta nomeação. Um bom líder sabe calçar o sapato do outro, ou seja, compreende as necessidades e características únicas de cada subconjunto familiar de sua tribo. Isso leva a uma distribuição equilibrada das terras dentro da tribo a qual ele é o líder.

Olhando para o Talmud Sanhedrin 37a encontramos '*cada alma é única e insubstituível'*, em Bereshit Rabá 12:09, '*nenhum Ser Humano é igual ao outro*', em Zohar Terumá 170b '*cada alma tem uma missão*' e por fim em Nefesh Há Chaim 01:06 temos '*cada alma repara algo único no mundo*', assim penso que cada alma desce a este mundo com uma missão que somente ela poderá cumprir. Ou seja, cada tribo tem a sua missão e está simbolicamente associado ao '*pedaço de terra*' que ela recebeu. A divisão da terra reflete a missão espiritual de cada grupo (tribo, subgrupo familiar e/ou indivíduo).

Assim cada tribo recebeu sua parte da terra de acordo com sua natureza. Cada alma neste mundo recebe seus '*territórios*' ou desafios, dons, limitações e oportunidades, conforme a sua missão espiritual. Quando assumimos nosso território, com todos os seus desafios e oportunidades inerentes, mas com a confiança de que a terra nos foi direcionada pelo Eterno, podemos transformar esse espaço em solo sagrado, seja do tamanho que ele for.

5.(Massê) – Números 35:01-08 – "*Em seguida, D'us ordenou a Moshê e ao povo dos filhos de Israel separar para os levitas* ***quarenta e oito cidades****, uma vez que eles não iriam receber extensões territoriais de cultivo na Terra de Israel como as outras tribos. As cidades levitas serviam também como 'cidades de refúgio' se alguém cometesse um assassinato involuntário, os parentes da vítima tinham permissão para matar o assassino a menos que este fugisse para uma dessas cidades especialmente designadas. Embaixadores de amor. D'us ordenou a Moshê: 'Entre as cidades que devem ser dadas aos levitas devem ser incluídas as* ***seis cidades de refúgio'****.*

A razão pela qual parte das cidades levitas serviam também como cidades de refúgio era porque a vida dos levitas era a antítese do assassinato não intencional. Desta forma, o confinamento do assassino não intencional em tais cidades cumpria a função de neutralizar o efeito do seu crime.

Os assassinos involuntários estavam sujeitos à pena capital somente se o crime houvesse sido obra de sua negligência. Uma negligência que resulta na morte de outra pessoa implica num descuido e desdém flagrantes do bem-estar dos demais. Esta insensibilidade aos outros se opõe de forma absoluta aos ideais de irmandade exemplificados pelos levitas. O papel deles é conectar o povo dos filhos de Israel com D'us através do serviço no Mishcan (e no Templo), e conectar os israelitas entre si ao lhes ensinar a Torá.

Do mesmo modo, todos nós podemos aprender e imitá-los. Devemos buscar melhorar a nossa própria ligação com os nossos próximos, buscar melhorar a conexão de uns com os outros e, também, melhorar a sua ligação com D'us, para assim garantir que nenhum dano físico ou espiritual aconteça com ninguém"

"*A porção da Torá de Massê nos informa da ordem de D'us de que* ***48 cidades fossem dadas aos levitas como moradias****. Entre essas cidades, havia três Cidades de Refúgio localizadas do outro lado do Rio Jordão. Na seção anterior de Matot, lemos como Moisés ficou extremamente descontente quando as tribos de Reuben e Gad pediram para receber sua porção de terra do outro lado do Jordão. Seu descontentamento decorreu do fato de ser inapropriado desejar uma residência permanente fora da Terra de Israel propriamente dita.*

Sendo assim, por que D'us ordenou que os levitas recebessem três Cidades de Refúgio do outro lado do Jordão? *E embora seja verdade que era vital que Cidades de Refúgio fossem estabelecidas em ambos os lados do Jordão, isso por si só não é razão suficiente para tornar essas cidades 'extraterritoriais' moradas permanentes para os levitas.*

Poderíamos salientar que o versículo declara: "Ordena aos filhos de Israel que deem aos levitas cidades residenciais de suas propriedades hereditárias". Portanto, essas cidades não foram dadas como herança de D'us, mas por causa de uma obrigação colocada sobre o povo israelita de dar uma parte de sua herança à tribo sacerdotal.

Como os israelitas receberam suas porções de terra em ambos os lados do Jordão, aqueles que viviam do outro lado eram obrigados a dar uma porção aos levitas também. Em outras palavras, poderíamos dizer que a Torá não especificou que alguns dos levitas deveriam viver do outro lado do rio Jordão. Em vez disso, obrigou todo o povo israelita, incluindo aqueles que viviam do outro lado do Jordão, a doar parte de suas terras aos levitas.

Mas por que os levitas, cuja função principal era servir no Beit Hamicdash, receberiam cidades do outro lado do Jordão? *A resposta reside no fato de que nem todos os levitas serviam no Beit Hamicdash ao mesmo tempo. Isso é amplamente demonstrado pelo fato de que lhes foram atribuídas 48 cidades espalhadas por Eretz Yisrael, bem como do outro lado do Jordão. Além disso, o versículo declara especificamente que os levitas deveriam receber "áreas abertas ao redor de suas cidades… para seu gado". Portanto, era inteiramente possível que entre os levitas houvesse indivíduos com muitos rebanhos, para os quais seria melhor viver do outro lado do rio, onde havia pastagens ideais.*

Mas, esta resposta não é inteiramente satisfatória. Sabendo como sabiam que a principal morada do povo israelita era em Eretz Israel, ***por que os levitas desejariam viver do outro lado do Jordão?*** *Na porção anterior da Torá, descobrimos que Moisés deu à metade da tribo de Menashe uma porção do outro lado do Jordão. Nossos Sábios apontam que eles não pediram esta terra; Moisés a apresentou a eles por conta própria. Ele fez isso porque a primeira entrada do povo israelita em Israel está conectada à sua entrada final através do Mashiach, e Moshe é considerado 'o primeiro e o último redentor'. Sendo assim, a entrega dessa porção a Menashe serviu para prenunciar a futura redenção, ocasião em que os limites de Eretz Yisrael serão ampliados para incluir também o outro lado do Jordão. Vemos, portanto, que tomar uma porção do outro lado do Jordão pode ser um ato inteiramente positivo, já que sugere as fronteiras de Eretz Yisrael nos tempos vindouros. É por isso que foram especificamente os levitas, cujo amor por Eretz Yisrael era tão grande que não sucumbiram às lisonjas dos espiões (que buscavam dissuadir os israelitas de entrarem na terra), que mereceram habitar do outro lado do Jordão. Fizeram-no como precursores dos tempos vindouros*". Baseado em *Likkutei Sichos* Vol. XXVIII, pp. 213-218, mas obtido de site a seguir: https://www.chabad.org/therebbe/article_cdo/aid/92831/jewish/Matos-Masei-Levitical-Cities.htm

Portanto, como podemos integrar as informações acima apresentadas e em especial a referência quando chegar os tempos vindouros? Acima podemos encontrar a frase: "*Assim, a terra que cairá para vos significa também que é a oportunidade única que cada alma tem ao vir ao mundo: transformar o físico em sagrado e revelar o proposito Divino neste mundo. Como está dito: No futuro, a Terra de Israel se expandira e englobara todo o mundo*".

As seis cidades de refúgio representam as seis Sefirot ou as Midot (Sentimentos). Cada cidade de refúgio oferece uma proteção ao nível da alma, correspondendo a uma das Sefirot. Se olharmos para as Midot, ou a manifestação perceptível de D'us na Criação, temos que as Midot participam do processo de retificação, sendo essenciais para restaurar a harmonia entre os aspectos masculino e feminino da Criação. Lembrando que "*D'us ordenou a Moshê: 'Entre as cidades que devem ser dadas aos levitas devem ser incluídas as seis cidades de refúgio'".*

Assim, podemos associar as cidades de refúgio as características de Hessed (Misericórdia), onde o acolhimento se contrapõe ao assassinato. Gueburah (Severidade), contenção, no fundo, confina o assassino involuntário à cidade de refúgio. Tifereth (Harmonia), medeia entre misericórdia e severidade. Netsah (Perseverança), nos apresenta o refúgio duradouro. Hod (Reconhecimento), leva a pessoa, ou seja, o criminoso a reconhecer a gravidade do ato e Yessod (Fundação), que representa a conexão, é o ponto de transição para um novo começo na vida daquela pessoa.

As cidades levitas e em especial as cidades de refúgio, espalhadas em ambos os lados do Rio Jordão, garantem o equilíbrio entre misericórdia e severidade, além de espalhar o entendimento tanto na área coberta pela Terra Prometida, quanto além desta região. Dessa forma, os levitas e suas cidades propiciam que a energia Divina presente em Binah desça e se manifeste em Malkhuth, para nos ensinar a reparar falhas internas e sociais com amor, justiça e conexão verdadeira, preparando-nos para '*os tempos vindouros'*.

Mas, observamos que existem 48 cidades destinadas aos levitas. Essas 48 cidades representam os 48 Portões de Binah. Binah (Entendimento, a mãe) possui, segundo o Zohar (III, 130 b), 48 Portões internos pelos quais a alma recebe discernimento profundo. As 48 cidades distribuem a Luz, ou seja, os levitas e, consequentemente, as cidades são canais de Binah que convertem o entendimento Divino em ensinamentos práticos para o povo. **Mas, neste caso falta uma Porta? Por que 48 cidades, se tradicionalmente existem 49 Portões de Binah?**

Os 49 Portões de Binah estão presentes no Talmud, em Rosh Hashaná 21b, que afirma que "*Cinquenta portões de entendimento foram criados no mundo e todos foram dados a Moisés, exceto um.*" Moisés alcançou 49 níveis. O 50º permaneceu exclusivamente na esfera Divina. Logo, toda revelação acessível ao Ser Humano termina no 49º nível.

Por que aparecem então, apenas 48 Portões? Os 48 centros levíticos representam os canais permanentes pelos quais Binah se distribui dentro do mundo criado. O 49º Portão não pode ser institucionalizado. Ele não pode tornar-se uma cidade. Assim, permanece transcendente. Portanto, 48 Portões podem ser institucionalizados, mas o 49º Portão somente pode ser recebido.

Observando Pirkê Avot 06:06, aprendemos que a Torá é adquirida por 48 qualidades, permitindo fazer a relação entre as 48 maneiras de adquirir a Torá com as 48 cidades levitas. Os levitas, residentes nas 48 cidades, ensinam a Torá espalhando-a, assim, por todo Israel. **Então, onde está a 49ª Porta?** Segundo o Ari, o 49º Portão não pode ser ensinado, somente pode ser recebido. Os primeiros 48 níveis podem ser acessados por meio do esforço do Ser Humano, mas o 49º já pertence ao domínio da Graça Divina.

O Menachem Mendel Schneerson observa que existe uma diferença entre compreender a D'us e encontrar a D'us. Binah produz compreensão, mas existe um nível superior onde a alma encontra aquilo que ultrapassa toda compreensão. Esse é justamente o domínio da 49ª Porta, teoricamente, ausente.

O Pedreiro passa anos estudando símbolos, aprende sobre geometria, filosofia, ética e a lapidar a pedra. Tudo isso corresponde as 48 cidades, posto que, são conhecimentos organizados, que podem ser ensinados, transmitidos e praticados. Mas, chega um momento em que o conhecimento deixa de crescer horizontalmente e começa a aprofundar-se verticalmente. É este momento que corresponde, à 49ª Porta. Ela é concedida quando o intelecto já foi completamente refinado. Ou seja, a 49ª Porta é recebida como um dom e não é, portanto, uma conquistada realizada pelo intelecto.

Talvez seja exatamente por isso que a Torá não estabelece 49 cidades para os levitas. A missão dos levitas consiste em conduzir Israel até o limite onde é possível ensinar. A partir desse ponto, o encontro com o Eterno já não depende do professor Mestre Pedreiro, do Sacerdote e/ou do Levita. Depende da abertura da própria alma à Luz que advém diretamente do Alto.

Assim, temos 5 pontos importantes a ressaltar:
1) Nas 48 cidades levitas é onde o ensino é distribuído ao povo.
2) Há 48 formas de adquirir a Torá. Isto representa o trabalho de refinamento do Ser Humano.
3) O 49º Portão de Binah é o ápice do entendimento acessível.
4) O 50º Portão é onde ocorre a transcendência absoluta e é reservado ao Eterno.

A Torá nos apresenta que existe um espaço onde nenhuma estrutura erguida pelo Ser Humano pode preencher. Este é o 49º Portão de Binah. Esse espaço nos recorda que, por mais elevado que seja o conhecimento do Ser Humano, sempre existirá uma dimensão da Sabedoria Divina que permanece infinita e que somente pode ser, levemente, percebida. Essa percepção vem como um dom, que é decorrente da dedicação realizada por uma pessoa ao longo da via.

6.(Massê) – Números 35:09-34 – "*Em seguida, D'us ordenou a Moshê e ao povo dos filhos de Israel designar, entre as quarenta e oito cidades levitas, especificamente seis como refúgio para aquelas pessoas que houvessem cometido um assassinato involuntário. Sinais do alto. D'us ordenou a Moshê que dissesse ao povo israelita: 'Vocês devem designar [seis] cidades para si mesmos que funcionarão como cidades de refúgio'.*

Os caminhos que levavam às cidades de refúgio deviam ser amplos e abertos, de tal forma que aquele que necessitasse usá-los poderia fazê-lo com facilidade. Em cada cruzamento eram colocados sinais para indicar claramente o rumo até as cidades de refúgio.

Do mesmo modo, D'us mantém o caminho para o estilo de vida da Torá (a nossa 'cidade de refúgio' espiritual) aberto, acessível e claro para cada um de nós. Além disso, envia-nos indícios e sinais para nos ajudar a encontrar o rumo correto na vida.

Entretanto, para poder escutar a voz de D'us com mais clareza, devemos ajudar os demais a encontrar a direção correta em suas vidas. Todos devemos nos considerar 'sinais de trânsito' cuja função é orientar aos demais na direção da vida e da bondade. Quando D'us vê que nós estamos indicando o rumo certo para os outros, Ele nos mostra o nosso próprio caminho com ainda mais clareza.

No sentido ideal, devemos tentar ser mais do que meros 'sinais de trânsito' inanimados que ajudam somente a quem se aproxima em busca do caminho correto. Podemos ser 'sinais vivos' e nos aproximar das outras pessoas para não apenas ajudá-las, como também, se necessário, o torná-las conscientes de que a mais importante de suas buscas deve ser como viver uma vida que seja sagrada e Divina".

"*Em Bamidbar (Números) 35:13 a Torá determina 'shesh arê miklat' (שֵׁש עָרֵי מִקְלָט) seis cidades de refúgio. As rashê tevot das palavras acima formam Shema (שמע) – escuta -, mencionada em Devarim 06:04, quando aprendemos a respeito da fé em um único D'us.*

E as rashê tevot acima formam as três rezas diárias: Shacharit – (שחרית), Minchah - (מנחה) e Arvit – (ערבית). Por meio delas estabelecemos nossa comunicação com nosso Criador, reforçando nossa confiança e fé Nele.

Também encontramos as mesmas rashê tevot nas palavras do profeta Ieshaiáhu (Isaías) (יְשַׁעְיָהוּ) 40:26, Seú marom enechem (שְׂאוּ מָרוֹם עֵינֵיכֶם), ***- Erguei para o alto vossos olhares - e percebei: Quem tudo criou?*** *Sobre a soberania de D'us.*

A integração entre estes assuntos se manifesta pelo fato de estarmos muito ocupados nas tarefas de nosso dia a dia, correndo o risco de esquecermos a bondade e piedade que D'us nos concede a cada momento.

Portanto, as rezas diárias lembram e reforçam o nosso dever de sempre meditar sobre a grandeza de D'us e Sua infinita benevolência, que nos acompanha a cada instante. Elas são o "refúgio" espiritual de cada um de nós, todos os dias". Bamidbar, O Deserto da Fé, pp 282-283.

Como já foi visto acima, as cidades de refúgio são, de fato, espirituais e não apenas lugares materiais erguidos no meio do deserto. Assim, a oração diária, o escutar o seu interior (Shemá Israel), o olhar na direção do Divino e o não faça ao próximo o que não queres que te façam, são os '*refúgios*' ou são as verdadeiras cidades de refúgio espirituais para a alma, em meio ao tumulto do mundo, onde as paixões desprezíveis reinam.

7.(Massê) – Números 36:01-13 – "*D'us conclui ditando as leis de herança da terra. Ninguém está sozinho. D'us disse a Moshê: 'Cada pessoa... permanecerá ligada à herança da tribo do seu pai'.*

Apesar de ser parte integral da Torá, as leis de herança apenas foram dadas por D'us depois que cinco irmãs adultas, solteiras e órfãs as filhas de um membro da tribo de Menashe que não teve filhos homens alegaram diante de Moshê que tinham direito sobre a parcela paterna na Terra de Israel. A petição particular que fizeram a Moshê levou à revelação de seções da Torá que, consequentemente, iriam tornar-se obrigatórias para o povo israelita em sua totalidade.

Isto nos ensina que nunca devemos pensar que a nossa vida particular só diz respeito a nós ou ao nosso círculo próximo de família ou amigos, e que, portanto, estamos livres para nos conduzir nestes assuntos do modo que melhor nos pareça. Assim como essas mulheres consultaram a Moshê com respeito ao que parecia ser um assunto estritamente pessoal sua herança, também devemos nos consultar com autoridades rabínicas qualificadas mesmo no tocante a aspectos aparentemente insignificantes de nossas vidas, porque até mesmo as nossas ações 'particulares' têm implicações mais amplas do que podemos prever de maneira imediata".

"*Em Bamidbar 36:13, no último Passuk e conclusão de nosso livro, podemos concluir 13 passos para o caminho do bem que Moshê precisou seguir para a jornada com o povo durante a estadia no deserto:*

1) *Por mais que lhe falem de tristeza ... prossiga sorrindo!*
2) *Por mais que lhe demonstrem rancor ... prossiga perdoando!*
3) *Por mais que lhe tragam decepções ... prossiga confiando!*
4) *Por mais que lhe ameacem de fracasso ... prossiga apostando na vitória!*
5) *Por mais que lhe apontem erros ... prossiga com os seus acertos!*
6) *Por mais que discursem sobre a ingratidão ... prossiga ajudando!*
7) *Por mais que noticiem a miséria ... prossiga crendo na prosperidade!*
8) *Por mais que lhe mostrem destruições ... prossiga na construção!*
9) *Por mais que acenem doenças ... prossiga vibrando saúde!*
10) *Por mais que exibam ignorância ... prossiga exercitando sua inteligência!*
11) *Por mais que o assustem com a velhice ... prossiga sentindo-se jovem!*
12) *Por mais que plantem o mal ... prossiga semeando o bem!*
13) *Por mais que contém mentiras ... prossiga na sua verdade!*

Por mais difícil nos pareçam estas 13 tarefas, Moshê prosseguiu acreditando na capacidade que D'us lhe concedeu para cumpri-las. E assim assumiu com sucesso seu compromisso com o povo. E como um encerramento sintético deste nosso livro Bamidbar, podemos apresentar:

1-Bamidbar - No deserto.
2-Nassó - Levantar-se e erguer-se.
3-Behaalotechá - Acender.
4-Shelach Lechá - Enviar.
5-Corach-Adversidades.
6-Chukat - As incógnitas da vida.
7-Balak – D´us sabe tudo o que pensam e fazem.
8-Pinechas - Aliança de paz.
9-Matot - Cabeças das tribos.
10-Mass'ê- Continuar a viajar.

No início, a pessoa pode pensar que sua vida é como um deserto vazio. Não há nada importante, ninguém vê e julga o que ocorre, não há nada de útil. Porém, ela deve erguer sua cabeça para

observar melhor o seu espaço e atmosfera de vida, acendendo uma pequena luz, que simboliza a Torá, e enviar a D'us suas preces, incertezas e inseguranças, para que as adversidades da vida não a decepcione.

Há incógnitas na vida e no mundo, sim! Não entendemos tudo! Ela não deve se preocupar, mas sim confiar e ter fé no Criador, e abrir seu coração para Ele. Pois sobre aqueles ao seu redor, D'us sabe tudo o que pensam e fazem, e Ele é o verdadeiro rei e juiz. Não se quebre pelas mágoas e ilusões da vida. É importante a pessoa ficar em paz consigo mesma!

Ela pode buscar orientações com os representantes que D'us lhe enviou, os cabeças das gerações e líderes espirituais, que ensinarão a Torá e suas Mitzvot. Ela deve viver a vida que D'us outorgou, e seguir em frente! Deve continuar a 'viajar' nesta linda e maravilhosa missão para ter sucesso em tudo que fizer. Este é o propósito da criação.

Todo o livro Bamidbar possui 1288 Pessukim. Moshe, nosso líder e mestre dos profetas, recebeu destaque especial neste livro. Pois soube transmitir a Torá ao povo e guiá-lo no deserto de uma forma sábia e justa, enfrentando as dificuldades com prudência e sapiência". Bamidbar, O Deserto da Fé, pp 286-288.

CHAZAC CHAZAC VENIT'CHAZEC
FORÇA! FORÇA! QUE SEJAMOS TODOS FORTALECIDOS

12 - O Bamidbar (No deserto) – A Justiça – A Chave

Prezado Mestre!

Chave de Marfim – Ela simboliza que os Pedreiros agora têm acesso a conhecimentos reservados aos graus superiores da Organização dos Pedreiros Livres. Ou seja, representa o acesso a níveis mais profundos de sabedoria e compreensão. **O Marfim** nada mais é do que uma expressão de força, como está escrito: "*Seu ventre é como uma tábua de marfim*". Cântico dos Cânticos 05:14.

Mas, é importante caracterizarmos a substância "**Marfim**" e seu uso. A palavra Marfim é um substantivo masculino, ou seja, na Cabala é um doador. É uma substância óssea dura, rica de sais de cálcio, que forma a maior parte dos dentes. Há muitos objetos esculpidos em Marfim. O Marfim representa a Brancura. A frase "*Deixar correr o marfim*", significa que a pessoa não se importa com coisa alguma. É indiferente a tudo.

O negócio do Marfim, vindo da África e da Índia, deu suporte importante as antigas civilizações da Assíria, Tiro e Egito. Salomão mandou fazer um grande trono de Marfim recoberto de ouro, que era trazido em navios de Társis - 1Reis 10:18 – Fez (עָשָׂה) mais o rei (מֶלֶךְ) um grande (גָּדוֹל) trono (כִּסֵּא) de marfim (שֵׁן) (dente) e o cobriu (צָפָה) de ouro (זָהָב) puríssimo (פָּז).

Em 1Reis 10:22 encontramos: Porque o rei (מֶלֶךְ) tinha no mar (יָם) uma frota (אֳנִי) de Társis (תַּרְשִׁישׁ), com as naus (אֳנִי) de Hirão (חִירָם); de três em três (שָׁלוֹשׁ אֶחָד) anos (שָׁנָה), voltava (בּוֹא) a frota (אֳנִי) de Társis (תַּרְשִׁישׁ), trazendo (נָשָׂא) ouro (זָהָב), prata (כֶּסֶף), marfins (שֶׁנְהַבִּים), bugios (קוֹף) e pavões (תֻּכִּי)

Retornando ao tema central temos que: {*O nome hebraico do Gênesis é Bereshit, que significa "no princípio"; o livro apresenta as circunstâncias históricas e religiosas da criação do mundo e da humanidade e, em especial, do povo israelita, bem como a entrega da Torá e a dádiva da Terra de Israel.*

O nome do Êxodo, em hebraico, é Shemot, que significa "nomes"; esse livro descreve como D'us tomou "uma nação do meio de outra nação" e forjou a identidade e psique da nação judia, cuja tarefa é fazer deste mundo um santuário para a consciência Divina.

O Levítico, em hebraico Vayikrá, que se traduz por "e Ele chamou", expõe minuciosamente como o israelita deve responder ao chamado Divino, mantendo-se afastado do materialismo deste mundo e, ao mesmo tempo, elevando-o e espiritualizando-o.

O livro, Números, em hebraico se denomina Bamidbar, "no deserto". A imagem do deserto é de uma terra estéril, inculta e incivilizada. Ele simboliza, assim, nossa realidade física não retificada, que é em grande medida indiferente, contrária e muitas vezes até antagônica à consciência Divina. Depois de nos dizer como o mundo - projetado originalmente como jardim da Divindade - transformou-se neste "deserto", como o povo israelita foi criado e recebeu a missão de restaurar a natureza intrínseca do mundo e instruções sobre como fazê-lo, a Torá nos conta agora que os israelitas são enviados a tal "deserto" para alcançar esse objetivo, provando sua dedicação a seu destino e resistência aos elementos hostis do ambiente. Essa tensão dramática constitui a base da história seminal do povo israelita registrada em Números.

Não surpreende, portanto, que a primeira parashá de Números que tem o mesmo nome do livro, Bamidbar, "no deserto" - descreva como D'us reúne a jovem nação para formar Seu exército. É verdade que o povo israelita foi designado como exército logo que saiu do Egito: "Naquele mesmo dia, todas as hostes de D'us saíram do Egito". Porém, é só nesta Parashá Bamidbar, quando os israelitas estão prestes a deixar a torre de marfim protegida da Yeshivah do Monte Sinai para iniciar

a incursão pelo temível deserto, que vemos o povo ser contado, organizado por genealogia e alistado em um exército formal.

A primeira lição de Bamidbar, então, é que jamais devemos nos iludir pensando que a realidade em seu presente estado é uma entidade benigna, neutra, e nós nada devemos fazer para aperfeiçoá-la. O mundo e tudo que há nele é um desafio, uma convocação às "armas", que nos acena para que empreguemos nossas maiores forças espirituais a fim de redimi-lo, de modo que ele volte a ser um lar para D'us.

Mas, por que todos os detalhes?** Bamidbar parece ser um interminável banco de dados de nomes de famílias, estatísticas e redundâncias. **Não seria muito mais simples a Torá resumir em poucas palavras ou frases todo o processo de recenseamento e recrutamento?

Para que isso possa ser minimamente compreendido, é preciso notar que com pouquíssimas exceções significativas a Torá descreve a contagem de todas as tribos exatamente da mesma maneira. Assim, por um lado, o censo é o grande equalizador: cada um é contado como um, e nossa individualidade se perde quando nos tornamos componentes indiferenciados do todo conglomerado. Por outro lado, todos são contados, e o coletivo implicitamente é incompleto se não estiverem presentes todas as suas unidades constituintes. Isso mostra que a contribuição de cada indivíduo para o todo é única, ninguém mais pode dá-la.

Em outras palavras, o censo expressa a interação paradoxal entre a identidade individual e a coletiva. Cada um de nós é um indivíduo único, totalmente diferente dos outros, abençoado com forças e desafios próprios, de valor infinito e insubstituível. De modo geral, essa individualidade se manifesta na subdivisão do povo israelita em doze tribos distintas, das quais cada uma recebeu uma bênção própria, particular, do progenitor comum, Jacob, com base em sua variante específica, singular, do tema tratado pela Torá do serviço a D'us. Assim, cada tribo (Loja) *é contada separadamente; esse fato é registrado na Torá, para nos informar que somos singulares, e nossa contribuição única é indispensável na batalha por Divindade neste mundo.*

Por outro lado, por partilharmos uma identidade coletiva, refletimos e complementamos uns aos outros. Nenhum de nós é capaz de travar a batalha sozinho, precisamos todos contar com a força e inspiração de nossos irmãos israelitas. Por essa razão, não basta ouvirmos e lermos o relato da Torá do censo de nossa própria tribo; devemos ouvir e ler sobre os censos de todas as tribos, um a um, embora nos pareçam idênticos. Dessa maneira, absorvamos as forças interiores inerentes a cada tribo e podemos identificar-nos com todas elas (Organização dos Pedreiros Livres).

A identidade comum, coletiva, que todos partilhamos é o âmago da alma Divina, a "parte de D'us nas alturas" dentro de cada um de nós. No entanto, paradoxalmente, essa mesma alma Divina é a fonte de nossa individualidade, porque a Divindade é, a um só tempo, simples e complexa: D'us é uma unidade absolutamente simples, não complexa, e tudo que é Divino reflete essa unicidade. Ao mesmo tempo, porém, D'us é a fonte de tudo que existe, o que significa que Sua unicidade incondicional contém potencialmente infinitas variedades de expressão. Cada alma Divina é tanto expressão da simplicidade absoluta da Divindade como faceta única do potencial de D'us de expressar-Se. Assim, o paradoxo do senso nos força a considerar e focar o aspecto de nossa personalidade que todos possuímos em comum, igualmente, que é também a fonte de nossa individualidade infinitamente singular, o âmago da alma Divina.

É esse ponto interior de Divindade dentro de nós que nos motiva e impele na luta para redimir o mundo. Pois, assim que nos sintonizamos com nossa ligação profunda com D'us, nada é capaz de opor-se a nossa dedicação ao desafio deste livro: empreender uma viagem perigosa, mas promissora, através do deserto ímpio, transformando-o por fim na Terra Prometida. Com tal inspiração, estamos prontos para juntar-nos às fileiras das legiões de situação é que agora devemos forçosamente concentrar-nos no caráter inclusivo recíproco do povo israelita, cultivando todos nós as características peculiares a cada tribo.

D'us, a fim de sermos contados e alistados nas forças do bem e da santidade, cuja missão é levar o mundo a sua mais verdadeira realização}**.** Torá a Lei de Moisés.

Tornar feliz a humanidade esse é o objetivo do povo israelita e, de forma associativa dos Pedreiros Livres também. Se ao longo do texto acima trocarmos a palavra israelita por Pedreiro Livre, sentiremos pouca ou nenhuma alteração de propósito. Mas, como o texto diz cada pessoa é única com sua identidade individual, porém também é coletiva.

Portanto é usando o que está escrito na Torá Vayikrá (Levítico) 19:18, pg. 348, "*Amaras a teu próximo como a ti mesmo*". Mas, observando a interpretação dada pelo famoso Rabino Hilel "*Não faças a teu companheiro o que não queres que te façam*" (Comentários da Torá, pg. 348). Ou seja, essa interpretação se aplica a todas as pessoas, independentemente de qualquer restrição que se possa colocar sobre ela. Da mesma forma, o fazer e o não fazer, o Bem e o mal, estão a nossa disposição. Não há um só momento que não saibamos distinguir o certo do errado. Não é possível para um Ser Humano esconder-se do Eterno D'us, pois é impossível para qualquer pessoa se esconder de si mesmo. A centelha Divina está dentro de nós.

Assim a **Chave de Marfim**, pelo acesso que ela proporciona, permitirá gradativamente que percebamos o que está próximo e não enxergamos. Mas, o meu nível de ocultação é somente meu. A minha missão é somente minha. Cada pessoa tem uma missão a ser realizada. Milagres de milagres fizeram que nós estivéssemos vivendo este momento. Há um propósito na criação.

Reconhecer que dia após dia, noite após noite, num momento de graça, o Eterno D'us nos concedeu a graça de acordar, de ver a luz do sol, de ver a chuva, de ouvir os pássaros, de saborear a água, de ter um dom em nossas mãos, que se traduz em bondade e perfeição puras, é muito difícil. Repito: Uma sequência infinita de milagres de milagres permitiu e permite a nossa existência.

Teremos de realizar a reforma interna. Depende única e exclusivamente de cada um de nós. Temos de nos dedicarmos a conhecer mais sobre a Organização dos Pedreiros Livres. Nesta busca, indubitavelmente, nos depararemos com a espiritualidade. Na realidade, a Organização nos prepara para o encontro que teremos com o GADU, após finalizar a passagem por este plano espiritual.

Quem escreveu os nossos Livros conhecia este caminho. Este é o verdadeiro segredo da Organização. Está escondido nos livros, na forma circular das Reuniões, na Egrégora, no nome União, nos nomes Sagrados que estão à vista de todos dentro da Loja, mas que não são vistos.

Muitas vezes nos sentimos entediados, pensamos genericamente que não temos objetivo, que a Organização não faz nada. Mas, isto é, porque não observamos os objetivos básicos. Para podermos tornar feliz a Humanidade, precisamos tornar feliz a nós mesmos em primeiro lugar. Para sermos felizes, precisamos nos conhecer integralmente. Conhecer o quanto de bem existe dentro de nós e o quanto de mal existe dentro de nós.

O objetivo do Mestre Pedreiro é transformar as trevas em luz! É transformar o amargo em doce. É transformar o nosso coração de pedra "*amargo*" em um coração "*doce*" em sentimentos. A **Chave de Marfim** está em nossas mãos.

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!

Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (בעזרת השם)
Com a ajuda do Eterno D'us, Bendito Seja.
São José dos Campos, Terça-feira, 30 Abril, 2024, 22 Nissan, 5784
Roberto Lage Ben-Guedes

13 - O Ser Humano é Mal Desde o Princípio e o Eterno Criou a Torá como Tempero

Prezado Mestre!

"*Eu criei a inclinação ao mal; Eu criei para ela a Torá como tempero*". Devemos entender Tempero como antidoto. Tratado do Talmud Kidushin 30b. Em Isaías 45:07 encontramos "*Eu formo a luz e crio a escuridão; Eu faço a paz e sou Eu quem cria o mal; Eu sou o Eterno quem tudo faz*". Torá Sefer, pg. 1191.

O Criador é doação absoluta. Nós somos recepção. Recebendo em prol da doação, transformamos a recepção em doação. É por isso que a qualidade de recepção com a intenção de doar é chamada de "*alma*".

No Tanakh podemos encontrar os fundamentos deste conceito de "*doação e recepção*". Em I Crônicas 29:14 – o Rei Davi expressa que tudo o que o Ser Humano possui ou tenta devolver a D'us, na verdade, veio do próprio Criador: "***Porque quem sou eu, e quem é o meu povo, para que pudéssemos oferecer voluntariamente coisas tais?*** *Tudo vem de Ti, e do que é Teu Te damos*" (I Crônicas 29:14).

Em Salmos 145:15-16 também encontramos "*Os olhos de todos esperam em Ti, e Tu lhes dás o seu mantimento a seu tempo. Abres a Tua mão, e fartas o desejo de todos os viventes*."

Em Gênesis (Bereshit) 02:07 nos mostra que o ato físico e espiritual da criação do Ser Humano demonstra essa dinâmica de sopro (doação) e absorção (recepção). Ou seja, "*E formou o Eterno D'us o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.*"

Mas, primeiro é importante olharmos para questão das duas dimensões da alma, que muitas vezes é repetida "*justo e perfeito*". Primeiro vamos olhar para o **justo** (Tzadik). A palavra Tzadik vem da raiz Tsédek, que significa justiça.

Mas, quem é justo? Justo é aquele que:

1. Age com retidão nas relações humanas. Ele não oprime o estrangeiro, não explora o pobre, não perverte a justiça. Sua vida é um eco do mandamento: "*Justiça, justiça seguirás*" (Deuteronômio 16:20).

2. Equilibra julgamento e misericórdia. Ele sabe quando aplicar a lei com rigor (*Din*) e quando estender a compaixão (*Hessed*). Seu julgamento não é cego, mas vê o rosto do outro.

3. É o fundamento do mundo. Como diz o Provérbio (10:25): "*O justo é o fundamento do mundo*". A sociedade se sustenta sobre aqueles que agem com justiça.

Olhando agora para o **perfeito** que deriva da palavra Tamim e vem da raiz Tamam, que significa completo, íntegro e sem defeito.

Mas, quem é perfeito? O perfeito é aquele que:

1. É íntegro em sua relação com D'us. "*Perfeito serás com o Eterno teu D'us*" (Deuteronômio 18:13), que significa confiar plenamente, sem recorrer a outras fontes de poder ou orientação.

2. Não tem divisões internas. Pensamento, fala e ação estão alinhados. Não há hipocrisia nele. Ele é "*um Ser Humano com um coração*" (como Israel no Sinai).

3. É completo em seu desenvolvimento espiritual. Alcançou um estado onde todas as partes de sua alma (Nefesh, Ruach, Neshama, Chayá, Yechidá) estão integradas e funcionando em harmonia.

Na relação entre ambos observamos que o justo aponta para o outro, ou seja, para a sociedade, para a relação com o próximo. Já o perfeito aponta para D'us e para a integridade interior.

A pessoa completa (*justa e perfeita*) tem ambas as qualidades onde ela é justa com os outros e perfeita diante de D'us. Não há justiça verdadeira sem integridade interior, nem perfeição verdadeira sem justiça social (Tzedaka).

Na perspectiva do Zohar tem-se que a natureza humana tem suas origens na consciência satânica (ego). Todos somos egoístas, porque fomos criados com a condições de receber. O egoísmo busca nos convencer de que devemos observar a realidade física. Não podemos fugir desta condição.

Mas, podemos controlar o egoísmo. Não podemos matá-lo. Portanto, o objetivo é elevar nossa consciência a um novo nível no qual a natureza humana (alma animal) não exerça mais controle sobre nosso processo de pensamento, fala e ação. Transformar nossa natureza de um confinamento ilusório para uma realidade verdadeira é uma tarefa muito difícil. Devemos desenvolver uma atitude positiva em relação ao próximo e ao meio ambiente. Abraçar atitudes negativas é abraçar sa tan (egoísmo).

Nossa atitude para com o próximo deve ser de humildade, como sugerida pelo Zohar. Quando Jacó encontrou seu irmão Esaú, que estava determinado a matá-lo, Jacó compreendeu que, para superar a essência de sa tan (egoísmo), precisava se humilhar diante de Esaú.

Segundo, devemos vestir um escudo de segurança, onde as energias negativas devem ficar distantes. Os maus pensamentos, fonte de falas e ações não tão boas, devem permanecer fora de nossa casa (consciência), pois lá, longe de nossa alma, a natureza (Elokim) se encarregará de dar o destino correto.

Quando afirmamos que "*o Ser Humano é mal desde o princípio*", não devemos compreender que o Ser Humano tenha sido criado essencialmente mau ou destinado ao mal. O que existe desde o princípio é uma condição própria da criatura. Enquanto o Criador é a fonte e doação, o Ser criado nasce necessariamente como receptor. Ele recebe a vida, o alimento, o mundo, suas capacidades e, finalmente, tudo aquilo que possui, pois "*tudo vem de Ti, e do que é Teu Te damos*" (I Crônicas 29:14).

O problema surge quando esse desejo de receber se fecha sobre si mesmo e transforma a recepção em finalidade. Nesse momento nasce o egoísmo, o Yetzer Hará, ou seja, é a tendência de colocar o "*eu*" no centro da realidade. Assim, aquilo que chamamos de mal não precisa ser entendido como uma substância independente criada dentro do Ser Humano, mas como o direcionamento da capacidade de receber exclusivamente para si.

É precisamente por isso que o Eterno criou a Torá como "*Tempero*" para o Yetzer Hará. O Tempero não destrói o alimento. Transforma o seu sabor. Do mesmo modo, a Torá não pretende eliminar o desejo de receber, porque sem desejo não haveria vida, construção, trabalho, conhecimento ou desenvolvimento. Ela ensina ao Ser Humano a modificar a intenção de sua recepção, fazendo com que aquilo que recebe possa ser colocado também a serviço da doação.

O ego deixa então de governar o pensamento, a fala e a ação e passa progressivamente a servir a um propósito superior. O Ser Humano continua recebendo, mas aprende a receber para compartilhar. Continua possuindo, mas compreende que aquilo que possui veio do Eterno. Continua sendo indivíduo, mas deixa de fazer de si mesmo o centro absoluto da existência.

Nesse processo compreendemos também por que a Torá conduz simultaneamente ao Tzadik e ao Tamim. Ao transformar sua relação com aquilo que recebe, o Ser Humano torna-se Tzadik na direção

do próximo, porque sua existência deixa de ser exclusivamente autocentrada e passa a produzir justiça, misericórdia e doação. Torna-se Tamim diante de D'us porque pensamento, fala e ação começam a convergir para uma mesma finalidade. A inclinação ao mal, portanto, não precisa ser exterminada, mas educada, limitada e elevada. Eis o sentido do "*Tempero*". A Torá trabalha sobre a matéria que já existe no Ser Humano e lhe dá outra direção.

Podemos, portanto, compreender a aparente contradição. O Ser Humano possui desde o princípio a inclinação para receber e, justamente, por isso recebeu a Torá. O Yetzer Hará fornece a força do desejo. A Torá fornece-lhe direção. Sem desejo, não haveria movimento. Sem Torá, o movimento poderia permanecer preso ao ego. O trabalho espiritual consiste em unir ambos, fazendo com que a própria força que poderia afastar o Ser Humano do Criador seja transformada em instrumento de aproximação. Talvez seja este o verdadeiro sentido do "*Tempero*", ou seja, D'us não criou a Torá para destruir aquilo que existe no Ser Humano, mas para ensinar ao próprio Ser Humano a transformar aquilo que recebeu em capacidade de doar.

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!

Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (בעזרת השם)
Com a ajuda do **Eterno D'us, Bendito Seja.**
São José dos Campos, Domingo, 15 Fevereiro, 2026, 28 Shevat, 5786
Irmão Roberto Lage Ben-Guedes

14 - Os Sete Altares dos Patriarcas

Preado Mestre!

Os sete altares que os antepassados israelitas construíram são citados na Parashat de Balac por Bilam. Bilam manda Balac construir sete altares em contraposição aos sete altares dos Patriarcas. Nos comentários de Rashi sobre Números 23:04 diz "*Construí os sete altares*" encontramos que Bilam não disse "*sete altares*", mas "***os sete altares***", como se estivesse se referindo a algo já conhecido. Então Rashi explica que Bilam estava argumentando diante de D'us que "*os antepassados deles* (israelitas) *construíram diante de Ti sete altares, e eu construí um número equivalente*".

Segundo Rashi, esses sete altares foram construídos pelos três Patriarcas:
Abraão – 4 altares
1. Siquém (Gênesis 12:07) - Após a promessa da terra, Abraão construiu um altar ao Eterno.
2. Entre Betel e Aí (Gênesis 12:08) - Abraão constrói outro altar e invoca o Nome Divino.
3. Hebron (Gênesis 13:18) - Após separar-se de Ló, constrói um novo altar.
4. Monte Moriá (Gênesis 22:09) - O altar da Akedá.

Isaac – 1 altar
5. Beer Sheva (Gênesis 26:25) -Isaac constrói um altar após a revelação Divina.

Jacó – 2 altares
6. Siquém (Gênesis 33:20) - Após retornar de Padã-Arã, Jacó ergue um altar.
7. Betel (Gênesis 35:07) - Depois da visão e do retorno à Terra Santa, Jacó constrói outro altar.

É a esses 7 altares que Bilam se refere. Entretanto, os Sábios explicam que Bilam compreendeu apenas o aspecto externo dos altares. Ele imaginou que poderia igualar o mérito dos Patriarcas reproduzindo a mesma quantidade de altares. Mas, percebemos que os sete altares dos Patriarcas nasceram de sete experiências de entrega, fé, exílio, promessa e união com D'us. Os sete altares de Bilam foram construídos para tentar alterar um decreto Divino em benefício de Balac.

O Zohar vê aqui uma diferença fundamental, posto que os Patriarcas erguiam altares para atrair a Presença Divina ao mundo. Bilam, por outro lado, erguia altares para atrair poder espiritual para seus próprios objetivos. Os cabalistas observam ainda que há correspondência entre os sete altares dos Patriarcas com às sete Sefirot emocionais.

Abraão inicia o processo de revelação da Luz Divina. Isaac introduz o refinamento e a disciplina. E Jacó estabelece a harmonia entre as forças. Assim, os sete altares dos Patriarcas representam a construção gradual da estrutura espiritual de Israel.

Por essa razão, quando Bilam reproduz o número sete, ele copia a forma exterior sem possuir a raiz espiritual dos Patriarcas. O número é idêntico, mas a intenção, a consciência e a raiz da ação são completamente diferentes. É justamente essa diferença que explica por que suas tentativas de amaldiçoar Israel terminam transformando-se em bênçãos.

Bilam acreditava que D'us responderia à quantidade de altares. Por outro lado, os Patriarcas sabiam que D'us responde à qualidade da ligação entre a alma e o Criador, ou seja, a intenção. A Parashá Balac mostra que a santidade nasce da adesão à vontade Divina, que foi precisamente o legado dos Patriarcas simbolizado aqui pelos sete altares.

Olhando para o interior de um Pedreiro, como pode o Pedreiro internalizar este conhecimento, para poder tornar-se uma pessoa melhor e maior? Maior no sentido da elevação espiritual e não no sentido de angariar frutos materiais. Eles, os frutos materiais, podem vir ou não, mas se vierem devem ser uma consequência natural por ter o Pedreiro tornar-se uma pessoa melhor.

Olhando para o interior de um Pedreiro, a lição dos sete altares dos Patriarcas e dos sete altares de Bilam é muito interessante. Ela ensina que duas pessoas podem realizar exteriormente o mesmo ato, utilizar os mesmos símbolos, empregar as mesmas palavras e até seguir os mesmos rituais, enquanto os resultados espirituais são completamente diferentes. A diferença reside na intenção, na motivação e na direção interior da alma.

Abraão, Isaac e Jacó não construíram altares para obter poder espiritual. Cada altar marcou uma transformação interior. O altar era a expressão visível de uma mudança invisível que já havia ocorrido dentro deles. Bilam, por sua vez, construiu sete altares buscando produzir um efeito externo. Seu foco estava no resultado que desejava alcançar. Os Patriarcas concentravam-se em sua relação com o Eterno. Bilam concentrava-se no objetivo que pretendia obter.

Para um Pedreiro, essa distinção possui enorme relevância. O trabalho do Pedreiro constitui-se em compreender e utilizar símbolos, ferramentas, graus, palavras e cerimônias. Tudo isso constitui um veículo. O verdadeiro Templo, porém, permanece no interior do Ser Humano. O esquadro, o compasso, o nível e o prumo possuem valor porque apontam para estados da alma. Quando a atenção se fixa apenas na forma exterior, o símbolo perde sua função transformadora. Quando a atenção se dirige ao aperfeiçoamento interior, o símbolo torna-se uma ferramenta viva de construção espiritual.

Os sete altares dos Patriarcas podem ser compreendidos como sete etapas de edificação da alma. Cada altar representa um momento em que o Ser Humano entrega uma parte de seu ego ao serviço de um propósito superior. O altar é um lugar onde algo é oferecido e não recebido. Essa é uma das maiores lições para quem busca crescimento espiritual. A verdadeira ascensão ocorre quando o Pedreiro pergunta menos sobre aquilo que pode adquirir e mais sobre aquilo que pode transformar dentro de si mesmo.

Na linguagem cabalística, o altar representa o refinamento do desejo de receber. O fogo que consome a oferenda simboliza a elevação desse desejo a uma finalidade mais elevada. O Pedreiro pode aplicar esse princípio diariamente, observando suas próprias motivações. Antes de cada ação, pode perguntar a si mesmo **Estou fazendo isso para fortalecer meu ego ou para aperfeiçoar minha alma?** Essa simples questão interior já constitui um altar espiritual.

Abraão construiu altares em momentos de revelação. Isaac construiu um altar em um momento de estabilidade e perseverança. Jacó construiu altares após enfrentar provações e transformações. Juntos, eles ensinam que a construção espiritual não depende das circunstâncias externas. O altar pode ser erguido na alegria, na disciplina, na luta, na incerteza ou na realização. Cada situação da vida oferece matéria-prima para o trabalho interior.

Para um Pedreiro, a pedra bruta representa aquilo que ainda precisa ser refinado. O altar representa o lugar onde esse refinamento é oferecido ao Criador. Em termos práticos, isso significa transformar orgulho em humildade, impaciência em perseverança, julgamento em compreensão, ambição em serviço e desejo de reconhecimento em desejo de contribuir.

Os ensinamentos de Ari nos mostram que toda alma desce ao mundo para realizar um Tikun específico (missão). O crescimento espiritual não consiste em acumular conhecimentos, títulos ou distinções. Consiste em aproximar a alma de sua raiz. Sob essa ótica, o sucesso material deixa de ser a medida principal da realização de um Ser Humano. Ele pode surgir como consequência natural de uma vida equilibrada e disciplinada, porém o verdadeiro êxito é medido pelo grau de alinhamento entre a vontade pessoal e a vontade Divina.

Existe ainda uma lição particularmente importante na comparação entre os Patriarcas e Bilam. Bilam possuía grande conhecimento espiritual. Os Patriarcas possuíam transformação espiritual. O conhecimento amplia a compreensão. A transformação modifica o Ser. Um Ser Humano pode conhecer muitos símbolos e permanecer prisioneiro de seus próprios impulsos. Outro pode compreender poucos símbolos e, ainda assim, alcançar elevada estatura espiritual porque permitiu que esses ensinamentos remodelassem sua consciência.

Assim, o Pedreiro pode internalizar a mensagem dos sete altares entendendo que cada dia oferece uma oportunidade para erguer um altar invisível dentro de si. Esse altar é construído quando ele escolhe a verdade em vez da aparência, o serviço em vez da vaidade, a retidão em vez da conveniência e a união em vez da divisão. Cada uma dessas escolhas acrescenta uma pedra ao Templo interior.

À luz da Cabala, o objetivo final desse trabalho é elevar Malkhuth em direção a Binah. Em termos da experiência do Ser Humano, isso significa elevar os desejos centrados em si mesmo até que se tornem desejos orientados para a sabedoria, para a compaixão e para a adesão ao propósito Divino. Os sete altares dos Patriarcas representam exatamente esse caminho. Eles não foram construídos para mudar D'us. Eles foram construídos para transformar o Ser Humano. É essa transformação que torna alguém verdadeiramente melhor e maior, pois a grandeza espiritual é medida pela capacidade de refletir mais Luz, mais amor, mais sabedoria e mais humildade ao mundo.

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!
Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (בעזרת השם)
Com a ajuda do **Eterno D'us, Bendito Seja.**
São José dos Campos, Quarta-feira, 24 Junho, 2026, 9 Tamuz, 5786
Roberto Lage Ben-Guedes

15 - A Verdade, a Ocultação e a Realidade

Prezado Mestre!

É possível que existam Pedreiros que detenham uma forte vontade de receber, que ainda não estão equipados com uma Massach (Tela sobre a cabeça) que consiga suportar a Luz, então a Luz ainda lhe parece trevas. Talvez me comporte ainda como dito por Isaías 06:09, ouço e vejo, mas não escuto e nem enxergo nada. Ou seja, não consegue receber a Luz do Criador somente para doar e a usa egoisticamente para proveito próprio. **Qual é o sentido do êxodo do Egito no escuro?** Assim, de fato, não há escuro, mas parece escuro para nós, pois ainda não estamos corrigidos.

Todo aquele que tenta olhar para uma luz intensa sem a devida cobertura, não vê a luz, pois seus olhos não estão preparados para ver uma luz com grande intensidade. Neste momento, até a luz mais intensa que esteja iluminando-o, a pessoa terá a sensação de que se encontra na mais perfeita escuridão.

Sou livre quando consigo fazer o que eu não gostaria? Você só é livre quando faz o que não quer! Essa frase de Immanuel Kant nos convida a uma jornada de reflexão sobre a essência da verdadeira liberdade. A liberdade não está simplesmente em seguir nossos desejos imediatos, mas sim em resistir a eles quando entram em conflito com a razão e a moralidade. Ou seja, liberdade é fazer o que não se quer. Porque se você fizer o que você deseja, você é escravo do desejo. Preciso vencer as minhas paixões e submeter a minha vontade.

O ponto central destes parágrafos acima é a questão da ocultação. A escuridão, ou ocultação, pode ser caracterizada como insuficiência de luz. Entretanto, é nesta "*escuridão*", onde estamos aparentemente sozinhos, que é revelado o potencial para se descobrir o verdadeiro eu. Na luz, permanecemos protegidos e na escuridão nos sentimos solitários. Mas, é na escuridão que devemos ser mais criativos e fortes para afastar a ausência de domínio sobre aquela situação. A escuridão é parte da Luz, visto a percepção da insuficiência de Luz ser somente uma medida instantânea da quantidade de Luz presente, ou percebida, naquele momento.

Na física e/ou no cálculo existe uma técnica que é usada para circunscrever um ou mais fenômenos que é conhecida como condições de contorno. Condições de contorno são àquelas que precisam ser especificadas nas fronteiras de uma região delimitada para se obter a solução de um problema físico. Por exemplo, se eu desejo estudar a órbita da Lua ao derredor da Terra, podem ser impostas condições de contorno, onde o Universo se limita a existência da Lua e da Terra. Com isto, o problema fica reduzido a física de dois corpos, que é amplamente conhecida.

Mas, o que foi feito na realidade? Foi a ocultação de todo o Universo. Ou seja, é como se ele não existisse, a fim de que fosse possível estudar o fenômeno da órbita da Lua ao redor da Terra, isoladamente. Portanto, os outros Planetas, o Sol, as constelações etc., não fazem parte deste Universo que estou estudando.

Ao fazer os cálculos e as observações, posso concluir que para os fins aos quais desejo empregar o que obtive, com esse modelo Terra-Lua, é ótimo para mim. Observo que há diferenças da previsão da posição da Lua com a sua real posição, que poderiam ser atribuídos ao Sol, aos outros Planetas, mas que neste momento, não são relevantes para mim. Estou satisfeito. Ou seja, o modelo que surge é uma órbita lunar perfeitamente bem-comportada ao redor da Terra. Mas, de fato, isto não é real. É apenas uma representação esquemática ou simbólica inexistente na natureza.

Mas, agora passo a olhar as órbitas dos Planetas. O que faço, produzo condições de contorno que ocultam todas as influências externas ao movimento do Sol e dos Planetas e suas respectivas Luas, conjuntamente, quando estes astros viajam ao redor do centro da Galáxia. Desta ocultação resultam as figuras que todos estamos acostumados a ver no dia a dia, do Sol no centro do sistema e todos os Planetas ao redor etc., girando em torno do Sol. Mas, novamente, isto não é real. É o resultado de uma representação esquemática inexistente na natureza. Ou seja, fiz uma ocultação de todo o restante da Galáxia e do Universo e deixei apenas o Sistemas Solar.

Isto é muito natural na construção do conhecimento. Mas, nos é ensinado na escola desde o primeiro grau estes sistemas com essas limitações. Elas nos parecem ser completamente naturais em todas as suas representações. Não percebemos que existe uma natureza extremamente mais complexa do que àquela que estamos a olhar. Todo o resto, nos é oculto. Ou seja, essa é a realidade que percebemos.

Vamos agora para os graus de Pedreiro. É o mesmo que a questão da órbita da Lua ao derredor da Terra. Sabemos da existência do Sol, sabemos da existência das constelações do zodíaco, até mesmo estudamos um pouco. Olhamos para alguns Nomes Sagrados, tomamos contato com a Árvore da Vida, mas tudo está oculto por detrás de condições de contorno. Mas, de fato tem de ser assim. Ninguém inicia uma caminhada pelo passo final.

Quando entramos em um determinado grau, ampliamos nosso conhecimento para agregarmos o Sol, os Planetas e algumas constelações. Impomos condições de contorno ou de ocultação de todo o resto.

Mas, ao estudarmos mais um pouco sobre àquele grau, tal como ocorre na física ou no cálculo, passamos a perceber que existem outras condições de contorno, menos limitantes que poderiam ser exploradas e que nos levariam a perceber uma realidade mais complexa do que àquela que estamos conscientes neste momento. Mas, já estou satisfeito com este conhecimento. Essa é a minha verdade e ela me dá exata medida da minha ocultação! Essa é a minha realidade!

MICTMR - **M**ens **i**n **C**orpore **T**antum **M**olem **R**egit. A mente dirige, rege toda a matéria no corpo. Sintetizando: O espírito é que dirige todo o corpo.

Repito: **A minha verdade me dá o exato tamanho de minha ocultação. E essa é a minha realidade.**

O grande objetivo da Organização dos Pedreiros Livres é a busca pela verdade. Assim, os antigos Mestres Pedreiros foram direcionados a construir um Templo com o objetivo de ser e ter um receptáculo adequado para a verdade, quando encontrada. O Templo é um lugar onde a verdade possa habitar. Os antigos israelitas construíram o Templo de Salomão como uma morada para Àquele que é o autor de toda a verdade. Essa morada está dentro de nós. Que vindes fazer aqui: Vencer minhas paixões, submeter a minha vontade e fazer novos progressos na Organização dos Pedreiros Livres.

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!

Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (השם בעזרת)
Com a ajuda do Eterno D'us, Bendito Seja.
São José dos Campos, Quarta-feira, 28 Agosto, 2024, 24 Av, 5784
Roberto Lage Ben-Guedes

16– Referências

Além das fontes mencionadas ao longo do texto, as referências também incluem materiais que contribuem tanto para o aprofundamento dos estudos sobre a Torá quanto para uma compreensão mais ampla da Cabala Judaica Tradicional.

1938 **The Babylonian Talmud**. *Rosh Hashanah*. Translated by Isidore Epstein. London: Soncino Press.

1963 Maimonides (Moses ben Maimon). **The Guide of the Perplexed**. Tradução e introdução por Shlomo Pines. Vol.1. Chicago: University of Chicago Press, ISBN 978-0-226-50230-4.

1983 **Midrash Rabbah**. *Shemot Rabbah*. Translated by Simon M. Lehrman. London: Soncino Press.

1985 Locks, G. G., "**The Spice of Torah-Guematria**", Editora Judaica Press, New York, USA, ISBN 0-910818-58-4.

1990 Vital, Chaim. ***Etz Chaim***. Edited by Rabbi Yosef Avivi. Jerusalem: Ahavat Shalom.

1995 Touger, Eliyahu, comp. **At Our Rebbes' Seder Table:** Commentary and Stories on the Haggadah Collected from the Works of the Lubavitcher Rebbe, Rabbi Menachem M. Schneerson and the Preceding Rebbeim of Chabad. Brooklyn: Sichos in English. ISBN 978-1881400134.

1995 Scholem, Gershom. ***Major Trends in Jewish Mysticism***. New York: Schocken Books.

1998 Schneersohn, Yosef Yitzchak. "**Likutei Diburim: An Anthology of Talks"**. Traduzido por Uri Kaploun. Vol. 3. Brooklyn, NY: Kehot Publication Society.

1999 Rizzardo da Camino. "**Rito Escocês Antigo e Aceito Loja de Perfeição** (Graus 1º ao 33°) 2a Edição. Editora Madras, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85505-65-6.

2000 **Salmos** – "**Hebraico Português**", Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-25-8.

2001 Lefer, B.; Gorodovits, D.; Pamplona, E. V. R.; Levy, I.; Fridlin, J.; Najmanovich, R. "**Torá a Lei de Moshê**". Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 85-85583-26-6.

2001 Blech, B. "**The Secrets of Hebrew Words**". Editora A Jason Aronson Book, New York, USA. ISBN 1-56821-918-0.

2003 Rifka Berezin, "**Dicionário Hebraico Português – Edusp**", Editora Edusp, ISBN 85-314-0128-3. São Paulo, SP, Brasil.

2003 Carmell, Aryeh. "**Judaísmo para o Século 21**". Tradução do inglês. São Paulo: Editora Sefer, s.d. Título original: Judaism for the Modern Age. ISBN: 978-85-86448-02-6.

2004 **Zohar**. Translated by Daniel C. Matt. *The Zohar: Pritzker Edition*. 12 vols. Stanford, CA: Stanford University Press, 2004–2017

2005 Rabino Isaac Dichi. "**Nos Caminhos da Eternidade I**". Editora Congregação Mekor Haim. São Paulo, SP., Brasil, Adar Bêt 5765.

2006 Laitman, M. "**Cabala Alcançando Mundos Superiores**". Editora Planeta. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 85-7665-197-1.

2006 Dichi, I. "**A Fonte da Vida**". Editado pela Congregação Mekor Haim. Rua São Vicente de Paula, 276, São Paulo, SP, e-book

2008 Luzzato, M. C. "**A Sabedoria da Alma**". Editora e Livraria Sefer, São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-7931-045-4. e-book.

2009 Ian Mecler. **"A força: O poder dos anjos da Cabala"**. Rio de Janeiro: Record. ISBN 978-8501086013.

2011 Raskin, A. L. – Rabino. "**A Luz das Letras do Alfabeto Hebraico**". Edição brasileira, São Paulo, SP, Brasil, Editora Lubavitch – Brasil. ISBN 978-85-85553-21-0.

2011 Zumerkorn, D. "**Numerologia Judaica e seus Mistérios**". Editora Maayanot. Brasil. ISBN 978-85-7903-025-3.

2011 Lehman, Meir (Marcus), "**Akiva – A História de Rabi Akiva**", Editora Lubavitch, Rua Talmud Torá, 296 – SP – Brasil, ISBN 978-85-85553-19-7.

2012 Rabino Daniel Haim Mizrahi: "**Bereshit – Os Patriarcas e a Educação – Belos Valores**". Produção Editora, São Paulo, SP, Brasil.

2012 Rabino Joseph Saltoun, "**Árvore da Vida Segundo a Cabala**", ed. Cabala Livros. ISBN 978-85-65466-00-4. e-book.

2012 Rabino Moshe ben Maimon (Rambam): "**Sefer Hamitsvot do Rambam**". Editora Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2013 Ian Mecler. "**O poder de realização da Cabala. Rio de Janeiro**". Record, 2013. ISBN 978-8501095671.

2013 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Shemot Êxodo". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-5.

2014 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Vayikrá Levítico". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-2.

2015 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Bamidbar Números". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-51-2.

2015, Daniel Haim Mizrahi, Belos Valores – Shemot - **Da Escravidão para o Desenvolvimento**. Copyright by Daniel Haim Mizrahi,

2016 "**Talmud Massechet Berachot – 3 Volumes**" Min Talmud Bavli. Editora Lubavitch, São Paulo, Brasil. ISBN 978-8585553-23-4.
2016 "**Manual de Bençãos**" Beit Chabad do Brasil, São Paulo, Brasil. ISBN 978-85-64297-04-3.
2017 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Bereshit Gênesis". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-44-4.
2017 Mordechai Yad. Título em português: "**Chumash Devarim Deuteronômio". Com tradução em português Interpolada de Comentários do Rashi Conforme Elucidados nas Obras do Rebe Lubavitch**. Centro Judaico Bait. Editora e Livraria Sefer. São Paulo, SP, Brasil. ISBN 978-85-85516-53-6.
2017 Likutei Amarim **Tanya**, "**O Tanya, de Rabi Shneur Zalman de Liadi**". 7 volumes. Tradução Eliahu Wasserman. Ed. Beith Lubavitch, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Tanya Iguéret HaCôdesh faz parte desta coleção de volumes.
2017 Rabino Avraham Eliyahu Kitov (Mokotovsky), Sefer Hatodaá, **Livro do Conhecimento Judaico**, Editora Sefer, ISBN 978-85-7931-063-8, São Paulo, Brasil.
2018 Dicionário "**Prático Bilíngue Português – Hebraico, Hebraico – Português**", Editora Prolog Ltda., São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-078-2.
2018 **Tanakh** Completo – "**Hebraico e Português"**, Editora Sefer, São Paulo, SP, Brasil, ISBN 978-85-7931-077-5.
2018 Rabino Moshê ben Maimon – Rambam – Mishnê Torá – Livro 1. **Sefer Hamadá 1**. Editora Lubavitch do Brasil. ISBN 978-85-85553-30-2. São Paulo, Brasil.
2019 Rabi Menachem Schneerson, "**Sabedoria Todo Dia**", ed. Kehot Publication Society, 770 Eastern Parkway, Brooklyn, NY 11213, USA, ISBN 978-0-8266-0654-9.
2019 Kaplan, Rabi Aryeh – "**O Bahir o Livro da Iluminação**". Editora Polar, São Paulo, Brasil, ISBN 978-85-86775-36-9.
2019 Rabino Diesendruck, M., "**Sermões do Rabino Menahem Diesendruck**", Ed. Perspectiva, ISBN 9788527306645, São Paulo, SP, Brasil.
2019 Immanuel Kant (Autor), Inês A. Lohbauer (Tradutor). "**Fundamentação da Metafísica dos Costumes**". São Paulo, SP. ISBN-13: 978-85-440019-98.
2020 Guedes, R. L. e Selmikat, A., "**O Princípio do Mundo da Humanidade a Luz da Cabala**", São Paulo, Brasil, Ed. Lexia. ISBN 978-65-5685-003-0.
2021 Guedes, R. L., "**Abraão e Isaac a Luz da Cabala**" Library of Congress Control Number 201.867.5309 – USA. Editado Amazon.com. Formato Kindle.
2021 Wasserman, Adolpho, comp. "**O livro de Eclesiastes (Cohêlet)**": Com comentários. 3ª ed. São Paulo: Maayanot. ISBN 978-85-7903-037-6.
2021 Rabino Daniel Haim Mizrahi: "**Bamidbar – O Deserto da Fé - Belos Valores**". Produção Editora, São Paulo, SP, Brasil.
2022 Guedes, R. L., "**Cartas Para o Mestre**", Editora Amazon, São Paulo, SP, ISBN 979-85-424-599-81.
2022 **Veshinantam**, Simchat Torá, Shabat Bereshit, 5783, ano 5, número 212 e 214.
2022 Ibn Habib, Jacob ben Solomon. **Ein Yaakov**: Aggada in the Talmud. Traduzido e editado por Shmuel Tzvi-Hirsch **Glick Edition**. Seattle: Independently Published. ISBN 979-8700002486.
2023 Guedes, R. L., "**Cabala Uma Janela Para a Alma: Massach**". Editora Amazon, São Paulo, SP, ISBN-13 979-838-608-58-41.
2024 Rabi Menachem Schneerson, **Likutei Sichot, vol. 1,** Kehot Publication Society, São Paulo, Brasil, ISBN 978-65-86-117-56-1.
2024 Luria, Isaac. 2024. "**Portal das Reencarnações (Shaár Haguilgulim)**". Traduzido por Joseph Saltoun. São Paulo: Instituto Meron, ISBN 978-85-67159-03-4 de 2024.
2025, Zohar, "**Prólogo / Bereshit**". Editora Kabbalah Centre, SP, Brasil, ISBN 978-85-64579-47-7.
2026 Guedes, R. L., "**Comentários de um Pedreiro Sobre a Torá: Bereshit**" Livro Eletrônico, São Paulo, SP. ISBN: 978-65-01-98240-3. https://archive.org/details/2026-03-10-comentarios-de-um-pedreiro-sobre-a-tora-bereshit.
2026 Chaim Vital. "**Sefer Etz Chaim: Árvore da Vida**". Editado por Isaac Luria. Traduzido por Elizeu Antônio de Souza. Joinville: Clube de Autores. ISBN 978-6583404145.

Sites utilizados

www.chabad.org (inglês) e www.chabad.org.br (português)
www.safaria.org (Hebraico e em inglês)
https://search.nepebrasil.org/interlinear/ (português)
https://www.zohar.com (inglês)
https://www.jewishencyclopedia.com (inglês)
Likutei Sichot, in https://www.torahrecordings.com/likutei-sichos/030/?utm_source=chatgpt.com (Hebraico)
https://etzion.org.il/en/tanakh/torah/
https://www.sefaria.org/texts/Kabbalah/Sefer%20Yetzirah

Agradeço ao Eterno D'us por ter-me proporcionado esta oportunidade!
Fraternalmente, B"H - B'ezrat Hashem (בעזרת השם)
Com a ajuda do **Eterno D'us, Bendito Seja.**
São José dos Campos, Quarta-feira, 1 Julho, 2026, 16 Tamuz, 5786
Roberto Lage Ben-Guedes

RLG-Números-2026-001 **Profusão – 05/07/2016**

ISBN: 978-65-02-29491-8
CBL
9 786502 294918

É proibida a comercialização deste Livro - 126